



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



CLÁUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI

**A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO
ROCHA E A IMPORTÂNCIA SOCIOEDUCATIVA PARA A CIDADE DE GUIA
LOPES DA LAGUNA - MS**

Campo Grande/MS

2019

CLÁUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI

**A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO
ROCHA E A IMPORTÂNCIA SOCIOEDUCATIVA PARA A CIDADE DE GUIA
LOPES DA LAGUNA - MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, área de concentração Formação de Educadores, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande- MS, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Organização do Trabalho Didático

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nedina Roseli Martins Stein.

Campo Grande/MS

2019

CLÁUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI

**A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO
ROCHA E A IMPORTÂNCIA SOCIOEDUCATIVA PARA A CIDADE DE GUIA
LOPES DA LAGUNA - MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande- MS, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de Educadores. Linha de pesquisa Organização do Trabalho Didático.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Nedina Roseli Martins Stein (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^ª. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira.
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)

DEDICATÓRIA

Esta dissertação possui entrelinhas que muitas vezes a escrita não é capaz de registrar! Foram dois anos de dedicação e empenho, não apenas meu, mas de toda uma família que ao meu lado, deram suporte para trilhar esse caminho de aprendizagens e descobertas.

À Deus, dedico todas as conquistas, todos os momentos de crescimentos e aprendizados.

Ao meu esposo Ândrio Roberto Neri dedico e compartilho essa conquista pois, dia após dia compreendeu minhas ausências, me incentivou e fez além do que se pode esperar para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Não mediu esforços para que eu me sentisse segura e capaz de galgar esta etapa das nossas vidas. Me acolheu em seus braços e neles pude recobrar as forças necessárias para seguir em frente.

Ao meu filho Ândrio Mazucato Neri dedico e compartilho essa conquista pois com seu carinho sempre foi forte e soube com toda a maturidade de sua infância suportar em vários momentos a distância e as minhas faltas. Seus sorrisos e seu abraços nos reencontros foram essenciais para permanecer firme em meu propósito e dedicar-me a fazer o melhor.

Aos meus pais Juvenal Mazucato e Valeria Regina de Cillo Mazucato, que pelo exemplo me educaram e ainda educam. Me incentivaram, contribuíram, me carregaram no colo e estiveram presentes nos momentos de minhas ausências, físicas ou não, dedicando-nos o maior amor que pode existir. A sabedoria que vocês possuem é capaz de ensinar o que de mais precioso devemos aprender: amar, não poupar esforços para fazer o bem e dedicar-se a fazer sempre o melhor.

O amor que sinto por todos vocês foi meu grande estímulo para permanecer firme em meu propósito e dedicar-me a fazer o melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à Deus pela oportunidade de trilhar esse caminho que me favoreceu tantas aprendizagens e crescimento pessoal. Esse percurso no entanto, só foi possível porque houve o envolvimento e dedicação de muitas pessoas e a cada uma tenho imensa gratidão!

Agradeço ao meu esposo Ândrio Roberto Neri com muito amor por tanta dedicação, empenho e amor ao nosso filho e a mim nesse período. Foram momentos no qual tivemos que superar muitos desafios e você foi mais que especial. Você me incentivou, acreditou em mim e esteve ao meu lado sempre. Se não fosse o seu amor, sua parceria e companheirismo, não teríamos conseguido.

Ao nosso filho Ândrio Mazucato Neri agradeço pelo amor, compreensão e paciência. Muitas vezes não pudemos estar juntos fisicamente devido à distância, mas seu imenso coração sempre esteve aberto para compreender-me.

Agradeço aos meus pais Juvenal Mazucato e Valeria Regina de Cillo Mazucato por ficarem ao meu lado, compreenderem o quão importante era galgar esse percurso para a minha vida profissional e pessoal. Espero um dia conseguir retribuir tudo o que fizeram por mim!

Aos meus irmãos Sandra, Flávia, Sun e Wan Suk sou grata pelo carinho e incentivo.

Agradeço à diretora da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, Sra. Telma Barretos da Cunha por possibilitar o acesso ao acervo da escola contribuindo para que a pesquisa se desenvolvesse.

Agradeço aos colegas do Mestrado pois compartilhamos saberes e ampliamos olhares.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PROFEDUC) da UEMS pela oportunidade de fazer parte dessa história e por ter sido contemplada com a bolsa PIBAP no primeiro ano do curso.

Agradeço imensamente aos Professores do Mestrado PROFEDUC/CG pelas disciplinas desenvolvidas e as discussões propostas.

Agradeço à Banca Examinadora, Prof^ª. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira e Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira por aceitarem contribuir com seus saberes à minha pesquisa. As contribuições foram momentos riquíssimos de aprendizagens sobre História da Educação.

À minha orientadora Prof^ª. Dra. Nedina Roseli Martins Stein, agradeço imensamente por ter trilhado comigo essa trajetória. Foi por meio de sua paciência e sabedoria que descobri a beleza e a imensidão do universo da Pesquisa sobre as Instituições Escolares.

“[...] o historiador é aquele que impede a história de ser somente história”
(NORA, 1993, p. 21)

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo compreender a constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha que, atualmente atende alunos do 2º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio e, a influência socioeducativa na cidade de Guia Lopes da Laguna de 1938 a 1976. Nesse período, essa instituição escolar tem sua história vinculada ao Grupo Escolar Visconde de Taunay que foi concebida na mesma data de criação do Povoado Guia Lopes em 1938 bem como, ao Ginásio Guia Lopes da Laguna, que teve seu início em 1960. Trata-se de uma pesquisa qualitativa inédita e visa contribuir para a história da educação do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul ao tentar compreender a importância desta instituição educacional para a cidade e assim responder questões como: Qual a constituição histórica dessa instituição escolar? A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha efetivamente é a continuidade do Grupo Escolar Visconde de Taunay? Qual a relação entre o Grupo Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes e, desses com a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha? A pesquisa utilizou como abordagens metodológicas a pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa e entrevistas. Primeiramente, foi realizado levantamento bibliográfico sobre a produção acadêmica dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul nos Programas de Pós-graduação em nível de mestrado e doutorado entre 2007 a 2017 relacionadas à história das instituições escolares no Mato Grosso de 1938 a 1976 seguido da análise da história da região de Guia Lopes da Laguna nas primeiras décadas de surgimento da escola. Por meio de entrevistas, levantamento em *site* memorialístico e fontes primárias do Arquivo Público do Estado do MT e da IOMAT foi reconstruída parte da história da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, a qual se analisou utilizando como referencial teórico a categoria de análise de Petitat (1994) relacionada ao espaço de poder na compreensão do objeto de estudo. Buscou-se elucidar os momentos históricos da criação da Escola Mista Visconde de Taunay e do Ginásio Guia Lopes até o momento em que eles se integram e que iniciou a Escola de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha. A importância socioeducativa desta instituição escolar é discutida ao longo dos capítulos e se torna fundamental para compreensão de que o objeto, a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha se tornou uma referência educacional na cidade de Guia Lopes da Laguna.

Palavras-chave: Educação. Instituições Escolares. História das Instituições Escolares. História da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

ABSTRACT

The goal of this dissertation was to understand the historical constitution of the State School Salomé de Melo Rocha, which currently attends students from the 2nd year of elementary school to the 3rd year of high school, and the socio-educational influence in the city of Guia Lopes da Laguna from 1938 to 1976. During this period, this school has its history linked to the School Group Visconde de Taunay, which was conceived on the same date as the creation of the Guia Lopes Village in 1938, and also as the Ginásio Guia Lopes da Laguna, which started in 1960. This text is an unprecedented qualitative research and aims to contribute to the history of education in Mato Grosso and in Mato Grosso do Sul because it seeks to understand the importance of this educational institution to the city and thus answer questions such as: What is the historical constitution of this school? Was the State School Salomé de Melo Rocha the continuity of the School Group Visconde de Taunay? What is the relationship between the School Group Visconde de Taunay and the Ginásio Guia Lopes and of these with the State School Salomé de Melo Rocha? For the development of the research some methodological approaches were used such as bibliographic, documentary, qualitative and interviews. Firstly, a bibliographical survey was carried out regarding the academic production of the states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul considering the masters and doctoral researches published between 2007 and 2017 and related to the history of educational institutions in Mato Grosso from 1938 to 1976 followed by the analysis of the history of the region of Guia Lopes da Laguna in the first decades of the school's emergence. Through interviews, survey on a memorial site and primary sources from the Public Archive of Mato Grosso State and IOMAT a partial history of the State School Salomé de Melo Rocha was reconstructed, which was analyzed using as theoretical framework of Petitat (1994) related to the power space regarding the understanding of the object of study. It was sought to elucidate the historical moments of the Mixed School Visconde de Taunay and the Ginásio Guia Lopes creation until the moment in which they were integrated and that the School of First Degree Teacher Salomé de Melo Rocha has begun. The socio-educational importance of this school is discussed throughout the chapters of this dissertation and becomes fundamental to the understanding the State School Salomé de Melo Rocha has become an educational reference in the city of Guia Lopes da Laguna.

Key-words: Education. School Institutions. History of school institutions. History of State School Salomé de Melo Rocha.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Entrevistas realizadas	17
Quadro 2. Quantidade de comunicações enviadas às diferentes edições do Congresso Brasileiro de História da Educação (2007-2017).	30
Quadro 3. Grupos de Pesquisas da Região Centro-Oeste cadastrados no site do CNPq	33
Quadro 4. Teses e Dissertações produzidas entre 2007 e 2017 sobre a história das instituições escolares de MT e referentes ao período 1938-1979	34
Quadro 5. Títulos das dissertações e teses produzidas por ano nas universidades pesquisadas	34
Quadro 6. Organização do Ensino Primário e Normal do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos -1942.....	65
Quadro 7. Quadro de Verificação de aproveitamento dos alunos.....	68
Quadro 8. Professores nomeados segundo Livro de Termo de Posse e Compromisso da Escola Visconde de Taunay (1950 – 1957)	72
Quadro 9. Estatística de Matrícula Geral nas Escolas Reunidas Visconde de Taunay – Maio de 1958	73
Quadro 10. Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay – 1959.....	74
Quadro 11. Estrutura da Educação Brasileira de acordo com a LDB 4024/61	94
Quadro 12. Resultados finais das Avaliações do Ano de 1963.....	95
Quadro 13. Estrutura da Educação Brasileira – Lei nº 5692/71.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distâncias de Cuiabá à Rio de Janeiro	39
Figura 2. Primeira ponte construída sobre o Rio Miranda pelo 6º Batalhão de Engenharia, entre 1934 e 1935.	42
Figura 3. Mapa da Região Fronteiriça Brasil - Paraguai	44
Figura 4. Escritório do Acampamento da 1ª Companhia do 4º Batalhão de Sapadores, 1938	46
Figura 5. Reunião para a Fundação do Patrimônio Guia Lopes - 12 de fevereiro de 1938	47
Figura 6. Primeira Missa do Povoado de Guia Lopes – 19 de março de 1938	48
Figura 7. Churrasco comemorativo à fundação do Povoado de Guia Lopes – 19 de março de 1938	48
Figura 8. Lei nº 140 de 30/09/1948 - Criação do Distrito de Paz de Guia Lopes da Laguna .	50
Figura 9. Lei Estadual nº 678 – Criação do Município de Guia Lopes da Laguna	51
Figura 10. Linha do Tempo - Da Guerra do Paraguai à criação do Município de Guia Lopes da Laguna	52
Figura 11. Diário Oficial MT nº 7991 de 17 de março de 1939 – Localiza no Povoado de Guia Lopes uma Escola Rural Mixta criada por decreto nº 231 de 27 de dezembro de 1938.	57
Figura 12. Trecho do Ofício 21 endereçado ao Diretor Geral de Instrução Pública	58
Figura 13. Primeira Escola do Povoado de Guia Lopes	59
Figura 14. Ofício ao Diretor Geral sobre a nomeação do profº Martin Honésimo Silveira	61
Figura 15. Foto durante evento realizado na frente da Igreja de São José e da Escola Mista do Povoado de Guia Lopes em 1939 (sentados ao centro José Francisco Lopes, o filho do Guia Lopes seguido do Professor Martin Honésimo da Silveira e Padre Paulo Butle).	62
Figura 16. Edifício cuja construção foi iniciada pelo professor Martin Honésimo da Fonseca, que abrigou a Escola Visconde de Taunay	63
Figura 17. Formação do núcleo urbano, praça, escola, igreja	70
Figura 18. Núcleo urbano, praça, escola, igreja	71
Figura 19. Decreto que oficializa a elevação das Escolas Reunidas Visconde de Taunay à Grupo Escolar	76
Figura 20. Livro Ponto do Grupo Escolar Visconde de Taunay (1963 – 1965).....	77
Figura 21. Linha do Tempo do Grupo Escolar Visconde de Taunay	78
Figura 22. Principais nomenclaturas do Grupo Escolar Visconde de Taunay entre 1938 e 1960	79
Figura 23. Fotografia da Senhora Salomé de Melo Rocha.....	85
Figura 24. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1	87
Figura 25. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1	88
Figura 26. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1	88
Figura 27. Ginásios fundados em Mato Grosso pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos entre os anos de 1949 a 1963	91
Figura 28. Ata de Resultados Finais do Ginásio Guia Lopes da Laguna – 1963	95
Figura 29. Linha do Tempo do Ginásio Guia Lopes da Laguna	99
Figura 30. Alunos e professora em frente ao prédio da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha se organizando para desfile cívico de 7 de setembro de 1969.....	102
Figura 31. Comemoração do aniversário da Diretora Laurinda Capistrano Figueiró (de óculos no centro) junto à professora Rute Montezano e seus alunos em 1969.....	103
Figura 32. Linha do tempo paralelas- do Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes à efetivação da Escola Salomé de Melo Rocha	106
Figura 33. Foto atual da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CER-3	Comissão de Estradas de Rodagem nº 3
CG	Campo Grande
CNEG	Campanha Nacional de Educandários Gratuitos
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DETRAN	Departamento de Trânsito
GEM	Grupo de Pesquisa História, Educação e Memória
GEPHEGO	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação em Goiás
GPHEG	Grupo de Pesquisa em História das Instituições escolares, práticas e pensamento educacional
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOMAT	Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Ensino
PROFEDUC	Programa de Mestrado Profissional em Educação
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFSCar/SP	Universidade Federal de São Carlos/São Paulo
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNINOVE/SP	Universidade Nove de Julho/São Paulo
UNISO/SP	Universidade de Sorocaba/ São Paulo

TCLE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL E NO SUL DE MATO GROSSO.....	22
1.1 A História das Instituições Escolares no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul	28
1.2 Grupos de Pesquisas e produção dos Programas de Pós-Graduações de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul	31
1.2.1 Grupos de Pesquisa.....	31
1.2.2 Programas de Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado nas Universidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.....	33
2. HISTÓRIA DA REGIÃO DE GUIA LOPES DA LAGUNA NO SUL DO MATO GROSSO	39
2.1 O desenvolvimento do sul de Mato Grosso após a Guerra do Paraguai	40
2.2 Guia Lopes da Laguna: do Acampamento à Cidade.....	42
3. ESCOLA VISCONDE DE TAUNAY: A PRIMEIRA ESCOLA DE ENSINO PRIMÁRIO EM GUIA LOPES DA LAGUNA.....	53
3.1 O Ensino Primário: das leis nacionais à realidade educativa no Povoado de Guia Lopes	53
3.2 O Povoado de Guia Lopes dá início à sua primeira escola de Ensino Primário.....	55
3.3 A organização do Ensino Primário no Mato Grosso e as Escolas Reunidas Visconde de Taunay a partir da década de 40.....	64
3.4 A expansão do atendimento: de Escolas Reunidas a Grupo Escolar Visconde de Taunay	73
3.5 A mudança do espaço físico da escola e a importância da instituição escolar para a cidade de Guia Lopes da Laguna	79
4. GINÁSIO GUIA LOPES E A INTERSECÇÃO COM A ESCOLA SALOMÉ DE MELO ROCHA.....	84
4.1 A influência da Senhora Salomé de Melo Rocha na ampliação dos níveis educacionais oferecidos na cidade	84
4.2 A criação do Ginásio Guia Lopes	89
4.3 A LDB 4024/61 e a organização do Ginásio Guia Lopes.....	93
4.4 Da intersecção entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna à Escola Estadual Salomé de Melo Rocha	100
4.5 Da criação da Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha até os dias atuais.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	124
APÊNDICE A- Proposta de Intervenção.....	125
ANEXOS	129
ANEXO 1- Declaração Institucional	130
ANEXO 2- Parecer Consubstanciado do CEP/ Plataforma Brasil	131
ANEXO 3- Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE.....	134
ANEXO 4- Entrevista 1: D1	136
ANEXO 5- Entrevista 2: D2	139
ANEXO 6- Entrevista 3: D3	152
ANEXO 7- Entrevista 4: A1	156
ANEXO 8- Entrevista 5: A2	167

ANEXO 9- Entrevista 6: A3	178
ANEXO 10- Entrevista 7: C1	186
ANEXO 11 - Entrevista 8: C2	192
ANEXO 12- Entrevista 9: C3	195
ANEXO 13- Entrevista 10: P1	198
ANEXO 14- Entrevista 11: P2.....	204
ANEXO 15- Entrevista 12: P3.....	210
ANEXO 16- Entrevista 13: P4.....	217
ANEXO 17- Entrevista com Bião Neto “Vida e Morte de Bião, historiador anônimo” ...	224
ANEXO 18- Diário Oficial MT nº 7991 de 17 de março de 1939.....	227
ANEXO 19- Livro de Registros dos Professores da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes – 1939	228
ANEXO 20- Correspondência enviada ao Diretor Geral da Instrução Pública em 3 de abril de 1939 descrevendo a organização das turmas nas Escolas Reunidas da cidade de Lageado	229
ANEXO 21- Termo de Posse dos Professores Maria Antonia Correa Martins e Bernardina Silva Barbosa	230
ANEXO 22- Registro de posse em 01/06/1956 dos professores Armindo Coimbra de Moraes e Eunice Ferreira.....	231
ANEXO 23- Ata de Resultados finais de 1959 do 3º Ano Misto	233
ANEXO 24- Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay – 1959	234
ANEXO 25- Diário Oficial de Mato Grosso do Decreto nº 992 de 24 de setembro de 1960	235
ANEXO 26- Mapa de Exame Final do 4º ano do Ensino Primário de 1971 do Grupo Escolar Visconde de Taunay.....	236
ANEXO 27- Certidão de compra e venda de imóvel	237
ANEXO 28 - Termos de autorização de uso de fotografias	240

INTRODUÇÃO

A pesquisa que se apresenta nesta dissertação teve como objeto investigar a constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha na cidade de Guia Lopes da Laguna¹ que, segundo IBGE/2017 tem 9991 habitantes. Trata-se da escola mais antiga em funcionamento em Guia Lopes da Laguna/MS e, atualmente, atende a alunos do 2º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.

Esta investigação encontra-se inserida na Linha de Pesquisa Organização do Trabalho Didático, do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na área de concentração “Formação de Educadores”.

Em 2013, ao averiguar instituições de ensino em que pudesse lecionar, a autora desta pesquisa deparou-se com uma localidade que muito valorizava e ressaltava a qualidade do ensino pela Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

Movida pela necessidade de entender a história da escola iniciou o desenvolvimento de pesquisas preliminares. Os resultados dessas pesquisas apontaram para diferentes informações com relação à sua constituição histórica. Nessas informações havia indícios de que a Escola Salomé de Melo Rocha seria a continuidade da Escola Visconde de Taunay com início em 1938.

Entretanto, lendo o Projeto Político Pedagógico (ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO ROCHA, 2012), foi possível observar o relato de que a Escola Salomé de Melo Rocha teria iniciado como Grupo Escolar Visconde de Taunay em 1960, data que não coincide com o início do Grupo Escolar (1938). Descreve ainda que se tornou instituição escolar estadual quando encampada ao Ginásio Guia Lopes da Laguna citando também o Decreto MT nº 41 de 20/05/1966.

Esse decreto, no entanto, não se refere ao Grupo Escolar Visconde de Taunay e, sim, ao encampamento do Ginásio Guia Lopes da Laguna ao Estado devido à extinção da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, que subsidiava financeiramente a instituição escolar.

Devido às divergências de informações relacionadas quanto ao surgimento do objeto desta pesquisa verificou-se a necessidade de averiguar o processo de constituição para que pudesse ter uma identidade respaldada historicamente.

¹ Situado na região Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, com sede localizada a 190 km da capital Campo Grande. Possui limites ao norte com o município de Nioaque, ao sul com o município de Antônio João, a leste com o município de Maracaju e a oeste com o município de Jardim.

Assim, sugeriram questionamentos norteadores à pesquisa:

- ▶ A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha efetivamente é a continuidade do Grupo Escolar Visconde de Taunay?
- ▶ Qual a relação entre o Grupo Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes e destes com a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha?
- ▶ Qual a constituição histórica dessa instituição escolar?
- ▶ Qual o papel socioeducativo e a importância histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha para a cidade de Guia Lopes da Laguna?
- ▶ Essa escola em seu percurso formou as elites locais?

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi compreender a constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a influência socioeducativa na cidade de Guia Lopes da Laguna. E como objetivos específicos tem-se: analisar a história da região de Guia Lopes da Laguna nas primeiras décadas de surgimento da escola; averiguar a relação entre o Grupo Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes; compreender como a Escola Salomé de Melo Rocha foi constituída; investigar o papel da escola para a comunidade local e sua importância para o desenvolvimento socioeducativo da cidade de Guia Lopes da Laguna, assim como, identificar o papel da escola na formação das elites locais.

Essa pesquisa é considerada inédita, porque não há até o momento trabalhos que estudem a história dessa escola. A escrita da história dessa escola contribui para a história da região e da cidade de Guia Lopes da Laguna.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas como abordagens metodológicas a pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa e entrevistas. Foi solicitada autorização da Secretaria de Estado de Educação, que foi fornecida pela direção² da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, bem como vale mencionar que o Projeto de Pesquisa foi aprovado na Plataforma Brasil³.

No trajeto inicial da pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico sobre a produção acadêmica dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul nos Programas de Pós-graduação em nível de mestrado e doutorado no período entre 2007 a 2017 e que estivesse relacionada à história das instituições escolares no Mato Grosso de 1938 a 1976.

² Autorização encontra-se em anexo (Declaração Institucional).

³ A aprovação do Projeto pela Plataforma Brasil encontra-se nos anexos.

A pesquisa documental foi realizada por meio de fontes históricas do arquivo da escola, documentos oficiais, entre outros. Parte da pesquisa foi realizada a partir de fontes que estavam disponíveis no Arquivo Público do Estado do Mato Grosso e no Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul.

Utilizou-se como fonte o site⁴ relacionado à história e à memória da região de Guia Lopes da Laguna do memorialista Sr. Vicente Dalmolin. Entretanto, no decorrer da pesquisa e à medida do possível, essa fonte foi confrontada com outras fontes, devido às especificidades de uma fonte memorialista. Por tratar-se de um memorialista, ele busca retratar os fatos por meio da narrativa das “[...] pessoas, lugares e tempo vivido, com o intuito de registrar fatos da memória individual e coletiva” (ASSIS, 2015, p. 28).

Os memorialistas podem contribuir para o registro das singularidades existentes e também “[...] para o trabalho historiográfico, especialmente por conter acontecimentos e/ou fatos que direcionam as pesquisas e colaboram na composição da história regional, possibilitando contrapor e agregar informações contidas em obras com documentos oficiais” (ASSIS, 2015, p. 30).

Apesar das obras memorialistas serem consideradas com “[...] desprestígio do gênero, por ser produzido por autores não ligados à academia e pelos fatos narrados serem frutos da seletividade da memória e por nem sempre serem frutos de uma superação da aparência do fenômeno” (ASSIS, 2015, p. 31) ressaltamos sua importância, pois

[...] compondo-se de elementos que representam a história local, trazendo personagens (personalidades) típicos que são considerados de importância para a trajetória social e histórica, isto é, alcançam reconhecimento por conter narrativas simples que conseguem atingir e prender a atenção do leitor (ASSIS, 2015, p. 31 - 32)

Isso porque a relação entre a memória e a história traz à tona movimentos contrários que, com o avanço da sociedade o que antes era memória como herança cultural na busca pela conservação de valores intrínsecos de cada sociedade processa-se como um “[...] criticismo destrutor da memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido” (NORA, 1993, p.9). Porém, a memória é

[...] por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém o que lhe dá vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9)

⁴ <http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com>

Nesse processo de busca da História, a memória foi construída e deixou de ser considerada uma herança devido à necessidade imposta pela História, da verificação de sua originalidade e, nesse processo de desidentificação, a própria “[...] memória que se tornou, ela mesma, objeto de uma história possível”.

Ao longo dos tempos, “[...] todos os grandes remanejamentos históricos consistiram em alargar o campo da memória coletiva” (NORA, 1993, p. 10) priorizando a “[...] erudição documentária e da transmissão escolar da memória” (NORA, 1993, p.11).

Tendo essa discussão como norteadora, optou-se pela entrevista como instrumento que possibilita captar os sentidos e significado para os sujeitos respondentes. Assim, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com diferentes personagens participantes da história da instituição e contribuíram ao longo da pesquisa com informações relevantes e que permitiram desnudar o processo histórico, pois “[...] a memória individual será sempre um ponto de vista sobre a memória coletiva” (ASSIS, 2015, p.28).

De início foram programadas doze entrevistas, sendo elas subdivididas em quatro segmentos: três ex-diretores, três ex-professores, três ex-alunos e três cidadãos guialopenses que possuem ligação com a história da escola. No entanto, no decorrer da pesquisa houve a necessidade de ampliar o número de entrevistados para abordar mais aspectos dessa história, já que o “[...] documento escrito deixou de ser o repositório exclusivo dos restos do passado” (ALBERTI, 2015, p. 164).

De acordo com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido⁵ (TCLE), os entrevistados não foram identificados com seus devidos nomes. Utilizamos codinomes para identificar a modalidade à qual foram entrevistados. Na tabela abaixo identificamos as modalidades, codinomes e idade de cada um dos entrevistados.

Quadro 1. Entrevistas realizadas⁶

ENTREVISTAS		
Segmentos	Codiname dos entrevistados	Idade
Ex Diretores	D1	90 anos
	D2	87 anos
	D3	69 anos
Ex Alunos	A1	50 anos
	A2	63 anos
	A3	66 anos
	C1	69 anos

⁵ TCLE está inserido nos anexos.

⁶ Todas as entrevistas constam nos anexos.

Comunidade	C2	89 anos
	C3	66 anos
Ex Professores	P1	78 anos
	P2	82 anos
	P3	73 anos
	P4	89 anos

Fonte: Dados da Pesquisa

As entrevistas semiestruturadas foram consideradas como depoimentos a partir de reflexões da história oral, que, por sua vez, foi considerada apenas no tratamento dado às entrevistas. Algumas entrevistas contribuíram de forma mais significativa que outras, trazendo elementos indispensáveis para a construção da pesquisa.

As entrevistas possibilitam, ainda, interpretar o passado e foram analisadas à luz do que preconiza Verena Alberti no sentido de que tomar “[...] *a entrevista como resíduo de ação*, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias” (2015, p. 169, grifo da autora).

Memórias que “não escapa[m] das artimanhas da memória, do jogo do lembrar-esquecer [...]. Ao recordar os elementos do passado, seleciona, não lembra exatamente de tudo, afinal a vida é dinâmica [...] se lembrássemos de tudo [...] paralisaríamos a existência” (ASSIS, 2015, p. 29).

O resgate das memórias por meio das entrevistas foi um “Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas [...] suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação” (NORA, 1993, p. 7).

A metodologia a ser utilizada na análise dos dados nesta pesquisa levou em consideração o cotejamento dos dados coletados nas entrevistas, com os dados obtidos nos arquivos, em fontes secundárias sobre a história da região e a história da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e as categorias de análise de Petitat (1994).

Petit (1994) estabeleceu categorias de análise para o estudo de instituições escolares do ocidente, com ênfase nas francesas, em um período que antecedeu à Revolução Industrial. Essas categorias são: espaço (físico e de poder), tempo e conteúdo.

Por meio dessas categorias, Petit (1994) norteia a investigação de documentos que visam compreender as instituições escolares. Essas categorias de análise serviram como referência para a escrita da história da Escola Salomé de Melo Rocha. Entretanto, optou-se por utilizar apenas a categoria de espaço de poder para análise dos dados da história dessa instituição.

Ao estudar a França do século XIX, Petitat (1994) analisa o cenário educativo e caracteriza como espaço o local onde o ensino acontece e em que relações internas e externas de poder são evidenciadas. Tendo como referência essa análise do autor, evidenciaram-se as relações e disputas internas de poder que ocorreram na escola, bem como as disputas envolvendo as relações de poder externas à instituição, pois se compreende que essas relações influenciaram a história da instituição.

As disputas internas de poder ocorrem com a participação daqueles que compõem a instituição escolar; já as disputas externas de poder são desencadeadas por agentes externos à escola e têm como objetivo influenciar as tomadas de decisões da instituição escolar.

Nosella e Buffa (2005; 2013) utilizaram as categorias de Petitat (1994) para analisar empiricamente os dados em uma escola do interior de São Paulo. Por essa razão, assim como esses autores a categoria de Petitat (1994) foi empregada na análise da instituição escolar em questão.

Como um dos questionamentos dessa pesquisa aborda se essa escola em seu percurso formou as elites locais, é importante compreender aspectos da elite do sul do Mato Grosso no período de 1938 a 1976.

Leva-se em consideração que no início do século XX “Mato Grosso se encontrava em situação de abandono e quase exclusão do estado ao restante da nação [...] [e que a] falta de comunicação e os precários transportes faziam a região ser isolada do país”, o que resultava na “personificação do pessoalismo, mandonismo, filhotismo [...] no período [também havia] a exclusão da população da participação política, social e econômica, algo que os coronéis também beneficiaram-se para manter seus respectivos domínios” (ARRUDA, 2013, p. 162) favorecendo a influência das oligarquias na política estadual. Oligarquias que favoreceram a existência do coronelismo foram muito presentes no Mato Grosso (ARRUDA, 2013).

Diferentemente do desenvolvimento nas grandes cidades brasileiras que tinham características atreladas ao desenvolvimento industrial, representatividade da elite matogrossense era agropastoril (TRUBILIANO, 2014, p. 65). Isso porque é

[...] possível dividirmos a ocupação econômica do sul de Mato Grosso em duas fases. A primeira se deu com a formação da elite agrária de caráter regional entre 1870-1920 [...] A segunda fase, 1920-1940, se dá o aprofundamento das relações capitalistas na região. Marcada pela ampliação dos investimentos de capitais transnacionais e os impactos sociais, econômicos e culturais que vinham com a instalação da ferrovia Noroeste do Brasil (TRUBILIANO, 2014 p. 65).

Após 1960, a principal atividade econômica existente no sul de Mato Grosso que

[...] movia a região de Campo Grande e dava base para a elite era a pecuária extensiva, e as ramificações dela decorrentes, desenvolvida nas terras da Serra de Maracaju. Nesse ambiente formaram-se pecuaristas de expressivo poder no cenário local e estadual, muitas vezes chamados valorosamente pela literatura da época de coronéis (DAL MORO, 2012, p. 69).

Essas definições de Tribuliano (2014) e Dal Moro (2012) serão utilizadas como referências quando abordarmos a questão das elites nos diferentes momentos desta dissertação, pois esses autores se referem à elite agrária do Sul do Mato grosso, o que inclui a elite da região de Nioaque e, posteriormente, de Guia Lopes da Laguna.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos. No primeiro, está contida a discussão teórica sobre a história das instituições escolares no Brasil, tendo como foco principal a região sul de Mato Grosso. São relacionadas também as principais produções realizadas entre 2007 e 2017 nas principais universidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em seus Programas de Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado e relacionados à história das instituições escolares no MT entre 1938 e 1976.

No segundo capítulo foi realizada a escrita historiográfica da região sul de Mato Grosso, trazendo à tona os conflitos que envolveram a Guerra do Paraguai e sua localização estratégica. São retratados também os movimentos governamentais do período pós-guerra do Paraguai, que ampliaram os investimentos para o desenvolvimento da região, como, por exemplo, a Marcha para Oeste. Em continuidade, é retratada também a influência dos militares no surgimento do Povoado de Guia Lopes, situado em Nioaque que posteriormente se torna a cidade de Guia Lopes da Laguna.

Com isso, no terceiro capítulo foram reconstruídos aspectos históricos da Escola Mista Visconde de Taunay, de 1938, que se tornou Escolas Reunidas Visconde de Taunay e, posteriormente, devido ao aumento do número de alunos se tornou, em 1960, Grupo Escolar Visconde de Taunay. Para isso, foram utilizados documentos, entrevistas e o *site* do memorialista Vicente Dalmolin. Durante esse período analisado (1938 a 1960), a escola passou por modificações em sua estrutura, as quais decorreram das políticas educacionais nesse período e da LDB nº 4024/61, que são devidamente retratadas.

No quarto capítulo há a continuidade da escrita historiográfica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, no entanto, o foco do recorte acompanha desde a ampliação do nível de ensino oferecido por meio do Ginásio Guia Lopes e a conjuntura da política educacional devido à implementação da LDB nº 5692/71 até o momento em que ocorre a confluência entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e a escola recebe efetivamente a nomenclatura Escola Estadual de 1º. Grau Professora Salomé de Melo Rocha, em 1976.

Assim, nos capítulos 3 e 4 reconstitui-se parte da história da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha. No entanto, esse contexto histórico não pôde ser analisado com total linearidade, pois, tratando-se de duas instituições escolares com datas de início diferenciadas, Grupo Escolar Visconde de Taunay (1938) e Ginásio Guia Lopes da Laguna (1960), houve a necessidade de desvelar primeiramente as histórias de ambos para depois compreender como se integraram.

Essa reconstituição histórica se fez essencial, pois, segundo os entrevistados, a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha é a confluência entre ambas as instituições: o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna, que foram criadas em momentos históricos diferentes, atendendo a distintos níveis de ensino, mas com uma aproximação entre si devido à utilização do mesmo prédio escolar. Ademais, ao longo do tempo, essa instituição escolar se tornou, de acordo com os entrevistados, uma referência educacional na cidade.

1. A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL E NO SUL DE MATO GROSSO

Em sua formação como ciência, a história foi estruturada de maneira a abranger os diferentes aspectos das sociedades, sem que perdesse em seu percurso a habilidade de examinar as diferentes facetas existentes nos tempos históricos e na formação social do seu objeto de estudo.

Nas pesquisas que desenvolveu, Petitat (1994) trouxe à tona uma discussão que abordava a escola e a sociedade de modo a ponderar que “[...] a educação e a escola não podem ser compreendidas fora do contexto das relações que mantêm com o restante da sociedade.” (PETITAT, 1994, p. 37). A partir da relação entre ambas surgem conflitos e contradições sociais que interferem na cultura escolar e que estão enraizadas na educação dos diferentes tempos e movimentos sociais.

Isso ocorre na sociedade, pois a ação do homem carrega consigo a inolvidável característica da busca da conservação de uma ideologia e da reprodução de resultados que justifiquem sua organização e permanência das camadas dominantes.

Nesse movimento, a escola desponta como parte contributiva na produção social haja vista que ao evidenciar

[...] a participação direta ou indireta, consciente ou inconscientemente da escola nos movimentos sociais através da História é colocar luz nova sobre as contradições do presente, é não deixar amarrar pelo imobilismo e pelo fatalismo da mera reprodução. É tentar unir produção da escola e produção da sociedade de amanhã (PETITAT, 1994, p. 7).

Por essa razão, as contribuições de Petitat (1994) são utilizadas como referência para análise dos dados obtidos na pesquisa.

Vale ressaltar que Petitat (1994) utilizou o cenário francês no século XIX para desdobrar seus estudos frente às mudanças ocorridas no processo de escolarização confrontando ao modelo medieval e moderno das práticas educativas. Por meio desse confronto, foi possível perceber as principais alterações com relação às instituições escolares.

Os conteúdos foram estruturados nas instituições de ensino e, por meio das aulas simultâneas, programas foram estabelecidos tornando os conteúdos tão importantes quanto o controle exercido nos alunos por meio da doutrinação.

A partir de então, os estudantes foram rigorosamente supervisionados e a maneira por meio da qual o ensino se processa também sofreu modificações. “A renovação urbana e a

autonomia jurídico-política das cidades encontram-se na base de mudanças capitais para o ensino” (PETITAT, 1994, p.50).

O que antes era predominantemente regido por aulas particulares, na Idade Moderna passa a ocorrer a partir da noção de tempo mecânico/relógio, também como resquício da política econômica da época que, ao visar lucros, utilizava-se desse parâmetro de organização social. É por meio desse mecanismo que o cotidiano escolar iniciou sua fragmentação, sendo que a “[...] marcação cronológica do tempo é o dispositivo que permite pensar a divisão de horários, das classes e dos graus, bem como a ideia de progressão escolar e de classificação e premiação” (DALLABRIDA, 2004, p. 96).

Nesse momento histórico das instituições escolares, Petitat (1994) reforçou a ideia de que

[...] o abandono da forma corporativa em proveito de uma organização burocrática não é exclusividade das instituições escolares. Na indústria e no comércio, nas administrações urbanas ou estatais, no gerenciamento da própria igreja católica, encontramos indícios de uma revolução semelhante na gestão dos indivíduos (PETITAT, 1994, p. 93).

Essa revolução contribuiu para que houvesse modificações na forma de ensinar os alunos. No entanto, assim como nas relações de trabalho, o ócio passa a ser perseguido e a produção, seja ela industrial ou intelectual, passa a ser valorizada. Dentro da cadeia produtiva, os processos educacionais não foram diferentes.

Logo, enquanto nas sociedades medievais as disputas orais eram mais valorizadas, na época moderna, a exaltação das atividades escritas, desde exercícios até provas ganham cada vez maior apreço.

Da mesma forma que houve modificações quanto ao processo de ensino, os espaços físicos também foram aos poucos se adaptando à nova realidade educacional já que cada vez mais aumentava o número de alunos e estes necessitavam das escolas elementares para se alfabetizarem.

Petitat (1994) sustenta que houve o “dualismo na escolarização”. Aos mais pobres cabia uma educação que visava à moralização e ao controle das inquietações emergentes da época de forma que se dedicavam a “[...] melhorar a condição das crianças pobres, sem, contudo tirá-las de sua ‘condição’” (PETITAT, 1994, p. 116-117, grifo do autor). Por outro lado, havia os colégios para alunos mais abastados, que tinham como objetivo maior a preparação para os cursos superiores.

Petit (1994) argumenta ainda que

[...] a escola elementar pretende educar, e não somente instruir. Quer ampliar e mesmo corrigir uma educação familiar considerada insuficiente. Ela surge como uma instância especializada em educação que se soma à instrução familiar e a outros ambientes de socialização multifuncionais. Isto torna necessário introduzir uma distinção entre alfabetização e escolarização elementar (PETITAT, 1994, p. 116).

É nesse contexto de dualismo escolar que se apresentam características peculiares de uma educação proeminentemente elitista já que as elites tinham como interesse comum “[...] as ‘belas-letras’ como distinção estética, ao lado das maneiras civilizadas, que passaram a ser desejadas pelas elites burguesas e nobres. [...] Por outro lado, constata que a civilidade das elites foi levada posteriormente às classes populares” (DALLABRIDA, 2004, p. 98-99, grifo do autor).

O Estado, segundo Petitat (1994), tinha como função herdar esse dualismo de ideias buscando prolongar as antigas sociedades e manter o poder junto às classes dominantes. Assim, o autor pontua contradições que dominaram os debates educacionais no século XIX quanto “[...] à definição da escola como articulação selecionadora entre grupos sociais e conteúdos escolares diferenciados” (PETITAT, 1994, p. 146). São elas: a) recusa das instituições religiosas em despojar de suas ideias; b) em uma postura de enfrentamento e enfatizando o item anterior, defendem valores morais religiosos e se opõem à “[...] moral natural, liberada das crenças particulares.” (PETITAT, 1994, p. 146); c) vinculada à ampliação do ensino primário, exclui as camadas mais carentes da população a esse benefício tanto no campo quanto na cidade; d) refere-se à redefinição de papel social e cultural do ensino secundário; e) a finalidade do ensino primário e sua articulação com o ensino secundário.

Tais debates permaneceram durante um longo tempo buscando a “[...] definição de uma nova cultura para o povo e de uma nova articulação sócio-cultural (estudo gratuito, laico, obrigatório e estatal)” (PETITAT, 1994, p. 147).

Segundo Petitat (1994, p. 263), “[...] a escola participa efetivamente das transformações na estrutura das relações entre os grupos sociais” e as discussões perduram no sentido de conflitarem posições diferenciadas impulsionando os fazeres relacionados à história da educação. Nesse caminho, o dualismo educacional tem perseverado em diferentes tempos históricos.

Barros (2004) ressalta que a história vive hoje uma disputa entre dois aspectos que norteiam os estudos históricos no sentido de que, apesar de existirem, deverão se complementar para que o historiador possa ter sucesso em sua análise. A especialização do saber e a fragmentação dos paradigmas apregoa à historicidade movimentos que trazem ao

historiador a necessidade da busca pelo conhecimento de forma específica quanto às peculiaridades do objeto de estudos, mas não descarta a necessidade de situá-lo em sua magnitude social.

É nesse conflito que se deve “perceber que a história é sempre múltipla, mesmo que haja a possibilidade de examiná-la de perspectivas específicas” (BARROS, 2004, p. 21) já que a multiplicação de caminhos na busca pelos saberes se tornam cada vez maiores, o que traz à tona a necessidade de o historiador se aprofundar ainda mais em seu objeto de estudo sem descartar os diferentes âmbitos sociais que se apresentam durante o caminho.

Por isso “[...] uma prática historiográfica não pode ser rigorosamente enquadrada dentro de um único campo” (BARROS, 2004, p. 22) o que faz dessa área de pesquisa um campo complexo e bastante importante.

Assim, a História da Educação também tramita em diferentes tempos históricos. Ao mesmo tempo em que sua amplitude cresce devido à possibilidade de registrar com mais detalhes seus atores e suas características, também se faz inevitável a necessidade de estreitar o foco dos objetos de estudo para que seja possível a percepção da riqueza de suas singularidades contrariando a historiografia do século XIX, em que “[...] os historiadores tinham uma ideia bem mais homogênea do seu ofício” (BARROS, 2004, p. 18).

Quanto aos estudos voltados às instituições escolares, Nosella e Buffa (2013) evidenciam que são relativamente recentes, pois, até a década de 1990 esse aspecto da História da Educação “[...] se não ausente, era um pretexto para ilustrar o desenho social do movimento histórico geral” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p.18).

A história da Educação era responsável por abordar diferentes temáticas em seu macro saber histórico abarcando também a História das Instituições, o que levou à ampliação do “[...] campo de pesquisa com o qual os pesquisadores da história passaram a se ocupar” (SANFELICE, 2006, p.1) sendo que

Todo este alargamento de objetos, fontes e abordagens da pesquisa histórica veio acompanhado de uma crescente, e cada vez mais contundente, crítica à historiografia considerada, acima de tudo, oficial. Aquela historiografia dos fatos políticos, dos heróis das elites e dos vencedores poderosos. Ou uma crítica àquela historiografia baseada em fatos apresentados rigorosamente em uma certa ordem cronológica e com os quais se relacionam alguns personagens isolados (SANFELICE, 2006, p. 2).

No entanto, nas últimas décadas com a fragmentação da historiografia da educação,

Há um movimento em busca do particular, do específico, e com recortes cada vez menores, estranhamente na contramão de toda a globalização econômica e do discurso hegemônico neoliberal. De qualquer maneira, não é um comportamento específico da historiografia educacional brasileira ou da historiografia brasileira. Ele ocorre em âmbito mundial e veio se delineando ao longo de todo o século XX (SANFELICE, 2006, p.3)

Nosella e Buffa relatam que “os estudos sobre as instituições escolares desenvolveram-se, sobretudo, a partir dos anos 90, entretanto, de forma esporádica, surgiu antes disso” (2013, p. 15). Os autores elencam três momentos que evidenciam certa evolução das pesquisas relacionadas aos estudos históricos da educação e abordam nesse processo o percurso no qual o estudo relacionado à História das Instituições trilhou.

As décadas de 50 e 60 antecederam a criação de programas de pós-graduação e trata-se de período no qual foram criados Centros de apoio às pesquisas como, por exemplo, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) entre outros. Este foi um momento no qual questões políticas, sociais e econômicas influenciaram as pesquisas voltadas principalmente para a educação.

É importante ressaltar que a sociedade da época teve ampliado o ensino superior por meio da LDB 4024/61. Lei esta que previa em seu artigo 66 que o ensino superior tinha como objetivo a pesquisa e no artigo 67 determinava que tal curso seria “[...] ministrado em estabelecimentos, agrupados ou não em universidades, com a cooperação de institutos de pesquisa e centros de treinamento profissional” (BRASIL, 1961).

No decorrer dos anos 60, o principal tema de pesquisa “era educação e sociedade. No entanto [...] alguns estudos sobre instituições escolares foram realizados neste período” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 17).

A partir das décadas de 70 e de 80 a História da Educação passou a abarcar a “institucionalização da pós-graduação que acentuou a escolarização da produção da pesquisa, e uma reação aos militares” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 17). Foi durante o governo militar que houve maior desenvolvimento do pensamento crítico na educação. Apesar da repressão, a produção acadêmica demonstrava “[...] acentuado idealismo e voluntarismo político, decorrentes da urgência do processo de redemocratização. Por essa razão, estudava-se mais a sociedade do que a escola” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 18).

Nosella e Buffa (2005) ressaltam duas características importantes que qualificaram a pesquisa em educação nas décadas de 70 e 80 como “a escolarização da produção da pesquisa e a reação à política dos governos militares” (NOSELLA; BUFFA, 2005, p. 353) e que estas possuíram aspectos positivos e negativos. Do mesmo modo que fortaleceu o pensamento crítico, a partir da ampliação de leituras de educadores diferenciados, generalizou de forma rasa os conhecimentos e idealismos necessários para uma ação socioeducativa condizente com a criticidade que o momento histórico exigia. Os autores ainda relatam que

O principal aspecto positivo da escolarização da pesquisa, determinada pela institucionalização da pós-graduação, manifesta-se no fato de que a produção do conhecimento, felizmente, associou-se às atividades de ensino. Seu aspecto negativo

é representado pelo burocratismo acadêmico que nivela, pela priorização dos títulos e diplomas, pesquisas de qualidade com outras menos significativas. (NOSELLA; BUFFA, 2005, p. 353)

Considerando o momento histórico de luta contra o militarismo e a busca pela redemocratização, a ênfase da História da Educação não estava na História das Instituições, mas considerava outros temas como primordiais. As Instituições de Ensino Superior, apesar de terem sido ampliadas no regime militar, foram utilizadas como meio para contrapor-se ao regime estabelecido e o instrumento para tal resultado foi o desenvolvimento de pesquisas que em História da Educação destacaram os estudos voltados à “[...] sociedade de classes, base material da sociedade, atividade ideológica, compromisso político e competência técnica, formação de professores, democratização da escola, reprodução simbólica e organização escolar” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 18).

Foi a partir da década de 90 que houve ampliação das linhas de investigação, privilegiando temas da cultura escolar e, conseqüentemente, das instituições escolares. Nesse momento, diferentemente do anterior, os historiadores opunham-se aos estudos sobre sociedade e educação, haja vista que a diversidade e a complexidade deixavam de ser contempladas. Dá-se início a uma nova proposta que evidencia o estudo de objetos singulares e a partir destes “[...] são privilegiados temas como cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas educativas, questões de gênero, infância e, obviamente, as instituições escolares” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p.18).

Partindo do pressuposto que a preservação da memória histórica é uma necessidade para que a compreensão dos diferentes momentos e espaços históricos aconteça, a “[...] preocupação com a preservação da memória educativa vai assumir, a partir da configuração histórica da educação brasileira como um campo específico de investigação” (SAVIANI, 2008, p. 5).

Vale relembrar Le Goff (1994), que enfatiza ser a memória “[...]um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individualmente ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (1994, p. 476, grifo do autor).

Atualmente, os estudos sobre as instituições escolares “[...] privilegiam a instituição escolar considerada em sua materialidade e em seus vários aspectos” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p.19), os quais buscam, por meio do “estudo do singular”, aproximar-se do objeto para o “[...] manuseio de dados empíricos de objetos mais próximos que, de uma forma ou outra, envolvem as pessoas neles interessados” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 9).

Para Sanfelice (2006), o estudo das instituições escolares não deve ser um modismo e, sim, uma pesquisa reflexiva por meio da qual o pesquisador deve “Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir à busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo” (2006, p. 24) de modo a historicizar o caráter social e singular das instituições.

Como contribuição para a compreensão do caráter social e singular de constituição das instituições escolares, Sanfelice (2006) pondera diversos aspectos, dentre eles aponta-se a seguir os mais relevantes a essa pesquisa:

d) As instituições escolares têm também uma origem quase sempre muito peculiar. Os motivos pelos quais uma unidade escolar passa a existir são os mais diferenciados. Às vezes a unidade escolar surge como uma decorrência da política educacional em prática. Mas nem sempre. Em outras situações a unidade escolar somente se viabiliza pela conquista de movimentos sociais mobilizados, ou pela iniciativa de grupos confeccionais ou de empresários. *A origem* de cada instituição escolar, quando decifrada, costuma nos oferecer várias surpresas.

e) As instituições escolares são ainda muito distintas entre si porque são freqüentadas [sic] por públicos bastante desiguais. Não somente quando esta diferença é a da idade cronológica dos alunos, como, por exemplo, os alunos da educação infantil ou os alunos do ensino superior. Há também a diferença em suas procedências espaciais ou socioeconômicas. São alunos de um determinado bairro, de uma determinada região e alunos que, em cada instituição, pertencem em sua maioria a uma mesma classe social.

f) O público de uma instituição escolar traz para dentro dela uma certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. Isto faz com que os desafios pedagógicos de cada instituição sejam únicos, o que interfere profundamente no projeto pedagógico de cada unidade escolar.

g) As políticas educacionais oficiais também não entram nas unidades escolares da mesma maneira. Há múltiplos entendimentos a respeito delas. Há diferentes acomodações ou formas de resistências para cumpri-las. Quando elas se materializam no cotidiano escolar, essa materialização é impar. (SANFELICE, 2006, p. 23, grifo do autor).

O relatório final de pesquisa sobre o mapeamento das primeiras instituições escolares públicas no sul do Mato Grosso entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX aponta que neste estado a produção histórica sobre a educação “[...] é muito recente e muitas fontes historiográficas continuam inéditas o que resulta em um campo promissor de estudo visto que a História das Instituições dessa região também foi pouco estudada.” (STEIN, 2008, p. 40).

1.1 A História das Instituições Escolares no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

Segundo Oliveira (2012), as pesquisas existentes em história da educação privilegiam a instituição escolar considerada em sua materialidade e em seus vários aspectos e enfatizam

o que já foi descrito anteriormente; há que se considerar, entretanto, que houve considerável desenvolvimento, sobretudo, a partir dos anos 90. Essa autora ressalta ainda que “[...] quanto ao foco das pesquisas, os autores observam que a maioria estuda a história da instituição, ou seja, sua criação, implantação e desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2012, p. 156).

No entanto existem pesquisas que abordam outras temáticas vinculadas às instituições escolares como, por exemplo: origem social da clientela, valores professados, formação dos professores, entre outros.

Para o desenvolvimento da pesquisa cujos resultados apresentam-se nesta dissertação, realizou-se levantamento da produção sobre histórias das instituições escolares, mais especificamente histórias das instituições escolares de Mato Grosso nos últimos 10 anos, o que cobriu o período entre 2007 e 2017. Considerando que a história da instituição em estudo começa em 1938 no sul do então Mato Grosso, o levantamento considerou como critério de seleção os trabalhos de história de instituições escolares do sul de Mato Grosso que abordavam o período de 1938 até 1979.

As consultas tiveram início no *site* da SCIELO – *Scientific Eletronic Library Online*, por meio das quais se buscava trabalhos que abordassem a história das instituições escolares do Mato Grosso e a história das instituições escolares do sul de Mato Grosso de 1938 até 1979. Até o momento, no entanto, não foram encontrados materiais a respeito.

Da mesma maneira foi realizada pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES onde muitos trabalhos foram indicados ao pesquisar por "história das instituições escolares". No entanto, ao utilizar como filtro "história das instituições escolares do Mato Grosso" ou "do sul do Mato Grosso" entre 1938 e 1979, nenhum resultado é apresentado.

Foi necessário o desenvolvimento de diversas estratégias para realizar a consulta. Optou-se por dar continuidade às buscas sobre a produção relacionada às instituições escolares junto ao *site* da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), o qual possui um grupo de trabalho (GT) que aglutina publicações com o tema “Políticas e Instituições Educativas” realizadas nos Congressos Brasileiros de História da Educação.

Por meio de levantamento dos Congressos Brasileiros de História da Educação realizados de 2007 a 2017, averiguaram-se os seguintes dados a respeito da quantidade de trabalhos enviados aos grupos de trabalhos:

Quadro 2. Quantidade de comunicações enviadas às diferentes edições do Congresso Brasileiro de História da Educação (2007-2017).

CONGRESSOS BRASILEIROS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO		
ANO	Nome do GT	Total de comunicações orais
2008	História da profissão docente e das instituições escolares	127
2011	História das Instituições e práticas escolares	225
2013	História das Instituições Escolares	192
2015	História das Instituições e Práticas Escolares	218
2017	Políticas e Instituições Educativas	150

Fonte: <http://www.sbhe.org.br/>

Em 2007 não houve Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) por tal motivo averiguamos a partir dos Congressos de 2008. No site⁷, no entanto, não foi permitido acessar os anais e as comunicações, que estão publicadas no *site* da Sociedade Brasileira de História da Educação dos anos de 2011. Também não foi permitido acesso aos artigos das comunicações orais de 2013, tendo sido possível identificar somente que uma comunicação oral era relacionada ao Mato Grosso do Sul e duas ao Mato Grosso.

Em 2015, apenas seis trabalhos estavam relacionados às instituições educativas no Mato Grosso do Sul e 48 estavam relacionados ao Mato Grosso. Dentre estas destaca-se Santos (2015), que retrata a realidade de duas Escolas Reunidas Rurais em Mato Grosso entre 1940 a 1960, e aborda as singularidades existentes nas escolas da época mencionada em meio ao desmembramento das Escolas Rurais sofridas devido ao Regulamento de 1927, via Decreto nº 759 de abril, que regulamentava a instrução primária. Além disso, em seu trajeto de escrita, o autor utiliza fontes orais reunidas durante a pesquisa e fontes documentais existentes principalmente nos arquivos de Mato Grosso, os quais também serão utilizados como aporte documental nesta pesquisa.

No ano 2017 houve 12 comunicações orais envolvendo o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. Duas delas retratam a implantação de instituições escolares, uma delas trata a instrução primária na região de Dourados entre 1965-1975 (EBENRITTER, 2017) e a outra retrata a Escola Normal Dom Aquino Corrêa em Três Lagoas (RODRÍGUES; MONTEIRO, 2017), ambas no sul de Mato Grosso.

As comunicações orais do CBHE de 2017 descrevem também o processo de ruralização da Educação ocorrido no início dos anos 30. Mesmo não abarcando a história de uma instituição especificamente, é valiosa a contribuição de Castro (2017) que busca dentro

⁷ Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/node/87>>

do recorte temporal de 1937 a 1945 relatar “[...] sob o ponto de vista dos Governantes e Interventores Federais a forma como estava se configurando a educação rural no Estado do Mato Grosso” (CASTRO, 2017, p. 2390), por meio do que demonstra a oposição entre a prática educacional confessada e a proposta como meio de atenuar as diferenças existentes relacionadas às desigualdades, no entanto, desconsiderando as diversidades do nosso país e suas diferentes regiões.

Por meio do levantamento dos trabalhos apresentados nas diferentes edições dos Congressos Brasileiros de História da Educação, é possível constatar o notório crescimento das pesquisas neste campo, da mesma forma que também é possível observar que a abrangência das pesquisas em História da Educação vinculadas às Instituições Escolares também ampliaram seu universo, abarcando em seus processos investigativos a cultura escolar, práticas escolares, formação docente e as políticas públicas que estão intrínsecas ao seu funcionamento.

1.2 Grupos de Pesquisas e produção dos Programas de Pós-Graduações de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul

Por meio da consulta realizada nas edições dos Congressos Brasileiros de História da Educação foi possível verificar que a produção sobre História das Instituições Escolares de Mato Grosso de 1938 a 1979, em sua maioria, é oriunda dos grupos de pesquisas vinculados a instituições de ensino superior, as Universidades.

Por tal razão optou-se por pesquisar a produção acadêmica das universidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul que têm Programas de Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado durante o período entre de 2007 a 2017, bem como a dos grupos de pesquisas relacionados a elas que mais produzem conhecimento referente à História das Instituições Escolares de Mato Grosso de 1938 a 1979.

1.2.1 Grupos de Pesquisa

Alves (2012) ressalta que “[...] discutir a produção de conhecimento na área de história da educação em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul implica, necessariamente, discutir a institucionalização da pesquisa educacional e, como decorrência, as universidades que hoje atuam na região” (p. 171).

Nesse contexto, Alves (2012) relata a importância da “criação da Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, e da Universidade Estadual de Mato Grosso, sediada em Campo Grande e federalizada após a divisão do Estado” (p. 171).

Há também programas de pós-graduação em educação que têm favorecido as pesquisas voltadas às instituições escolares, como, por exemplo, o:

PPGE da Universidade de Uberlândia (UFU), PPGE da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/SP), o da Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP); do Mestrado da Universidade de Sorocaba (UNISO/SP); o grupo de História das Ideias e Instituições Educacionais vinculado à PUC do Rio de Janeiro, entre outros (NOSELLA; BUFFA, apud OLIVEIRA, 2012, p. 156).

A organização de grupos de estudos e pesquisas contribui para a organização de acervos referentes a temas específicos e, assim, o desenvolvimento colaborativo de pesquisas se torna “[...] fundamental tanto para a solidez na formação dos estudantes como para realimentar as investigações por meio do sempre rico e estimulante debate entre alunos e professores” (GONÇALVES NETO, 2015, p. 374).

Por meio de consultas no *site* do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico sobre Grupos de Pesquisas vinculados à História da Educação no Brasil foi possível constatar que há 552 registros, em sua maioria de grupos situados em Universidades Federais e Estaduais do país. Em Mato Grosso do Sul há 12 grupos e no Mato Grosso há 13 grupos vinculados à temática.

Com relação às produções recentes, há grupos que abordam as histórias das instituições pelo viés das políticas instituídas nas diferentes épocas que influenciaram a organização das instituições, da formação de professores e de sua influência na qualidade do ensino, assim como da reconstrução histórica do percurso escolar de instituições específicas, o que demonstra a emergente abrangência nesta linha de pesquisa.

O CNPq tem cadastrado atualmente 33 grupo de estudos com linhas de pesquisas voltadas às instituições escolares. Destes, 17 estão vinculados às Universidades Federais, 11 às Universidades Estaduais e cinco às Universidades Privadas.

Segundo consulta parametrizada no site do CNPq⁸, há apenas três grupos de pesquisas cadastrados que investigam as instituições escolares na região Centro-Oeste. São eles:

⁸ Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>.

Quadro 3. Grupos de Pesquisas da Região Centro-Oeste cadastrados no site do CNPq

GRUPOS DE PESQUISAS – CNPq	
Instituição	Nome do Grupo de Pesquisa
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	GPHEG – Grupo de pesquisa em História das instituições escolares, práticas e pensamento educacional
Universidade Estadual de Goiás (UEG)	GEPHEGO – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação em Goiás
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	GEM – História da Educação e Memória

Fonte: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

O GEM vinculado à Universidade Federal do Mato Grosso e formado em 1993 tem como eixos duas linhas de pesquisas: a) História da Educação, Memória e relações de gênero; b) História das instituições escolares, práticas e pensamento educacional.

Com uma formação mais recente (2014), o GPHEG vem incentivando a produção acadêmica dos cursos de graduação em Pedagogia e do Mestrado em Educação, enfatizando a historicidade educacional mato-grossense. As linhas de pesquisa do grupo são: a) Corporeidades, gênero e relações entre escolarização e corpo; b) História da Educação das Mulheres, Instituições Escolares e Gênero; c) História da Educação, do Ensino e da Escola no Meio Rural.

Esses dois grupos de pesquisas têm buscado resgatar parte da identidade educacional de Mato Grosso e assim contribuem também com as pesquisas sobre o Mato Grosso do Sul, pois a história desses dois estados brasileiros se constitui de modo separado a partir de 1977, quando Ernesto Geisel decreta a divisão de Mato Grosso em 11 de outubro, criando, por meio da Lei Complementar nº 31, o estado de Mato Grosso do Sul.

1.2.2 Programas de Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado nas Universidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

No decorrer da pesquisa foi realizado o levantamento de dados das principais Universidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em que há Programas de Pós-graduação em nível de Mestrado e de Doutorado. Foram abarcadas nesta investigação: a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS/ Campo Grande e UEMS/ Paranaíba); a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/Campo Grande); a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); e a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT/ Cuiabá e UFMT/Rondonópolis).

Foram analisadas as produções publicadas entre 2007 e 2017, que correspondem ao período de dez anos anteriores à data do início dessa pesquisa. Sobre a história das instituições escolares de Mato Grosso, deu-se preferência à análise das produções que abrangem o período de 1938 a 1976 referentes ao recorte temporal desta investigação.

Quadro 4. Teses e Dissertações produzidas entre 2007 e 2017 sobre a história das instituições escolares de MT e referentes ao período 1938-1979

TESES E DISSERTAÇÕES	
Instituição	Quantidade
UFMT	4
UFGD	15
UCDB/ CG	3
UEMS/ CG	1
UEMS/ Paranaíba	4
UFMS	16
Total	43

Fonte: Autoria própria.

Das quarenta e três pesquisas encontradas algumas se destacaram haja vista a proximidade do tema em discussão e assim contribuíram de forma mais significativa para a compreensão do período histórico abordado e de suas características educacionais.

Quadro 5. Títulos das dissertações e teses produzidas por ano nas universidades pesquisadas⁹

TESES E DISSERTAÇÕES			
Instituição/ Tipo de texto	Ano	Autor	Título
UFMT/ Dissertação	2012	Elton Castro Rodrigues dos Santos	ESCOLAS REUNIDAS: na sedimentação da escola moderna em Mato Grosso (1927-1950)
UEMS- CG/ Dissertação	2016	Tânia Mara Gonçalves Brizuela	Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Mato Grosso do Sul (IFMS) e os cursos técnicos integrados em CG-MS (2011-2015)
UFMS/ Tese	2014	Stella Sanches de Oliveira	Implantação e organização do Curso Ginásial no sul de Mato Grosso (1917-1942): expressões de um projeto de modernização
UFMS/ Dissertação	2014	Adriana Espindola Brites	A representação da Educação Secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia e memorialística (1920-1960)
UCDB/ Dissertação	2009	Arlene da Silva Gonçalves	Os Grupos Escolares no Estado de Mato Grosso como expressão da Política Pública Educacional: O

⁹As Universidades pesquisadas são: UFMT, UFMS, UEMS, UFGD e CDB

			Grupo escolar Joaquim Murinho, em Campo Grande, Sul do Estado (1910-1950)
UCDB/ Dissertação	2010	Marcelo Pereira Rocha	O Ensino Secundário no Sul do Estado de Mato Grosso no Contexto das Reformas Educacionais: O Ginásio Osvaldo Cruz (1927-1949)
UFGD/ Dissertação	2011	Marcio Bogaz Trevizan	Grupo Escolar Mendes Gonçalves: vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil-Paraguai (1889-1931).
UFGD/ Dissertação	2011	Juliana da Silva Monteiro	Cultura Escolar: A institucionalização do ensino primário no Sul do antigo Mato Grosso. O Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS (1950-1974).
UFGD/ Dissertação	2012	Fernando dos Anjos Souza	Educandário Coronel Felício: A participação militar na Educação Pública da Fronteira Brasil-Paraguai (1951-1980).
UFGD/ Dissertação	2013	Charlene Correia Figueiredo	Grupo Escolar Luiz de Albuquerque- Sua história no processo de institucionalização do ensino primário público em Corumbá – MT (1908-1930).
UFGD/ Dissertação	2014	Inês Velter Marques	O ensino secundário no Sul do Mato Grosso: Colégio Estadual Presidente Vargas de Dourados (1951-1974).
UFGD/ Dissertação	2015	Wilker Solidade da Silva	Grupo Escolar Presidente Vargas, Dourados-MT: a escola primária urbano/rural em tempos de mudanças no ensino elementar brasileiro (1963-1974).
UFGD/ Dissertação	2016	Thierry Rojas Bobadilha	Educação primária no sul de Mato Grosso: O Grupo Escolar de Bataiporã - MT (1955-1974).
UFGD/ Dissertação	2017	Adriele Aparecida Squinhalha da Silva	Institucionalização da Educação no sul de Mato Grosso: A primeira Escola de Fátima do Sul (1950-1974)

Fonte: Autoria própria a partir de informações compiladas com base nos Bancos de Dissertações e Teses das Universidades citadas.

As dissertações e tese apresentadas no quadro acima se tratam das que se aproximam da temática desta pesquisa, seja pelo período abordado, seja pelos elementos que podem contribuir para a compreensão de momentos históricos, das características regionais do sul de Mato Grosso e da constituição identitária da educação brasileira da época estudada.

A dissertação de Santos (2012) da UFMT, apesar de não retratar a constituição histórica de uma instituição escolar especificadamente, traz elementos que contribuem com a pesquisa sobre a constituição histórica da Escola Salomé de Melo Rocha no que diz respeito às características respectivamente das escolas rurais e das escolas reunidas, as quais serão exploradas para elucidar características e os aspectos históricos.

É importante relatar que a UEMS/Campo Grande tem incentivado o desenvolvimento de trabalhos relacionados às instituições escolares. No Programa de Mestrado Profissional em

Educação (PROFEDUC/Campo Grande) uma dissertação faz referência à história das instituições escolares. A dissertação de Brizueña (2016) sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) e os cursos técnicos integrados em Campo Grande – MS, de 2011 a 2015 foi de grande valia para esta pesquisa. Apesar de não abranger o mesmo recorte temporal e se dedicar mais aos aspectos da educação profissional devido às singularidades e ao público da instituição escolar estudada, Brizueña (2016) utilizou as categorias de Petitat (1994) para analisar seu objeto de pesquisa. Dessa forma, foi possível realizar uma conversa entre a interpretação utilizada pela autora e a realizada nesta pesquisa.

Em levantamento realizado, verificou-se que o Mestrado e o Doutorado em Educação da UFMS tem uma ampla gama de dissertações e teses voltadas para o estudo das instituições escolares no período das publicações pesquisadas (2007 a 2017) e que estão relacionadas à história das instituições escolares no Mato Grosso de 1938 a 1979.

A tese elaborada por Oliveira (2014) retrata o processo para implantação do curso ginásial no sul de Mato Grosso privilegiando os aspectos organizacionais que o constituíram. Essa pesquisa contribui no sentido oferecer detalhamentos acerca do período anterior à implantação do ginásio na cidade de Guia Lopes da Laguna, que deu início ao atendimento em 1959.

Aproximando do período no qual teve início a educação em nível médio em Guia Lopes da Laguna, Brites (2014) buscou em sua dissertação representar a educação secundária em Campo Grande no período de 1920 a 1960, não em uma instituição específica, mas em sete instituições, para o que fez uso tanto de fontes memorialísticas, quanto da historiografia regional.

A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) tem assim como os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, uma história longínqua na região. Presente em Campo Grande desde 1925, quando ainda era Missão Salesiana de Mato Grosso, veio a se firmar dentre as instituições de ensino superior em 1961 como Centro de Educação Superior do Estado de Mato Grosso. Em 1993 efetiva-se com a nomenclatura Universidade Católica Dom Bosco.

Por sua longa jornada de produção científica, constam dissertações defendidas desde 1996; há uma grande diversidade de temáticas abordadas nas dissertações, no entanto, a ênfase nas questões indígenas é bastante frequente.

Rocha (2010) analisou a implantação do Ginásio Osvaldo Cruz retratando a escassez desse nível de instrução pública na região centro-oeste. Citado pelo ex-diretor entrevistado D2 (2018) como um dos únicos Ginásios da região, essa instituição escolar é retratada pelo autor

da dissertação como formadora da elite, pois recebia principalmente alunos de famílias com melhores condições econômicas, tornando-se relevante para o desenvolvimento educacional da época.

Destaca-se ainda, Gonçalves (2009), por abranger a criação dos Grupos Escolares como uma ação político-educacional da época (1910 a 1950) e buscar compreender o mecanismo de organização da educação pública primária articulando uma instituição escolar à realidade político-social da época em questão.

Dentre as quatro teses em educação disponíveis no site da UFGD¹⁰ nenhuma delas está diretamente relacionada à história das instituições escolares. No entanto, há um número considerável de dissertações a partir de 2010¹¹. Assim, dentre as 150 dissertações aprovadas desde o ano de 2010 até 2017, há um vasto número referente à história da educação e relacionado à história das instituições escolares no Mato Grosso e no Mato Grosso Sul. Tratam-se de pesquisas que se associam à constituição histórica dos estabelecimentos de ensino e, também, a outros aspectos, os quais favorecem a compreensão de aspectos desta pesquisa.

Monteiro (2011), Silva (2015) e Bobadilha (2016) dissertam sobre os grupos escolares no sul de Mato Grosso, apresentando peculiaridades que contribuíram para a consolidação do ensino primário no interior do Brasil. Os períodos estudados pelos pesquisadores iniciam respectivamente em 1950, 1963 e 1955 e se encerram em 1974, de modo a ter como limite a implementação da LDB n.º.692/71 no estado.

Relacionado ao ensino secundário, Marques (2014) analisou a expansão desse nível de ensino na cidade de Dourados entre 1951 a 1974, examinando a formação do corpo docente da instituição Colégio Estadual Presidente Vargas, o currículo e as características socioeconômicas dos alunos. No desenvolver da dissertação, Marques (2014) relata também a influência dos políticos locais na instituição.

Percebe-se que algumas das pesquisas arroladas buscam descrever também as particularidades e peculiaridades da educação em épocas específicas e em determinada escola, descrevendo características tanto da educação em diferentes tempos históricos, quanto da regionalidade que a bordejava.

Silva (2017) descreve o processo de colonização da região Centro-Oeste com ênfase no Sul do Mato Grosso e retrata o início do processo de escolarização no município de Fátima do Sul, na época Mato Grosso, considerando o jogo de poder envolvido nesse processo.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.ufgd.edu.br/>>

¹¹ As dissertações defendidas e disponíveis no site da UFGD iniciam a partir de 2010.

Relata aspectos da ocupação do território e traz à tona a influência da igreja no movimento educacional da época abordada (1950-1974).

Da mesma forma, Trevisan (2011) e Figueiredo (2013) também abordam aspectos da regionalidade fronteiriça Brasil-Paraguai na educação e retratam as realidades dos grupos escolares e sua importância no processo de escolarização no Mato Grosso Uno. Apesar dos autores não trabalharem com o mesmo recorte histórico abordado por esta pesquisa (1938 a 1979), as dissertações são relevantes, pois retratam a história das instituições em grupos escolares e aspectos da educação em região fronteiriça.

Nesse contexto, percebe-se que a história das instituições escolares se entrelaça com as histórias locais seja pela necessidade educativa, seja por contextos históricos marcados por outros aspectos sociais, o que faz com que ambas sejam importantes, pois retratam parte da história de uma localidade e de grupos sociais.

Ainda na ânsia de conhecer os estudos voltados à história das instituições, no levantamento das dissertações da UFGD, a dissertação de Fernando dos Anjos Souza (2012) se destaca. Tal pesquisa descreve o Educandário Coronel Felício, primeira instituição educacional na cidade de Jardim-MS, e aborda a Guerra do Paraguai de modo a resgatar a história da fundação da cidade. O então chefe da CER-3¹², Coronel Nelson Felício dos Santos, em 1951 “[...] recomendou a matrícula dos operários da comissão, que não fossem alfabetizados, no Curso Noturno de Alfabetização, a ser realizado no Grupo Escolar Coronel Juvêncio” (SOUZA, 2012, p.65).

Esse movimento envolveu intensos esforços nacionais para abranger uma grande parcela da população que não era alfabetizada, mas que precisava de formação em um novo cenário nacional. Souza (2012) relata que esses esforços envolveram não só ações governamentais como também “[...] atenderam ao chamamento [de] diversas instituições nacionais, entre elas as Forças Armadas” (SOUZA, 2012, p.64).

A dissertação de Souza (2012) foi de grande valia para esta pesquisa, pois retrata a historicidade da primeira escola do Município de Jardim, vizinha da cidade de Guia Lopes da Laguna e que pertence à Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, nosso objeto de pesquisa. Ademais, as duas instituições escolares têm uma restrita ligação, já que o Grupo Escolar Coronel Juvêncio veio a existir para incluir também os alunos da cidade de Jardim que deveriam estudar na cidade vizinha, Guia Lopes da Laguna.

¹²CER-3 significa Comissão de Estradas de Rodagem nº 3 e se trata de órgão ligado ao Ministério do Transporte, o qual se encaminhou à região devido à necessidade da construção de estradas que interligavam Aquidauana a Porto Murtinho e à Bela Vista.

2. HISTÓRIA DA REGIÃO DE GUIA LOPES DA LAGUNA NO SUL DO MATO GROSSO

Segundo Maestri (2015), no século XIX, o Mato Grosso vivenciou uma significativa mudança no cenário econômico, pois, sem as imensas riquezas provindas do ciclo do ouro e da mineração houve um grande deslocamento tanto de cativos, quanto de proprietários da região.

As dificuldades advindas da remota localização, visto que a capital do Brasil localizava-se Rio de Janeiro, região do litoral, não favoreciam transações comerciais, pois a “[...] viagem do Mato Grosso por terra, até a Corte, exigia mais de um mês de cavalgada forçada, sendo inviável ao transporte comercial de mercadorias.” (MAESTRI, 2015, p. 107).

Figura 1. Distâncias de Cuiabá à Rio de Janeiro

Distancias de Cuyabá á Rio de Janeiro.			
De <i>Cuyabá</i> á S. Antonio do Rio Abaixo	8 leg.	Da foz do Apa á Concepcion	41 ..
.. S. Antonio do R. A. á Melgaço	17 ..	De Concepcion á Asuncion	50 .. 91 ..
.. Melgaço á Uacurutuba	12 Asuncion á Villeta	6 ..
.. Uacurutuba á foz do Cuyabá	49 Villeta á Humaitá	53 ..
Da foz do Cuyabá á do S. Lourenço	27 Humaitá á foz do Paraguay	8 ..
.. foz do S. Lourenço á Dourados	6 ..	Da foz do Paraguay á Corrientes	8 ..
De Dourados á <i>Corumbá</i>	31 .. 150 leguas	De Corrientes á Goya	46 ..
.. <i>Corumbá</i> á Ladario	2 leg.	.. Goya á Esquina	30 ..
.. Ladario á Coimbra	31 Esquina á La Paz	20 ..
.. Coimbra á Bahia Negra	10 La Paz á Paraná	40 ..
.. Bahia Negra á Porto Murtinho	50 Paraná á Diamante	13 ..
.. Porto Murtinho á foz do Apa	8 .. 101 Diamante á Rosario	22 .. 246 ..
	251 Rosario á San Nicolas	15 ..
		.. San Nicolas á Buenos Aires	65 .. 80 ..
		.. Buenos Aires á Montevideo	43 ..
		.. Montevideo á Rio de Janeiro	398 ..
		De <i>Cuyabá</i> á Rio de Janeiro	1109 leguas
		.. <i>Corumbá</i> á Rio de Janeiro	959 leguas

Fonte: ALBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO GROSSO, 2006, p.143.

Apesar da dificuldade de acesso e deslocamentos, a região do sul do Mato Grosso descortinava avanços para a região por meio das navegações pelos Rios Paraná e Paraguai apontando assim novos meios de crescimento econômico.

Esse potencial crescimento junto à localização estratégica fronteiriça fez com que a região sul de Mato Grosso se tornasse alvo de um cenário muito relevante na história do Brasil, a Guerra do Paraguai, que se tornaria o “[...] conflito externo de maior repercussão

para os países envolvidos, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros” (DORATIOTO, 2002, p.17).

A Guerra do Paraguai ocorreu entre 1864 e 1870 envolvendo disputas de territórios entre Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Essa guerra, no entanto, foi além da busca por territórios, como retrata Doratioto (2002), pois seus meandros contribuíram para que a influência e a diplomacia da monarquia brasileira enfraquecessem apesar de ela viver o ápice da força militar.

Essa guerra teve exemplos de “atos de desprendimento pessoal, de bravura, de covardia ou de crueldade ocorreram em ambos os lados da guerra” (DORATIOTO, 2002, p. 18). No entanto, o império brasileiro tinha objetivos bastante específicos e o

[...] primeiro deles foi o de obter a livre navegação do rio Paraguai, de modo a garantir a comunicação marítimo-fluvial da província do Mato Grosso com o restante do Brasil. O segundo objetivo foi o de buscar estabelecer um tratado delimitando as fronteiras com o país guarani, de modo a ratificar pelo direito internacional a expansão territorial brasileira ocorrida desde o período colonial. Por último [...] procurar conter a influência argentina sobre o Paraguai, a partir da convicção de que Buenos Aires ambicionava ser o centro de um Estado que abrangesse o território do antigo vice-reino do Rio da Prata, incorporando o Paraguai (DORATIOTO, 2002, p. 471).

Assim, no centro do conflito estava o reconhecimento da região entre os rios Branco e o Apa: de um lado, o Paraguai não reconhecia o local como território brasileiro e, do outro, a monarquia no Brasil pleiteava o território.

Taunay ou Visconde de Taunay (1997) fez parte da força expedicionária e em seus registros buscou retratar a Guerra do Paraguai por meio do épico episódio da Retirada da Laguna, de modo a privilegiar e construir figuras heroicas e favorecer o discurso do ponto de vista daqueles que lutaram em defesa das terras mato-grossenses.

2.1 O desenvolvimento do sul de Mato Grosso após a Guerra do Paraguai

As disputas de grupos dominantes permearam a história de Mato Grosso após a Guerra do Paraguai desencadeando um grande processo de migração e

[...] sintetizando a organização social e econômica do território por meio de três grandes levas migratórias – advindas do Triângulo Mineiro, Rio Grande do Sul e Paraguai. Essas correntes somaram-se aos migrantes oriundos do norte do estado. Na região do pantanal, fixaram-se os criadores cuiabanos, portugueses e paraguaios; no planalto, estabeleceram-se, majoritariamente, os mineiros; e no extremo sul, os produtores gaúchos (MAESTRI, 2014, p. 65)

Com extenso território fronteiriço e uma crescente população, o período entre 1870 a 1920 favoreceu a constituição “da elite agrária de caráter regional [...], a formação dos

latifúndios pecuaristas e o início da entrada de capitais transnacionais na região. Nesse momento registra-se, de forma paralela, a valorização gradativa das terras no sul de Mato Grosso” (TRUBILIANO, 2014, p. 65).

A partir de 1920 a região se desenvolveu ainda mais e a dificuldade de integração às demais regiões brasileiras ficou “Marcada pela ampliação dos investimentos de capitais transnacionais e os impactos sociais, econômicos e culturais que vinham com a instalação da ferrovia Noroeste do Brasil” (TRUBILIANO, 2014, p. 65).

Os anos 30 no Brasil foram marcados pela disputa econômica: “[...] o desenvolvimento do capitalismo implicou o deslocamento do eixo da vida societária do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, ocorrendo, inclusive, um progressivo processo de urbanização do campo e industrialização da agricultura” (SAVIANI, 2013, p. 191). Esse processo que Saviani (2013) se refere está vinculado aos estados brasileiros com maior desenvolvimento o que, no entanto, não incluía o Mato Grosso.

Tanto não abarcava o Mato Grosso, que o estado foi alvo da Marcha para Oeste, política do então Presidente Getúlio Vargas em meados dos anos 30, que visava à integração econômica no interior do Brasil para povoação de regiões distintas ao litoral. Ao mesmo tempo, essa política integracionista buscava conectar os recursos humanos e econômicos, bem como construir escolas, hospitais, estradas, ferrovias e aeroportos a fim de fazer a Nação prosperar.

Para obtenção de bons resultados, a Marcha para Oeste contou com o envolvimento das Forças Nacionais sendo que as “[...] ações do Ministério da Guerra eram coerentes com a política nacionalista do presidente Getúlio Vargas” (SOUZA, 2012, p. 39).

A necessidade de escoar as produções agrícolas e assim favorecer o desenvolvimento da região central bem como o avanço das tropas fez-se fundamental para estruturar ainda no Estado Novo (1937 a 1945) “[...] novas unidades e novos serviços, construindo dezenas de quartéis, hospitais militares, vilas militares e vilas operárias, depósitos, fábricas, estabelecimentos dos serviços de remonta e veterinária, e estradas de ferro e de rodagem” (SOUZA, 2012, p. 39).

O estado do Mato Grosso, nesse sentido, ganhou uma visibilidade condizente com a sua região estratégica para expansão econômica do país. Sua rota para escoamento da produção agrônômica e pecuarista denotava a importância da região para a autossuficiência brasileira e também para a ampliação de seus recursos.

O Brasil, que já não era composto apenas pelas metrópoles, fez emergir em locais longínquos neste vasto território, outras cidades que, apesar de não serem populosamente estratégicas se tornaram essenciais aos planos econômicos do país.

2.2 Guia Lopes da Laguna: do Acampamento à Cidade

Antes mesmo das ações da Marcha para Oeste cujo início se deu em 1937, a Era Vargas já almejava o desenvolvimento no interior do Brasil. Assim, “[...] em 1933, o então 6º Batalhão de Engenharia se desloca para Nioaque” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 109) a fim de prosseguir com as investidas na construção da nova estrada interligando Aquidauana à Bela Vista.

Figura 2. Primeira ponte construída sobre o Rio Miranda pelo 6º Batalhão de Engenharia, entre 1934 e 1935.



Fonte: Acervo Histórico da CER-3 apud LIMA; MATTOS, 2018.

Considerando que a maior parte dos militares e de suas famílias “[...] permanecia destacada nos acampamentos, montados na beira das estradas ou apoiados em fazendas” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 114), eles se fixaram em 1937 na Fazenda Jardim do lado direito do Rio Miranda. Em 1939 receberam a denominação 4º Batalhão Rodoviário.

O IBGE/2017 relata que as terras da cidade de Guia Lopes da Laguna foram povoadas inicialmente por trabalhadores oriundos da construção da rodovia de Aquidauana a Porto Murtinho e a Bela Vista. No entanto, também cita que esses trabalhadores estariam a cargo da

CER-3¹³ (Comissão de Estradas de Rodagem), na época subordinada ao Ministério da Guerra, a 1ª Cia, do 4º Batalhão de Sapadores.

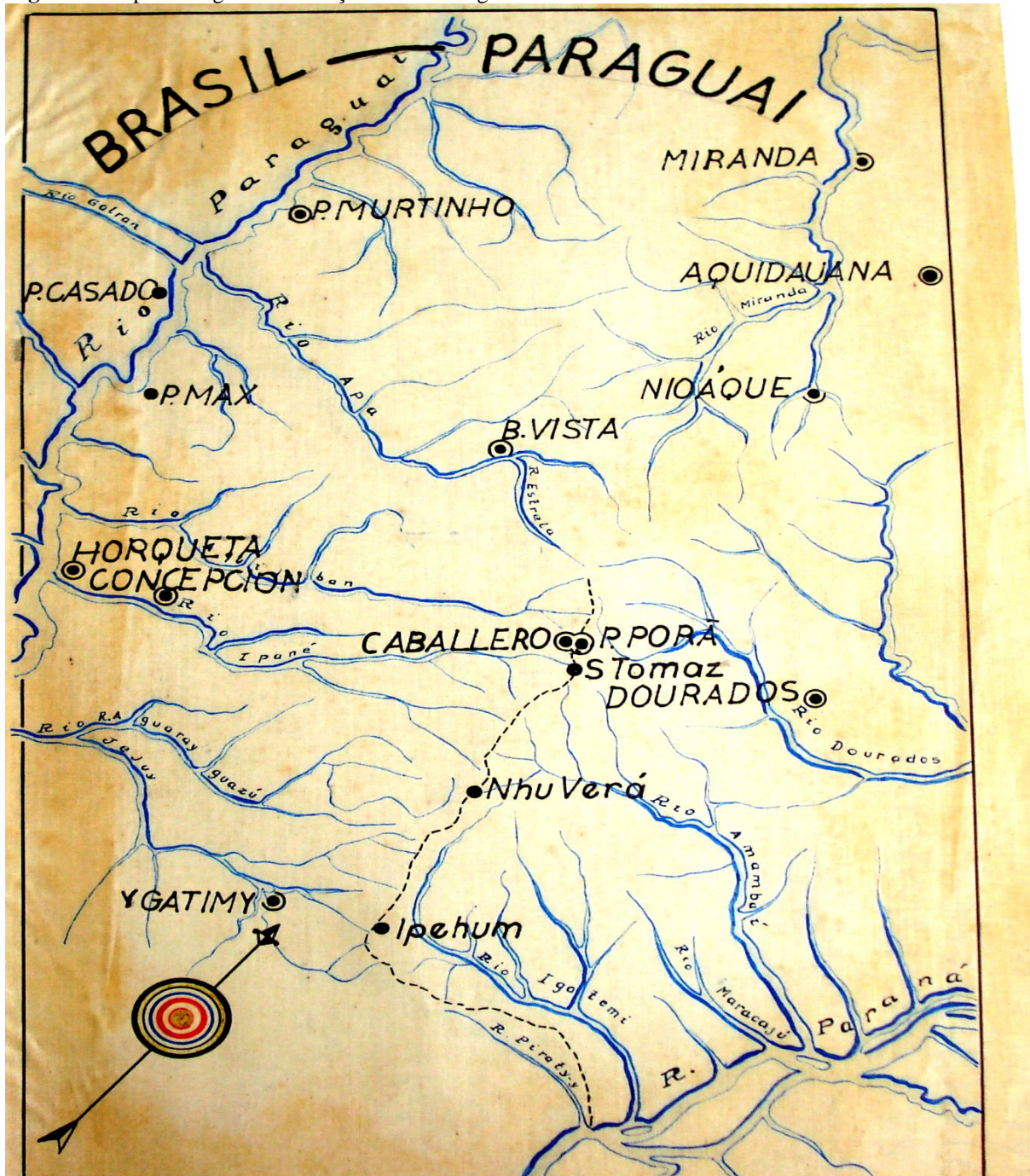
A fixação do 6º Batalhão de Engenharia à margem direita do rio Miranda favoreceu o aprazamento dos primeiros moradores do acampamento, bem como o crescimento da população e a sua localidade estratégica que se “[...] caracterizava [como] um lugar habitado, com quase nenhuma autonomia política, jurídica” (DALMOLIN, 2015). Dalmolin relata que

Por ocasião da construção e manutenção da rodovia ligando Aquidauana a Porto Murtinho e a Bela Vista, a cargo da CER-3, do Ministério da Guerra, acampou-se à margem direita do rio Miranda, em terras da Fazenda Jardim, em princípios de 1937, a 1ª Companhia do 4º Batalhão de Sapadores, sob o comando do então Capitão Teodorico de Farias. (DALMOLIN, 2018)

Apesar de Dalmolin (2018) referir-se à CER-3 no ano de 1937, nesse período este grupo ainda era nominado 6º batalhão.

¹³Dalmolin (2015), REVISTA EXECUTIVO FISCAL LTDA (1986) e alguns entrevistados se referem ao 6º Batalhão de Engenharia que se fixou na margem direita do rio Miranda como a Comissão de Estradas de Rodagem (CER-3), que oficialmente foi criada apenas em 1945, por meio do Decreto-lei nº 7.678 (LIMA; MATTOS, 2018, p. 110).

Figura 3. Mapa da Região Fronteiriça Brasil - Paraguai



Fonte: MATO GROSSO, 1942.

Essa falta de autonomia se justificava pelo fato de o local servir apenas como base para 6º Batalhão de Engenharia, citado pelo ex-diretor D2 (2018) e por Dalmolin (2015) como "trabalhadores da Comissão de Estradas de Rodagem (CER-3)".

Segundo entrevista de Bião Neto¹⁴ à Revista Executivo Fiscal Ltda¹⁵ (1986) no Acampamento nomeado Rio Miranda onde os militares viviam com suas famílias a primeira criança nasceu em 1938.

Eu servia ao Exército, nessa companhia, quando nasceu uma criança no acampamento. Foi a primeira, um motivo especial, portanto. [...] Então surgiu a necessidade de batizar a criança, porque não tínhamos igreja, padre; apenas três ranchos de taquara batida, cobertos com folhas de bacuri, uma palmeira nativa da região [...]. O Padre – continuou Bião Neto – só vinha até o povoado de Nioaque, distante 54 quilômetros daqui, de 30 em 30 dias, e isso quando não chovia. (REVISTA EXECUTIVO FISCAL Ltda, 1986, p. 6)

O então Capitão Teodorico de Farias apoiou a iniciativa para a criação do povoado e foi responsável em conseguir um topógrafo.

Com o topógrafo, o capitão foi fazendo contatos, juntou os fazendeiros da região. Entre eles estava na época, o único filho vivo do histórico Guia Lopes da Laguna, que aliás tinha o nome do pai (...) José Francisco Lopes, então, doou 30 hectares. Outros fazendeiros deram vacas, ajudaram a arrecadar dinheiro para fazer a igreja, e assim por diante” (REVISTA EXECUTIVO FISCAL Ltda, 1986, p. 6)

As terras doadas por José Francisco Lopes faziam parte da Fazenda Jardim e eram utilizadas pelo Acampamento da 1ª Cia do 4º Batalhão de Sapadores. No entanto, Dalmolin (2015) ressalta que, segundo documento de escritura de doação realizada por José Francisco Lopes (filho do guia Lopes¹⁶), foram 20 hectares inclusos na doação. Essa doação se tornou o local para construção do novo Patrimônio, “[...] termo que se empregava para a fundação de um povoado, vila, cidade” (DALMOLIN, 2018).

¹⁴ Bião Neto nasceu em Guaranhuns, Pernambuco. Serviu o exército no IV Batalhão de Sapadores em Aquidauana e em 1935 foi transferido para a 1ª Companhia do Batalhão de Sapadores, sediada no então chamado Acampamento Rio Miranda, hoje Guia Lopes da Laguna (REVISTA EXECUTIVO FISCAL Ltda, 1986). Ele escreveu um diário relatando parte de suas memórias sobre o desenvolvimento do povoado e seus habitantes. Esse diário encontra-se desaparecido segundo a ex-aluna entrevistada que possui parentesco com Bião Neto.

¹⁵ Considerando que essa não é uma revista acadêmica foi utilizada apenas a entrevista com Bião Neto, que recebeu o mesmo tratamento que as fontes orais. A reportagem na íntegra consta nos anexos.

¹⁶ José Francisco Lopes, o guia Lopes, “[...] velho pioneiro explorador da região” (TAUNAY, 1997, p. 56), serviu de guia de expedição às tropas durante a Guerra do Paraguai no Sul do Mato Grosso, especialmente no episódio da Retirada da Laguna.

Figura 4. Escritório do Acampamento da 1ª Companhia do 4º Batalhão de Sapadores, 1938



Fonte: Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/guia-lobes-da-laguna-80-anos-da.html>>

O ex-diretor entrevistado D2 chegou à região em 1938 com sete anos de idade e, conforme relata, a localidade

[...] a princípio chamavam de Rio Miranda por causa da ponte do rio Miranda. Como já havia a cidade de Miranda, havia muita confusão de correspondência, tinha carga que era destinada a Rio Miranda (aqui) e a Miranda (lá¹⁷). Aí puseram o nome de Guia Lopes [...]. Esse José Lopes doou 30 hectares para a formação da cidade aqui, doou para os militares. (D2, 2018)

Em 1938 um grande movimento ocorreu contribuindo para a identidade e consolidação do Povoado de Guia Lopes. Em 12 de fevereiro, segundo Dalmolin¹⁸ (2018) houve o denominado Ato Oficial com a presença do filho e homônimo do guia Lopes, Sr. José Francisco Lopes para registrar oficialmente a fundação do Patrimônio Guia Lopes (como a localidade fora chamado naquele momento) em terras nas quais anteriormente pertenciam ao mesmo.

¹⁷ O entrevistado se referiu à cidade de Miranda.

¹⁸ Serão citadas informações e utilizadas imagens do *site* de Dalmolin, disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com>>. Como se trata de *site* memorialístico, não há documentos oficiais para efetiva comprovação de muitas das afirmações ali inseridas.

Segundo D2 (2018), ao doar 30 hectares de terras para a criação do povoado, José Francisco Lopes incentivou ainda mais a escolha do nome do local que viria se tornar a cidade de Guia Lopes da Laguna.

Figura 5. Reunião para a Fundação do Patrimônio Guia Lopes - 12 de fevereiro de 1938



Fonte: Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/guia-lobes-da-laguna-80-anos-da.html>>

Em 19 de março de 1938, houve a solenidade Militar, Religiosa e Civil que veio coroar a fundação do povoado. Neste momento também houve a criação de uma escola. A localidade recebeu muitos visitantes, houve a primeira missa religiosa, a presença de autoridades advindas de Nioaque, a participação do único oficial que se encontrava no acampamento, o Tenente Afonso Meneses Dipp, bem como um almoço comemorativo. (DALMOLIN, 2018)

Figura 6. Primeira Missa do Povoado de Guia Lopes – 19 de março de 1938



Fonte: Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/guia-lobes-da-laguna-80-anos-da.html>>

Figura 7. Churrasco comemorativo à fundação do Povoado de Guia Lopes – 19 de março de 1938



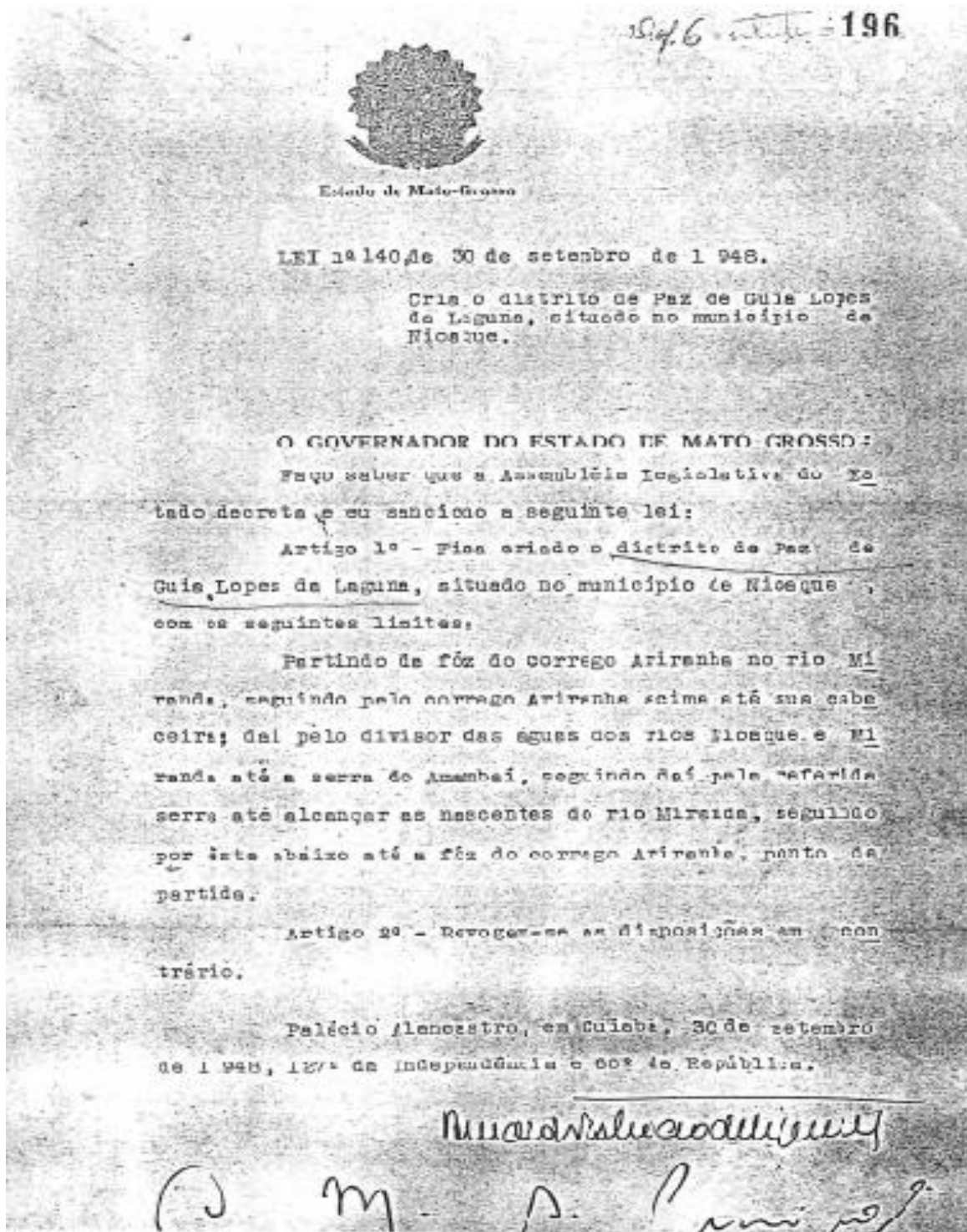
Fonte: Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/guia-lobes-da-laguna-80-anos-da.html>>

Segundo o IBGE (2018), o distrito de Guia Lopes foi criado por Decreto-lei federal nº 9055, de 12 de março de 1946, mas foi mantida a sua subordinação à cidade de Nioaque. No entanto, o nome causou novamente dificuldades de identificação do lugar, pois havia em Minas Gerais uma cidade homônima e também uma Estação de Estrada Ferroviária Guia Lopes, nas proximidades de Aquidauana.

Começaram a chamar aqui de Guia Lopes, porém tinha uma estação de estrada de ferro de Aquidauana a Corumbá ou a Miranda que chamava-se Guia Lopes também. Então as cargas e correspondências extraviavam novamente. Posteriormente adotaram o nome de Guia Lopes da Laguna para caracterizar a retirada da Laguna descrita por Taunay. Acontece que tem outro guia Lopes lá em Minas Gerais de onde veio o nosso José Francisco Lopes, o guia Lopes. Então Guia Lopes foi bastante disputada, conturbada e confusa naquela época [...] Até que o nome em definitivo foi Guia Lopes da Laguna, daí parou de extraviar correspondência. (D2, 2018)

O fato de a cidade ser uma localidade cuja história está vinculada ao episódio da Retirada da Laguna, que se trata de “[...] uma história épica forjada pelo cotidiano de pessoas comuns e simples, de fundamental importância para a configuração geográfica da fronteira sul de Mato Grosso” (ALMEIDA, 2010, p.13), em 1948 foi estabelecido o Distrito de Paz de Guia Lopes da Laguna situado no município de Nioaque, a partir da lei nº 149, de 30 de setembro.

Figura 8. Lei nº 140 de 30/09/1948 - Criação do Distrito de Paz de Guia Lopes da Laguna

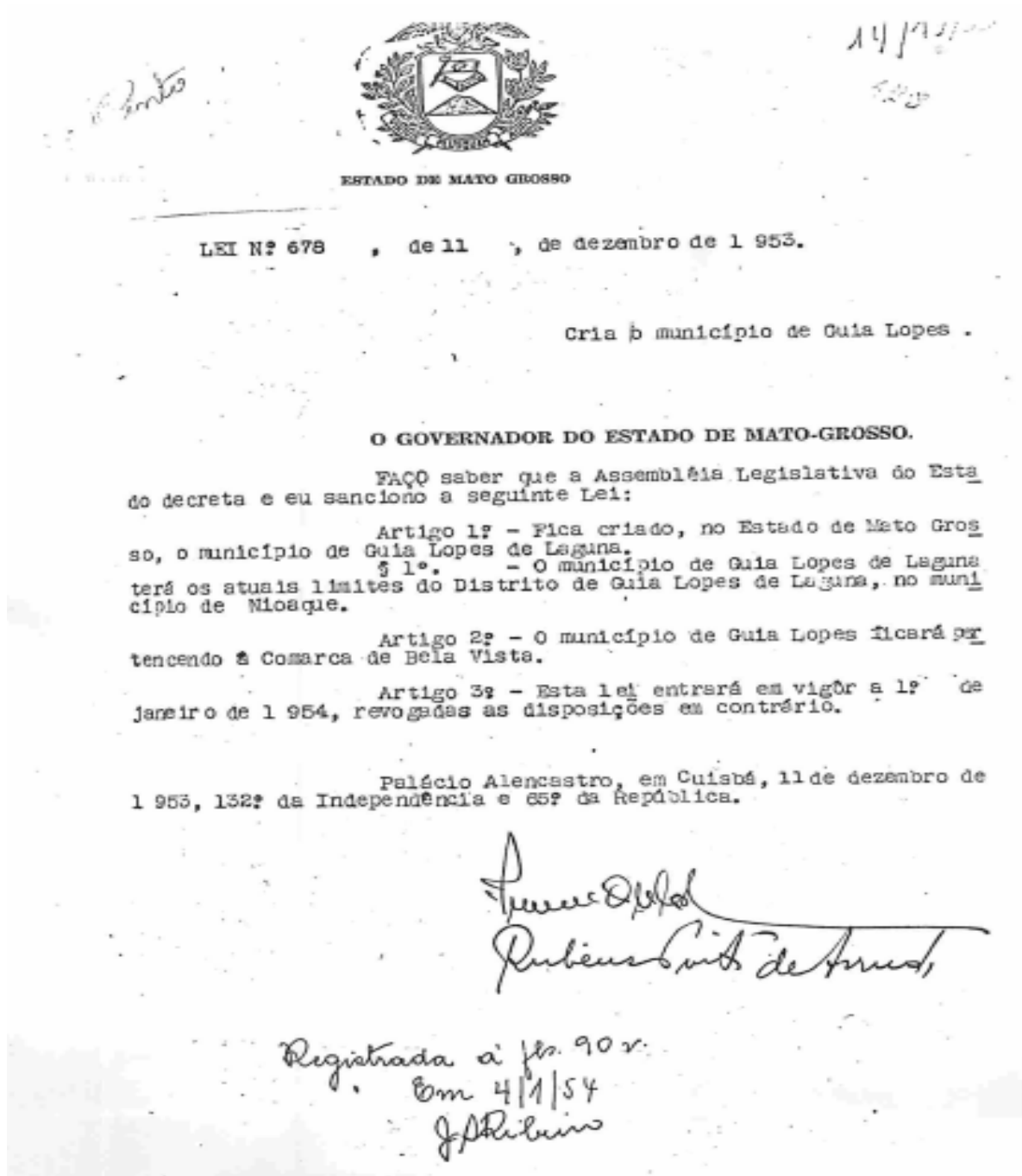


Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso

Por meio da Lei Estadual nº 678, de 11 de dezembro de 1953 (MATO GROSSO, 1953) torna-se efetivamente município emancipando-se de Nioaque e tem em seu nome Guia Lopes da Laguna, como uma “[...] homenagem a um sertanista, desbravador, fazendeiro,

soldado e finalmente um expedicionário de Mato Grosso [...] dos idos tempos da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai – Guerra do Paraguai, 1864 – 1870” (DALMOLIN, 2015) o então guia Lopes.

Figura 9. Lei Estadual nº 678 – Criação do Município de Guia Lopes da Laguna

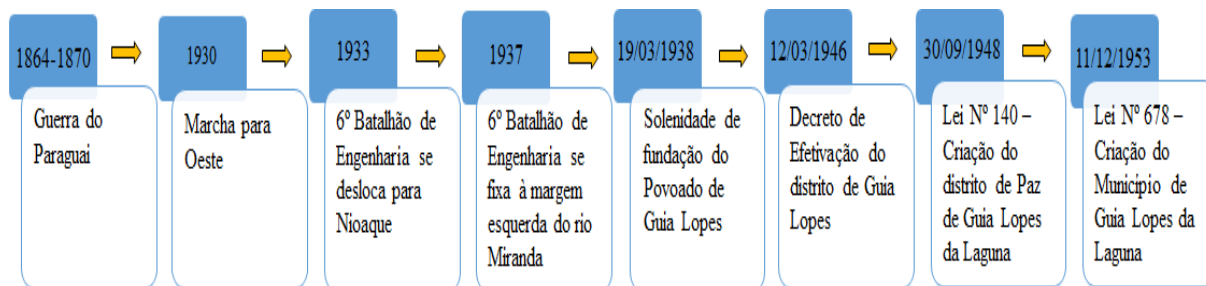


Fonte: Arquivo Público do Mato Grosso

De acordo com o histórico descrito, é possível compreender o processo histórico desde a instalação do Acampamento vinculado ao 6º Batalhão à margem direita do rio Miranda até a localidade ser efetivada como cidade em 1953.

Na sequência, apresenta-se linha do tempo contendo o processo descrito anteriormente.

Figura 10. Linha do Tempo - Da Guerra do Paraguai à criação do Município de Guia Lopes da Laguna



Fonte: Autoria própria.

Apesar de a cidade em si ter 1953 como ano de criação, os munícipes e autoridades locais comemoram a data de 19 de março de 1938 como o aniversário da cidade, pois 19 de março de 1938 foi um marco devido ao início do Povoado de Guia Lopes. Dessa forma, no ano de 2018 a cidade teve um grande evento cívico para comemorar 80 de existência.

3. ESCOLA VISCONDE DE TAUNAY: A PRIMEIRA ESCOLA DE ENSINO PRIMÁRIO EM GUIA LOPES DA LAGUNA

A organização de uma escola primária no Patrimônio de Guia Lopes vinha ao encontro das necessidades da população local que, em crescente expansão, prezava por oportunizar estudo àqueles que se organizavam no novo povoado e ao seu redor. Essa educação deveria, no entanto, seguir a estrutura organizacional da escolarização brasileira.

3.1 O Ensino Primário: das leis nacionais à realidade educativa no Povoado de Guia Lopes

O contexto educacional dos anos 30 é permeado por divergências: “[...] de um lado, as forças do movimento renovador impulsionado pelos ventos modernizantes do processo de industrialização e urbanização; de outro lado, a Igreja Católica procurou recuperar terreno organizando suas fileiras para travar a batalha pedagógica.” (SAVIANI, 2013, p. 193).

Segundo Ghiraldelli Jr. (2001), o governo assumiu uma posição de neutralidade justificando “querer aproveitar a contribuição de ambos os grupos” (p. 40), mas incutiu sua própria política educacional.

As lutas influenciaram o processo da organização legislativa educacional brasileira, que determinava como competência da União a partir da Constituição de 1934:

a) fixar o plano nacional de educação, comprehensivo do ensino de todos os graus e ramos, communs e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do paiz; b) determinar as condições de reconhecimento official dos estabelecimentos de ensino secundario e complementar deste e dos institutos de ensino superior, exercendo sobre elles a necessaria fiscalização; c) organizar e manter, nos Territorios, systemas educativos apropriados aos mesmos; d) manter no Districto Federal ensino secundario e complementar deste, superior e universitario; e) exercer acção supletiva, onde se faça necessaria, por deficiencia de iniciativa ou de recursos e estimular a obra educativa em todo o paiz, por meio de estudos, inqueritos, demonstrações e subvenções. (BRASIL, 1934)

Em 1937, a implantação do Estado Novo permitiu que o Estado participasse mais ativamente de assuntos econômicos cujos “objetivos de bem-estar social e nacionalismo econômico, muito debatidos no começo daquela década, iriam ser agora perseguidos sob a tutela autoritária” (ROMANELLI, 1997, p.51).

A ditadura de Vargas com vista ao nacionalismo econômico influenciado pelo processo de industrialização fez uso de seu caráter centralizador para confeccionar Leis Orgânicas de Ensino que levaram

[...] o governo a cumprir o espírito da Constituição de 37 [...] ao oficializarem o dualismo educacional. [...]. Era, nas letras da Reforma de Capanema, a organização de um sistema de ensino bifurcado, com um ensino secundário público destinado às “elites condutoras” e um ensino profissionalizante para as classes populares (GHIRALDELLI, 2001, p. 84, grifos do autor).

Essas também são as observações e as análises realizadas por Petitat sobre a França do século XIX

O ensino primário público apresenta-se basicamente como instrução moralizadora para o povo, e o ensino secundário e superior como uma formação para a elite. [...] A articulação escolar pública entre culturas e grupos sociais torna-se dualista, tanto nos fatos reais, quanto no espírito dos principais protagonistas das reformas (PETITAT, 1994, p. 147).

Com a instituição das Leis Orgânicas do Ensino no Brasil em 1942, esse dualismo foi implementado pelo Estado Novo por meio de um sistema educacional que organizaria a educação no país não se desvinculando da reprodução de classes (GHIRALDELLI, 2001).

O Ensino Primário era subdividido entre ensino fundamental e complementar, e com este buscava selecionar as classes mais favorecidas para a continuidade de estudos; como afirma Romanelli (1997, p. 56), considerando “[...] que eram os padrões de educação da elite que interessavam às camadas emergentes, o crescimento da demanda social de educação determinou a expansão de uma escola que continuou a estruturar-se segundo moldes antigos”.

Essa estrutura favorecia a manutenção das elites, porque o sistema educacional tem influência do contexto econômico em que está inserido “[...]o grau de modernização econômica ao nível desses padrões e não a um nível compatível com as possibilidades da sociedade brasileira, como um todo” (ROMANELLI, 1997, p. 56) fazendo com que o dualismo educacional fosse implantado para agradar a burguesia industrial e para satisfazer a necessidade de mão-de-obra especializada para atuar nas crescentes indústrias nas grandes cidades.

Assim, as grandes cidades continuavam a manter duelando os anseios econômicos sociais das diferentes classes, sendo promovidas poucas alterações na estrutura hierárquica brasileira, ou seja, o “sistema público continuou, então, a oferecer determinado percurso para os alunos provenientes das classes mais abastadas e outro percurso diferente para as crianças de classes populares que, porventura, conseguissem chegar e permanecer na escola” (GHIRALDELLI, 2001, p.84).

Conforme Lourenço Filho afirma na introdução do Regulamento da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso de 1942, no início dos anos 30 houve um aumento significativo na quantidade de matrículas de alunos no Ensino Primário no Mato Grosso, no entanto, esses números não podiam ser comparados ao “[...] sensível desenvolvimento das normas de

administração e orientação pedagógica. [...] O Ensino Primário obedece ainda um regulamento datado de 1927” (MATO GROSSO, 1942, p. 3), o que mantinha a estrutura no estado de Mato Grosso baseada nas Escolas Isoladas Rurais e nas Escolas Urbanas (isoladas ou agrupadas) e ensino noturno a alunos com mais de 12 anos.

A expansão do ensino era um dos objetivos da Marcha para o Oeste e fazendo parte deste contexto, o Patrimônio de Guia Lopes contribuía para a expansão educacional no Sul do Mato Grosso. Mesmo acontecendo lentamente, tal expansão já denotava uma realidade onde parte da população não tinha acesso à escolarização. A educação e sua gestão nas localidades mais longínquas demoraram a se organizar condizentemente com as propostas dos grandes centros.

3.2 O Povoado de Guia Lopes dá início à sua primeira escola de Ensino Primário

Em 1938, o último filho vivo do Guia Lopes, utilizando-se das comemorações e solenidades que envolveram a comunidade para o início do Povoado de Guia Lopes vinculado à época ao município de Nioaque aproveitou os ensejos para enviar uma solicitação ao então Presidente da República Getúlio Vargas para a criação da primeira escola na localidade por meio do telegrama abaixo:

Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, DD. Presidente da República, Palácio do Catete, Rio. Qualidade ultimo filho sobrevivente velho sertanejo Guia Lopes, grata satisfação comunicar vossência, doze fevereiro, histórica Fazenda Jardim, minha propriedade, realizou-se grande reunião, fazendeiros, pessoas gradas, exmas. Famílias, municípios Bela Vista, Bonito e Nioaque, fim fundação Patrimônio Guia Lopes homenagem memória saudoso pai, tombou mesmo local, defesa integridade Pátria. Gesto nobre, patriótico, sob auspícios, briosos oficialidade, dignos sargentos 1º Cia. 4.ª B.S. há muito acantonado estas paragens, obteve grandes aplausos população por vir plantar rica vastíssima zona, exemplo verdadeiro civismo e sentimento patriotismo gerações vindouras. [...] **Pedindo Vênia vossência solicito nome povo patrimônio apelando sentimento patriotismo eminente chefe, possível fundação pequena escola federal, prática agricultura e pecuária, ramo nosso grandioso Estado, qual trará imenso resultado benéfico região onde tudo é feito sistema rotineiro.** Sede Patrimônio, localizada belíssima campanha, sob ponte rio Miranda, margem rodovia construída glorioso 4.º B.S. pouca distância campo Santo onde repousam restos mortais heróis Retirada da Laguna a poucos passos tapera onde viveu inesquecível Guia Lopes. Certo Vossências atendendo apelo prestando essa homenagem, velho sertanejo, imenso prazer dizer-vos que com 76 anos último filho sobrevivente Guia Lopes, morrerá satisfeito benefício mocidade vindoura, abençoado nome nosso Interventor Federal e Ilustre Presidente. Respeitosas Saudações. José Francisco Lopes. (DALMOLIN, 2015, grifo do autor)

Este, portanto, é o registro que pauta o início da primeira Instituição Escolar no Povoado de Guia Lopes, nomeada como Escola Visconde de Taunay¹⁹, que, segundo Dalmolin (2015), em 21 de março de 1938 oferecia ensino primário no período diurno aos quarenta e cinco alunos matriculados.

A escola foi idealizada como uma forma de contribuir para que o povoado conseguisse se estabelecer, e se tornou uma referência na região já que, para a época (final dos anos 30) a escolarização era muito valorizada e as poucas escolas existentes não conseguiam acolher toda a demanda de vagas.

Primeiramente acolheu os filhos dos fazendeiros e população local. Mas não só isso, ao estruturar-se ao lado da Igreja São José a mesma contribuiu para o desenvolvimento da cidade.

Dentre os quarenta e cinco alunos matriculados, de ambos os sexos, o ex-diretor D2 relata que também havia matriculado filhos de oficiais do exército que serviam o 6º Batalhão de engenharia, filhos dos fazendeiros e, também, crianças oriundas da região cuja ambição de seus pais era que tivessem oportunidade de aprender as primeiras letras.

Considerando o Quadro Estatístico das Escolas Isoladas de 1927 (MATO GROSSO, 1927) em Nioaque, cujo Povoado de Guia Lopes pertencia, apresentava 95 alunos divididos em três escolas. O início da Escola Visconde de Taunay com quarenta e cinco (45) alunos em comparação aos números anteriores retrata dados bastante significativos haja vista que abarcava alunos de uma localidade em busca de emergir e se estabelecer enquanto município.

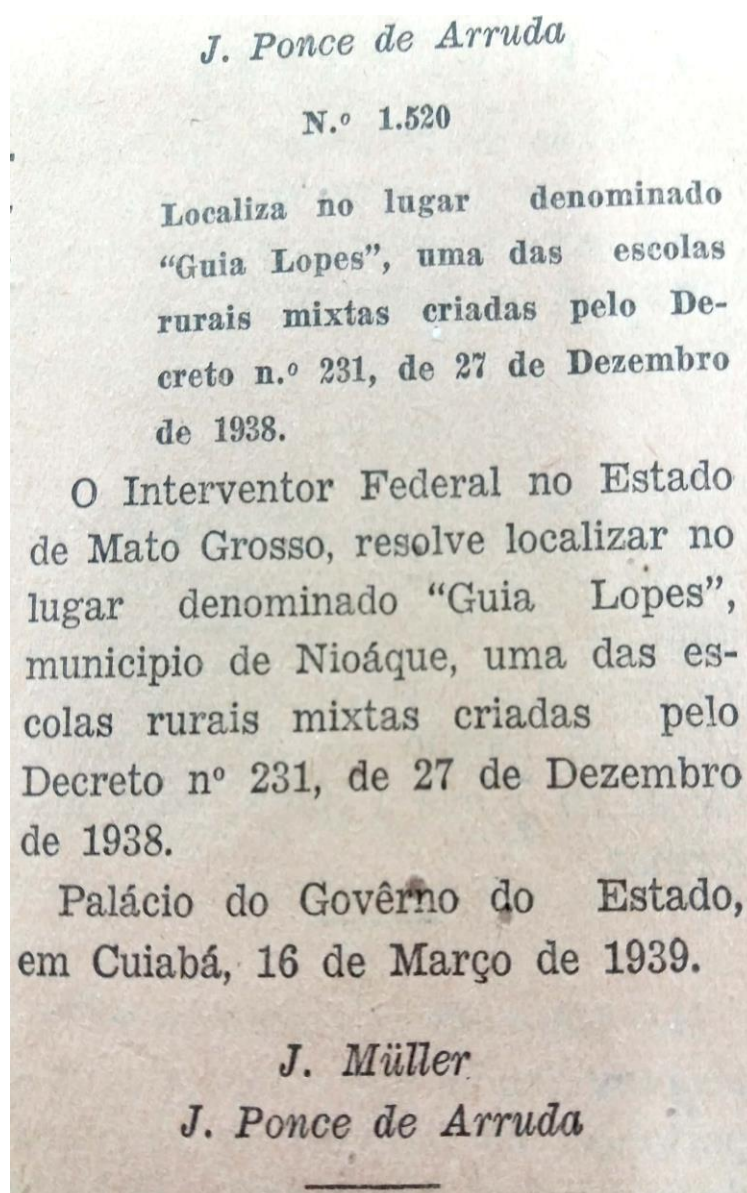
A escola vinculada ao Patrimônio Guia Lopes foi nomeada pelos locais, segundo ex-diretora entrevistada (D1), como Escolas Reunidas Visconde de Taunay, no entanto, foi identificada nos documentos do Arquivo Público de Mato Grosso como Escola Rural Mixta da Povoação de Guia Lopes (MATO GROSSO, 1939).

Segundo o Diário Oficial de Mato Grosso nº 7991, de 17 de março de 1939, o Decreto de criação da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes nº 231 é de 27 de dezembro de 1938.

No entanto, por pertencer ao município de Nioaque, e constituir-se parte das Escolas Reunidas de Nioaque, o Interventor Federal de MT publica em Diário Oficial desse estado em 17 de março de 1939 a localização da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes (MATO GROSSO, 1939).

¹⁹A escola teria recebido este nome em “Homenagem ao Oficial do Exército Brasileiro, escritor, político, nobre, músico, professor, engenheiro militar, historiador e sociólogo brasileiro que participou no conflito da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai, nas campanhas pelo sul de Mato Grosso 1866-1867” (DALMOLIN, 2018).

Figura 11. Diário Oficial MT nº 7991 de 17 de março de 1939²⁰ – Localiza no Povoado de Guia Lopes uma Escola Rural Mixta criada por decreto nº 231 de 27 de dezembro de 1938.



Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

Por meio do Ofício nº 21, de 21 de setembro de 1939, ao Diretor Geral de Instrução Pública, Sr. Francisco Ferreira Mendes, a diretoria das Escolas Reunidas de Nioaque²¹ aponta para a quantidade insuficiente de vagas denotando que o sistema vigente não comportava a demanda atual e crescente da região e um quarto dos alunos deixava de ser atendido nas Instituições Escolares de Nioaque.

²⁰O documento encontra-se em anexo.

²¹A escola do Povoado de Guia Lopes por encontrar-se sob a jurisdição de Nioaque estava vinculada às Escola Reunidas de Guia Lopes.

Figura 12. Trecho do Ofício 21 endereçado ao Diretor Geral de Instrução Pública

Ofício
n.º 51

Directoria das Escolas Reunidas
Rioque, 21 de Setembro de 1909.

Il.º Sr. Francisco Ferreira Mendes
D. Director Geral da Instrução Pública

Cumpra-me informar a V. Ex.ª que o livro de registo geral, destinado a estas Escolas Reunidas, que o recebi ultimamente, na parte - "matricula geral do ano letivo", comporta apenas 150 nomes, porisso que a 2.ª parte é destinada aos pais desses alunos ou aos seus responsaveis. Sendo o numero total da matricula este ano 208, a matricula actual de 141 e a frequencia media de 168 mais ou menos, como proceder sobre a exentuação do referido livro, se é elle, nessa parte, deficiente?

Como fazer a matricula de menos de $\frac{2}{4}$ dos alunos, deixando de matricular mais de 4?

Creio que não obstante haver ficado mais de uma vez solicitando livros para a exentuação destas Escolas, quando apenas tinha o livro de matricula geral antigo, um de actas de exame e um que conseguí aqui para termos de compromisso, até agora não os recebi.

Como corresponder plenamente aos justos reclamos feitos hoje, senão deste mês em diante (Setembro), se antes as Professoras faziam chamada em folhas de papel, havendo sido várias dessas folhas extraviadas?

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

Nesse ofício denuncia-se a falta de vagas e a dificuldade em conseguir insumos para a manutenção das escolas e documentação das mesmas, referindo-se às necessidades relacionadas às solicitações anteriores que não haviam sido atendidas com relação à aquisição de livros para a escrituração dessas escolas bem como a falta de materiais para o trabalho pedagógico. Além disso, a distância da Capital do estado (Cuiabá) e a falta de atendimento às solicitações realizadas prejudicavam o atendimento aos alunos já matriculados.

Além disso, tal atendimento também apresentava precariedade tanto com relação aos materiais para professores e alunos, quanto pela improvisação de mobiliário. A falta de estrutura física era fato recorrente nas diferentes Instituições Escolares no Mato Grosso, denotando os padrões rústicos com que os ambientes escolares da época estavam organizados e a dificuldade em melhorar a qualidade do ensino.

Uma destas Escolas Rurais Mistas a qual o documento retrata é a do Povoado de Guia Lopes²² que fora construída com taquaruçu rachado e batido e, coberta de folhas de bacuri demonstrando os meios precários, mas que garantiram a possibilidade de abertura da mesma.

Figura 13. Primeira Escola do Povoado de Guia Lopes



Fonte: http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2015/03/como-nasceu-primeira-escola-em-guia_31.html

²² Nomeada pelo entrevistado D2 e por Dalmolin (2018) por Escola Visconde de Taunay.

Segundo os entrevistados, houve avanço do comércio, um maior crescimento populacional e consecutivamente do número de alunos. Em meio à necessidade de atender a ampliação do número de vagas, havia também a necessidade de formar professores, os normalistas como eram chamados.

Segundo Garcia e Slavez (2017, p. 10) poucas eram as escolas com essa incumbência e “[...] até 1930, havia apenas três Escolas Normais, uma na capital Cuiabá e duas na cidade de Campo Grande, responsáveis por formar professores para trabalharem nas escolas primárias”, indicando que não era suficiente “[...] apenas o governo expandir escolas em todo o estado, mas carecia também oferecer um ensino eficiente nessas escolas, a propósito, era necessário investir na formação de professores” (GARCIA; SLAVEZ, 2017, p. 13). Evidencia-se que o problema não seria somente a estrutura física das escolas, mas também não havia professores suficientes principalmente em localidades remotas como Nioaque.

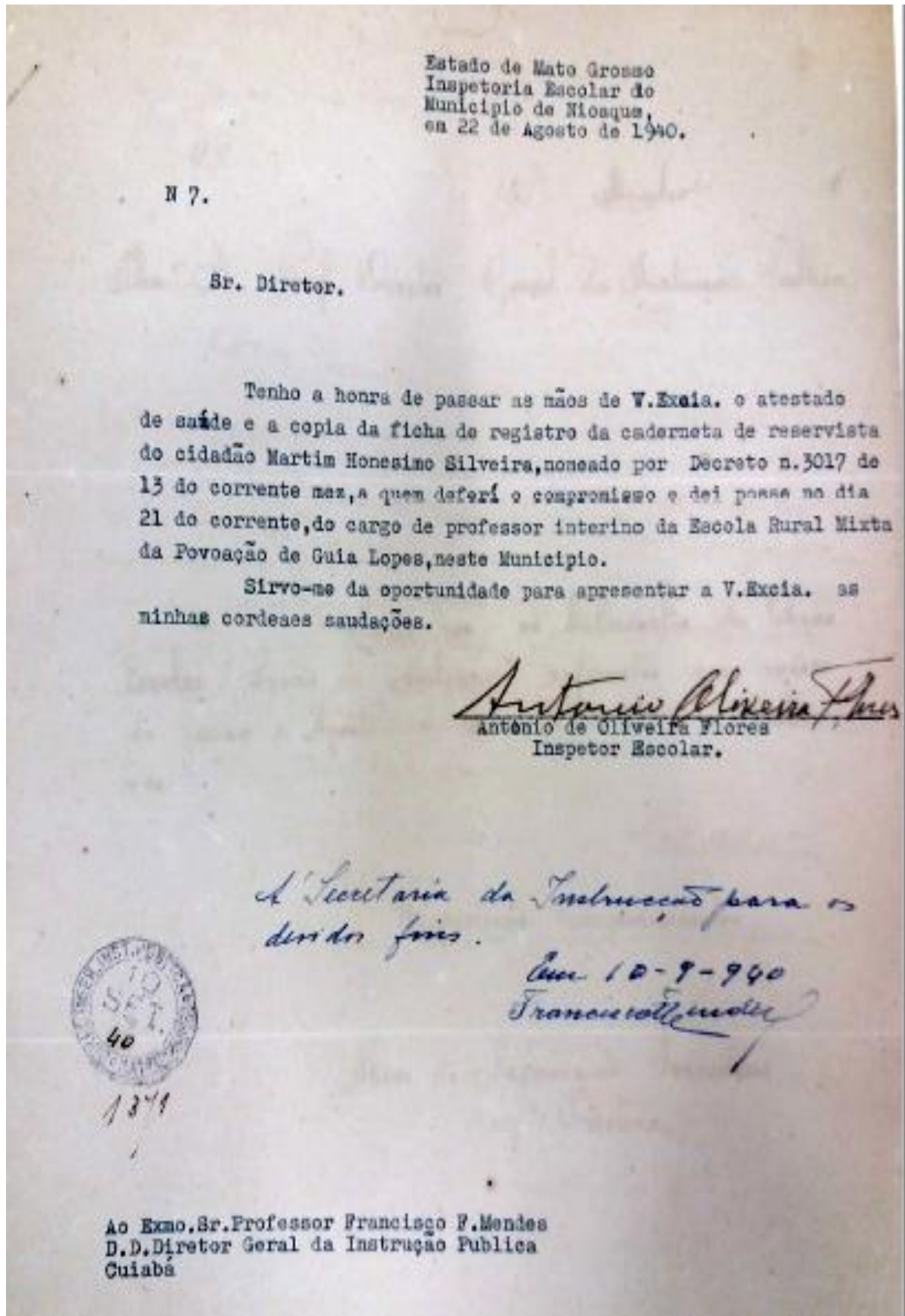
De acordo com essas dificuldades, o resultado era um ensino “[...] ofertado nas escolas rurais, espalhadas pelo interior, onde a falta de instalações apropriadas, a deficiência de material escolar, a impossibilidade de encontrar professores diplomados para atuar nelas e a ausência quase absoluta de fiscalização” (GARCIA; SLAVEZ, 2017, p.11) resultavam em uma precariedade educacional.

Devido à escassez de professores normalistas para atendimento na região sul de Mato Grosso, muitas escolas tinham os considerados professores leigos ou possuíam outras profissões e formações de base. Era comum que profissionais como médicos ou oficiais do exército assumissem a função de professores em localidades as quais se instalavam, no entanto, deveriam ter uma reputação ilibada e alto respeito da comunidade.

O primeiro professor a ter seu nome vinculado à Escola Mista Visconde de Taunay foi, segundo Dalmolin (2018), Paulo Nunes Nogueira o qual participou do ato solene de fundação do Patrimônio de Guia Lopes e fora indicado pelos presentes como um cidadão apto a ser o professor da escola. Em 1940, o professor Paulo Nunes Nogueira mudou-se para Jardim permanecendo vinculado somente à Comissão de Estradas e Rodagem CER-3.

O Sr. Martin Honésimo da Fonseca, nomeado como professor por meio do Ato nº 1646, de 5 de abril de 1939 e novamente pelo Decreto nº 3017 em 13 de agosto de 1940 como professor da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes, a então Escola Mista Visconde de Taunay (segundo os entrevistados D1 e D2), deu continuidade ao trabalho que estava sendo realizado.

Figura 14. Ofício ao Diretor Geral sobre a nomeação do profº Martin Honésimo Silveira



O Sr. Martin Honésimo da Fonseca, proveniente de Bonito era conhecido, segundo o ex-diretor D2 como Professor Nelsinho e também por ser uma pessoa idealista. Além disso, Dalmolin (2015) relata que o professor lecionava para sala mista e multisseriada, onde os alunos de idades diferenciadas eram atendidos com empenho e dedicação pelo professor nomeado.

Apesar da falta de recursos do Patrimônio de Guia Lopes, Dalmolin (2018) retrata que enfrentava as dificuldades e buscava envolver a comunidade para angariar fundos por meio de festas cívicas e recebia donativos dos fazendeiros e das famílias mais abastadas da região. Houve, segundo a ex-aluna entrevistada A3, quem doasse cabeça de gado para realização de Festas Juninas.

Nessas ocasiões, segundo Dalmolin (2018), os alunos se apresentavam cantando hinos pátrios impressionando aos que os assistiam.

Nelsinho promovia bonitas e animadas festas cívicas em grandes datas nacionais, merecendo por tudo, os melhores encômios pela força correta que apresentava a Escola Visconde de Taunay nessas datas festivas. Impressionava sobremaneira a todos, o entusiasmo vivo das crianças dessa pequena escola, a cantarem com perfeição, com calor, os hinos pátrios (DALMOLIN, 2018).

Figura 15. Foto durante evento realizado na frente da Igreja de São José e da Escola Mista do Povoado de Guia Lopes em 1939 (sentados ao centro José Francisco Lopes, o filho do Guia Lopes seguido do Professor Martin Honésimo da Silveira e Padre Paulo Butle).



Fonte: http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2015/03/como-nasceu-primeira-escola-em-guia_31.html

Segundo Dalmolin (2015), esses momentos favoreciam os donativos e logo o velho “galpão-de-palha” deu espaço para a construção de um edifício de alvenaria, o qual não conseguiu finalizar, devido a sua morte prematura, em janeiro de 1941.

Figura 16. Edifício cuja construção foi iniciada pelo professor Martim Honésimo da Fonseca, que abrigou a Escola Visconde de Taunay



Fonte: Arquivo da Família Vargas

Após a morte do professor Martim Honésimo, segundo consta no Livro de Registros dos Professores da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes²³, a Professora Srta. Milca de Souza Santos, normalista formada em Campo Grande no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora foi nomeada no início de julho de 1941 por meio do Decreto nº 3831, e assumiu a responsabilidade de dar sequência ao trabalho que estava sendo realizado.

O ex-diretor entrevistado D2, foi aluno da Escola Mista do Povoado de Guia Lopes e a Professora Srta. Milca de Souza Santos fez parte de seu processo de alfabetização. O entrevistado relata que a escola era dividida em duas séries, o primeiro e segundo ano, no mesmo espaço físico, com crianças de diferentes idades.

²³Em anexo.

O primeiro ano havia a subdivisão em A, B e C, que determinava o grau de adiantamento da turma; após quatro anos de estudos, a turma encerrava o 2º ano. Essa subdivisão do Ensino Primário era uma prática realizada na época e pode ser constatada também por documentos de escolas do Mato Grosso no final dos anos 30.

Essa moça veio parar aqui na casa de uns parentes e assumiu a Escola Rural Mista. Essa escola tinha duas séries, 1º ano e 2º ano. O 1º ano subdividido em A, B e C. Terminava dando os quatro anos do primário e o 2º ano era colação de grau. O 1º ano C era adiantado, bem puxado. Só depois vinha o 2º ano [...] A sala de aula era única, então o professor quando começava lecionar o primeiro ano, a turma do segundo ano ficava fazendo tarefas, lendo livro, quietinha lá separados. A turma A, B e C ficavam meio juntas. Se respeitava muito os professores naquele tempo. “Esse lado que fica agora comporte-se, a aula é para esse” dizia ela. Enquanto isso no quadro negro ela passava a matéria para o 1º ano e o 2º ano ficava quietinho, já lá estudando (D2, 2018).

Essa organização dos anos escolares e turmas era uma prática comum na época, pois é possível encontrar documentos²⁴ de outras escolas que utilizavam a mesma organização descrita pelo entrevistado.

3.3 A organização do Ensino Primário no Mato Grosso e as Escolas Reunidas Visconde de Taunay a partir da década de 40

Segundo o Relatório de 1942, a educação primária poderia “[...] ser a única dispensada à maioria das crianças de Mato Grosso, como aliás, de grande parte de outras regiões do país” (ESTADO DE MATO GROSSO, 1942, p. 4), todavia, o número de instituições escolares ainda era insuficiente à demanda social.

O Relatório do Diretor Geral Prof. Francisco A. Ferreira Mendes sobre a Instrução Pública do Estado de Mato Grosso de 1942, relata que nas pequenas cidades e vilas do interior de Mato Grosso, o ensino primário tinha como maior dificuldade “A falta de formação profissional dos membros do magistério e a falta de intercâmbio de ideias entre os professores dos diversos estados brasileiros” (MATO GROSSO, 1942, p.4).

O Ministério da Educação e Saúde por meio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos no Documento intitulado Organização do Ensino Primário e Normal do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos de 1942 (BRASIL, 1942a) define que

O curso especializado, para professor primário, tem a duração de um ano, e compreende o ensino das seguintes disciplinas: didática, prática do ensino; história da educação; escrituração escolar; psicologia geral e educacional; pedagogia;

²⁴Em anexo consta correspondência enviada ao Diretor Geral da Instrução Pública em 3 de abril de 1939 descrevendo a organização das turmas nas Escolas Reunidas da cidade de Lageado.

biologia aplicada à educação; higiene da criança e higiene escolar, domiciliar e rural; trabalhos manuais (BRASIL, 1942a, p. 13).

Nesse período histórico em específico, início dos anos 40, os professores deviam ser formados apenas pelo Estado e poderiam ser caracterizados em três categorias: efetivos, interinos e substitutos. O efetivo era admitido somente por meio de concurso público.

A escola isolada rural só será efetivamente provida depois de um ano de funcionamento com provimento interino. As escolas urbanas serão efetivamente providas por professores efetivos, com um ano, pelo menos de exercício em escola rural, ou por professores normalistas com dois anos de exercícios. São critérios de seleção, a juízo da Diretoria Geral: a) proximidade de residência do requerente; b) o mérito profissional, ouvidos os inspetores gerais (BRASIL, 1942a, p. 13).

Determinava ainda quais professores poderiam assumir as funções nas diferentes escolas.

As classes componentes de escolas reunidas serão providas de acordo com as suas categorias. As classes dos grupos escolares serão providas efetivamente por professores que contarem um ano de exercício efetivo em escola urbana; ou, dois anos em escola rural; ou, ainda, por professores normalistas, com três anos de exercício interino (BRASIL, 1942a, p. 14).

Havia orientações específicas relativas à quantidade de alunos em cada turma, como se observa no trecho abaixo.

A classe do grupo escolar cuja matrícula exceder de 45 alunos será desdobrada, dando-se à nova classe, que resultar do desdobramento, provimento interino, sendo nomeados os normalistas que tiverem maior nota, no conjunto geral das obtidas no curso das escolas normais (BRASIL, 1942a, p.14).

Referente às Escolas Primárias, a Organização do Ensino Primário e Normal estabelece que “O ensino público primário, é ministrado em escolas dos seguintes tipos: isoladas urbanas; isoladas noturnas; reunidas, e grupos escolares” (BRASIL, 1942a, p. 15) e descreve as características de cada uma, duração do curso e o programa de ensino que deveriam professar.

Quadro 6. Organização do Ensino Primário e Normal do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos -1942

TIPOS DE ESCOLAS PRIMÁRIAS				
Nomenclatura	Localização / Indicação	Duração do curso	Quantidade mínima de alunos	Programa de ensino
Escola Isolada Rural	Localiza-se a mais 3 quilômetros da sede municipal	2 anos	25 alunos	Leitura, escrita, as quatro operações sobre números inteiros, noções de história pátria, corografia do Brasil e

				especialmente do Estado de Mato Grosso, e noções de higiene.
Escola Urbana	Localiza-se até 3 quilômetros da sede do município	3 anos	Não menciona.	Nos dois primeiros anos seguem o mesmo programa das Escolas Isoladas Rurais. Não menciona conteúdos do 3º ano.
Escolas Reunidas	Quando houver o funcionamento de três ou mais escolas isoladas num raio de 2 quilômetros	3 anos.	Mínimo de 80 alunos nas Escolas Reunidas sendo que cada turma deveria ter a partir de 28 alunos, havendo a possibilidade de reunir dois ou mais anos do curso em uma única sala e poderia formar salas mistas quando não houvesse possibilidade de separação entre os sexos.	Seguirão as normativas dos Grupos escolares.
Grupos Escolares	Destinado a localidades com um número superior a 250 crianças em idade escolar em um raio de 2 quilômetros	4 anos	Mínimo de 250 alunos.	1º ano: Leitura e linguagem oral e escrita; aritmética; geografia; ciências naturais; educação higiênica; instrução moral e cívica; desenho; trabalhos manuais; canto. 2º ano: Leitura e linguagem oral e escrita; aritmética; geografia; história do Brasil; educação moral e cívica; desenho; educação higiênica; trabalhos manuais; educação física. 3º ano: Leitura e linguagem oral e escrita; aritmética; geografia e cosmologia, história

				do Brasil; instrução moral e cívica; geometria e desenho; ciências naturais; higiene. 4º ano: Leitura e linguagem oral e escrita; aritmética; geografia e cosmologia, história do Brasil, ciências físicas e naturais; instrução moral e cívica; geometria e desenho; trabalhos manuais; higiene.
Cursos Noturnos	Destinados aos meninos maiores de 12 anos que não podiam frequentar as escolas diurnas.	-Isoladas: seguem as orientações das escolas isoladas urbanas -Reunidas: seguem as orientações das escolas reunidas	Não menciona.	Seguirão as normativas referentes à localidade na qual estão inseridas (isoladas ou urbanas)

Fonte: BRASIL, 1942a.

Essa organização no entanto, era mais difícil de ser concebida “nas regiões de baixa densidade demográfica. Está neste caso o Estado de Mato Grosso, cujo território, ainda em grande parte a ser povoado” (MATO GROSSO, 1942, p. 7).

Assim, nos Municípios do sul de Mato Grosso, região na qual apresentava “núcleos de população menos dispersos, e com maiores facilidades de comunicação entre si” (MATO GROSSO, 1942, p. 7) foi possível iniciar a implementação do Regulamento da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso de 1942.

De acordo com as normas da Organização do Ensino Primário de 1942, o “ensino público primário é gratuito, leigo e obrigatório a todas as crianças normais, analfabetas, de 7 a 12 anos que residirem até 2 quilômetros de escola pública” (BRASIL, 1942a, p. 19).

Aos alunos eram aplicadas “[...] arguições, sabatinas orais ou escritas e exercícios escritos, dadas a critério do professor quando convier” (BRASIL, 1942a, p. 18) sendo obrigatória a verificação do aproveitamento dos alunos por meio de exames de promoção, os

quais aconteciam sempre no último mês do segundo semestre. O aproveitamento dos mesmos seguia a seguinte descrição:

Quadro 7. Quadro de Verificação de aproveitamento dos alunos

Verificação de aproveitamento	
Valores	Aproveitamento
0	Nulo
1 e 2	Péssimo
3 e 4	Sofrível
5 a 7	Regular
8 e 9	Bom
10	Ótimo

Fonte: BRASIL, 1942a.

Para a aprovação, os alunos deveriam conseguir no mínimo cinco pontos e vale enfatizar que as provas eram “[...] presididas pelos inspetores distritais nas escolas isoladas e, pelos diretores, nos grupos escolares e nas escolas reunidas” (BRASIL, 1942a, p. 19).

Segundo a ex-professora entrevistada P2, as avaliações ocorriam bimestralmente e os pais tinham que ir à escola para terem acesso às notas de seus filhos. No entanto, oficialmente os registros das avaliações ocorriam semestralmente.

Dalmolin (2015) relata ainda que o Decreto Federal nº 5.812 de setembro de 1943 criou o Território Federal de Ponta Porã e instituiu Nioaque como parte do seu limite²⁵. Assim, em 16 de outubro do mesmo ano a Escola Mista Visconde de Taunay como fora nomeada naquele momento, tinha quatro classes isoladas pertencentes à União, as quais estavam administrativamente vinculadas ao Território Federal de Ponta Porã.

Em 1946, ano no qual o território de Ponta Porã foi absorvido novamente pelo estado do Mato Grosso, foi promulgada a Constituição com uma influência liberal-democrática no intuito de iniciar o respaldo aos direitos fundamentais, como em seu artigo 166, que determina que a educação, como um “direito de todos [...] deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana” (BRASIL, 1946).

²⁵ Segundo o Decreto Federal nº 5.812, de setembro de 1943 passariam à responsabilidade da União os bens pertencentes ao estado ou aos municípios que estivessem localizados nos Territórios. O Território de Ponta Porã teria os seguintes limites: “- a Nordeste, Leste e Sueste, pelo rio Miranda, desde à sua foz no Paraguai, até à foz do rio Nioaque, subindo por este até à foz do córrego Jacarézinho, segue subindo por este até à sua nascente e daí em linha reta e seca, atravessa o divisor de águas entre o Nioaque e Carandá até à nascente do córrego Laranjeira [...]” (BRASIL, 1943).

A Constituição de 1946 também determina em seu artigo 5º, inciso XV, alínea d, como competência do Estado legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1946) possibilitando assim, um intenso e longo debate ideológico com ênfase na educação brasileira.

Essas discussões trouxeram ao embate na Câmara Federal, em 1948, um Projeto de Lei comandado por Lourenço Filho, o qual abordava as diretrizes e bases da educação nacional e por meio do qual “foram organizadas três subcomissões: uma do Ensino Primário, outra do Ensino Médio e outra do Ensino Superior” (ROMANELLI, 1997, p.171).

Atendendo à necessidade da maioria da população em engajar-se no atual cenário desenvolvimentista, as investidas educacionais dos governos populistas permitiram que o ensino se tornasse cada vez mais técnico e imediatista fazendo com que, segundo Romanelli (1997), as escolas primárias se transformassem em escolas que atendiam às camadas populares com o interesse de servir à elite conservadora e às classes médias e altas que se encontravam em ascensão.

Assim, os governos populistas contribuíram para

Manter e acentuar o dualismo que separava a educação escolar das elites da educação escolar das camadas populares, a legislação acabou criando condições para que a demanda social da educação se diversificasse apenas em dois tipos de componentes: os componentes dos estratos médios e altos que continuaram a fazer opção pelas escolas que “classificavam” socialmente, e os componentes dos estratos populares que passaram a fazer opção pelas escolas que preparavam mais rapidamente para o trabalho. Isso, evidentemente, transformava o sistema educacional, de modo geral, em um sistema de discriminação social (ROMANELLI, 1997, p. 169, grifo da autora).

Na década de 40, a Escola Mista Visconde de Taunay oferecia apenas o ensino primário causando um desconforto àqueles que queriam continuar seus estudos e a suas famílias, pois, as que não tinham posses dificilmente conseguiam sustentar seus filhos nas grandes cidades para que eles estudassem; já as famílias mais abastadas tinham que se privar da companhia dos seus filhos que passavam a estudar longe de casa.

Mesmo aqueles que tinham interesse em dar continuidade aos estudos após o ensino primário, para ter acesso ao ginásio deveriam ser aprovados no Exame de Admissão. Esse exame era muito rígido e dificultava o ingresso aos Ginásios.

Segundo o ex-diretor D2 “[...] muita gente parava no primário porque não conseguia ser aprovado no Exame de Admissão ao ginásio [...] eram difíceis os ginásios. Aquidauana não tinha ginásio. Uma cidade como Aquidauana e não tinha ginásio! Ginásio só existia em Campo Grande” (D2, 2018). Assim aqueles que desejavam seguir os estudos tinham que se mudar para Campo Grande que apesar de não ser considerada grande cidade era vista como uma localidade referencial para o sul de Mato Grosso.

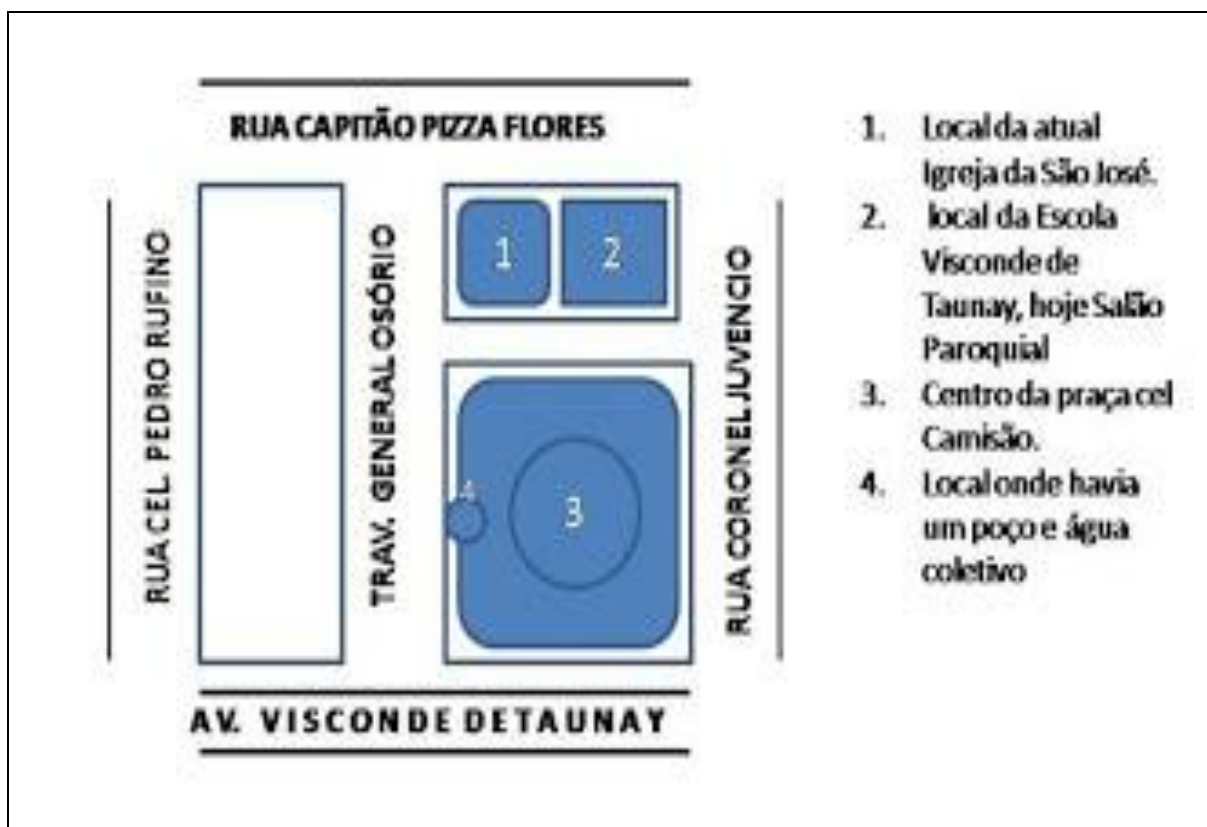
Em 1948, o Povoado de Guia Lopes se tornou Distrito de Paz de Guia Lopes da Laguna, e a escola continuava a oferecer apenas ensino primário e, à medida que o Distrito crescia, as necessidades de ampliação das vagas no ensino primário aumentavam.

Os entrevistados relatam que, nessa época, a escola atendia toda a região, “tinha filhos de fazendeiros tudo estudava ali, muitos hoje que estão formados, até médicos formados hoje foram alunos [...] tinha níveis altos e baixos. Sempre teve mais baixos, a pobreza era muita.” (P1, 2018).

Devido ao aumento do número de alunos em 1948 a Escola Mista Visconde de Taunay foi transformada em Escolas Reunidas Visconde de Taunay e segundo a ex-aluna entrevistada A3 tanto o Salão Paroquial da igreja católica, quanto o salão ao lado eram utilizados como salas de aula.

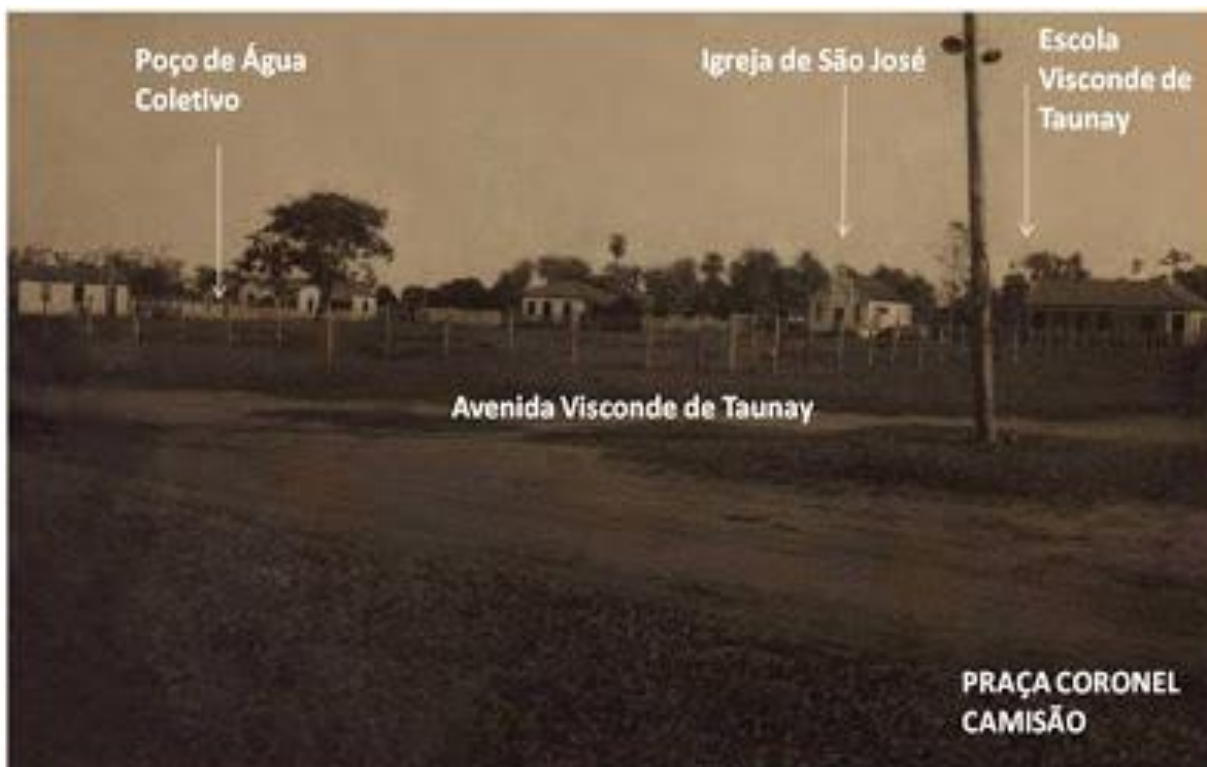
Em 1953, a ex-diretora D1 relata que todo o salão paroquial era utilizado pelas Escolas Reunidas Visconde de Taunay, no entanto já não comportava todas as turmas sendo necessário também o uso da casa paroquial.

Figura 17. Formação do núcleo urbano, praça, escola, igreja



Fonte: <http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2012/03/capitulo-26.html>

Figura 18. Núcleo urbano, praça, escola, igreja



Fonte: <http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2012/03/capitulo-26.html>

Neste mesmo ano de 1953, o Distrito tornou-se cidade e as Escolas Reunidas Visconde de Taunay, antes situada em Nioaque passaram a pertencer ao município de Guia Lopes da Laguna. Segundo a ex-diretora D1, a prefeitura cedeu espaço em seu prédio para atendimento das turmas que o prédio ao lado da Igreja de São José não comportava.

O aumento do número de alunos é descrito no Livro Ata de Posse e Compromisso da Escolas Reunidas Visconde de Taunay, relatando que em maio de 1956 foram nomeados professores “por conveniência do ensino”²⁶ (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1957, p. 12-13) para melhor realizar o atendimento educacional.

A ex-professora A1 relata que “Tinha muitos professores que estavam mudando pra cá, que eram professores [...] concursados” (A1, 2018). É possível comprovar este fato, pois no decorrer dos anos 50 vários professores e outros profissionais tomaram posse nas Escolas Reunidas Visconde de Taunay segundo o Livro de Termo de Posse e Compromisso referente aos anos 1950 até 1957 (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1957). Na sequência apresento algumas nomeações realizadas nesse período e registradas no livro supracitado:

²⁶Em anexo consta Termo de Posse dos Professores Maria Antonia Correa Martins e Bernardina Silva Barbosa (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1957, p. 12)

Quadro 8. Professores nomeados segundo Livro de Termo de Posse e Compromisso da Escola Visconde de Taunay (1950 – 1957)

Nome	Data da Nomeação	Informações contidas no Livro
Antonia Pinto Lopes	03/08/1950	Decreto de 03/08/1950
Dalva Fernandes de Arruda	31/03/1951	Decreto de 31/03/1951
Hilda Maria Crefzger	05/06/1951	Decreto de 19/05/1951
Acácia Barbosa	05/06/1951	Reassume a função de professora após licença médica
Jorge Sebastião Honorato	21/08/1952	Decreto de 09/08/1952 Professor Primário passou a responder pela direção das “Escolas Reunidas Visconde de Taunay”
Irene Marinho Falcão	05/05/1953	Professora Interina Ato 01/04/1953 em exercício desde 20/03/1953
Celia Nascimento	03/06/1953	Professora Primária - Classe H e assume função de Diretora Ato de 29/04/1953
Neusa da Silva	03/06/1953	Professora Primária - Classe H Ato 29/04/1953
Neuza da Silva	10/10/1955	Professora - Classe H Ato de 31/08/1955 Publicado em Diário Oficial em 12/09/1955
Luis Weis Cavalheiro	19/04/1956	Nomeado Porteiro contínuo
Floriza Barbosa Flores	03/05/1956	Professora Primária - Classe H Ato 06/04/1956 Publicado em Diário Oficial em 11/04/1956
Floriza Barbosa de Vargas	03/05/1956	Professora Primária - Classe H Ato 10/04/1956 Publicado em Diário Oficial em 11/04/1956
Antonio Pinto Pereira	14/05/1956	Transferência do “Grupo Escolar Coronel Juvêncio” para responder pela diretoria das Escolas Reunidas Visconde de Taunay Portaria nº 234 e Telegrama nº 51 enviado pelo Exmº Sr. Dr. Secretario Educação e Cultura
Maria Antonia Correa Martins	15/06/1956	Nomeadas por Conveniência do ensino pelo número crescido de alunos e alunas
Bernardina Silva Barbosa		
Ladislau Zulkoski Filho	06/07/1956	Inspetor Escolar Distrital do Município de Guia Lopes da Laguna Decreto nº 85 de 23/06/1956 Publicado em Diário Oficial nº 1321 em 26/07/1956
Naida do Nascimento	30/03/1957	Indicadas pelas autoridades municipais tendo em vista afastamento de duas professoras
Geracy da Cruz Barbosa		
Naide do Nascimento	23/10/1957	Professora Interina – Classe H Decreto nº 327 Publicado em Diário Oficial em 10/10/1957

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

Há também o registro de posse em 01/06/1956 dos professores Armindo Coimbra de Moraes e Eunice Ferreira²⁷ respectivamente na Escola Isolada no lugar denominado Santa Fé e Escola Isolada Alziro Lopes, ambas parte das Escolas Reunidas Visconde de Taunay na cidade de Guia Lopes da Laguna. A contratação desses professores é justificada pela necessidade de “[...] combater o analfabetismo e considerando o número de alunos e alunas existentes para as duas Escolas e ainda ao apelo da população” (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1957, p. 13-14).

A Escolas Reunidas Visconde de Taunay torna-se um local de referência para a cidade de Guia Lopes da Laguna quanto às questões educacionais, sendo responsável pela documentação e registros de posses e nomeações das demais escolas da cidade de Guia Lopes da Laguna.

Em sua maioria, os termos de posse e nomeações (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1957) foram assinados por uma diretoria responsável pela instituição escolar, direção esta que segundo as entrevistadas, a ex-diretora D1 e ex-professora P1, tinha cunho político, havendo alterações sempre que mudavam os governantes.

3.4 A expansão do atendimento: de Escolas Reunidas a Grupo Escolar Visconde de Taunay

Segundo estatística encontrada no Livro Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1962), em maio de 1958, havia 97 alunos matriculados nas cinco turmas existentes na época nessa instituição escolar. Essa quantia de alunos estava distribuída conforme apresento no Quadro abaixo:

Quadro 9. Estatística de Matrícula Geral nas Escolas Reunidas Visconde de Taunay – Maio de 1958

Alunos matriculados em cada ano do ensino primário			
Ano	Masculino	Feminino	Total
1º ano A	14	11	25
1º ano B	10	8	18
1º ano C	17	10	17
2º ano A	3	5	8
3º ano A	7	3	10

²⁷ Este documento encontra-se em anexo

Total de alunos presentes em aula	51	37	88
Ausentes por motivos diversos	1	8	9
Total de alunos matriculados	52	45	97

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

De acordo com os dados, é possível perceber a grande diferença do número de alunos nos anos escolares. É fato que a quantidade de alunos que iniciava o ensino primário era muito maior do que a que concluía, o que evidencia a evasão escolar. No ano de 1958, dos 97 alunos, 60 eram do 1º ano, entretanto no 2º e 3º ano há uma queda brusca de alunos, que passam a somar oito e dez respectivamente. Nesse registro localizado não há apontamento da quantidade de alunos do 4º ano do ensino primário.

Nesse período, os professores lecionavam as disciplinas de Português, Aritmética, História, Geografia e Ciências. Os exames eram realizados semestralmente tanto na forma escrita, quanto também por meio da oralidade como consta na Ata de Resultados finais de 1959 do 3º Ano Misto²⁸ (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1962).

As avaliações escritas eram provas, com caráter conteudista e muito rígidas, haja vista a porcentagem de reprovação registrada em 1959 por meio da Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay (GUIA LOPES DA LAGUNA, 1962). Neste registro é possível comprovar o aumento da quantidade de alunos: de 97 alunos em maio de 1958 para 158 alunos matriculados no final do ano letivo de 1959.

Quadro 10. Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay – 1959²⁹

Ata de Resultados dos Exames Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay - 1959				
Ano	Alunos Matriculados	Alunos Presentes	Alunos Aprovados	Porcentagem de aprovação
1º ano C	42	41	17	41%
1º ano B	37	33	17	51%
1º ano A	27	23	13	56%
2º ano	19	19	13	68%
3º ano	21	20	15	75%
4º ano	12	13	10	76%
Total	158	149	85	

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

²⁸ Em anexo segue Ata de Resultados Finais do 3º ano em 1959.

²⁹ Em anexo consta Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay – 1959

Esse aumento no número de alunos não mudou o cenário de evasão escolar o qual foi demonstrado por meio da estatística do ano de 1958. Dos 60 alunos que cursaram o 1º ano em 1958, apenas 19 deram continuidade aos estudos no 2º ano em 1959, dos quais somente 13 foram aprovados para o 3º ano.

Apesar de o número de alunos matriculados nos anos subsequentes ter aumentado – 21 alunos no 3º ano e 12 alunos no 4º ano – a porcentagem de reprovação era muito alta e, muitas vezes, esse era o motivo pelo qual os alunos desistiam de dar continuidade nos estudos.

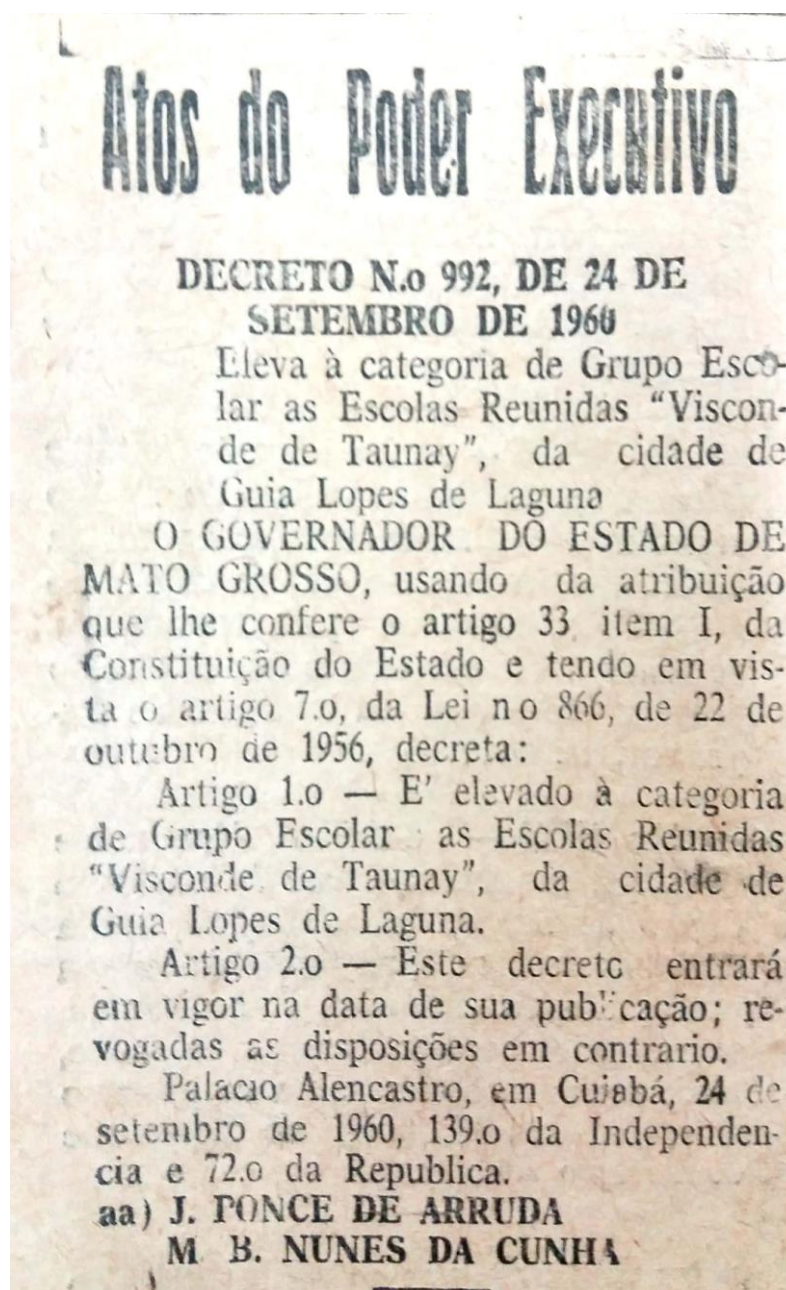
Observa-se na tabela anterior, elaborada com base na Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay de 1959, que o número de alunos matriculados no 4º ano é inferior ao de alunos presentes. Não fica claro na Ata o motivo de um dos alunos presentes não ter sido matriculados. A entrevistada C1, por meio de seus relatos, demonstra que essa era uma prática comum, provavelmente a estudante começou a frequentar as aulas do 1º ano do ensino primário sem ter sido matriculada e demorou para que sua situação fosse regularizada.

Eu lembro que uma vez eu fui na escola, fiquei estudando lá. Aí um dia a diretora me chamou e perguntou meu nome, minha idade, quando eu nasci, mas eu disse que não sabia. Eu mesma não era matriculada, pensa! Fiquei mais de um mês estudando sem matrícula. Perguntava para a professora por que não me chamavam na chamada. Só depois que conversei com a diretora ela pediu meu registro e só depois que eu fui ser matriculada e que ela me colocou na chamada (C1, 2018)

No entanto, devido à ampliação do número de alunos no decorrer dos anos 50, o Diário Oficial do estado de Mato Grosso no dia 04 de outubro de 1960³⁰ publica no Decreto nº 992 de 24 de setembro deste mesmo ano a elevação das Escolas Reunidas Visconde de Taunay à categoria de Grupo Escolar Visconde de Taunay.

³⁰ Segue em anexo publicação do Diário Oficial de Mato Grosso do Decreto nº 992 de 24 de setembro de 1960.

Figura 19. Decreto que oficializa a elevação das Escolas Reunidas Visconde de Taunay à Grupo Escolar



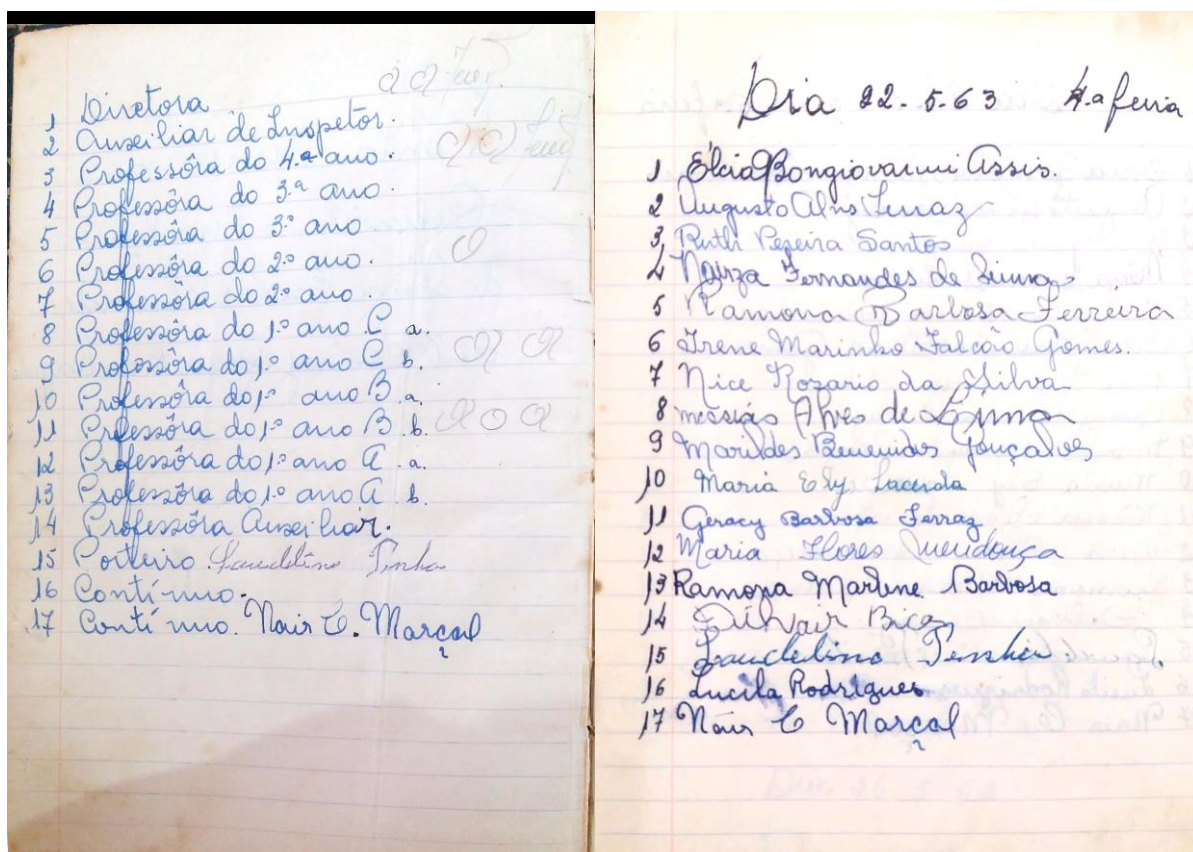
Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso

Assim como houve o aumento da quantidade de alunos, houve também a necessidade de ampliação do número de salas de aula e conseqüentemente de professores.

De acordo com Livro Ponto de 1963-1965, o Grupo Escolar Visconde Taunay tinha: uma 1 diretora, 1 auxiliar de inspetor, 12 professoras (sendo uma delas auxiliar), 1 porteiro e 2 funcionárias descritas como contínuas. Nesse livro é possível perceber a regularidade dos professores e a permanência dos mesmos durante o período, tendo havido poucas alterações

entre 1963 e meados de 1965. Algumas das pessoas que compunham o quadro de funcionários neste período foram entrevistadas.

Figura 20. Livro Ponto do Grupo Escolar Visconde de Taunay (1963 – 1965)



Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

Segundo a ex-diretora entrevistada D1, os alunos valorizavam muito o Grupo Escolar Visconde de Taunay. A rigidez no ensino, o compromisso dos professores bem como o apoio da família faziam resultavam em êxito na educação dessa geração em Guia Lopes da Laguna.

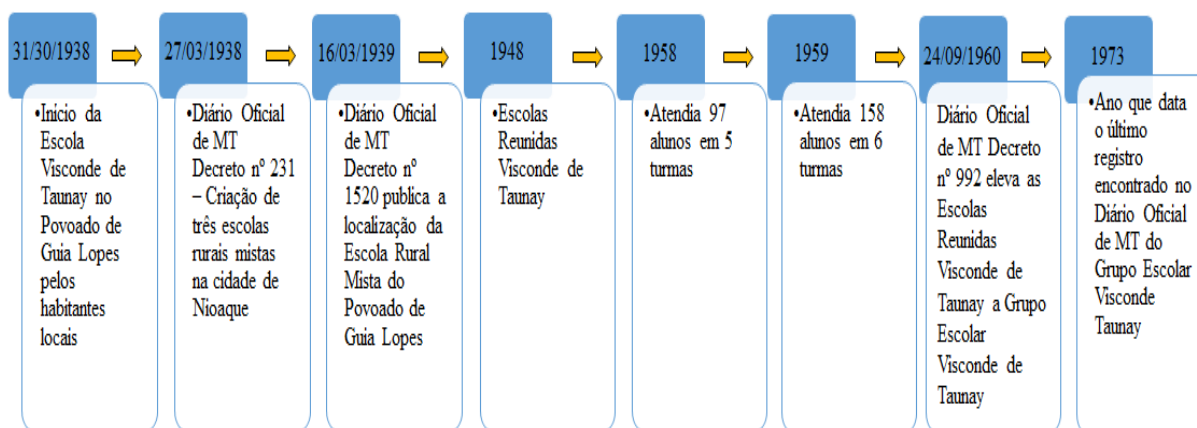
Por meio da verificação do Livro Ponto referente ao período entre 1963 e 1965, observou que os professores trabalhavam aos sábados, geralmente com reuniões de planejamentos, segundo a ex-professora entrevistada P2.

Em pesquisa realizada no site do IOMAT³¹ (Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso) no Diário Oficial do Mato Grosso é possível encontrar de 1960 a 1973 dez registros do Grupo Escolar Visconde de Taunay localizado no Município de Guia Lopes da Laguna, sendo o último em dois de fevereiro de 1973, quando o governo do estado consente licença médica de 90 dias para uma professora.

³¹<https://www.iomat.mt.gov.br/>

Na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha foram encontrados registros de Avaliação dos Alunos do ensino primário com a nomenclatura Grupo Escolar Visconde de Taunay até dezembro de 1971³².

Figura 21. Linha do Tempo do Grupo Escolar Visconde de Taunay



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos e entrevistas.

O Projeto Político Pedagógico (ROCHA, 2012) aponta que a Escola Salomé de Melo Rocha “iniciou suas atividades letivas em 01 de março de 1960 como Grupo Escolar Visconde de Taunay, mantida então pela Secção Estadual da Campanha Estadual de Educandários Gratuitos” que na referida data era presidida pela Sra. Salomé de Melo Rocha.

Essa afirmação do Projeto Político Pedagógico (ROCHA, 2012) contraria os dados oficiais obtidos pela pesquisa, pois, em 24 de setembro de 1960, houve o Decreto n. 992 que elevou as Escolas Reunidas Visconde de Taunay a Grupo Escolar Visconde de Taunay.

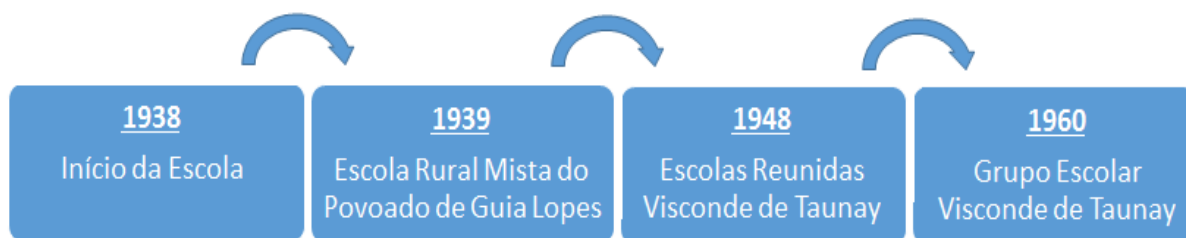
Em 1938 foi autorizada a abertura de três escolas rurais em Nioaque. De acordo com Dalmolin (2015), os ex-diretores D1 e D2, e de Bião Neto por meio da entrevista cedida à Revista Executivo Fiscal Ltda (1986), o ano de criação da escola e o início das atividades com os alunos foi em 1938 sendo nomeada pela comunidade local como Escola Visconde de Taunay do Povoado de Guia Lopes vinculado ao município de Nioaque.

Em 1939, a Escola Visconde Taunay é oficialmente nomeada Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes. No entanto, a nomenclatura Escola Visconde de Taunay continua a ser utilizada pela comunidade até 1948 quando recebeu o nome de Escolas Reunidas

³²Em anexo encontra-se Mapa de Exame Final do 4º ano do Ensino Primário de 1971, última data na qual foi encontrado registro da escola como Grupo Escolar Visconde de Taunay no arquivo da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

Visconde de Taunay. No final dos anos 50 há um aumento significativo no número de alunos fazendo com que em 1960 fosse elevada a Grupo Escolar Visconde de Taunay.

Figura 22. Principais nomenclaturas do Grupo Escolar Visconde de Taunay entre 1938 e 1960



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos e entrevistas.

A escola teve diferentes nomenclaturas: de Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes em 1939 à Escolas Reunidas Visconde de Taunay em 1948 e, posteriormente, como Grupo Escolar Visconde de Taunay, em 1960, no seu percurso histórico. É importante considerar esse percurso da escola, bem como sua memória, pois a história da instituição escolar faz parte da história da cidade de Guia Lopes da Laguna.

A organização educacional vigente em cada período da história da educação do país possibilita compreender a maneira como esta foi instituída e se manteve em uma localidade afastada da capital de Mato Grosso e dos centros urbanos do país.

3.5 A mudança do espaço físico da escola e a importância da instituição escolar para a cidade de Guia Lopes da Laguna

Todos os professores entrevistados relatam que os alunos formados no ensino primário em todas as etapas da história da escola tinham seus estudos bem reconhecidos demonstrando o respeito que a comunidade da região tinha pela Instituição Escolar.

Reafirmam a importância da Escola Visconde de Taunay para a cidade de Guia Lopes da Laguna desde o seu início, contribuindo para o estabelecimento do Povoado e em todo o seu percurso de constituição como cidade. A professora P4 enfatiza que hoje muitos dos que vivem e trabalham na cidade de Guia Lopes da Laguna foram alunos na escola e isso contribui para o reconhecimento da importância da mesma. Relata que, ainda hoje, seus alunos a reconhecem e a cumprimentam com respeito.

Em entrevista dada à Revista Executivo Fiscal Ltda, Bião Neto esclarece que

Juntando escola e igreja, formamos assim a maior atração para o povoamento de Guia Lopes. Quem queria casar vinha para cá, e da mesma forma os fazendeiros interessados em dar instrução para seus filhos. Assim foi juntando gente, surgiu a primeira loja, a segunda, e hoje está esta cidade maravilhosa que é Guia Lopes da Laguna, que eu vi nascer. ((REVISTA EXECUTIVO FISCAL Ltda, 1986, p.6)

No entanto, a estrutura física a qual utilizava já não comportava tamanho prestígio e ascensão. Era necessário remanejar a instituição escolar para outro prédio.

Essas modificações, todavia, não ocorreram apenas para adequar o espaço físico institucional, mas também porque no início dos anos 60 houve uma série de modificações na estrutura educacional do país que interferiu diretamente na realidade das escolas brasileiras.

Foram anos de disputas ideológicas relacionadas à educação, um momento histórico que evidenciou a necessidade e um debate sobre o futuro da nação e sobre o futuro educacional do país.

Após treze anos de tramitação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024/61 foi promulgada envolta a posições divergentes. Por um lado, houve “[...] otimismo exagerado de alguns, que a tacharam até de ‘carta da liberdade da educação nacional’, passando pela atitude de reserva de outros, até o pessimismo estremado dos que se bateram contra ela” (ROMANELLI, 1997, p.179, grifos da autora).

Sobre esse embate ideológico, Saviani (2005) enfatiza “que, ao se formular uma Lei de Diretrizes e Bases, se está visando ao sistema educacional, então esta Lei deverá preencher as condições necessárias à construção do sistema educacional. Assim, não se pode pensar em uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sem se tomar consciência dos problemas nacionais” (SAVIANI, 2005, p. 96).

Partindo do quesito obrigatoriedade a nova lei visava garantir o ensino primário em todo o território nacional. No entanto, a mesma demonstrava contradições ao propor no Parágrafo único do Art. 30 que a este nível de ensino isenções de obrigatoriedade nos seguintes casos:

Constituem casos de isenção, além de outros previstos em lei:

- a) comprovado estado de pobreza do pai ou responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrícula encerrada;
- d) doença ou anomalia grave da criança (BRASIL, 1961).

Ao considerar em nível nacional as dificuldades sociais e a falta de acesso às escolas primárias, a lei não avançou muito no oferecimento de uma educação popular a uma sociedade na qual

[...] a maioria na população ativa da nação ganhava um salário que não era suficiente para a simples sobrevivência; que a parte não ativa da população adulta, assim o era por causa do desemprego e constituía um contingente superior à população ativa;

que a economia de subsistência geradora de um estado de pobreza crônica ocupava a maior parte do território nacional e, finalmente que, segundo dados do censo escolar em 1964 (portanto 3 anos depois da vigência da lei), nesse ano 33,7 % das pessoas de 7 a 14 anos não frequentavam escolas, em sua maioria por falta destas, a conclusão a que se pode chegar, quanto ao artigo 30 da Lei de Diretrizes e Bases, é que os poderes políticos simplesmente resolveram oficializar uma situação anormal existente, sem darem o cuidado de corrigi-la ou pelo menos atenuá-la (ROMANELLI, 1997, p. 181)

Partindo do exposto acima e considerando a pobreza e o número insuficiente de escolas e vagas no ensino público da época, a LDB 4024/61 não foi suficiente para que avanços significativos ocorressem tanto no aspecto de inserção da população no ensino primário obrigatório, como também na qualidade de ensino, já que as escolas “[...] continuaram mantendo o mesmo currículo de antes” (ROMANELLI, 1997, p.181).

Nos grandes centros urbanos, o desenvolvimento e as ações advindas de novas ações político-governamentais contribuíram para que mais rapidamente houvesse mudanças educacionais reais, no entanto nem todo o país conseguiu avançar no mesmo ritmo.

Nos estados que estavam ainda em processo de expansão e solidificação das cidades em meio ao desenvolvimento que se desejava ao país, “[...] há muito se fazia sentir a necessidade de uma revisão nos programas do ensino primário vigentes” (MT, 1962, p. 4).

No Mato Grosso, o Senhor Dr. Hermes Rodrigues de Alcantara, Secretário de Educação, Cultura e Saúde em 1962 retratou a necessidade de elevar o nível da educação primária já que “Enquanto as modernas técnicas pedagógicas implantavam-se como exigência dos tempos modernos, permanecíamos estacionados nos obsoletos e superados programas escolares” (MATO GROSSO, 1962, p. 4).

Em 1962, o Estado do Mato Grosso elaborou e publicou

novos programas especiais, atendendo-se às condições daquelas regiões afastadas dos Centros citadinos, de forma que o ensino primário rural e nas zonas perimetrais das cidades fosse ministrados dentro de métodos apropriados e adaptáveis às peculiaridades típicas daquelas zonas, ao mesmo tempo que se inculcasse na mente da criança o amor à terra, ao labor agrário, a familiarização com os objetos agrícolas e a importância e o significado das atividades rurais na economia do país (MATO GROSSO, 1962, p. 4).

Os entrevistados declararam que, cercados com essas mudanças na estrutura educacional do país, o Grupo Escolar Visconde de Taunay foi transferida para o prédio que havia sido construído com o objetivo de se tornar o Ginásio Guia Lopes e que ambos desenvolveram suas atividades concomitantemente no mesmo espaço físico.

A utilização de um espaço físico único, próprio e adequado às necessidades educacionais da época favoreceu o fortalecimento da instituição, mas iniciou uma luta pelo poder interno.

Dos treze entrevistados, onze afirmam que o Grupo Escolar Visconde de Taunay apenas mudou de localidade conservando o quadro de profissionais que compunha, bem como os alunos que frequentavam a instituição não havendo ruptura entre ambas. Os outros dois entrevistados (membro da comunidade C1 e ex-professor P4) relatam que a instituição escolar mudou o nome para Escola Salomé de Melo Rocha e que o Grupo Escolar Visconde de Taunay foi extinto mesmo com a manutenção dos profissionais e alunos.

O ex-professor P4 relata “[...] que depois que aprontaram o prédio desmontaram a escola onde era o salão paroquial de Guia Lopes” (P4, 2018) e a diretora o convidou para que seguisse trabalhando, o que foi aceito.

Nenhum entrevistado soube relatar a data exata em que o Grupo Escolar Visconde de Taunay foi transferido e em que iniciaram a utilização do novo prédio. Apenas uma entrevistada, que é parte da comunidade (C1) explica que em 1968 seus irmãos chegaram em casa dizendo que iriam mudar de escola. Ela reiterou que se lembra deste fato, pois foi o ano que sua filha nasceu e porque os irmãos, assim como todos os outros alunos, simplesmente de um dia para o outro foram para a escola nova.

A ex-professora P2 enfatiza que “Essa Visconde de Taunay que depois virou, ficou só Salomé. Ela só transferiu de lugar. Foi isso mesmo. Assim que eu sei. Porque às vezes a gente é professora e não procura saber direito a história da escola da gente” (P2, 2018).

Por meio das entrevistas foi possível constatar que assim que a escola começou a utilizar o prédio novo, os mesmos começam a nomear a instituição escolar de “Escola Salomé de Melo Rocha” em alusão à Senhora Salomé que iniciou a construção do local.

Em muitos momentos os entrevistados não conseguem diferenciar o Grupo Escolar Visconde de Taunay, a Escola Salomé de Melo Rocha e o Ginásio Guia Lopes o qual fora criado para abarcar uma demanda social da época: a ampliação dos níveis de ensino oferecidos na cidade de Guia Lopes da Laguna.

Nesse novo espaço físico, eram atendidos os alunos do Grupo Escolar Visconde de Taunay tanto no período matutino, quanto no vespertino. Segundo a Professora P2, as salas de aula eram numerosas devido à centralidade em que a escola se encontrava, pois haviam muitas crianças que moravam no centro da cidade. Apenas as turmas de alfabetização não eram muito numerosas, a fim de garantir maior qualidade no trabalho desenvolvido pelas professoras.

Em 1956 houve a posse de professores em duas escolas que estavam situadas nos bairros de Guia Lopes da Laguna vinculadas às Escolas Reunidas Visconde de Taunay. Uma

dessas escolas era a Escola Alziro Lopes, que segundo Dalmolin (2012), teve início de 1957³³ como escola rural e atendia aos alunos dos bairros como foi evidenciado na fala da entrevistada A1: “[...] começou as Vilas, a ter casa onde antes não existia. Então o povo começou a morar mais para lá, a migrar para os bairros.” (A1, 2018).

Entretanto, “[...] naquela época para os alunos irem do centro para o Alziro Lopes era difícil, porque tinha que atravessar via e era sujo, as ruas tinham muito mato. Tinha mães que não podiam levar e ficavam com medo de deixar ir só as crianças e deixava no Salomé mesmo” (P1, 2018).

Assim, apesar de haver outro espaço escolar, a qualidade do ensino do Grupo Escolar Visconde de Taunay, conforme foi exaltada pelos entrevistados fazia da mesma uma instituição muito conceituada socialmente e referência devido à centralidade do seu prédio, à rigidez do ensino e ao investimento cultural que a escola fazia.

³³ Segundo o PPP da Escola Estadual Alziro Lopes “A Escola foi criada em 31 de maio de 1976, pela lei Estadual nº 3.722” (ESCOLA ESTADUAL ALZIRO LOPES, 2018).

4. GINÁSIO GUIA LOPES E A INTERSECÇÃO COM A ESCOLA SALOMÉ DE MELO ROCHA

4.1 A influência da Senhora Salomé de Melo Rocha na ampliação dos níveis educacionais oferecidos na cidade

A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, objeto desta pesquisa, foi denominada Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha a partir de 1976. Esse nome foi escolhido como forma de homenagem à Sra. Salomé, devido à sua contribuição à educação em Guia Lopes da Laguna. Por esse motivo, faz-se necessário um resgate da atuação da mesma na cidade.

No período no qual o Distrito de Paz de Guia Lopes buscava tornar-se cidade ocorreram migrações que contribuíram para o aumento populacional da época. Como exemplo, tem-se a migração por meio da qual Salomé de Melo Rocha³⁴ chegou à cidade no ano de 1941 junto de seu marido, Senhor Lino Alves da Rocha, um comerciante bem sucedido.

Nascida em Minas Gerais em 1916, a Senhora Salomé tornou-se a primeira agente postal da cidade de Guia Lopes da Laguna. Em 1952, já formada professora, fundou a Escola Evangélica Manoel de Melo; segundo a entrevistada D1(2018), no final desse ano a Sra. Salomé já encontrava dificuldades em conciliar as diferentes ocupações que exercia (na escola e na loja da família). Por essa razão, segundo o ex-diretor entrevistado D2, ela deixou de lecionar para dedicar-se aos negócios da família.

No entanto, a Sra. Salomé de Melo Rocha era uma personalidade atuante na sociedade da época: era líder da Igreja Presbiteriana da cidade, foi uma das pioneiras dessa denominação religiosa em Guia Lopes da Laguna e se relacionava bem com os moradores da região.

³⁴Segundo Rocha (2012), a Sra. Salomé de Melo Rocha, nascida em 6 de novembro de 1916 em Minas Gerais, cursou o ensino primário em Patrocínio-MG e o ensino secundário em Lavras-MG. Casou-se em 1934 com Sr. Lino Alves da Rocha e mudou para o Mato Grosso residindo em diferentes cidades como Piraputanga, Comissão, Aquidauana e Corumbá. Mudou-se para o Distrito de Paz de Guia Lopes em 1941. Em 1952 fundou a Escola Evangélica Manoel de Barros (homenagem a seu pai) e, em 1965, o Patronato Agrícola de Guia Lopes da Laguna. Não teve filhos e por isso adotou 106 crianças. Em 1968, foi homenageada com o título de Cidadã Lagunense por meio da Resolução nº 6/68 de 16 de setembro.

Figura 23. Fotografia da Senhora Salomé de Melo Rocha



Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

Apesar de afastar-se do ensino, não conseguiu afastar-se da educação. Em 1952, ao fundar a Escola Evangélica Manoel de Melo, buscava ampliar o atendimento às crianças da comunidade as quais não eram atendidas nas Escolas Reunidas Visconde de Taunay.

Sua contribuição à educação, no entanto, não se restringiu apenas à cidade de Guia Lopes da Laguna, a Sra. Salomé de Melo Rocha também foi criadora e coordenadora do Departamento de Educação Básica de Adultos (DEBA) nos anos de 1973 e 1974 em Cáceres, para depois mudar-se para Várzea Grande-MT.

Segundo as entrevistadas ex-diretora D1 e ex-professora P2, as instituições escolares, Escolas Reunidas Visconde de Taunay e Escola Evangélica Manoel de Melo, ofereciam apenas o ensino primário, o que aos poucos começou a trazer inquietação àqueles que gostariam de seguir os estudos.

A entrevistada ex-diretora D1 relata que muitos alunos eram filhos de fazendeiros que vinham para cidade a fim de estudar no Grupo Escolar Visconde de Taunay e precisavam

ficar durante a semana na casa de familiares devido à distância entre a cidade e suas casas. Isso também é relatado pela entrevistada ex-professora P2.

No entanto, o Grupo Escolar não atendia apenas aos filhos de fazendeiros da região, mas também aos filhos dos comerciantes locais e da comunidade em geral. A entrevistada ex-aluna e ex-professora A3 afirma que independentemente do nível social, os alunos eram atendidos igualmente, todavia havia muito mais alunos que eram filhos de famílias abastadas, porque se tratava de uma instituição escolar localizada no centro e tinha o maior fluxo de alunos da cidade. Essa centralidade trazia à instituição ainda mais poder, pois a escola era um agente de favorecimento de cultura na cidade e entorno.

Em Guia Lopes da Laguna, a possibilidade de inserção dos filhos dos comerciantes locais na escola primária também contribuiu para que não somente os filhos da elite econômica já instituída (fazendeiros) tivessem uma formação cultural e científica, mas também os dos demais, os quais almejavam instrução.

Os filhos dos fazendeiros e comerciantes mais abastados da região enviavam seus filhos para Campo Grande ou para outra metrópole para que pudessem dar continuidade aos estudos, pois o interesse em

[...] oferecer a seus filhos instrução e cultura estava focado naquele momento histórico a partir de 1940, na implantação do ensino secundário, pela oferta de cultura geral, que poderia proporcionar-lhes a ascensão social almejada e consequentemente, aproximá-los das classes superiores, distintas econômica e culturalmente. (AGUIAR, 2013, p. 36)

O entrevistado ex-diretor e ex-aluno D2 relata que ao terminar o ensino primário na então Escolas Reunidas Visconde de Taunay foi enviado em meados dos anos 40 para Campo Grande a fim de completar seus estudos e que esta era uma prática comum entre as famílias que tinham possibilidade de fazê-lo.

Essa realidade, segundo a ex-diretora entrevistada D1 começou a inquietar a Sra. Salomé de Melo Rocha. Tal aflição foi descrita em carta³⁵ do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada ex-diretora D1:

³⁵ A Carta redigida em 28 de março de 2008 foi disponibilizada para a escrita do artigo (ou trabalho completo) intitulado "História da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e sua importância na cidade de Guia Lopes da Laguna" (STEIN; NERI, 2017).

Figura 24. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1

22 porque surgiu isto, criar ginásio? Um aluno da Escola Evangélica, "Mauod de Mello" Antonio Gregório subrinho da professora d. Eva, fez esta pergunta a Salomé, Professora, querendo a gente terminar de estudar aqui na Escola, quase ninguém terá condições de ir estudar fora? o que acontecesse aqui não tem uma. Salomé, respondeu fique desprocurado pois eu vou dar um jeito. Foi então que se empolgou a d. Salomé.

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada ex-diretora D1.

Todos os ex-diretores (D1, D2 e D3), ex-alunos (A1, A2 e A3) como os ex-professores entrevistados (P1, P2, P3 e P4) relatam que a Sra. Salomé de Melo Rocha teve um papel preponderante no que tange à ampliação dos níveis de ensino oferecidos na cidade de Guia Lopes da Laguna já que muitos alunos começaram a demonstrar interesse em continuar os estudos sem a necessidade de se afastar da região em que moravam.

Segundo a carta de seu esposo (ROCHA, 2008), eles assinavam o Jornal Correio da Manhã e por meio da leitura do mesmo, a Sra. Salomé teve acesso às informações sobre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG)³⁶ e entrou em contato com o fundador da CNEG, o Sr. Felipe Tiago Gomes.

Antes, porém, devido ao seu papel de destaque frente à Igreja Presbiteriana recorreu à Board³⁷, para que pudessem ampliar os níveis de ensino na cidade de Guia Lopes da Laguna.

No entanto, ao retornarem à Sra. Salomé de Melo Rocha trouxeram a proposta de que forneceriam toda a verba necessária para a construção da infraestrutura, mas não poderiam

³⁶ A Companhia Nacional de Educandários Gratuitos teve como fundador Felipe Tiago Gomes e a “[...] finalidade de democratizar o acesso ao ensino secundário. Tal ideário principia em Recife e expande-se por todo o Brasil e instala-se no Mato Grosso em 1949” (ASTOF, 2017, p. 1).

³⁷ A Board que o texto e a carta do Sr. Lino Alves da Rocha se referem está vinculada à organização protestante americana que no Brasil desejava “[...] formar elites em suas escolas, que, convertidas ou não, abraçassem seu modelo cultural e ético voltado para valores como trabalho, moderação, religiosidade, respeito.” (ALMEIDA, 2007, p. 335). Essa organização se implantou no Brasil no século XIX possibilitando uma renovação ideológica desvinculada ao catolicismo e “[...] não consideravam que sua missão fosse apenas evangelizar; sua ação centrava-se no objetivo de educar indivíduos imbuídos do sentido de coletividade e da aspiração de dar os primeiros passos nos rumos da ascensão social” (ALMEIDA, 2007, p. 329).

arcar com as despesas relativas ao pagamento do corpo docente e diretor, os quais deveriam ficar a cargo dos idealizadores.

Figura 25. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1

2.ª visita do Sr. Wadel, reitor do
com a seguinte resolução; Nós da direção do
ficamos muito entusiasmados com o relatório apresentado
pelo Sr. Reitor, concluímos que será tomada toda a
atenção para essa experiência que nos defronta
no entanto nós aqui, dependentes de uma organização
dos Estados Unidos que nos rege "Board" esta
dirige os trabalhos de toda parte do Mundo, os trabal-
hos que lhe são afetos; Foi dirigido a Ela o projeto
esta recebeu com muito bom grado, foi apreciado
e discutido com muita simpatia, finalizou que
acatariam que tudo; faria necessário todo dinheiro
que fosse preciso para construir, todas instalações
tudo isso que, e que precisasse em dinheiro seria aten-
dido nesse sentido, porém não assumiriam, a res-
ponsabilidade do "Corpo Docente" e direção da Organização
seria esta parte dos "Idealizadores," "Vou a Bom Ba" porque
esta seria a contribuição mais importante, na ocasião, autôre

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada ex-diretora D1

Impossibilitada de assumir tamanho compromisso, a Sra. Salomé entrou em contato por meio de cartas com a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos buscando parceria para a efetivação de um Ginásio na cidade. Para tal, seu esposo doou um hectare de terras e houve a participação da comunidade para angariar fundos para a construção desse novo local.

Figura 26. Trecho da carta do Sr. Lino Alves da Rocha à entrevistada D1

comprei do Sr. José Turco
uma hectare de terra a C.N.E. porém que passou a escritura
foi o Sr. José Mendonça, que não tinha escriturado ao
Sr. José Sôf. Barbosa, que era só o proprietário, eu tinha
até uma autorização do Sr. José ao Sr. Mendonça para me
passar a escritura, não a encontrei, o Meu amigo Balta
lá de Beuito hoje, comprei do mesmo do acuriosões de
pedra lá de St. Fé, pedra esta que a Prefeitura atri-
utilizou na construção perto dos Pocos Arteesianos na
av. Visconde de Taunay, todo mundo contribuiu

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada ex-diretora D1.

A doação feita por Lino Alves da Rocha aconteceu no início dos anos 60. Não foi possível averiguar com exatidão a data do ocorrido, todavia, a certidão de compra e venda do imóvel³⁸ é efetivada apenas em de 19 de outubro de 1978.

Com a doação do terreno à CNEG para a construção do prédio do Ginásio, a comunidade demonstrou-se solícita e foi

[...] admirável a participação de filhos do lugar que estudaram fora e voltaram para trabalhar e dar suas contribuições, isto é notável! E os que ahi estudaram formaram e dedicaram a esta Obra! Foi a boa vontade de todos os Guialopenses, sua cooperação. Nós fizemos barracas, festas, concurso e muitos outros esforços para angariar recursos (ROCHA, 2008).

Esta parte da carta do Sr. Lino Alves da Rocha reforça um aspecto exposto por vários entrevistados: o fato de os alunos que iam dar continuidade aos estudos em outras localidades retornarem às suas origens buscando favorecer de alguma forma a cidade.

A sociedade como um todo se envolveu com a arrecadação de recursos e a Sra. Salomé de Melo Rocha conseguiu enfim iniciar a construção do prédio que anos mais tarde abarcaria e unificaria o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes.

4.2 A criação do Ginásio Guia Lopes

Para a efetivação do Ginásio, não apenas precisava de um novo local para as aulas, mas, também, de professores que pudessem lecionar nesse nível de ensino na cidade. A Sra. Salomé de Melo Rocha buscou apoio e orientação sobre como proceder para a efetivação a outras pessoas do estado do Mato Grosso que também tiveram a iniciativa de fundar um Ginásio.

Segundo o entrevistado ex-diretor D2, nessa busca, a Sra. Salomé teria encontrado a Sra. Clotilde Castro Pinto³⁹ fundadora de um Ginásio em Bela Vista em 1950 (ASTOFE, 2017) que a orientou sobre os procedimentos legais. Essa iniciativa na época não foi bem compreendida e causou estranheza aos líderes religiosos católicos quanto ao fato de que “duas senhoras tomassem a frente em realizar tamanho projeto educacional” (D2, 2018).

Segundo relato do ex-Diretor D2, no fim dos anos 50 e início dos anos 60, não era comum a formação de professores que pudessem lecionar em ginásios: “[...] não existia escola

³⁸ A Certidão de compra e venda da propriedade citada encontra-se em anexo.

³⁹ Segundo o entrevistado, Clotilde de Castro Pinto era esposa do médico e General Rubens Abat de Castro Pinto e membro de família ilustre no estado de Mato Grosso.

de filosofia na região para formação de professores, então o corpo docente nos ginásios e científicos eram infectados por padres e profissionais liberais como advogados, médicos, dentistas. Quem tinha curso superior lecionava” (D2, 2018).

[...] desde o início ginásio foi um momento chave porque todos tinham vontade de ver desenvolver, com muito sacrifício! Por isso falo que foi muito importante. Olha, não tinha professor! Eles procuravam na comunidade os que eram formados, formações que não eram pedagogia, não eram habilitação para educação. Tinham médico, dentistas que se prontificaram a dar aulas até que começou a crescer. (P2, 2018).

Na cidade de Guia Lopes da Laguna buscou o apoio do Sr. Reinaldo de Arruda⁴⁰ propondo que o mesmo fosse o diretor do Ginásio, já que este tinha cursado nível superior. Apesar de nunca ter lecionado, ele assumiu a disciplina de Francês e aceitou também a direção do ginásio, que funcionaria inicialmente apenas no período noturno, já que a maioria dos professores tinha outras ocupações durante o dia.

De início, o ginásio funcionaria em uma das salas da Escola Evangélica Manuel de Melo, no entanto, segundo o ex-diretor D2, houve reprovação por parte da comunidade católica, visto que interpretaram como uma intenção de o Ginásio ter cunho religioso protestante. Um exemplo dessa reprovação foi o fato de que quando a Sra. Salomé de Melo Rocha procurou o Padre José Ferrero responsável pela Paróquia de Jardim, que se propôs a ser o professor de Latim, o que não foi aceito pelo Bispo de Corumbá caso tivesse que lecionar utilizando o espaço de uma Instituição Escolar Protestante.

A Dona Salomé ofereceu a sala de aula dela, mas o bispo Diocesano lá de Corumbá falou que “Lá não dá. Como que um padre ia lecionar junto com sala de aula da igreja Presbiteriana”. Então foi descartada e não havia local para instalar, local físico para instalarmos o Ginásio (D2, 2018).

De acordo com o entrevistado D2, tratava-se de uma “intolerância velada” que impedia seu funcionamento junto às salas de aula da Igreja Presbiteriana, o que fez com que não houvesse local físico para a instalação do Ginásio Guia Lopes. Diante disso, o Prefeito José Rosalvo Fraga da cidade de Guia Lopes da Laguna cedeu uma sala da prefeitura para a instalação do Ginásio no período noturno.

Em 1959 tiveram início as atividades do Ginásio Guia Lopes (ASTOFE, 2017), como uma das oito instituições escolares secundárias e de iniciativa particular no Mato Grosso. Suas ações estavam ligadas à Campanha de Nacional de Educandários Gratuitos demonstrando “a aceitação da Campanha em todo o Mato Grosso a partir do ano de 1949”

⁴⁰ Reinaldo de Arruda é médico formado pela Universidade Federal do Paraná e atuou na CER-3 como médico cirurgião. Foi vereador na cidade de Guia Lopes da Laguna.

(ASTOF, 2017, p.8). No entanto, os ex-diretores entrevistados D1 e D2 relatam o início em 1960.

Figura 27. Ginásios fundados em Mato Grosso pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos entre os anos de 1949 a 1963

Ano	Cidade	Instituição
1949	Campo Grande	Ginásio Barão do Rio Branco
1950	Bela Vista	Ginásio Bela Vista
1959	Guia Lopes da Laguna	Ginásio Guia Lopes
1959	Cuiabá	Ginásio Dom Aquino Corrêa
1960	Porto Murtinho	Ginásio Ruy Barbosa
1960	Rondonópolis	Ginásio Industrial 13 de junho
1963	Rio Verde de Mato Grosso	Ginásio Agrícola de Rio Verde

Fonte: ASTOF, 2017, p.7, 8.

Assim como outras instituições escolares presididas pela CNEG, o Ginásio Guia Lopes iniciou sem uma sede própria, funcionando em uma sala da prefeitura e com materiais emprestados. (ASTOFE, 2017).

A instituição escolar foi descrita pelos ex-diretores entrevistados (D1 e D2) e ex-professores (P2 e P3) como Ginásio Guia Lopes, comumente reconhecido por Ginásio CNEG. Essa nomenclatura era utilizada devido à função provedora da Companhia Nacional de Educandários Gratuitos.

Inicialmente os professores eram voluntários e tinham outras profissões provedoras de seu sustento (entrevistado D2). A primeira turma de professores do Ginásio Guia Lopes foi formado por: Reinaldo de Arruda (médico com função de professor de francês e diretor); Deamir Vargas (dentista), Beyl Vargas (contabilista), Padre José Ferrero, Hélio Cesário (Capitão dentista da CER-3) e Valdir Vilarinho (Pastor da Igreja Batista).

Em ata de resultados do exame de 2ª época do ano de 1960 constam os nomes dos seguintes professores: Reinaldo de Arruda, Beyl Vargas, Leonor Barbosa Flores, Deamir Vargas e Padre José Ferrero.

Como a maioria dos que assumiram como professores possuíam outras profissões, a verba enviada pela CNEG era utilizada para a manutenção do Ginásio e para ajuda de custo para o Padre José Ferrero, único professor a receber por suas atribuições de professor, pois este vinha da cidade de Jardim e possuía gastos com gasolina (segundo ex-diretor D2). Os demais professores do Ginásio Guia Lopes lecionavam voluntariamente.

A maioria dos alunos do Ginásio era proveniente de Jardim. Segundo o ex-diretor D2 durante o primeiro ano “[...] os alunos vinham num caminhão, numa carroceria. Um caminhão vinha, trazia e levava depois da aula. E os professores que vinham de Jardim, como os oficiais, vinham juntos” (D2, 2018).

Souza (2012) relata que “A viagem era feita todo final de tarde em um caminhão providenciado pela CER-3, com bancos e capota para caso de chuva [...] em um período marcado por expansão da rede de ensino estadual mato-grossense” (SOUZA, 2012, p. 73).

No final do segundo ano do Ginásio Guia Lopes, houve um esvaziamento por parte dos alunos provenientes de Jardim.

Nós esperávamos que com a criação desse Ginásio que depois se transformou, viriam muitos fazendeiros e pessoal da área rural morar e que se mudariam para Guia Lopes para colocarem seus filhos no colégio, mas não aconteceu muito isso. Não sei se porquê. Logo depois criou em Jardim também e aí já dividiu e preferiram Jardim que sempre foi uma cidade melhor que a nossa, devido o apoio que tinham da Comissão de Estradas e Rodagem (CER 3). Mesmo assim o Ginásio foi muito importante porque os menos favorecidos que não podiam sair da cidade para continuarem seus estudos começaram a estudar alguma coisa por aqui (D2, 2018)

Isso ocorreu porque o então Educandário da CER-3 em Jardim transformou-se em Educandário Coronel Felício no início de 1963 e passou a oferecer o curso Ginásial no período noturno e os alunos se transferiram para a instituição escolar que era mais próxima de suas residências (SOUZA, 2012).

A dificuldade em manter a quantidade de alunos matriculados no Ginásio Guia Lopes não comprometeu sua continuidade, pois “Com os professores não houve tanta crise porque chegou aporte de pessoas de fora com alguma formação e o corpo docente não teve tanto abalo assim. O Ginásio da Dona Salomé estava indo, funcionando com poucos alunos, mas funcionando” (D2, 2018).

O Ginásio Guia Lopes da Laguna era muito bem quisto pela comunidade da época, pois também possibilitava aos alunos trabalhadores a oportunidade de continuarem os estudos pelo motivo de oferecer o ensino no período noturno.

O ex-diretor D2 relata que não houve problemas com os professores, que continuaram lecionando voluntariamente, mas que alertou a Dona Salomé que os professores não aguentariam lecionar por muito tempo sem a devida remuneração.

4.3 A LDB 4024/61 e a organização do Ginásio Guia Lopes

Em 1960, as atividades do Ginásio Guia Lopes tiveram início, ainda reguladas pela Lei orgânica do ensino secundário nº 4.244/42, que estabelecia:

Art. 2º O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico.

Art. 3º O curso ginásial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário. (BRASIL, 1942b)

Em 1961, entrou em vigor a Lei nº 4024 que teve em seu processo de elaboração um período turbulento, pois as diretrizes educacionais foram alvo de “um longo e intenso debate e luta ideológica sobre os rumos da educação brasileira” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p.29).

No entanto, essa superação não era simples de acontecer e

[...] sem abandonar sua linha de pensamento original, deixava de lado a preocupação de afirmar princípios da escola nova, para, acima de tudo, tratar do aspecto social da educação, dos deveres do Estado Democrático e da imperiosa necessidade de não só cuidar o estado da sobrevivência da escola pública, como também efetivamente assegurá-la a todos (ROMANELLI, 1997, p.179).

Para que isso acontecesse, que profundas transformações precisariam acontecer e, em meio a tramitação da LDB 4024, esta modificada por mais de 200 emendas que não solucionaram os principais problemas da educação nacional, os quais segundo Shiroma; Moraes; Evangelista (2004), eram os princípios da descentralização e o favorecimento ao ensino particular.

Esses aspectos influenciaram a ampliação de cursos profissionalizantes de nível médio favorecendo a política desenvolvimentista “com as propostas educacionais, a partir de uma perspectiva empresarial” (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994, p. 219).

Apesar de ser considerada uma lei completa pelo fato de estabelecer diretrizes e bases para toda a educação nacional influenciando todos os níveis de ensino, essa legislação não estabeleceu um sistema educacional em si, pois “[...] não levou em conta as necessidades fundamentais da situação brasileira em termos de educação” e carecia “[...] de coerência externa, [resultando] inoperante diante da realidade brasileira, não tendo conseguido realizar transformações substanciais” (SAVIANI, 2005, p. 107).

Teve pontos inovadores, como os que se referiam ao ensino médio e ao superior, assim como aos recursos para a educação, determinando que a União deveria aplicar “[...] anualmente, na manutenção e desenvolvimento do ensino, 12% (doze por cento), no mínimo

de sua receita de impostos e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, 20% (vinte por cento), no mínimo” (BRASIL, 1961).

Com relação à estrutura organizacional da educação brasileira não houve muitas modificações, determinando que ela deveria ser organizada como se apresenta no quadro a seguir.

Quadro 11. Estrutura da Educação Brasileira de acordo com a LDB 4024/61

Estrutura da Educação Brasileira de acordo com a LDB 4024/61			
Nível de Ensino	Duração	Idade	Características
Ensino Pré-Primário		Crianças menores de sete anos	Composto por escolas maternas e Jardins de Infância
Ensino Primário	Quatro anos, com a possibilidade de acrescentar mais dois para estudos de artes aplicadas	Obrigatório e gratuito nas escolas públicas a partir dos sete anos	Os que iniciassem depois da idade indicada poderiam ser inseridos em classes especiais ou em cursos supletivos correspondentes ao nível de desenvolvimento
Ensino Médio	Ginásial – 4 anos	Não obrigatório, mas gratuito nas escolas públicas para adolescentes em prosseguimento ao Ensino Primário após aprovação no Exame de Admissão	Compreendia o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores)
	Colegial – 3 anos		
Ensino Superior	Subsequente ao Ensino Médio	Para os que completaram o Ensino Médio. Não obrigatório e gratuito nas escolas públicas.	Tinha como objetivo de fomentar a pesquisa e a formação de profissionais em nível universitário

Fonte: Elaborado pela autora com base na LDB 4024/61.

Segundo o ex-diretor D2 os conteúdos trabalhados eram unificados entre os Ginásios. Assim, apesar das improvisações relatadas pelo mesmo, as aulas de caráter magistral seguiam conteúdos determinados em um programa pré-estabelecido. Os professores, em sua maioria não formado em Licenciaturas ou cursos de formação de professores, lecionavam imitando as aulas que haviam presenciado na faculdade.

Nossa referência era nossos professores universitários, as aulas aqui eram com matérias que para nós era fácil de a gente lecionar. Nós dávamos uma aula meio que imitando as aulas que a gente teve na faculdade. No máximo pegava o livro, dava uma lida, preparava aula mentalmente, com algumas anotações. (D2, 2018).

As disciplinas as quais os alunos tinham acesso eram: Português, Francês, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês e Desenho.

Figura 28. Ata de Resultados Finais do Ginásio Guia Lopes da Laguna – 1963

ATA DE RESULTADOS FINAIS										
Aos <u>vinte</u> dias do mês <u>dezembro</u> do ano de 19 <u>63</u>										
terminou-se o processo da apuração das notas finais e nota global dos alunos da <u>2ª</u> série <u>única</u>										
no turno <u>Noturno</u> do curso <u>Ginásial</u> deste estabelecimento, com os seguintes resultados:										
NOME DO ALUNO	Port:	Franc:	Matem:	Ciën:	Hist:	Geog:	Ingl:	Trab:	Des:	Média
Antônio C. Alves da Rocha	6,3	7,8	6,7	7,0	7,0	7,7	9,3	7,5		7,57
Darcy Zielkowski	6,0	7,3	7,7	7,2	5,4	8,9	9,9	6,6		7,39

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

As Atas de Resultados Finais (1963) das avaliações dos alunos demonstra que o Ginásio Guia Lopes oferecia uma turma de cada um dos quatro anos propostos pela Lei nº 4024/61 e as aulas ocorriam no período noturno. Foi possível fazer o levantamento do número de alunos matriculados e dos resultados das avaliações dos alunos no ano corrente.

Quadro 12. Resultados finais das Avaliações do Ano de 1963

	Alunos Aprovados	Alunos Aprovados após exame de 2ª época	Reprovados	Desistentes	Total de Alunos Matriculados por turma
1º Ano	12	4	9	3	28
2º Ano	12	----	----	----	12
3º Ano	4	3	----	----	7
4º ano	6	----	----	----	6
Total de alunos matriculados em 1963					53

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados obtido no Acervo da Escola Salomé de Melo Rocha.

Em 1964, com o poder regido sob as mãos dos militares e cada vez mais prezando pelo ajuste da ideologia ao modelo econômico desenvolvimentista, o ensino brasileiro foi subjugado às “recomendações advindas de agências internacionais e relatórios norte-americanos” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p. 33).

Essa submissão às exigências externas contribuiu para que a educação nacional estivesse articulada com as necessidades econômicas correntes e fosse utilizada para aumentar o fosso entre as diferentes camadas sociais, pois o ensino médio deveria ter um enfoque para a formação da maioria da população e o ensino superior apenas às elites.

No decorrer do regime militar, várias leis e decretos foram elaborados “[...] visando assegurar uma política educacional orgânica, nacional e abrangente que garantisse o controle político e ideológico sobre a educação escolar em todos os níveis e esferas” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p. 35).

No Ginásio Guia Lopes dois professores foram proibidos de lecionar “acusados de ideias esquerdistas” e segundo o entrevistado tinham “sido visados pelo movimento de 1964 e nosso nome estava no índice.” (D2, 2018).

O Ginásio Guia Lopes, como já foi mencionado neste texto, iniciou suas atividades em uma sala da prefeitura e, posteriormente, teve seu funcionamento transferido para o mesmo prédio do Grupo Escolar Visconde de Taunay ao lado da Igreja São José e suas identidades começaram a se entrelaçar. A data exata dessa transferência não foi possível de ser localizada em documentos oficiais ou durante as entrevistas. Cruzando informações, pressupõe-se que foi provavelmente entre 1963 em 1965.

Contudo, em 1966, com o início do mandato do governador Pedro Pedrossian no estado do Mato Grosso, houve a intenção do governo de transformar o Ginásio Guia Lopes em uma instituição estadual.

O Ginásio da Dona Salomé estava indo, funcionando com poucos alunos, mas funcionando. Quando foi eleito o governador do Mato Grosso do Sul⁴¹ Pedro Pedrossian, bastante progressista [...]. Então ele propôs estadualizar o Salomé. A Dona Salomé não queria que o Ginásio passasse para o Estado. Ela resistiu, mas o Conselho de Escola da qual eu fazia parte na época, vimos que os professores lecionavam de graça, que tinha uma verba muito pequena que nós deixávamos para aqueles professores mais necessitados. Acho que era uma verba do Ministério da Educação, acredito. Mas era uma verba pequena[...] Daí eu conversei com a Dona Salomé: “Os professores não vão aguentar muito tempo. Jardim já está com Ginásio Estadual. Não vamos aguentar muito tempo”. Ela cedeu! (D2, 2018)

⁴¹ Apesar do entrevistado D2 se referir a “Mato Grosso do Sul” em 1966 ainda era Mato Grosso, pois a divisão do estado em dois ocorreu apenas em 1977.

A Sra. Salomé não atuava diretamente no Grupo Escolar Visconde de Taunay e no Ginásio Guia Lopes, pois não era professora ou tinha função como administrativa nas instituições, mas era considerada como “A pessoa que se destacou aqui em Guia Lopes e tinha essa visão de melhoria para o município” (P2, 2018).

O ex-diretor D2 que participou do início do Ginásio Guia Lopes relatou que ela era muito presente e por ser a Presidente Municipal da Companhia Nacional de Educandários Gratuitos tinha voz ativa no Ginásio Guia Lopes. Voz esta, que em continuidade ao relato, não aprovava a possibilidade de estadualização do mesmo.

Isso porque a Sra. Salomé acreditava que o crescimento do Ginásio estava vinculado ao crescimento da cidade e não à influência do estado na instituição (P2, 2018). Demonstrando uma atitude “idealista” e de “liderança política boa talvez ela tenha resistido à estadualização do colégio porque ela ia perder o controle” (D2, 2018).

Segundo D2(2018), a maioria dos professores participava da Diretoria do Ginásio Guia Lopes e ainda não recebia salários. Eles vivenciavam uma diminuição dos alunos na instituição, formavam e presidiam o Conselho de Escola em reuniões e discussões entre os seus membros que decidiram pela estadualização já que traria benefícios à instituição escolar, maior respeito e visibilidade social. Tal decisão contrariou a liderança política envolvendo a representante da CNEG em Guia Lopes da Laguna, a Sra. Salomé.

Na análise que faz do cenário educativo Francês no século XIX, Petitat (1994) afirma que “[...] os espaços se constituem locais onde o ensino acontece, nos quais são evidenciadas as relações internas e externas de poder” (BRIZUEÑA, 2016, p.80) e possui grande importância para o ensino em si.

Assim, os espaços não estão relacionados apenas aos aspectos físicos das instalações das escolas citados por Brizueña como os elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento como também “o espaço do poder” (BRIZUEÑA, 2016, p. 80).

Petit (1994) não se desvincula da historicidade destas instituições educativas e busca compreender os alicerces que as sustentam. Em sua análise, o

[...] colégio apresenta-se como uma instituição burocrática: a) o dirigente principal não é eleito por seus pares, mas sim designado por uma instância de direção; b) os professores não mais atuam individualmente, mas como uma fração de um corpo docente, encarregado de ocupar um horário e de cobrir um programa determinado; c) o trabalho do professor é avaliado e criticado pela direção; d) os alunos perdem todos os seus direitos em proveito da instituição, inclusive o de formar associações e designar representantes. O colégio forma uma espécie de hierarquia de poderes e de competências com a particularidade típica da submissão do escalão inferior ao superior. (PETITAT, 1994, p. 93)

Por meio da entrevista com o ex-diretor D2 é possível perceber a disputa de poder existente no processo de estadualização do Ginásio.

A disputa interna de poder era constituída pelo próprio Conselho de Escola que diante das situações as quais vivenciavam deliberavam as ações apropriadas para o melhor desenvolvimento da instituição. Segundo do Diretor D2, havia resistência por parte do Conselho de Escola na aceitação do processo de estadualização proposto pelo governo do estado do MT, mas cederam para contemplarem as necessidades econômicas dos professores.

Havia também, disputas de poder consideradas externas, pois envolviam atores que não faziam parte do corpo do Ginásio. Como representante municipal da CNEG, a Sra. Salomé de Melo Rocha travou a primeira disputa externa pelo poder demonstrando haver “um grupo que não queria perder o controle” (D2, 2018). A CNEG não tinha como prover os mesmos investimentos que o governo do estado do MT, principalmente quanto aos salários dos professores, o que foi determinante e resultou na estadualização do Ginásio Guia Lopes.

Foi um processo no qual não houve muita participação social. “Foi um movimento no qual a sociedade não participou. A sociedade aceitou, leu no jornal que havia sido estadualizado” (D2, 2018).

A partir do processo de estadualização do Ginásio Guia Lopes da Laguna, as relações de poder passaram a ter outras dimensões devido ao fato de que as designações dos diretores eram realizadas por meio de indicações políticas “variáveis de acordo com os grupos de poder” (PETITAT, 1994, p. 151). Assim como analisou Petitat, torna-se

[...] impossível dissociar a função de reprodução atribuída à escola da dinâmica dos processos sociais e da legitimação-ilegitimação dos grupos do poder. Dentro desta dinâmica, a escola não exerce mais do que uma ação conservadora, mas igualmente criadora, sobretudo nos períodos que se seguem a uma mudança de regime (PETITAT, 1994, p. 165).

Essa prática política era uma comum em instituições educacionais vinculadas ao estado. Rodriguez e Oliveira (2007) retratam que já no início dos anos 40 a “[...] influência política causava instabilidade e insegurança nos professores, por exemplo, quando um determinado partido vencia as eleições, ocorriam remoções, demissões, afastamentos e perda de cargos, no caso de pertencerem a partidos diferentes” (2007, p. 8).

Petit (1994) afirma que

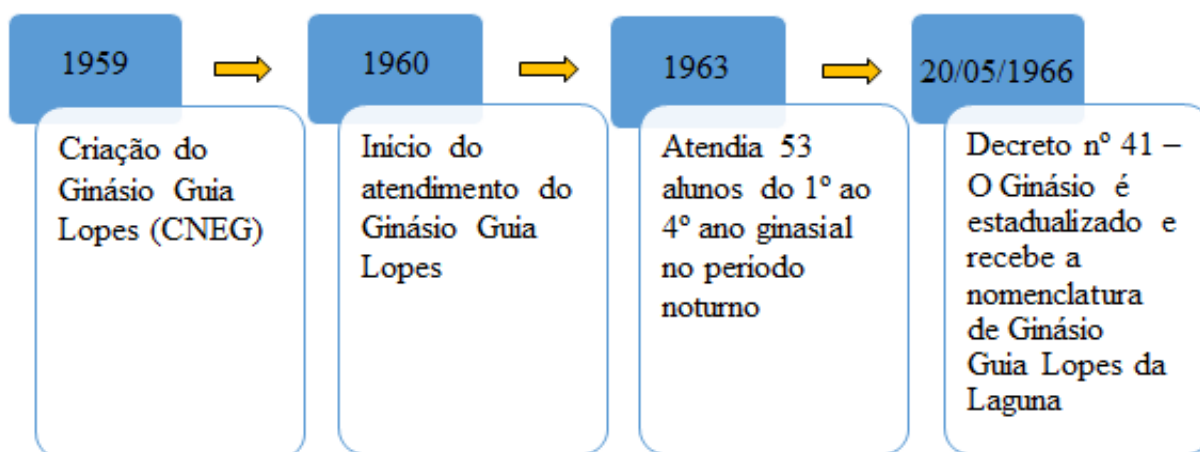
As relações entre as escolas e esferas do poder social e político se caracterizam por alterações bruscas e repentinas reestruturações de conjunto, separadas por longos períodos de “estabilidade” [...] nos quais na realidade se desenrolam inúmeras lutas de influências (p. 262, grifo do autor).

Dessa forma, Petitat (1994) retrata a influência do poder do estado nas instituições escolares no período durante o século XIX, quando a “escola passa a ser instrumento de integração social e política da escola primária, de um lado como ação moralizadora e de controle da ordem social, e de outro lado como instrumento de transformação das condições reais de existência” (BRIZUEÑA, 2016, p. 22).

A alternância no poder do grupo político gestor do governo do estado desencadeava mudanças internas na escola, como, por exemplo, a nomeação de diretoras. Sendo assim, após a estadualização, as mudanças na Direção do Ginásio se tornaram mais frequentes, bem como a ingerência do grupo político que estava no poder na escolha de professores.

Após a estadualização, o Ginásio de Guia Lopes da Laguna continuou seu atendimento agora financiado pelo estado do MT, favorecendo um status maior à instituição e continuando a proporcionar o curso ginasial não apenas à cidade de Guia Lopes da Laguna, como também a toda região. É importante resgatar que em “[...] 1965, houve o aumento de estabelecimentos do ensino secundário no Estado, passando de 20 para 56 [...]” (MARQUES, 2014, p. 44).

Figura 29. Linha do Tempo do Ginásio Guia Lopes da Laguna



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos e entrevistas.

Por meio da linha do tempo acima é possível compreender que em um pequeno espaço de tempo o Ginásio fundado em Guia Lopes da Laguna conseguiu consolidar-se como instituição educativa na cidade. De 1959, data de sua criação, em que estava vinculado economicamente à Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos, iniciou o atendimento em 1960 e conseguiu se estabelecer na cidade a ponto de ser estadualizado em 1966, vinculando o nome da cidade à sua identidade institucional e tornando-se Ginásio Guia Lopes da Laguna.

4.4 Da intersecção entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna à Escola Estadual Salomé de Melo Rocha

O Grupo Escolar Visconde de Taunay era uma instituição escolar estadual e com a estadualização do Ginásio Guia Lopes da Laguna em 1966, há indícios de que as instituições escolares em seu processo evolutivo foram construindo uma identidade interlaçada pela história e se consolidaram como uma única ao serem transferidas ao novo prédio que outrora começara a ser construído por influência e esforços da Sra. Salomé de Melo Rocha.

O fato do grupo escolar e o Ginásio Guia Lopes da Laguna ficarem no mesmo espaço favorecia a continuidade dos estudos aos alunos.

O Projeto Político Pedagógico (ROCHA, 2012) aponta que "[...] a escola iniciou suas atividades letivas em 01/03/1960 como Grupo Escolar Visconde de Taunay, mantida então pela Secção Estadual da Campanha Estadual de Educandários Gratuitos", que, na referida data, era presidida pela Sra. Salomé de Melo Rocha de modo a dar continuidade ao atendimento do ensino.

No entanto, há contradição em informações, pois o Grupo Escolar já era uma instituição estadual antes de 1960 e o Ginásio Guia Lopes, que fora mantido pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, até ter sido estadualizado, em 1966.

Durante as entrevistas, os participantes demonstraram muita dificuldade em desvincular uma instituição da outra, relatar fatos em anos precisos e, em muitos momentos, utilizaram a nomenclatura Escola Salomé para se referir a essas instituições nos diferentes momentos históricos que percorreram. Por essa razão, a partir desse momento será utilizada a nomenclatura Escola Salomé de Melo Rocha para poder aproximar este resgate histórico da vivência dos entrevistados e para que o leitor compreenda que essas instituições efetivamente caminharam juntas.

As instituições também tiveram uma Patrona comum, a Sra. Salomé de Melo Rocha, que foi homenageada com o título de cidadã Lagunense pela Resolução nº 06/68 de 16 de setembro de 1968.

Enquanto utilizaram o mesmo espaço físico (aproximadamente 63 a 65) no espaço ao lado da igreja São José, o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes atendiam alunos de outras localidades e geravam uma movimentação na região central da cidade. Além de a instituição ter condições de atender essa demanda externa à cidade, devido a sua localização, ela também contribuía para o desenvolvimento do comércio local.

“Precisava ver uns anos atrás como esse centro de Guia Lopes era povoado de estudante, fervilhava. Parecia um bando de andorinhas. Era bonito!” (D2,2018).

Nos anos 60 houve um desenvolvimento considerável da cidade, pois “Guia Lopes no princípio tinha vencido a concorrência com Jardim pelo Banco do Brasil e DETRAN e foram construído primeiro aqui” (C2, 2018) contribuindo para o crescimento populacional da cidade.

Não foi só a escola, mas a partir da escola foram desenvolvendo outros setores da cidade, por exemplo, o que também ajudou a desenvolver muito foi o Banco do Brasil quando veio para cá. O Banco do Brasil era polo na região. Não tinha em Jardim. Durante muitos anos o Banco do Brasil foi polo aqui, de toda a região de Bonito, Jardim e até Bela Vista. Assim como a Escola Salomé de Melo Rocha era uma escola importante demais para a região, colaborou muito. É uma escola bem tradicional, sempre a Escola Salomé lutou pela preservação, sempre foi rígida. A Escola Salomé de Melo Rocha é uma ótima escola, de referência. Toda vida ela foi referência. (A2, 2018).

No entanto, o crescimento da cidade não teve continuidade como era esperado. De acordo com o que relata o entrevistado membro da comunidade C2, os investimentos no município foram gradualmente diminuindo comprometendo o desenvolvimento local devido às divergências políticas na cidade.

Após 1966, as ações desenvolvidas pela junção dessas instituições resultou no reconhecimento da importância da escola perante a sociedade, pois era considerada boa, rígida, capaz de contribuir na formação dos alunos em uma comunidade onde muitos não tinham condições financeiras de prover os estudos aos filhos sem ajuda do Estado. Ademais, ao se transferirem para o novo prédio, aos alunos eram propiciados espaços e oportunidades de realizarem atividades cívicas e coletivas gerando maior visibilidade. Assim “a Escola Salomé era e é até hoje uma escola muito bem vista, uma das maiores que aqui tem. Sempre foi a preferida da comunidade” (D3, 2018).

Figura 30. Alunos e professora em frente ao prédio da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha se organizando para desfile cívico de 7 de setembro de 1969.



Fonte: Arquivo Família Bertola.

Essa preferência dava ainda maior evidência à escola e “espontaneamente surge uma elite. Filhos dos comerciantes também e que não deixava de ser uma elite” (D2, 2018).

A escola continuava a abarcar os filhos dos fazendeiros, mas também dos comerciantes e demais crianças que precisassem.

A Escola Salomé na realidade atendia todos os estudantes lagunenses. Ela atendia todos, independente. Tinha mais, muito mais da categoria de uma posição social melhor, porque era uma escola do centro, mais localizada e tinha todo o pessoal que estudava lá, com exceção dos que iam pra fora. Mas os que ficavam era sempre na Escola Salomé. Atendia a periferia também, porque era ela mesmo que atendia todo mundo. O maior fluxo de alunos era no Salomé. (A3, 2018)

De acordo com os entrevistados, havia também o “pobrerio”, mas os professores em geral não tinham essa como uma informação determinante.

Eu nunca me preocupei em saber qual era a renda social dos meus alunos. Naquela época a gente dava aula porque a gente amava e por que a gente era apaixonado por isso então você ia lá e você se dedicava simplesmente isso e os alunos eram maravilhosos. (P3, 2018)

Apesar de os professores serem considerados rígidos e exigentes, havia uma interação muito grande entre docentes e discentes. Havia um grande respeito aos professores por parte dos alunos e de suas famílias, o que contribuía positivamente na aprendizagem dos alunos.

Figura 31. Comemoração do aniversário da Diretora Laurinda Capistrano Figueiró (de óculos no centro) junto à professora Rute Montezano e seus alunos em 1969.



Fonte: Arquivo Família Bertola.

Em 1971 foi aprovada a Lei nº 5692, que estabeleceu as diretrizes e as bases para o ensino de 1º e 2º grau, “[...] introduzindo mudanças profundas na estrutura de ensino vigente até então” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p. 38).

Diferentemente da LDB nº 4024/61, não pôde ser considerada uma lei completa, pois visava estruturar apenas dois níveis de ensino, não abordando pré-primário e, tão pouco, o ensino superior. Saviani (2005) afirma que essa lei não foi uma reforma educacional e, sim, uma atualização e expansão do ensino às crianças e aos adolescentes.

Quadro 13. Estrutura da Educação Brasileira – Lei nº 5692/71

Estrutura da Educação Brasileira a partir da Lei nº 5692/71			
Nível de Ensino	Duração	Idade	Características
Ensino Pré-Primário		Crianças menores de sete anos	Composto por escolas maternas e Jardins de Infância – Não houve alterações
1º grau	Primário – 4 anos	A partir dos sete anos	Obrigatório e gratuito nas escolas públicas
	Ginásio – 4 anos		
2º grau	3 ou 4 anos	Subsequente ao 1º Grau sem a necessidade de exame de admissão	Não obrigatório, mas gratuito nas escolas públicas e obrigatoriamente profissionalizante
Ensino Superior	Subsequente ao Ensino Médio	Para os que completaram o 2º Grau. Não obrigatório e gratuito nas escolas públicas.	Tinha como objetivo de fomentar a pesquisa e a formação de profissionais em nível universitário. Houve alterações por meio da Lei nº 5.540/68

Fonte: Elaborado pela autora com base na LDB 5692/71 (BRASIL, 1971).

Por se tratar de uma alteração estrutural na educação brasileira em fases específicas da escolaridade, é necessário questionar “[...] a respeito do espírito de uma lei, o que se pretende saber é qual a sua fonte inspiradora, qual a sua doutrina, quais os princípios que a informam; enfim, como se diz correntemente, qual a sua ‘filosofia’” (SAVIANI, 1982, p. 134).

Essa lei “[...] foi instaurada em plena fase de expansão acelerada da economia do País. Nessa fase, a modernização da economia brasileira implicou a redefinição das relações capital/trabalho” (BRASIL, 1982, p. 5).

Apesar de não abranger o ensino superior, essa legislação teve sua importância, pois unificou o ensino primário ao ginásio, constituindo o primeiro Grau, o que significou o prolongamento da escola única, comum e com duração de oito séries. Entretanto, seu caráter

tecnicista veio atender à demanda da sociedade por mais escolaridade e adequar o sistema educacional à política socioeconômica da época.

A Lei 5.692/71 representou o fecho de uma série de medidas de reformulação da educação brasileira, tendo sido proposta como um instrumento capaz de promover a contínua atualização do sistema de ensino e de regular as novas relações entre a educação e a sociedade, no Brasil. Pretendeu-se que ela fosse mais que uma reforma a ser em breve ultrapassada pelos fatos, instituindo-se uma escola, não uniforme, mas unificada pelo que há de comum e diversificada pelo que é ou deve ser diferente (VASCONCELLOS et alii, 1970, apud BRASIL, 1982, p. 37).

A unificação dos antigos cursos primários e ginásios em 1º grau foi um ganho na educação brasileira, principalmente pela extinção do curso de admissão, já que a reprova no mesmo impedia muitos alunos de continuarem seus estudos.

O 2º grau nas escolas públicas estava em posição de subordinação à nova lei e, apesar de descaracterizar-se, ofereceu absolutamente os cursos profissionalizantes que visavam à formação de mão-de-obra para atender à demanda social. Contudo, as escolas particulares “[...] preocupadas em satisfazer os interesses da sua clientela, ou seja, em propiciar o acesso ao 3º Grau, desconsideraram [...] tais habilitações e continuaram a oferecer o curso colegial propedêutico à universidade” (GHIRALDELLI, 2001, p.182).

Essa nova estrutura educacional foi organizada para possibilitar a ampliação do nível de escolaridade, bem como para que fossem atendidos também aos interesses da política socioeconômica, a qual se via envolta pelos ideários do “milagre econômico” que permeava as ações da época na “tentativa de dar uma formação educativa de cunho profissional e tecnocrática” (BRAZIL; SILVA, 2013, p.16) à população. Todavia, a mudança na estrutura não era condizente com a realidade das escolas, pois

[...] a alta seletividade do antigo curso primário, a elevada proporção de vagas na rede particular e a inexistência de escolas do antigo nível médio na zona rural tornaram impraticáveis a extensão e a obrigatoriedade da escolaridade previstas na lei (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p. 39).

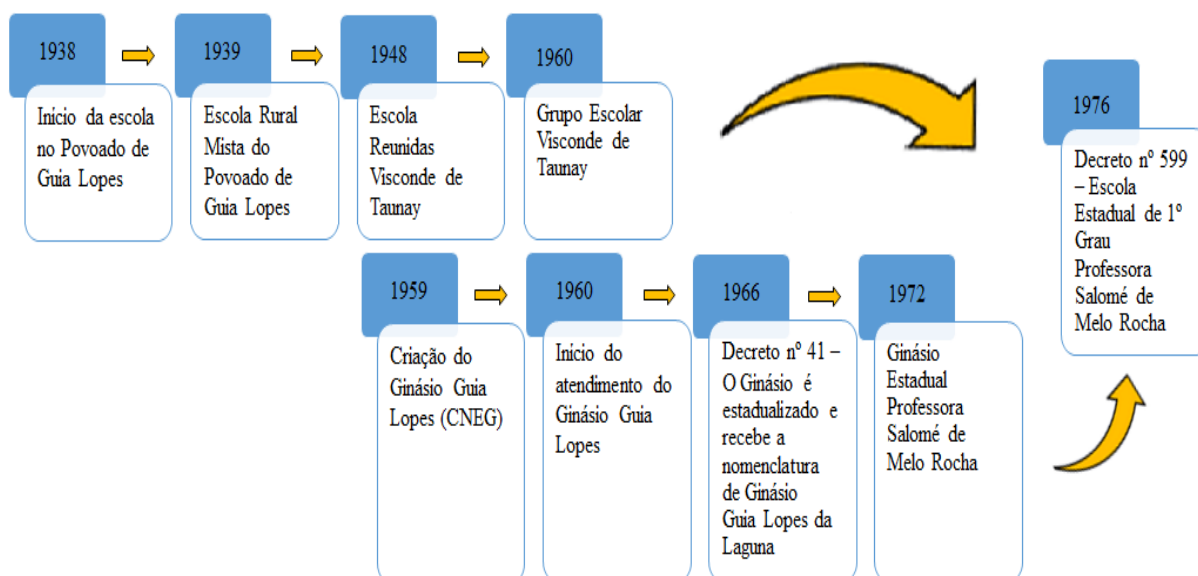
A adaptação das escolas às novas exigências e a ampliação do ensino obrigatório – que de quatro e passou para oito anos de duração – fizeram com que as instituições tivessem dificuldades para adequar sua organização, seu espaço físico e seus professores, necessitando em nível nacional de “[...] intervenção clara em seus desdobramentos, [de] fortes investimentos para sua implementação em todo território nacional, [de] ampla discussão com educadores e educadoras de todo país” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2004, p. 39) para que pudessem cumprir a nova lei com qualidade.

A lei exigiu que a escola ampliasse o ensino obrigatório, no entanto, não foram dadas condições para que isso acontecesse, de modo a dificultar o processo de implementação da Lei nº 5692/71, cuja efetivação em Mato Grosso aconteceu apenas em 1974.

Em 1972, é possível localizar no ato de nomeação da diretora Laurinda Capistrano Figueiró nos registros do Diário Oficial do MT, que a instituição aparece como Ginásio Estadual Profª Salomé de Melo Rocha.

As alterações decorrentes da lei nº 5692/71 aconteceram no município de Guia Lopes da Laguna no ano de 1976 com a transformação do então Ginásio Estadual Profª Salomé de Melo Rocha e do Grupo Escolar Visconde de Taunay em Escola Estadual de 1º. Grau Professora Salomé de Melo Rocha por meio do Decreto/MT nº.599. Tal legislação homenageava a Patrona por seu envolvimento no que concerne à ampliação do atendimento e o engajamento para que o Ginásio Guia Lopes da Laguna fosse construído, o que também abarcou o então Grupo Escolar Visconde de Taunay. Essa constatação foi feita com base nas entrevistas e por meio do cotejamento de várias fontes. Entretanto, o decreto citado acima menciona apenas a transformação do Ginásio Guia Lopes da Laguna em Escola Estadual de 1º. Grau Professora Salomé de Melo Rocha.

Figura 32. Linha do tempo paralelas- do Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes à efetivação da Escola Salomé de Melo Rocha



Fonte: Elaborado pela autora segundo documentos e entrevistas.

Assim, em 1976 efetivou-se a união entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes, que já existia desde meados dos anos 60. A história dessas instituições

escolares pode ser visualizada na linha do tempo acima: a Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes (1939) transforma-se em Escolas Reunidas Visconde de Taunay (1948) e, posteriormente, em Grupo Escolar Visconde de Taunay (1960), quando, em meados dos anos 60, começa a utilizar o mesmo espaço físico do recém-criado Ginásio Guia Lopes (1960), o qual recebeu o nome de Ginásio Guia Lopes da Laguna (1966) e, posteriormente, Ginásio Estadual Prof^a Salomé de Melo Rocha (1972). A identidade educacional de ambas instituições se constituíram de tal modo que, durante a pesquisa, os entrevistados não conseguiram desvincular uma instituição da outra.

A Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha continuou desempenhando um papel importante na formação dos alunos, pois

[...] era a única diversão no aspecto cultural que a cidade de Guia Lopes da Laguna tinha. Os pais vinham para o Ginásio de Esporte, eles faziam muitas apresentações. Era a escola que movia Guia Lopes, era a Escola Salomé com seus eventos e as atividades. A gente fazia muito, muitas atividades mesmo! (A3, 2018)

Além disso, fazia dos eventos cívicos da cidade, um momento para difundir o trabalho realizado tanto dos professores como de seus alunos. A comunidade participava ativamente das festas propostas pela escola e valorizava essas ocasiões.

Eu acho que quando a gente fazia esses eventos que levava toda a comunidade. [...] a gente fazia pra gente conseguir mexer mesmo na sociedade, com a comunidade, tipo desafio de incentivo para que a juventude crescesse e evitasse o caminho das drogas. Era um trabalho que a gente fez muito para ajudar os jovens a não entrarem para esse lado. Era o motivo que a gente fazia na escola aquela época, de vez de deixar eles ficarem ociosos, a gente investia bastante no esporte, na cultura no lazer, nas viagens. Eles faziam viagens também, fora, excursões. Sabe, tinha muito isso! (A3, 2018)

Apesar de o ginásio ter tido momentos diferenciados em sua história, apesar da ansiedade da comunidade pelo início das atividades, apesar da diminuição do número de alunos em 1960, devido ao início do ginásio no Educandário Coronel Felício, a instituição foi muito importante para a formação de uma geração em Guia Lopes da Laguna.

Segundo os entrevistados, muitos jovens e aqueles que haviam parado seus estudos devido ao trabalho diurno, tiveram nessa instituição a possibilidade de desenvolver seus conhecimentos e transformaram esses estudos em uma oportunidade de melhorar sua inserção no mercado de trabalho.

Com a efetivação da união, que existia há anos entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna, por meio da criação da Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha, em 1976, houve a consolidação de uma instituição educativa ainda mais respeitada pela comunidade.

Esse respeito foi conquistado em meio ao seu percurso. Seus professores atentos às necessidades dos alunos e como alguns entrevistados relataram, possuíam um grande compromisso com a formação dos alunos em atender às necessidades da sociedade em suas diferentes épocas.

Em contrapartida, os professores entrevistados relataram o compromisso que os alunos tinham com os estudos. Apesar de a escola ser exigente, existia o apoio das famílias e respaldo para essas cobranças educacionais.

Assim, as entrevistas evidenciam que a transformação de duas instituições importantes na cidade – o Grupo Escolar visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna – em uma escola estadual de 1º grau contribuiu muito para a educação da cidade de Guia Lopes da Laguna, tendo fortalecido o respeito que comunidade já tinha por essas instituições e contribuído para que essa nova instituição se tornasse uma referência educacional em atividade na cidade.

4.5 Da criação da Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha até os dias atuais

A Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha passou por diversas nomenclaturas até os dias atuais e buscou se adequar às legislações vigentes e às mudanças do processo histórico.

Em 11 de outubro 1977 foi publicada a Lei Complementar nº 31 que desmembrou os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, contudo, apenas em janeiro de 1979 este foi elevado à categoria de estado pelo então presidente, Ernesto Geisel.

Em 1978, ao iniciar o atendimento de 2º grau, a escola recebeu o nome de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Salomé de Melo Rocha pelo Decreto/MT nº. 1299 de 31/03/78, porém teve o reconhecimento desse nível de ensino apenas 1989, por meio da Deliberação/CEE/MS nº. 2108 de 10/02/89.

No final dos anos 80 a escola passou a oferecer o curso para a habilitação de Magistério em nível médio à comunidade, que, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP/2012), só foi reconhecido por meio da Deliberação CEE nº. 2108 de 10/02/1989.

O entrevistado A2, que é ex-aluno, ex-professor e ex-funcionário relatou que devido ao processo no qual a Escola Salomé de Melo Rocha foi constituída algumas documentações tiveram que ser refeitas, adequando-as às exigências burocráticas.

[...] de 1980 a 1985, veio uma ordem de serviço. [...] nós tivemos que fazer uma ordem de serviço, arrumar pasta por pasta, documento por documento, desde 1938, 1939, 1940, 1949, 1950... aí nós fizemos toda essa ordem de serviço e em 1985 nós terminamos. (A2, 2018)

A supervisora de ensino que atuou nesse período (início dos anos 80), entrevistada como membro da comunidade, relata que consideravam que a escola oferecia

[...] um ensino de qualidade, [que] tinha bons profissionais. Nessa época já tinha Banco do Brasil e tinha muitas pessoas que trabalhavam no Banco e davam aula ali. Naquele tempo podia, mas eram os contratados. Tinha o professor que vieram de Mato Grosso e os contratados que eram engenheiros, os que trabalhavam no banco e essas pessoas contribuíram muito com a Escola Salomé em Guia Lopes. Eles elevavam muito o nível da escola (C3, 2018)

O curso de magistério contribuiu para que a Escola Salomé de Melo Rocha permanecesse como referência, o que foi lembrado pelos entrevistados com orgulho.

Nós temos várias professoras nossas aqui do município de Guia Lopes da Laguna que formaram no magistério daqui. [...] Alunos influentes na cidade como vereador, policial. Hoje em dia também temos vereadores que foram alunos da Escola Salomé. [...] Como ela foi uma escola centralizada a maioria das pessoas que se formaram realmente passaram pela Escola Salomé, por exemplo, os nossos médicos os professores da minha época a maioria se formaram aqui, tirando aqueles que mudaram depois voltar mas a maioria da minha época que eu me lembro, da mesma idade que eu a maioria se formou no Salomé. (A1, 2018)

Também nesse período (final dos anos 80 início da década de 90) foram criadas diversas escolas nos bairros mais afastados na cidade de Guia Lopes da Laguna. Esse fato fez com que o público atendido pela Escola Estadual de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha tivesse uma alteração. Muitos alunos provenientes dos bairros afastados optaram por estudar em escolas nas vilas, fazendo com que houvesse diminuição do número de alunos:

[...] a gente percebeu ao longo do tempo que fomos perdendo os alunos de 1ª série, de educação infantil por causa que a população lagunense está mais localizada aqui para cima. Então os pais, devido a distância e circunstâncias eles estão optando por outras escolas como o Basílio Barbosa, o Alziro Lopes, que hoje são escolas que tem muito mais alunos que a Escola Salomé. Então, a escola foi perdendo isso devido a centralidade. Lá no centro a gente quase não tem mais crianças. As crianças estão quase todas pra cá, nos bairros. Elas não descem lá. (A3, 2018).

Em 1992, de acordo com o PPP/2012, a Deliberação CEE/MS nº. 3208 de 16/07/92 autorizou o funcionamento da educação pré-escolar, e recebeu o nome de Escola Estadual de Pré-Escolar 1º. e 2º. Graus Salomé de Melo Rocha, sendo complementada pela Deliberação do CEE nº. 3245 de 20/08/1992, a qual autorizou o funcionamento da Classe Especial para Deficientes Mental Educável e Deficiente Auditivo, conforme D.O. nº. 3381 de 15/09/1992.

Porém, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, e baseado no artigo 11, inciso V que advoga que deva ficar a cargo dos

Municípios a obrigatoriedade no oferecimento da "Educação Infantil em creches e pré-escolas" (BRASIL, 1996), a Deliberação CEE/MS N°. 5231 desativou a educação Pré-Escolar nas Escolas da Rede Estadual de Mato Grosso do Sul, que passou a ter nome atual: Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, reafirmando sua trajetória expressiva e atuante no desenvolvimento da cidade.

Em 2017, teve início uma reforma no espaço físico da escola, obrigando a instituição a utilizar, por empréstimo da prefeitura, um prédio de uma escola municipal recém-desativada⁴². Apesar de abarcar parte da comunidade que antes era atendida na escola desativada, por localizar-se provisoriamente distante do centro da cidade, houve a diminuição do número de alunos de 700, em 2016, para 665, em 2017.

Muitas famílias permaneceram com seus filhos matriculados e verbalizavam a esta pesquisadora que manteriam seus filhos na instituição devido à qualidade dos professores, à história da escola e porque toda a família havia se formado nessa instituição educativa. Em 2018, a escola tinha 713 alunos matriculados e iniciou o ano letivo em 2019 com 658 alunos.

Figura 33. Foto atual da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha



Fonte: Acervo da autora.

⁴² A escola no qual o texto se refere é a **Escola Municipal Agrícola Guia Lopes** localizada na BR 060 km 02, Guia Lopes da Laguna- MS.

Quando questionada sobre a influência educacional atual da escola na cidade, a entrevistada A3 diz que “Já houve momentos de os pais optarem por outras escolas, de mudar. E uma coisa que talvez deixa a Escola Salomé de Melo Rocha ser uma referência hoje, é pela centralidade dela” (A3, 2018). Os entrevistados em sua maioria acreditam que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha ainda é uma referência na cidade, mas atribuem isso ao seu percurso histórico, a sua tradição na cidade e a sua localização centralizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha recebeu diversas nomenclaturas e ofereceu diferentes níveis de ensino. No entanto, independente da nomenclatura utilizada nas diferentes épocas históricas, segundo os entrevistados, a escola caminhou lado a lado, com o desenvolvimento da cidade de Guia Lopes da Laguna.

Cidade esta que teve seu início como um povoado vinculado à cidade de Nioaque, cuja constituição se deu a partir da instalação do Acampamento do 6º Batalhão de Engenharia à margem direita do Rio Miranda na Fazenda Jardim de modo a acolher os militares e suas famílias.

Em 1938 deu-se início oficialmente ao Povoado de Guia Lopes. O comércio para atender a demanda local e advinda da região também teve princípio, contribuindo para o crescimento populacional. Para consolidar ainda mais o Povoado a comunidade participou da instauração da Igreja São José e da Escola cuja centralidade e localização estratégica facilitavam o acesso da comunidade e lhe garantiam maior poder frente à sociedade.

Assim como o povoado, a instituição escolar também surgiu em 1938 com o nome Escola Visconde de Taunay, atendendo aos alunos do ensino primário. Em 1939 recebeu a nomenclatura de Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes. A escola acolheu os filhos dos fazendeiros, dos oficiais do 6º Batalhão de engenharia, assim como também a população local, mas não só isso: ao estruturar-se ao lado da Igreja São José, participou ativamente na consolidação do Povoado de Guia Lopes, que se tornou município em 1953.

A escola se transformou aproximadamente em 1948 nas Escolas Reunidas Visconde de Taunay e conseguiu abarcar diferentes níveis sociais proporcionando a toda comunidade a possibilidade de pertencer a uma instituição escolar. Esse pertencimento era visto pelos pais dos alunos, segundo os entrevistados, como uma forma de ascensão social e de futuras possibilidades, conforme ficou evidente por meio das entrevistas.

Em 1960, devido ao aumento do número de alunos e às mudanças na legislação da época, a escola foi elevada à Grupo Escolar Visconde de Taunay e, paralelamente, neste mesmo ano, houve a fundação do Ginásio Guia Lopes vinculado à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), presidida pela Sra. Salomé de Melo Rocha.

Para a criação do Ginásio Guia Lopes a Sra. Salomé de Melo Rocha procurou o entrevistado D2, para que ele se tornasse o primeiro diretor do Ginásio Guia Lopes já que este tinha Ensino Superior. O convite foi aceito e o atendimento aos alunos teve início em 1960, o que fez com que a escola se torna então a única instituição com ginásio na região.

Apesar de nunca ter lecionado no Ginásio Guia Lopes, a Sra. Salomé de Melo Rocha era influente politicamente, pois era líder da igreja Presbiteriana em Guia Lopes da Laguna e a representante municipal da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, instituição à qual o ginásio estaria submetido economicamente.

Apesar de ser um Ginásio sem cunhos religiosos, houve uma preocupação dos dirigentes da igreja Católica. O ex-diretor D2 relata que o Bispo de Corumbá não permitiu que o Colégio utilizasse as salas de aula cedidas pela igreja Presbiteriana, pois padres não poderiam lecionar dentro de espaços diferentes à fé professada. Foi uma disputa externa de poder, já que o Bispo influenciou a decisão e a escolha do local do início do funcionamento da instituição.

Em princípio, o Ginásio Guia Lopes não possuía prédio próprio e, por não ter sido bem aceita a utilização das salas de aula na igreja presbiteriana, recebeu o apoio da Prefeitura de Guia Lopes da Laguna, que cedeu uma sala para atendimento aos alunos no período noturno. Naquele momento histórico, o início dos anos 60, segundo o que se constatou por meio das entrevistas, o ginásio tinha a missão de possibilitar a continuidade aos estudos após o primário, de modo que favorecia as famílias que antes enviavam seus filhos para longe em busca de formação. Ademais, essa instituição também oferecia instrução a toda a população que desejava estudar, mas que antes não tinham possibilidades financeiras para tal.

Segundo os entrevistados D1, D2, P1, P4, A2 e A3, o corpo docente foi estruturado com a participação de profissionais liberais que em geral possuíam outra profissão no período diurno e, em sua maioria, não possuía formação pedagógica para lecionar. Todavia, eles zelavam pela qualidade do ensino e eram reconhecidos pelos alunos e por seus pais como pessoas importantes socialmente.

Com o crescimento da demanda, foi necessário ampliar o número de turmas e o Ginásio Guia Lopes compartilhou o mesmo espaço físico do então Grupo Escolar Visconde de Taunay ao lado da Igreja São José.

O início do ginásio também trazia a Guia Lopes da Laguna o status de única cidade da região que oferecia esse nível de estudo. Porém, esse monopólio durou pouco. Em 1963, o município de Jardim também passou a oferecer o ginásio por meio do Educandário Coronel Felício, o qual funcionou no prédio que era da Comissão de Estradas e Rodagem-3 (CER-3), dando aos alunos do município de Jardim, que antes frequentavam o Ginásio Guia Lopes a possibilidade de estudar em uma escola mais próximas de suas residências.

Com a implementação da LDB 4024/61, que tornou obrigatório o ensino primário em todo o território nacional, ficou evidente a necessidade de ampliar o acesso ao ensino

primário. Com objetivo de atender a essa demanda o Grupo Escolar Visconde de Taunay necessitava de um espaço maior e próprio para atividades educativas.

Ao mesmo tempo, a Sra. Salomé de Melo Rocha havia iniciado e coordenava a construção de um prédio próprio para o Ginásio Guia Lopes. Esse espaço físico seria utilizado para alojar o Ginásio Guia Lopes com verbas propiciadas pela CNEG.

Antes do término da construção desse novo espaço, entre 1963 e 1965, o Ginásio Guia Lopes começou a utilizar junto com o Grupo Escolar Visconde de Taunay o espaço ao lado da Igreja São José.

No entanto, considerando a exigência legal das duas instituições por um novo espaço físico devido ao número de alunos a que atendiam, em meados dos anos 60, o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes começaram a utilizar o espaço físico construído por meio da influência da Sra. Salomé de Melo Rocha. Não foi possível encontrar a data exata em que o atendimento no prédio novo teve início, porém, apesar de em um primeiro momento manterem nomenclaturas diferentes, a identidade educacional das mesmas começou a trançar uma continuidade na história destas instituições permeada por lutas pelo poder.

Após o início da construção do prédio do Ginásio Guia Lopes o governo do então estado do Mato Grosso interessou-se em estadualizar a instituição, iniciando assim uma disputa interna de poder em relação a esse tema. Segundo o entrevistado D2, após intensos debates o conselho de escola teve que decidir por aceitar ou não a estadualização do ginásio Guia Lopes.

Houve também embates que podem ser considerados como disputas externas de poder, já que envolvem pessoas que não participavam da instituição em si. Segundo o entrevistado D2, a Sra. Salomé de Melo Rocha não era adepta à ideia da estadualização. Isso fez com que ela tentasse influenciar o conselho de escola a não aceitar esse processo.

Em 1966, o conselho de escola decidiu acatar a proposta de estadualização do Ginásio Guia Lopes em detrimento à CNEG, ou seja, o Ginásio deixou de ser vinculado à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e se tornou uma instituição estadual. Isso resultou no afastamento da Sra. Salomé, que, conseqüentemente, deixou de ter influência na direção da instituição.

Assim, a partir de 1966, o ginásio recebeu o nome de Ginásio Guia Lopes da Laguna e, assim como o Grupo Escolar Visconde de Taunay, passou a ser regido pelo estado do Mato Grosso o que foi preponderante para que as histórias das duas instituições se fundissem. Determinante também foi a aprovação da Lei nº 5692/71, que introduziu profundas mudanças

estruturais na organização da educação brasileira quanto aos níveis de ensino, pois transformou o primário e o ginásio, que eram separados, em escolas de primeiro grau.

Durante as entrevistas realizadas, os participantes se referem na maioria das vezes às instituições Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes da Laguna como uma única instituição, a Escola Salomé de Melo Rocha. Tal recorrência se deve ao fato de os entrevistados utilizarem essa nomenclatura a fim de fazer alusão à influência da Sra. Salomé na construção e no desenvolvimento do novo espaço escolar e valorizar sua dedicação como precursora na educação da cidade.

De 1966 a 1976 a memória dessas instituições foi contada pelos entrevistados como apenas uma. Ex-diretores, ex-professores, ex-alunos e pessoas da comunidade não conseguiam definir com exatidão quando elas deixaram de existir e quando surgiu a escola de 1º Grau Professora Salomé de Melo Rocha.

Há também relatos de lutas pelo poder na escola de 1º grau Professora Salomé de Melo Rocha nesse período. Alguns entrevistados relatam a influência do estado na indicação de quem ocuparia a direção escolar e, também, na nomeação de professores na escola. Essas influências externas eram regidas pela luta partidária pelo poder e influenciavam as mudanças na escola.

Os entrevistados apontam a importância que a escola teve no desenvolvimento da cidade de Guia Lopes da Laguna, não apenas naquilo que está relacionado à instrução, mas na formação do povo guialopense. Relatam que a escola atendia à elite da cidade, mas não apenas; atendia diferentes níveis sociais sem estar restrita à classe à qual os alunos pertenciam.

Devido à possibilidade de estudo e ao fato de a escola ser considerada positivamente pelas pessoas da cidade e da região, seus alunos eram considerados parte da elite cultural de Guia Lopes da Laguna, independente da posição econômica que ocupavam na sociedade. Em diferentes momentos de sua história, essa escola abarcou aqueles que, mesmo sem condições financeiras, fizeram do estudo uma forma de ascensão.

A elite da região de Guia Lopes da Laguna no período estudado era agrária, pois grande parte da região sul de Mato Grosso durante o século XX foi caracterizada por latifúndios pecuaristas.

Os entrevistados nominaram membros da comunidade atual que ocupam posição de destaque que estudaram em diferentes momentos da escola. Evidenciaram que seus alunos tinham uma formação cultural diferenciada favorecida pelas atividades culturais propostas e

pela qualidade educacional oferecida nos diferentes momentos históricos da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha bem como, por uma instrução diferenciada em rigor e disciplina.

Fica evidente nas entrevistas que não houve ruptura entre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e o Ginásio Guia Lopes da Laguna e sim uma continuidade de vivências que garantiram à oficialmente instituída escola estadual de 1º grau Professora Salomé de Melo Rocha em 1976 (atendendo a lei nº 5692/71 como referido acima) a responsabilidade da continuidade histórica de ambas as instituições.

Assim, independente da geração, a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, como atualmente é nominada, desde 1938 vem transpondo décadas e, apesar de não ser a única responsável pela educação da elite guialopense, continua atendendo a parte da elite local.

Apesar de muitos questionamentos terem sido respondidos por esta pesquisa, ainda há muitas indagações a serem realizadas, como por exemplo: Essa instituição escolar atendeu a toda a elite da região? Quem formava a elite era o Grupo Escolar Visconde de Taunay ou o Ginásio Guia Lopes da Laguna? De fato essa instituição escolar formou as elites locais? Qual a continuidade histórica dessa instituição escolar após 1976? Após 1976 essa escola continuou atendendo a elite local?

Tendo em vista que existem muitas fontes ainda desconhecidas sobre a região e sobre a instituição escolar pesquisada pretende-se dar continuidade ao estudo dessa escola, de modo a desvelar sua importância para a região de forma mais evidente.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Patrícia Menegheti de. **O exame de admissão e a seletividade na escola estadual Maria Constança Barros Machado (1942–1971)**. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFMS, Campo Grande/MS, 2013.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ALBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO GROSSO (E.E.U.U., do Brazil). Campo grande: AGIOSUL; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- ALMEIDA, Mario Monteiro de. **Episódios históricos da formação geográfica do Brasil**. Campo Grande: Alvorada, 2010.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 327-342, maio/ago. 2007.
- ALVES, Gilberto Luiz. As produções em História na Região Centro-Oeste: considerações pontuais. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Orgs). **Fontes, pesquisa e escrita da história da educação no Centro-Oeste**. Cuiabá, MT: UFMT, 2012, p. 171 – 186.
- ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Disputas oligárquicas: as práticas políticas das elites mato-grossenses 1892-1906**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2013.
- ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. Ensino secundário no sul do Mato Grosso no século XX: com fontes memorialísticas. In: ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira SILVA, Alice Felisberto Da. **Memórias do ensino secundário no Sul de Mato Grosso no século XX**. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2015, p. 23-47.
- ASTOFE, Abigail Ferreira Alves. Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Sul de Mato Grosso (1949): em perspectiva agentes e campo educacional. **Anais Eletrônicos do IV EHECO**, Campo Grande, MS, 2017.
- BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.16, p.17-35, dez. 2004.
- BOBADILHA, Thierry Rojas. **Educação primária no Sul de Mato Grosso: O Grupo Escolar de Bataiporã-MT (1955-1974)**. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2016.
- BRASIL. **A profissionalização do ensino na Lei nº 5.692/71**. Trabalho apresentado pelo INEP à XVIII Reunião Conjunta do Conselho Federal de Educação com os Conselhos Estaduais de Educação. INEP. Brasília, 1982.
- _____. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934**. Rio de Janeiro. Jul., 1934. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm> Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1946**. Brasília, DF: Senado Federal. 1946.

_____. **Decreto – Lei nº 5.812 - 13 de setembro de 1943**. Cria os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Rio de Janeiro, 1943.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 4024/61**, de 20 de dezembro de 1961. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1961.

_____. **Lei nº 5692/71, de 11 de agosto de 1971**. Estabelece as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, 1971.

_____. **Lei orgânica do ensino secundário nº 4244 de 1942**. Rio de Janeiro. 1942b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE Organização do ensino primário e normal do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, 1942a.

BRITZ, Adriana Espindola. **A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920-1960)**. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMS, Campo Grande/MS. 2014.

BRIZUEÑA, Tânia Mara Dias Gonçalves. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) e os Cursos Técnicos Integrados em Campo Grande-MS, de 2011 a 2015**. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UEMS, Campo Grande/MS. 2016.

CASTRO, Thalita Pavano Vargas de. Entre o discurso e a prática: as ruralidades em questão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE História da Educação. IX, **Anais...**, João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba, p. 2380-2391. 15 a 18 de agosto de 2017.

DALLABRIDA, Norberto. Nascimento da escolarização moderna: cotejo de duas leituras. **Perspectiva**, Florianópolis, v.22, n. 01, p. 93-110, jan./jun. 2004.

DALMOLIN, José Vicente. **Nossa terra, nossa gente, nossa história**, 2012. Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2012/03/capitulo-30.html>> Acesso em: 17 ago. 2018.

_____. _____, 2015. Disponível em: <http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com.br/2015/03/como-nasceu-primeira-escola-em-guia_31.html> Acesso em: 10 out. 2017.

_____. _____, 2018. Disponível em: <<http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/p/guia-lobes-da-laguna-80-anos-memoria.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DAL MORO, Natanaél. **O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70).** 310f. Tese (Doutorado em história social), UFGD, PUC/SP. 2012.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EBENRITTER, Ana Lúcia Pereira Borges. Os imigrantes japoneses e a criação de uma Instituição escolar primária rural no Distrito do Guassú Município de Dourados no Sul de Mato Grosso (1965-1975). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE História da Educação. IX, **Anais...**, João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba, p. 400-414. 15 a 18 de agosto de 2017.

ESCOLA ESTADUAL ALZIRO LOPES. **PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha - SED/MS - 2018.** Disponível em: <http://www.sistemas.sed.ms.gov.br/ProjetoPoliticoPedagogico/Visualizar.aspx?PPPID=TKIcDZIQOwQ=> Acesso em: 20 fev. de 2019.

ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO ROCHA. **PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha - SED/MS - 2012.** Disponível em: <http://www.sistemas.sed.ms.gov.br/ProjetoPoliticoPedagogico/>. Acesso em: 07 jul de 2018.

FIGUEIREDO, Charlene Correia. **Grupo Escolar Luiz de Albuquerque: sua história no processo de institucionalização do ensino primário público em Corumbá-MT (1908-1930).** 146f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2013.

GARCIA, Costa Dias Garcia; SLAVEZ, Milka Helena Carrilho. A configuração da formação de professores normalistas no estado de Mato Grosso (1911-1971). **Revista Profissão Docente Uberaba**, v. 17, n. 36, p. 4-20, jan.- jul., 2017.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Arlene da Silva. **Os grupos escolares no Estado de Mato Grosso como expressão da Política Pública Educacional: o Grupo escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, Sul do Estado (1910-1950).** 157f. Dissertação (Mestrado em Educação), UCDB, Campo Grande/MS 2009.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Ensino e pesquisa da História da Educação no Brasil. **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 372-395, jul./dez. 2015.

GUIA LOPES DA LAGUNA. **Livro Ata de Posse e Compromisso da Escolas Reunidas Visconde de Taunay (1950 – 1957).** Guia Lopes da Laguna, MS. 1957.

_____. **Livro de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay.** Guia Lopes da Laguna, MS. 1962.

_____. **Livro Ata de Resultados Finais do Ginásio Guia Lopes.** Guia Lopes da Laguna, MS. 1963.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

LIMA, Eduardo H. de Oliveira; MATTOS, Elvis dos S.. **CER-3: Pavimentando a identidade brasileira no sul do então Mato Grosso**. Geofronter, Campo Grande, n. 4, v. 4, p. 100-123, 2018. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MAESTRI, Mario. A invasão paraguaia no sul do Mato Grosso. **Contraponto: Revista do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPL**. Teresina, v. 2, n. 2, p. 105- 129, ago. 2015.

MARQUES, Inês Velter. **O Ensino Secundário no Sul do antigo Mato Grosso: O Colégio Estadual Presidente Vargas de Dourados (1951-1974)**. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2014.

MATO GROSSO (Estado). **Decreto n. 1520**: Localiza a Escola Rural Mixta do Povoado de Guia Lopes. Diário Oficial do Estado do Mato Grosso, Cuiabá, MS: Governo do Estado, 17 de mar. 1939.

_____. **Decreto nº 922 de 24 de setembro de 1960**. Diário Oficial Mato Grosso, Cuiabá, MT, 4 de out. 1960.

_____. **Lei nº 140 de 30 de setembro de 1948**. Cria o Distrito de Paz de Guia Lopes da Laguna no município de Nioaque – MT. Imprensa Oficial: Cuiabá, 1948.

_____. Lei nº 678 de 11 de dezembro de 1953. **Criação do Município de Guia Lopes da Laguna – MT**. Imprensa Oficial: Cuiabá, 1953.

_____. **O Relatório do Diretor Geral Prof. Francisco A. Ferreira Mendes sobre a Instrução Pública do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá. MT. 1942.

_____. **Programas do Ensino Primário**. Secretaria de Educação, cultura e Saúde. Imprensa Oficial, 1962.

_____. **Quadro estatístico das escolas isoladas**. Cuiabá, MT. 1927.

_____. **Regulamento da Instrução Pública de 1942**. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Boletim n.º 22, 1942

MONTEIRO, Juliana da Silva. **Cultura Escolar: a institucionalização do ensino primário no Sul do antigo Mato Grosso. O Grupo Escolar Tenente Aviador Antônio João em Caarapó/MS (1950-1974)**. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós - Graduados de História. PUC, São Paulo, n. 10, dez, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 10 out. 2018.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. **Eccos: Revista Científica**, São Paulo, n. 2, v. 7, p. 351-368, jul./dez. 2005.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2. ed., 2013.

OLIVEIRA, Regina Teresa Cestari de. Produções sobre história das instituições escolares no âmbito das políticas educacionais: sul do estado de Mato Grosso. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Orgs). **Fontes, pesquisa e escrita da história da educação no Centro-Oeste**. Cuiabá, MT: UFMT, 2012.

OLIVEIRA, Stella Sanches. Implantação e organização do curso ginásial no Sul de Mato Grosso: expressões de um projeto de modernização (1917-1942). 282 f. Tese (Doutorado). UFMS, Campo Grande/MS. 2014.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Tradução de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

REVISTA EXECUTIVO FISCAL LTDA. Vida e Morte de Bião, historiador anônimo. Campo Grande, MS, 1986.

ROCHA, Lino Alves da. **Carta endereçada à Celia do Nascimento**. Várzea Grande. 28 de mar de 2008.

ROCHA, Marcelo Pereira. **O ensino secundário no Sul do Estado de Mato Grosso no contexto das reformas educacionais**: o Ginásio Osvaldo Cruz (1927-1949). 97f. Dissertação (Mestrado em Educação), UCDB, Campo Grande/MS 2010.

RODRIGUEZ, Margarita Victoria.; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. História das políticas de formação de professores: a escola normal no sul do estado de Mato Grosso (1930-1950). In: JORNADA DO HISTEDBR- História, Sociedade e Educação no Brasil, VII. **Anais da VII Jornada do HISTEDBR**, Campo Grande, MS: UNIDERP, 2007. v. 1. p. 1-20.

RODRÍGUES, Margarita Victoria; MONTEIRO, Hellen Caroline Valdez. Implantação da Escola Normal Dom Aquino Corrêa de Três Lagoas no Sul de Mato Grosso (1952-1971). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE História da Educação, IX, **Anais...** João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba, p. 1519-1538, 15 a 18 de agosto de 2017.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANFELICE, José Luis. História, Instituições escolares e gestores educacionais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006.

SANTOS, Elton Castro Rodrigues dos. **Escola Reunida**: na sedimentação da escola moderna em Mato Grosso (1927 - 1950). 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá/MT. 2012.

SANTOS, Elton Castro Rodrigues dos. As escolas reunidas: apregoadas pelo regulamento da instrução pública de 1927. In: ENCONTRO MARANHENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, VII, 2015, São Luiz. **Anais....**, 2015. v. 08. p. 1-11.

SAVIANI, Dermeval.. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados. 1982

_____. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. História da História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. In: Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares, V, **Anais...**, UNINOVE, São Paulo. 2008.

_____. **História das ideias pedagógicas**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M.; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.

SILVA, Wilker Solidade da. **Grupo Escolar Presidente Vargas, Dourados-MT: a escola primária urbano/rural em tempos de mudanças no ensino elementar brasileiro (1963-1974)**. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2015.

SILVA, Adriele Aparecida Squinvalho da. **Institucionalização da educação no sul de Mato Grosso: a primeira escola de Fátima do Sul (1950-1974)**. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2017.

SOUZA, Fernando dos Anjos. **Educandário Coronel Felício: a participação militar na educação pública da fronteira Brasil – Paraguai (1951-1980)**. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2012.

STEIN, Nedina Roseli Martins. **Relatório final de Pesquisa de Mapeamento das primeiras instituições escolares públicas no sul do Mato Grosso na segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, apresentado ao Fundect**, 2008.

STEIN, Nedina Roseli Martins; NERI, Cláudia de Cillo Mazucato. História da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e sua importância na cidade de Guia Lopes da Laguna. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE (EHECO), IV, 2017, Campo Grande. **Anais...**, 2017.

TAUNAY, A. d'Escragnolle. **A retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai**. Tradução e organização Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TREVIZAN, Marcio Bogaz. **Grupo Escolar Mendes Gonçalves: vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil-Paraguai (1889-1931)**. 245f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFGD, Dourados/MS 2011.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. A “Civilização do Couro”: desenvolvimento do Capital Transnacional no Sul do Mato Grosso (1870-1920). **Cadernos do Tempo Presente**, Sergipe, n. 16, p. 64-75. maio/jul. 2014. Disponível em: <www.getempo.org>. Acesso em: 29 jan. 2019.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação: a escola do Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

APÊNDICES

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**CONSTRUÇÃO DO ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA ESTADUAL SALOMÉ DE MELO ROCHA**

Cláudia de Cillo Mazucato Neri

1. INTRODUÇÃO

O Mestrado Profissional em Educação –PROFEDUC/ CG tem como requisito para a aprovação da Dissertação a elaboração de uma proposta de intervenção vinculada ao tema desenvolvido.

Essa proposta de intervenção deve contribuir para a comunidade envolvida com o objeto de estudo.

Neste caso específico, o objeto de estudo a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e sua influência socioeducativa na cidade de Guia Lopes, deve colaborar para que a história de uma instituição educativa seja preservada e tenha uma política permanentemente de alimentação do acervo possível de ser considerada e revisitada para futuras pesquisas e também para a continuidade do processo de escrita da história da instituição.

2. JUSTIFICATIVA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi fundamental a utilização de fontes documentais. No entanto a principal dificuldade encontrada nesse processo foi o acesso aos documentos e fotos relacionadas à história da Escola Salomé de Melo Rocha. Isso ocorre porque “No Brasil, a preservação da memória não é uma problema que atinge apenas as instituições escolares, de um modo geral, há um descuido com documentos do passado” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 38).

Como “Via de regra, as fontes primárias documentais, podem ser encontradas em arquivos, bibliotecas e em departamentos vinculados aos órgãos públicos que mantenham a

prática do arquivamento de documentos” (PRADO, 2010, p. 125) por isso foi realizado pesquisa no Arquivo Público do Estado do Mato Grosso e no IOMAT (Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso).

É necessário no entanto que a Instituição Escolar tenha registrado em seu acervo os documentos que fazem parte de sua história na qual a maioria delas é inédita “o que resulta em um campo promissor de estudo visto que a História das Instituições dessa região também foi pouco estudada” (STEIN, 2008, p.1).

É necessário que o documento seja entendido e tratado como “uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente” (LE GOFF, 1994, p.547 e 548) para assim contribuir na compreensão da Instituição Escolar como algo viva e capaz de produzir história.

Por essa razão, a proposta de intervenção se faz necessária, a fim de proporcionar o início da construção de um acervo histórico que se diferencie do arquivo escolar de uso contínuo na escola.

Esse acervo histórico contribuirá com pesquisas acadêmicas, incentivando pesquisadores e futuros pesquisadores a contribuírem com a preservação do acervo como referência da história local.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Construir um acervo documental e fotográfico das fontes históricas da atual Escola Salomé de Melo Rocha relacionadas à instituições, Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes da Laguna, a qual compuseram a sua constituição histórica.

3.2 Objetivos específicos

- Reunir o acervo documental e fotográfico existente na Unidade Escolar referente às instituições Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes da Laguna;
- Classificar as fontes do acervo;
- Digitalizar o acervo existente;
- Organizar o acervo físico segundo normas arquivísticas;
- Divulgar à comunidade escolar a construção do acervo documental e fotográfico da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha;
- Incentivar a escola a criar normas para continuidade à alimentação do acervo histórico.

4. METODOLOGIA

Em princípio será realizado o levantamento de todos os documentos existentes na unidade escolar sobre o Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes da Laguna pois, os “arquivos escolares constituem acervos arquivísticos, contendo diversas espécies documentais que são fontes de pesquisa. São expressões da memória, depositários de fontes produzidas e acumuladas na trajetória das instituições escolares.” (STEIN, 2008, p.2)

Segundo Nosella e Buffa (2013) no “que concerne à história da educação, as memórias, histórias de vida (escritas ou orais), livros, caderno de alunos, discursos em solenidades, atas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, jornais epistolar, relatórios, fotografias, plantas baixas de prédios e muitas outras fontes encontráveis em arquivos públicos e particulares são importantes” (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 63)

Esses documentos, são serão digitalizados e posteriormente organizados em arquivos condizentes à preservação adequadas dos mesmos. No entanto,

As fontes, para serem categorizadas e utilizadas precisam sofrer a análise do pesquisador que as contextualiza, tematiza, periodiza, etc., buscando uma racionalidade que não está explícita no documento, mas na metodologia e no direcionamento científico, contidos na perspectiva teórica (GONÇALVES NETO, 1997, p.01 apud STEIN, 2008, p. 1)

Os documentos localizados pela autora da pesquisa para compor a história dessas instituições em seus diferentes períodos históricos referentes ao Grupo Escolar Visconde de Taunay e Ginásio Guia Lopes da Laguna também farão parte do acervo físico e digital.

Dessa forma, “as instituições escolares, repositórias de acervos significativos, permitem ver a escola como um lugar para a pesquisa histórica” (STEIN, 2008, p.2) sendo divulgado à Comunidade para que possam prestigiar e contribuir com novas fotos e/ou documentos que possam existir em mãos particulares.

5. METODOLOGIA

Procedimentos operacionais		2019	
		1º Semestre	2º Semestre
01	Levantamento do acervo histórico da escola	X	
02	Classificação das fontes	X	
03	Digitalização do acervo	X	
04	Organização do acervo físico em local apropriado		X
05	Divulgação do acervo à comunidade		X

6. REFERÊNCIAS

PRADO, Eliane Mimesse. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, CampoGrande, MS, v.16, n.31, p.124-133, jan./jun.2010.



LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2ª ed., 2013.

STEIN, Nedina Roseli Martins. Relatório **final de Pesquisa de Mapeamento das primeiras instituições escolares públicas no sul do Mato Grosso na segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX**, apresentado ao Fundect, 2008.

ANEXOS

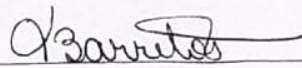
ANEXO 1- Declaração Institucional

 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
Comitê de Ética com Seres Humanos 

DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL



Eu, **Telma Barretos da Cunha**, diretora, autorizo a realização da pesquisa intitulada A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha- MS, que tem como pesquisador principal **Cláudia de Cillo Mazucato Neri**, que será o responsável pela coleta dos dados e informações. Esta pesquisa será realizada nas dependências da **Escola Estadual Salomé de Melo Rocha** e terá duração de **12 meses, sendo de Janeiro à Dezembro de 2018**.

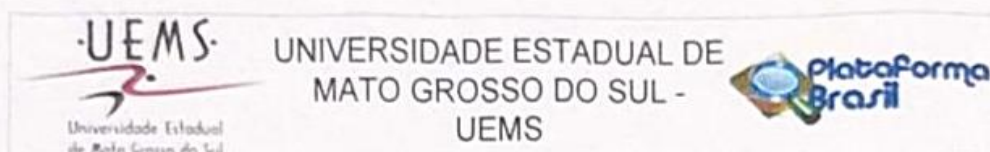
Guia Lopes da Laguna, 04 de Dezembro de 2017



Telma Barretos da Cunha
Diretora da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha
Telma Barretos da Cunha
Diretora
Resolução "P" SED N° 4.992 de 12/07/2016

ANEXO 2- Parecer Consubstanciado do CEP/ Plataforma Brasil

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL - UEMS</p>									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP										
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA										
Título da Pesquisa: A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a importância socioeducativa para a cidade de Guia Lopes da Laguna-MS										
Pesquisador: CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI										
Área Temática:										
Versão: 2										
CAAE: 82595818.5.0000.8030										
Instituição Proponente: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul										
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio										
DADOS DO PARECER										
Número do Parecer: 2.655.211										
Apresentação do Projeto:										
Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, que trabalhará com a História Oral, técnica de cotejamento e formação de categorias de Petitat a partir da coleta de dados para compreender a constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e sua influência na cidade de Guia Lopes da Laguna.										
Objetivo da Pesquisa:										
Objetivo Geral: Compreender a constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a influência socioeducativa na cidade de Guia Lopes da Laguna.										
Objetivos Específicos:										
Analisar a história da região de Guia Lopes da Laguna nas primeiras décadas de surgimento da escola.										
- Analisar o período inicial da Escola e sua importância para cidade nesse período.										
- Investigar o papel da escola para a comunidade local.										
Avaliação dos Riscos e Benefícios:										
Estão presente e adequados.										
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:										
O projeto proposto apresenta coerência entre o título, objetivos e métodos, está bem										
<table border="0"> <tr> <td>Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Bairro: Cidade Universitária</td> <td>CEP: 79.804-970</td> </tr> <tr> <td>UF: MS</td> <td>Município: DOURADOS</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (67)3902-2699</td> <td>E-mail: cesh@uems.br</td> </tr> </table>			Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351		Bairro: Cidade Universitária	CEP: 79.804-970	UF: MS	Município: DOURADOS	Telefone: (67)3902-2699	E-mail: cesh@uems.br
Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351										
Bairro: Cidade Universitária	CEP: 79.804-970									
UF: MS	Município: DOURADOS									
Telefone: (67)3902-2699	E-mail: cesh@uems.br									
Página 01 de 03										



Continuação do Parecer: 2.655.211

fundamentada e respeita os princípios éticos previstos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes e corretos.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1054055.pdf	07/04/2018 20:56:36		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_final_II.doc	07/04/2018 20:45:18	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	05/04/2018 09:06:44	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	Termo_de_Consentimento_de_uso_de_banco_de_Dados_assinado.pdf	05/04/2018 08:59:07	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_CCMN.pdf	04/01/2018 18:45:51	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	Declaracao_Institucional.pdf	04/01/2018 18:43:17	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	Carta_de_apresentacao.jpg	03/01/2018 16:00:12	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_Segmento_diretores.doc	03/01/2018 15:54:55	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_Segmento_ex_professores.doc	03/01/2018 15:53:28	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_Segmento_Comunidade.doc	03/01/2018 15:35:48	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_Segmento_ex_alunos.doc	03/01/2018 15:33:06	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	03/01/2018 15:19:21	CLAUDIA DE CILLO MAZUCATO NERI	Aceito

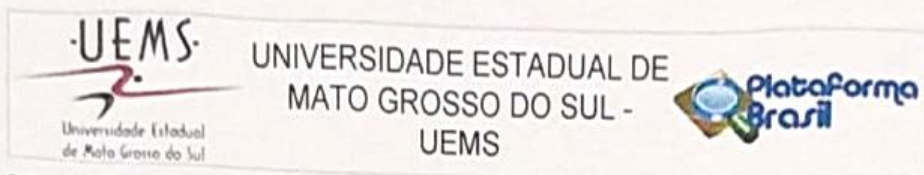
Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351

Bairro: Cidade Universitária CEP: 79.804-970

UF: MS Município: DOURADOS

Telefone: (67)3902-2699

E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.655.211

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 15 de Maio de 2018

Assinado por:
Cynthia de Barros Mansur
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br

ANEXO 3- Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa “**A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a importância socioeducativa para a cidade de Guia Lopes da Laguna- MS**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Cláudia de Cillo Mazucato Neri** a qual pretende analisar a história da região de Guia Lopes da Laguna nas primeiras décadas de surgimento da escola bem como analisar o período inicial da escola, sua importância para cidade nesse período e, investigar o papel da escola para a comunidade local.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de **entrevista e gravação de áudio**. Se o (a) Sr (a) aceitar, **participará de uma entrevista envolvendo a história desta instituição e informações referentes à constituição da mesma como entidade socioeducativa para a cidade Guia Lopes da Laguna- MS** e contribuirá para evidenciar os aspectos históricos relevantes no percurso desta instituição escolar no atendimento à comunidade da referida cidade bem como sua influência socioeducativa.

Os benefícios de participação na pesquisa será o resgate histórico dos entrevistados percebendo-se como parte importante da constituição desta instituição educativa.

Durante a pesquisa pode haver riscos mínimos de constrangimento e exposição pública sendo que estes serão minimizados com a garantia ao entrevistado que sua identidade será preservada e que haverá cautelosa elaboração da entrevista evitando questões invasivas e pessoais.

Se depois de consentir sua participação na pesquisa desistir de continuar participando, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo sem prejuízo a sua pessoa.

Não haverá qualquer tipo de remuneração ao entrevistado, sendo que ao término da pesquisa, ela será divulgada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, principalmente, por meio da elaboração de uma dissertação.

O pesquisador durante os procedimentos fará as devidas anotações, em caderno próprio, dos fatos que observar relevante para a pesquisa. As anotações servirão apenas para o

mestrando como fonte de produção para posterior análise dos dados. Essas anotações poderão ser solicitadas pelos senhores, bem como quaisquer dados relativos ao procedimento, a qualquer momento durante a pesquisa, até a data de apresentação da dissertação do pesquisador, que está prevista para fevereiro de 2019.

Antes de assinar este termo, o (a) Senhor (a) deve realizar todas as perguntas que achar necessário para que não haja dúvidas sobre qualquer aspecto da pesquisa.

Este termo será impresso em duas vias, o (a) senhor (a) receberá uma cópia assinada pelo mestrando pesquisador.

Para sanar dúvidas a respeito da Ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br.

Eu, _____, declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma e aceito participar da pesquisa “**A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a importância socioeducativa para a cidade de Guia Lopes da Laguna- MS**”, onde a pesquisadora **Cláudia de Cillo Mazucato Neri** me explicou como ocorrerá toda a pesquisa de forma clara e objetiva.

Campo Grande, _____ de _____ 2018.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador: Cláudia de Cillo Mazucato Neri

Telefone para contato: (67) 99825-3024

E-mail: c.mazaneri@hotmail.com

Para sanar dúvidas a respeito da Ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: 3902-2699 ou seth@uems.br.

ANEXO 4- Entrevista 1: D1

Segmento	Ex-diretores
Codiname utilizado	D1
Idade	90 anos
Data da entrevista	30 de agosto de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome? Qual a data de nascimento? D1 - D1, data 24/12/1928</p> <p>PESQUISADORA - Em que data se formou? Qual Curso? Instituição? D1 - Normal /Magistério em Jardim, Letras (incompleto) e Pedagogia em Fátima do Sul. Não lembro a data.</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano a senhora trabalhou na escola EE Salomé de Melo Rocha? Até qual ano trabalhou nesta escola? Era concursada? D1 - A Dona Salomé queria fundar uma escola e começou em 1952 na Igreja Presbiteriana, com o nome de Escola Evangélica Manuel de Melo que era o pai dela. Aí, foi chegando o fim de ano, foi ficando tudo difícil porque ela tinha loja ela começou sozinha e não dava conta de lecionar e tomar conta da loja e ela foi em Dourados e me convidou pra vir porque eu estudei na mesma escola que ela estudou lá em Minas Gerais no "Instituto Gama". Aí ela me convidou pra vir na última 5ª feira de novembro. Se tivesse que vir, tinha que vir logo antes das férias, antes de terminar as férias. Eu decidi vir, eu tinha que passar as férias em Minas, eu desisti e vim. Quando cheguei em Guia Lopes eu me apaixonei pelo lugar, eu achei interessante que todos eram unidos, falavam uns com os outros e ela falava " Essa aqui veio para lecionar aqui" e todo mundo já conversava e me apaixonei pelo lugar e não voltei mais, nem para Dourados. E quero ser enterrada aqui, já mandei fazer meu túmulo e já está tudo pronto. Mas logo fui lecionar no Visconde de Taunay. Lecionei, naquele tempo chamava primário de 1º ao 4º ano. Não me lembro o ano que iniciei e o ano que parou, mas tenho anotado e olhei a poucos dias.</p> <p>PESQUISADORA - A escola sempre chamou Escola Estadual Salomé de Melo Rocha? D1 - Não, a escola teve vários nomes. Primeiro Guia Lopes pertencia a Nioaque e nesse tempo a escola se chamava Escolas Reunidas Visconde de Taunay e tinha só o primário, não tinha ginásio ainda. Quando foi criado ginásio aí passou vários nomes até chegar no Salomé.</p> <p>PESQUISADORA - Quem era a pessoa responsável (diretora e coordenadora)? D1 - Não existia coordenadora, No começo era só diretora. Passaram muitas diretoras pela escola.</p> <p>PESQUISADORA - Quantos alunos tinha? D1 - Tinham muitos alunos. Não havia colégio com ginásio em Jardim então começou o curso ginásial era tudo em GLL... aí nós utilizamos o prédio da prefeitura que agora está fechado e utilizamos por algum tempo também a casa paroquial e todos os lugares foram cedidos para a gente funcionar como escola. Aí que começamos, para entrar no ginásio tinha que fazer exame de admissão. Nós fazíamos exame de admissão aqui e eles começavam a fazer o ginásio aqui e depois que foi fundado o Felício em Jardim e o CER também que cooperou muito pra educação.</p> <p>PESQUISADORA - Nessa época era atendidos o primário e o ginásio? D1 - É. Eles vinham de Jardim de condução, né. Vieram muitos alunos de Jardim.</p> <p>PESQUISADORA - Essa condução era da prefeitura? D1 - Todos ajudavam, o CER ajudava, a prefeitura ajudou.</p> <p>PESQUISADORA - O que significa CER?</p>	

D1 - Comissão de Estradas de Rodagem.

PESQUISADORA - Quais idades atendia?

D1 - Tinham muitos adultos, muitos que até já lecionavam e começaram a fazer o curso organizado, direitinho, né. Foi muito bom, essa foi uma época muito boa para Guia Lopes.

PESQUISADORA - Por que contribuiu para o crescimento da cidade?

D1 - Muito. A primeira livraria nessa região foi a nossa. Tivemos uma livraria ali no centro na pracinha Visconde de Taunay e vendia livros para Jardim e Guia Lopes.

PESQUISADORA - Como era o nome dessa livraria?

D1 - Não havia nome não.

PESQUISADORA - E para quem vendiam livros?

D1 - Vendia os livros para os alunos, os livros didáticos.

PESQUISADORA - E eles usavam livros em todas as áreas?

D1 - Em todas as áreas, não tinha esse processo moderno, esses métodos modernos, era livro e caderno que era usado.

PESQUISADORA - Qual o nível social das famílias dos alunos atendidos?

D1 - Muitos eram filhos de fazendeiros. Muitos ficavam na casa de familiares ou amigos para poderem estudar. Então vinham alunos com idade avançadas já. Porque não estudaram antes porque não tiveram oportunidades. Com a criação do ginásio ajudou muito, porque muitos que não tinham tido oportunidades passaram a estudar e aí alguns foram até pra fora, pro Rio ou São Paulo para continuar os estudos. Era um orgulho pra nós, porque não tivemos decepção com esses alunos que saíram. Hoje tem médicos, advogados, todos que saíram da nossa escola?

PESQUISADORA - Como era organizada a escola? Como eram os livros didáticos?

D1 - Tinham classes de 1^a a 4^a série. No mesmo lugar, porque de dia lecionava o primário e a noite o ginásio. Hoje não chama mais ginásio, né?

(Neste momento a entrevistada questiona sobre a organização atual do ensino. Explico que chamamos de Ensino Fundamental e que ele possui 9 anos, iniciando aos 6 anos.)

PESQUISADORA - Tinha uma classe para cada série ou eram juntas?

D1 - Tinha uma classe para cada série, as vezes até mais que uma porque eram muitos alunos.

PESQUISADORA - Eram vários professores por turma, ou apenas um?

D1 - Vários professores. Havia muita cooperação naquele tempo e não havia muito interesse em dinheiro. Quando começou o ginásio muitos professores eram voluntários (padres, médicos). Padre lecionava, pastor lecionava, eram professores muito bons. Dr. Reinaldo de Arruda foi professor (pai do vereador Rodrigo). Padre de Jardim foi professor, Padre José. Todos faziam com prazer o trabalho. Dá saudade! Época muito boa. Depois que Jardim começou. Em Jardim foi muito rápido. Logo construíram e começou o curso ginásial e surgiu primeira livraria em Jardim e já foi separando.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas?

D1 - Fazia sim. Não me lembro como era.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de reunião pedagógica?

D1 - A gente tinha que cumprir uma meta e a gente fazia reuniões também, as vezes no sábado que não havia aula e comentávamos os assuntos. A diretora assistia e a gente comentava com todos os professores reunidos.

PESQUISADORA - Vocês tinham algum tipo de apoio da comunidade ou do governo?

D1 - Tinha, pouco mas tinha. Porque naquele tempo não se falava em tempo não se falava em números grande de dinheiro né? Cada um ajudava como podia. A gente entendia. A gente fazia festa também. Todos participavam, a população, todos tinham prazer em colaborar.

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade da época?

D1 - Ah era tudo. Era tudo que havia de melhor era a escola.

PESQUISADORA - Como era o entorno da escola?

D1 - O terreno da escola foi doado e começou a construir lá, construindo devagar, em época em época encontrou boas cabeças para dirigir. Esse nome Salomé de Melo Rocha é muito conhecido por aí afora porque tem ex alunos espalhados por esse Brasil. Apesar de ela não ter atuado como professora durante muito tempo em Guia Lopes, ela não se distanciou da educação.

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade junto a escola?

D1 - Os fazendeiros contribuíam de alguma forma. No começo não lembro como recebíamos. Não lembro. Mas sempre tivemos a participação. Naquele tempo não era costume do governo pagar, mas a prefeitura sempre ajudou.

PESQUISADORA – Pode-se afirmar que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna? Em qual sentido?

D1 - Sim. Muito.. muito... no sentido que não havia escola nenhuma organizada. Não havia nada. Começou com a Escola Salomé. O desenvolvimento da cidade deve muito à Escola Salomé.

PESQUISADORA - Quais os momentos mais importantes que a senhora lembra da E.E. Salomé de Melo Rocha enquanto trabalhou lá?

D1 - Difícil. Você sabe que somos da família da Salomé. Ele (esposo da D1) foi crido pela Dona Salomé mas é sobrinho dela. Então fomos muito ligados a escola, desde o começo, desde a implantação da escola. Eu fiquei com a Dona Salomé todo o tempo. Tudo foi muito bom.

PESQUISADORA - A escola E.E. Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna?

D1 - Em Guia Lopes e na região. Em Nioaque, Jardim e Bonito.

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a Escola atualmente?

D1 - Faz alguns anos que estou isolada, mas tenho tido boas notícias da escola.

PESQUISADORA – Muito obrigada pela entrevista e por compartilhar comigo um pouco do que conhece sobre a história da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

D1 - Estou mais ou menos lúcida, não quero perder o juízo, quero poder ficar conversando quanto tempo eu puder, gosto demais de Guia Lopes.

ANEXO 5- Entrevista 2: D2

Segmento	Ex-diretores
Codínome utilizado	D2
Idade	87 anos
Data da entrevista	12 de junho de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome? Qual a data de nascimento?</p> <p>D2- D2, nasci no Município de Campo Grande em 19/09/1931. Fui registrado em Campo Grande, mas nasci no Mato.</p> <p>PESQUISADORA- Então nasceu na área rural de Campo Grande em 1931?</p> <p>D2- Sim, vou fazer 88 anos. Mas estou aí me aguentando. Nós chegamos aqui em Guia Lopes da Laguna, ainda não chamava Guia Lopes da Laguna. O nome era controverso: alguns chamavam de Rio Brilhante e alguns chamavam de cidade do Rio Miranda.</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano isso aconteceu?</p> <p>D2- Isso foi em 1938. Cheguei aqui com 7 anos de idade. Meus pais vieram pra cá. Viemos de Aquidauana pra cá e estavam construindo essa “Ponte Velha” que nós chamamos, por uma firma chamada Tomé, uma firma de engenharia daquela época. Era a estrada que estavam construindo de Aquidauana a Bela Vista. Tinha um Batalhão Rodoviário assentado do lado direito aqui do Rio Miranda. O acampamento militar é onde hoje nós estamos, aqui era os barracos, casas de taquara batida coberta de bacuri onde moravam os sargentos. Não sei onde era os alojamentos dos soldados, existiam muitos soldados aqui. Era um Batalhão Rodoviário vindo de Aquidauana provavelmente. Cheguei aqui ainda tinha bastante militares aqui. Guia Lopes o nome só foi caracterizado como Guia Lopes tempos depois que houve, como eu disse a princípio, a princípio chamavam de Rio Miranda por causa da ponte do rio Miranda. Como já havia a cidade de Miranda, havia muita confusão de correspondência, tinha carga que era destinada a Rio Miranda (aqui) e a Miranda (lá). Aí puseram o nome de Guia Lopes, Guia Lopes porque o filho do Guia Lopes, tem um filho dele ainda vivo, o Renato Lopes. Renato Lopes é o filho dele, neto do Guia Lopes e filho do José Lopes. Tinha o nome do pai mas já era filho. A fazendinha dele fica hoje mais ou menos na área onde é a chácara da Dona Célia do Pantanal, é uma chácara bonita com umas casas de crianças lá, dos netinhos do... Ali era a sede da fazenda em direção ao nosso frigorífico hoje, né? Esse José Lopes doou 30 hectares para a formação da cidade aqui, doou para os militares. E José Lopes é o pai do Renato Lopes, então doou 30 hectares. Eu era criança e ouvia falar. Começaram a chamar aqui de Guia Lopes, porém tinha uma estação de estrada de ferro de Aquidauana a Corumbá ou a Miranda que chamava-se Guia Lopes também. Então as cargas e correspondências extraviavam novamente. Posteriormente adotaram o nome de Guia Lopes da Laguna para caracterizar a retirada da Laguna descrita por Taunay. Acontece que tem outro guia Lopes lá em Minas Gerais de onde veio o nosso José Francisco Lopes, o guia Lopes. Então Guia Lopes foi bastante disputada, conturbada e confusa naquela época, os Guias Lopes que existiam no Brasil, né? Até que o nome em definitivo foi Guia Lopes da Laguna, daí parou de extraviar correspondência.</p> <p>PESQUISADORA - Pelo menos chegavam as correspondências!</p> <p>D2- Bom. Cheguei aqui com 7 ou 8 anos de idade, em 1938. Eu me lembro porque eu marquei porque estava começando a 2ª Guerra Mundial. A 2ª Guerra Mundial começou em 39 e ouvi os mais velhos falarem muito nessa Guerra, que se transformou em guerra mundial, na 2ª Guerra Mundial. Bom. Aqui era município de Nioaque, distrito de Nioaque, não sei como chamavam naquele tempo aquela divisão. Só mais tarde que a cidade se emancipou de</p>	

Nioaque. Essa data você tem da emancipação de Guia Lopes, né? Uma data recente, eu não me lembro assim de cabeça no momento.

PESQUISADORA - Em que data se formou? Qual Curso? Instituição?

D2- Eu fui alfabetizado em casa pelo meu pai. Aploniano de Arruda de (áudio incompreensível), confundido com Apolônio. Aploniano, um nome que eu nunca vi ninguém chamado. Aploniano. Alguns o chamavam de Apolônio outros de Aploniano. Minha mãe era filha de Maracaju, mostrei aí no livro (livro sobre as famílias tradicionais do MS) Dona Dagmar Fernandes Barbosa depois Arruda com o casamento. Tínhamos parentes por aqui, dos Barbosa, que estavam esparramados por aqui. Minha mãe conhecia os parentes dela que apareceram quando nós chegamos aqui. Não sei como que eles se comunicavam naquele tempo, mas começou aparecer parente da minha mãe aqui.

PESQUISADORA - Aqui é uma família bastante forte.

D2- É. Então começou a aparecer os primos da minha mãe aí. Então nossa chegada aqui foi, nos receberam aqui... fomos bem recebidos aqui. Eu tava falando do... depois você vai ordenar tudo isso, né?

PESQUISADORA- Isso.

D2- Tava falando da minha alfabetização pelo meu pai. Aqui não tinha escola quando nós chegamos. Havia uma escola, aliás, havia uma escola aqui. E, não sei por que motivos eu não fui matriculado nessa escola. Não sei se eu estava doente, alguma coisa. Minha irmã, a Dalva, foi matriculada na escola, ela era mais nova que eu e eu mais velho não fui. Provavelmente por algum motivo de doença.

PESQUISADORA - O Senhor lembra o nome dessa escola?

D2- Não me lembro. O professor era um professor vindo de Bonito. Outro dia ainda lembrava o nome dele. Ele faleceu prematuramente, era uma pessoa idealista que foi professor em Bonito e de lá ele veio pra cá, fundando a escola. Não me lembro o nome dele no momento. Quem sabe até o fim da entrevista eu... Posteriormente, primeira professora que me lembro foi a professora Milca Souza Santos, era professora normalista formada em Campo Grande no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Essa moça veio parar aqui na casa de uns parentes e assumiu a Escola Rural Mista. Essa escola tinha duas séries, 1º ano e 2º ano. O 1º ano sub dividido em A, B e C. Terminava dando os quatro anos do primário e o 2º ano era colação de grau. O 1º ano C era adiantado, bem puxado. Só depois vinha o 2º ano, e terminava o 2º ano. Naquele tempo, o ensino para acender ao ginásio tinha um exame, o exame de admissão ao ginásio. Era um vestibularzinho, né? Muita gente parava pelo primário porque não conseguia ser aprovado no exame de admissão. Os ginásios, eram difíceis os ginásios. Aquidauana não tinha ginásio. Uma cidade importante como Aquidauana e não tinha ginásio. Ginásio existia em Campo Grande. Existia o Estadual, diretora era Maria Constança. Não sei se você já ouviu falar?

PESQUISADORA - Sim... já ouvi.

D2- Tinha o Diocesano, que era dos Padres, né? O Dom Bosco é Diocesano, né? O Salesiano. Tinha os Salesianos Dom Bosco e o Osvaldo Cruz, que hoje só resta o prédio, que foi tombado como Patrimônio Histórico. Era três ginásios em Campo Grande. Não sei... Corumbá já devia ter pela cidade importante e Cuiabá. Vê como era difícil você subir na ... faculdades não tínhamos. Faculdade é coisa... quando fui fazer medicina em Curitiba em 1951 existiam 16 escolas de medicina no Brasil, em todo o Brasil. Vê como era difícil! Cidades importantes como Florianópolis, Campinas... não tinha faculdades.

PESQUISADORA - E o Senhor foi alfabetizado pelo seu pai, Sr. Aploniano ...

D2- E depois pela professora Milca Souza Santos.

PESQUISADORA - Aí o Senhor já estava matriculado na escola?

D2- É aí já estava matriculado na Escola Rural Mista com dois anos... com duas séries. A sala de aula era única, então o professor quando começava lecionar o primeiro ano, a turma

do segundo ano ficava fazendo tarefas, lendo livro, quietinha lá separados. A turma A, B e C ficavam meio juntas. Se respeitava muito os professores naquele tempo. “Esse lado que fica agora comporte-se, a aula é para esse” dizia ela. Enquanto isso no quadro negro ela passava a matéria para o 1º ano o 2º ano ficava quietinha, já lá estudando. Bom, terminei o 2º ano e não tinha mais o que estudar aqui em Guia Lopes e fui para Campo Grande, em 1944. Fui para Campo Grande e fiz o exame de admissão no Colégio Osvaldo Cruz onde estudei até o 3º ano científico, a metade do 3º ano científico que era o colegial científico e clássico. Até o 3º ano quando fui para Curitiba, terminei o científico lá e prestei vestibular na Universidade Federal do Paraná, isso em 1952. Bom. Formei-me em 1957 e em 58 voltei para Guia Lopes. Não há uma questão muito... a vida é cheia de acasos. Eu tinha vindo visitar meus pais aqui em Guia Lopes, passar uns dias com eles, que eu estava colocado em Londrina. Eu estava trabalhando em Londrina em um hospital e quando estudante eu estagiei três anos em cirurgia, serviço do Profº Mario Braga de Abreu em Curitiba, na Santa Casa de Curitiba. Então para fazer aquela cirurgia de interior, eu sabia fazer bem, estava preparado e em Jardim, um comandante chamado, hoje é chamado General Felício, naquele tempo era Coronel Felício. Ele era um homem muito idealista, muito progressista, ele gostava muito da região. Tinha uma enfermaria na CER- 3, Comissão de Estrada. Havia uma enfermaria lá e ele teve a ideia de fazer um pequeno hospitalzinho lá, ampliar essa enfermaria. Fez uma sala de cirurgia muito boa para a época e tinha um problema, os médicos militares geralmente que vinham para cá não faziam cirurgias, eram clínicos gerais, não faziam cirurgia nenhuma. Então uma simples cesariana tinha que ir pra Aquidauana. Uma apendicite, uma hérnia tinha que ir pra Aquidauana fazer, operar em Aquidauana. E eu estava aqui de passagem, quando surgiu um caso de uma prenhes ectópica e o médico militar Alencar de Pinheiro sabia da minha existência, já tinha conversado com ele, pediu para ver a paciente. Eu olhei e falei: “é caso de cirurgia!”. Prenhes ectópica você sabe o que né?

PESQUISADORA - Não

D2- Gravidez que ocorre fora do útero, geralmente em uma das trompas. Então como a trompa não é útero, fatalmente vai romper e causar uma hemorragia interna e pode ser fatal se não for atendida. Então diagnostiquei e ele também já tinha diagnosticado a prenhes tubária e me chamou. Estava preparando para mandá-la para Aquidauana, mas seria temerosa porque daqui a Aquidauana em uma estrada de terra demorava umas 3 horas de viagem. Ele perguntou se dava para encarar. Falei “Dá” e fiz essa cirurgia na enfermaria da CER-3. Isso repercutiu... O Arrudinha, como era o meu (risos)...o Arrudinha operou aí. O guri chegou, já tá operando e todo mundo falava na minha cirurgia. O Coronel Felício me deu uma emprego e não fui mais para Londrina, fiquei aqui. E fiz bem. Fui muito útil à minha região naquela época onde um parto mais complicado ia terminar em Aquidauana e eu comecei a resolver por aqui. Resolvendo outras cirurgias de urgência, havia muito baleado naquele tempo, muita briga, muito tiro. Então ia resolvendo os casos e fui ficando por aqui até hoje.

PESQUISADORA - Em que ano trabalhou na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha?

D2- Eu estava aqui e aparece a Dona Salomé. Dona Salomé tinha sido professora primária muito tempo. Ela lecionou, ela veio de Minas Gerais.

PESQUISADORA - Nessa Escola Rural Mista?

D2- Na Escola primeira que eu não..., do professor lá. Ela foi professora lá algum tempo. O marido dela era um comerciante muito bem sucedido Lino Alves Rocha, muito bem sucedido. Aí ela deixou de lecionar espontaneamente e foi cuidar dos negócios dela. A família dela é de educadores em Minas Gerais, esses Melo Rocha, tinham um Colégio em Londrina, o “Instituto Filadélfia” em Londrina era de um primo dela, eles são educadores, né? Mineiros, eles eram de Minas Gerais essa senhora. Foi dedicar ao comércio e afastou, a Dona Salomé afastou do ensino. Era líder na Igreja Presbiteriana, uma das pioneiras nessa denominação aqui em Guia Lopes. Quando eu formei, Dona Salomé tava já trabalhando aí

um ano, Dona Salomé surgiu com uma ideia. Ela tomou conhecimento que um educador pernambucano Tiago Melo estava à frente de uma Campanha Nacional chamada Campanha de Educandários Gratuitos. Então Dona Salomé leu essa notícia, como ela era uma educadora, mas estava afastada, mas era interessada. A Dona Salomé me apareceu, eu ocupado com medicina, tinha muito trabalho, muito procurado. Um cirurgião no interior tem muito prestígio, sabe? Ela me procurou e falou “Reinaldo”. Me falou quem era o Tiago Melo. “Nós podemos fundar um Ginásio aqui”. Eu achei a ideia meio avançada demais, falei: “- Puxa, um ginásio! Agora que Aquidauana conseguiu um ginásio, Bela Vista conseguiu a pouco tempo um ginásio e por um ginásio aqui! Tá bem Dona Salomé. A que que a Sra quer? Que eu leciono alguma matéria?”

-Não, vamos fundar um Ginásio aqui” E me contou o projeto do Tiago Melo. Daí ela começou a mexer com a papelada e teve muito apoio da Dona Clotilde Castro Pinto, que havia fundado um Ginásio em Bela Vista. Esposa de um médico que terminou general, general médico Dr. Rubens Abat de Castro Pinto, é uma família ilustre aqui no estado. Ele foi deputado, secretário de deputado estadual do Mato Grosso Uno, Secretário de Educação e Saúde, Diretor do H.U. em CG. Mas nesse tempo ela estava morando em CG e ela incentivou muito a Dona Salomé. Essa Dona Clotilde era líder da Igreja Batista, então tinha um pé aí das igrejas protestantes. A Presbiteriana e a Batista. Isso causou algum constrangimento, uma ciúmeira do bispo que era pertencente a Corumbá, e o bispo de lá ficou meio.... duas senhoras tomassem a frente em realizar tamanho projeto educacional.

PESQUISADORA - Pra época...

D2- É, pra época...havia assim muita intole... não era intolerância, mas uma intolerância velada havia. Nós íamos contar com Padre José para professor de Latim. Vê como que a coisa é, a gente precisava do Padre José, que abraçou a ideia da fundação do Ginásio com muito bom gosto, seria nosso professor de Latim. Olha o Bispo de Corumbá já com... enciumado... de um padre lecionando numa...que ele achava que o colégio ia ser confessional. Ia ser Colégio Leigo. Então Dona Salomé começou mexer com os papeis e levou a frente. Dona Salomé era pertinaz, ela era... quando ela tinha um projeto, ela levava a frente. A princípio eu não acreditei muito. Nem o Padre José acreditava. Ele me falou que o Bispo achava e que esse Ginásio não ia sair. Padre José me falou um dia confidencialmente ”Dona Salomé foi lutando apoiada pela Dona Clotilde, né? Conseguiram fundar o Ginásio”. Naquele tempo não existia escola de filosofia na região para formação de professores, então o corpo docente nos ginásios e científicos eram infectados por padres e profissionais liberais como advogados, médicos, dentistas. Quem tinha curso superior lecionava. Era a exigência da lei da época. E a Dona Salomé falou:

“- D2, você vai ter que ser o diretor dessa escola.”

- Por que professora?

- Porque a lei exige que seja um diretor que tenha um curso superior. Ou é senhor ou o Padre José.”

(risos)

Tinha já formado aqui, o Doutor Deamir Vargas, um cirurgião dentista, pai da Dra Eliana Vargas, sogro do Doutor Daniel. Agora está sobrando Doutores, mas na época eram raros. Então, falei:

“- Está certo, então. O que tenho que fazer?”

- Tirar fotocópias dos seus documentos e você vai ser o diretor do...”

Daí eu fiquei diretor e professor da cadeira de Francês na época... francês, inglês.

Assim eu me tornei diretor do Colégio durante algum tempo. Não por tanto mérito meu, mas pela exigência da lei né, que eu nunca tinha sido educador.

PESQUISADORA- E esse escola já iniciou com o nome da Escola Salomé de Melo Rocha?

D2- Não, não. Era Ginásio, tinha ligado à essa sigla...

PESQUISADORA- Ginásio Guia Lopes?

D2- Eu não me lembro como que era. Aí você vê, falta documento dessa época. Dona Salomé já faleceu. Então provavelmente tinha a sigla Campanha de Educandários Gratuitos, né? Provavelmente era. E não me lembro, mas... e Dona Salomé que criou o Ginásio, nem professora ela era.

PESQUISADORA - O Senhor lembra qual foi a data dessa criação?

D2- Deixa eu correr um pouquinho... deve ter sido em... eu cheguei aqui em 1958... deve ter sido em 1960 mais ou menos, acredito viu? 60 ... não tenho certeza, não. Tudo foi muito conturbado essa época, esse começo. Então o Colégio... o Ginásio não tinha como pagar professores. Vinha uma verba pequenininha, não sei da onde que vinha essa verba. Havia uma verba muito pequenininha, então o corpo docente era formado por mim, pelo Deamir Vargas que era dentista, pelo irmão do Deamir o Beyr Vargas que era contabilista (depois o curso foi equiparado a economista). Ele era perito contador, foi o currículo dele foi equiparado aos economistas de hoje, o Padre Giuseppe Ferreira, um capitão dentista Hélio Cesário que era da CER3, Hélio Cesário e o pastor da igreja Batista Valdir Vilarinho. Essa foi a primeira turma, os primeiros professores da primeira turma. Alguns lecionavam mais de uma matéria. Não havia prédio para o Ginásio, não havia prédio. Havia umas salas de aula junto com o templo da igreja Presbiteriana, ainda existe. Mas foi vetado. (Se você não querendo por isso, não põe)

PESQUISADORA - Não... é interessante, faz parte.

D2- Então houve a Dona Salomé ofereceu a sala de aula dela, mas o bispo Diocesano lá de Corumbá falou que “Lá não dá. Como que um padre ia lecionar, não ia lecionar junto com sala de aula da igreja Presbiteriana.” Então foi descartada e não havia local para instalarmos, local físico para instalarmos o Ginásio. Aí um prefeito chamado José Rosalvo Fraga, o pai, José Rosalvo Fraga, põe entre parênteses “pai” porque teve um José Rosalvo filho dele, que foi prefeito anos depois. Foi o pai, o velho Rosalvo. Cedeu a prefeitura para a instalação do Ginásio. Como ia ser só uma série, o primeiro ano do Ginásio tinha uma sala só.

PESQUISADORA - O Sr lembra quantos alunos tinha esse Ginásio nessa época?

D2- Nós tínhamos... Quantos alunos? A maioria eram de Jardim, sabe? Jardim ficou muito frustrada na época porque já estavam mais adiantados do que nós como cidade, mas eles comeram barriga (risos). Essa a Dona Salomé ganhou. Então a maior parte dos alunos, eram uns 20 e poucos alunos de lá e daqui de Guia Lopes devia ter apenas uns 8 alunos só de Guia Lopes.

PESQUISADORA - E funcionava em qual período?

D2- Noturno. Uma das alunas da primeira turma foi a professora Gregória Mirta. Você conhece ela?

PESQUISADORA - Não, não conheço. Ela é viva?

D2- É viva. Gregória Mirta foi uma das primeiras alunas, da primeira turma. Então a maior parte dos alunos era de Jardim. Gregória Mirta morava em Jardim. Eles vinham num caminhão, numa carroceria. Um caminhão vinha, trazia e levava depois da aula. E os professores vinham muitos de Jardim, como te falei, os oficiais. Como está a gravação?

PESQUISADORA - Está boa.

D2- Assim foi-se o primeiro ano. No segundo ano de funcionamento do Ginásio, Jardim conseguiu o Ginásio lá. Jardim “convertalheres” correram atrás e conseguiram. E conseguiram um Ginásio Estadual que funcionou no prédio que era chamado Educandário Coronel Felício. Tinha um Colégio lá Educandário que começou a funcionar a noite também, e os alunos de Jardim foram todos para Jardim, né? Eles começaram com 1º e 2º anos já. Nós tínhamos, nós estávamos com 1º e 2º anos, uma turma oriunda da fundação. Aí o Ginásio ficou... sofreu uma crise funcional porque havia poucos alunos. Infelizmente naquela época a mocidade ficava brincando na praça e não se interessavam em estudar. Mais tarde eles,

muitos das alunas principalmente, já casadas e com filhos que foram procurar o colégio. Muitas delas arrependidas, conversava com elas e diziam “É, nós erramos, ficávamos brincando aí na pracinha”. Depois sacrificaram família, os filhos, o marido e foram estudar. Aí o Colégio da Dona Salomé, vamos falar o Ginásio da Dona Salomé (vamos chamá-los assim) entrou em crise... poucos alunos... Com os professores não houve tanta crise porque chegou aporte de pessoas de fora com alguma formação e o corpo docente não teve tanto abalo assim. O Ginásio da Dona Salomé estava indo, funcionando com poucos alunos, mas funcionando. Quando foi eleito o governador do Mato Grosso do Sul Pedro Pedrossian, bastante progressista, governador diferente dos anteriores, não desfazendo dos anteriores, mas era uma cabeça aberta, formação de engenheiro civil formado pelo Makenzie em São Paulo, então tinha outra cabeça. Então ele propôs estadualizar o Salomé. A Dona Salomé não queria que o Ginásio passasse para o Estado. Ela resistiu, mas o conselho da escola da qual eu fazia parte na época, vimos que os professores lecionavam de graça, que tinha uma verba muito pequena que nós deixávamos para aqueles professores mais necessitados, um deles era o padre Giuseppe, que gastava gasolina para vir aqui, então ele era um dos que recebia. Eu não me lembro qual o outro professor que necessitava de algum ganho.

PESQUISADORA - E essa verba vinha da Campanha de Educandários Gratuitos?

D2- Acho que era uma verba do Ministério da Educação, acredito. Mas era uma verba pequena. Então a maioria dos professores lecionavam gratuitamente. Daí eu conversei com a Dona Salomé. “Os professores não vão aguentar muito tempo. Jardim já está com Ginásio Estadual. Não vamos aguentar muito tempo”. Ela cedeu! Quando ficou estadual, eu era diretor e na época tinha um padre novo aqui, o padre João Delfino, ele era muito ativo e rígido nas convicções dele e esse padre João Delfino.” Então vamos pôr o padre de diretor, melhor, tá bom... já que o Padre José ficou o diretor de Jardim, vamos pôr o padre João Delfino de diretor”. O padre João foi intempestivo, ele chegou aqui abriu uma campanha contra a Maçonaria que tava começando a se instalar aqui. Abriu uma campanha contra a maçonaria, despediu vários professores. Já havia sido instalado o Banco do Brasil e tinha uns moços capacitados que lecionavam. Ele demitiu os moços do Banco do Brasil porque disse que eram maçons e nem sabia o que era maçonaria, mas demitiu os professores e nomeou outros sem qualificação nenhuma. Foi infeliz o padre João Delfino. Ele terminou caindo, ele terminou sendo demitido pelo governador Pedro Pedrossian.

PESQUISADORA - E o senhor ficou na direção até que ano, o Sr. lembra?

D2- Fiquei até o Padre João Delfino que deve ter sido em 1962 por aí, 62 ou 63. Daí veio 64 que houve a Revolução Redentora, em primeiro de abril mas que eles falam que foi em 31 de março. Em 64 estourou o movimento militar, chamado de Revolução por uns, não vamos falar em golpe porque esse termo golpe tá sendo muito mal usado ultimamente. Então eu fui proibido de dar aula, eu e o Deamir, acusados de ideias esquerdistas. Fomos proibidos de dar aula, paramos de dar aula. Substituí o Padre João Delfino o Beyr Vargas, o irmão de Deamir. Lembraram do meu nome e do Deamir, mas nós tínhamos sido visados pelo movimento de 1964 e nosso nome estava no índice. Isso já é 64. Daí o Beyr, que era “inodoro e sem saboro” assumiu a diretoria. Não tinha interesse também porque ele era um pecuarista bem sucedido. Beyr era irmão do Deamir e tio da Eliana, Beyr com Y. Construiu aquela casa bonita que você vê quando vem lá do Amiodoro. Então o Beyr assumiu a direção pouco tempo, talvez um ano. Aí passou um pastor da Igreja Presbiteriana que não me lembro o nome, era gente da Dona Salomé. Aí o colégio já era estadual e eu perdi o contato. Fui proibido de lecionar em 64, eu e o Deamir. Deamir lecionava geografia e eu lecionava francês, mas fomos proibidos de lecionar. E esse é mais ou menos um resumo aí.

PESQUISADORA - Mas o Ginásio virou Salomé de Melo a pouco tempo atrás. O que eu tenho são alguns dados de que 76 ele recebeu o nome de Salomé de Melo Rocha.

D2- E 64 veio a Revordosa e deve ter sido em 66 por aí. A Dona Salomé já estava afastada

porque o Colégio era Estadual contra a vontade dela. E ela era idealista. Ela tinha uma liderança política boa, talvez ela tenha resistido à estadualização do colégio porque ela ia perder o controle.

PESQUISADORA - Até qual ano trabalhou nesta escola?

D2- Até 64. Até o começo de 64, eu e o Deamir. Começo de 64.

PESQUISADORA - Essa escolha da direção antes da estadualização era feito por um colegiado?

D2- Um colegiado. Alguns deles já morreram, sobra eu, só eu desse grupo.

PESQUISADORA - O nome dessa escola quando ela começou, quando o senhor começou era o Ginásio que tinha ligação com a Companhia Nacional de Educandários Gratuitos.

D2- Campanha Nacional...isso.

PESQUISADORA - Enquanto ela não era estadualizada, ela era subordinada a alguma regional?

D2- Não, era subordinada a esse movimento. Era muito ligada, quase que diretamente ao Ministério da Educação. E esse menino que era deputado, esse Tiago Melo era uma idealista, um pernambucano.

PESQUISADORA - Quais as idades dos alunos atendidos?

D2- Eram jovens todos. Adultos assim. Pela legislação daquela época, só podia prestar exame de admissão quem tivesse treze anos completos, doze anos completos. Então a idade era nessa idade de doze e treze anos, talvez por aqui não ter Ginásio, provavelmente quatorze anos acima.

PESQUISADORA - Então até 64 era especificadamente só o Ginásio?

D2- Exato.

PESQUISADORA - Qual o nível social das famílias dos alunos atendidos?

D2- Eram filhos de fazendeiros que ficaram muito contentes com a criação do ginásio porque tinham que levar os alunos para Aquidauana, pra Campo Grande, que foi meu caso que tive que ir embora com treze anos e fui embora e fui morar em pensionato em Campo Grande.

PESQUISADORA - Então ela atendia a elite de Guia Lopes e Jardim?

D2- É. Quem procurasse. Infelizmente termina formando uma elite sem querer, espontaneamente surge uma elite. Filhos de comerciante também e que não deixava de ser uma elite. Gente da roça mesmo, que moravam na fazenda dos pais deles. A Dona Salomé já tinha uma escola primária na casa dela para filhos de fazendeiros, Deolindo Peixoto que é o pai do Joelcio Peixoto. Joelcio Peixoto foi aluno da nossa primeira turma. Dr. Joelcio Peixoto. Dr. Joel Peixoto. Esse político de Jardim, advogado marido da Eliane Cafuri Peixoto. Foram nossos alunos aqui.

PESQUISADORA - Essa escola que ela tinha na casa dela. O Sr. lembra qual era o nome?

D2- Não tinha nome. Ela alfabetizava e preparava os alunos para fazerem o exame de admissão em Campo Grande ou Aquidauana. Era um cursinho pra entrar no Ginásio. Funcionava hoje comparada com os cursinhos. Ela preparava aqui e eles iam fazer exame de admissão em Aquidauana ou campo Grande.

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina escolar?

D2- Tem uma professora que quero pôr o nome dela, a profª Célia. Ela é viva e mora em uma chácara. Você já ouviu falar?

PESQUISADORA - Sim.

D2- Ela foi a primeira secretária.

PESQUISADORA - Do Salomé? Desse Ginásio?

D2- Do CNEG (Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos). Ela poderá ter algum livro com ela. Você sabe onde fica a chácara dela?

PESQUISADORA - Sei.

D2- Você podia visitá-la. Ela tá velhinha, viu! Ela foi a primeira secretária.

PESQUISADORA - Eram utilizados livros didáticos? Como eram os livros didáticos?

D2- Os livros na época era... haviam uma unidade educacional no Brasil muito grande, ainda vinda do governo da ditadura Getúlio Vargas. Foi uma coisa boa que ele unificou o que se ensinava no Ginásio de Bela Vista se ensinava em um da Amazônia. O ensino era unificado. O Ministro da educação na época parece que era Francisco Campos, na época jurista. E ele unificou o ensino. Então um livro que a gente estudava num ginásio de Bela Vista era o que se ensinava no Osvaldo Cruz, nos colégios católicos eles adotavam os livros, mas o conteúdo e o contexto era parecido.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas?

D2- Acho que não. As aulas eram chamadas... Não. Tinha um programa, a matéria, o que deveria ser dado.

PESQUISADORA - Vocês que elaboravam ou já existiam?

D2- Provavelmente uma professora como a Célia, que era de formação normalista, essa aí provavelmente planejavam. Nós seguíamos o programa oficial que vinha, adotado pelas escolas brasileiras. As aulas eram magistrais de um modo geral, de improvisado.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de reunião pedagógica? Como eram organizadas?

D2- Não. Eu não me lembro. Se existia... eu não lembro. Mas não existia não.

PESQUISADORA - O Sr. falou que a maioria dos professores nessa época não recebiam.

D2 - Sim

PESQUISADORA - Quando começaram a receber, quando estadualizou, existiam professores concursados?

D2- Não, não. Olha, para ser professor ele era cassado para ser professor. Difícil. Não existia uma elite escolarizada, intelectual na região. Então tinha que pegar oficiais do exército, padre, pastor, professora normalista. Nós sabemos que uma professora normalista ela tem dificuldade em lecionar uma matéria do ginásio. Aí começaram a aparecer algumas professoras como Edorildes. Professora Edorildes foi professora de matemática. Edorildes Peixoto ainda é viva. Edorildes poderá lhe dar muitas informações importantes. Ela mora em Jardim. Ela foi professora de Matemática ainda no meu tempo e era algumas pessoas de certa formação, que tinham feito curso normal e tinham muito mais formação do que nós que tínhamos curso superior.

PESQUISADORA - Por que eram as aulas que vocês tinham como referência?

D2- Nossa referência era nossos professores universitários, as aulas aqui eram com matérias que para nós era fácil de a gente lecionar. Nós dávamos uma aula meio que imitando as aulas que a gente teve na faculdade. No máximo pegava o livro, dava uma lida, preparava aula mentalmente, com algumas anotações. Depois apareceu a professora Edorildes que tinha formação e lecionou matemática.

PESQUISADORA - Havia Conselho Escolar na sua gestão?

D2- Não. Depois quando passou para estadual eu me ausentei. Eu lecionei um pouco, mas só lecionava. Dava minha aula e voltava pra casa.

PESQUISADORA - Havia participação da comunidade ou representação da mesma no Conselho Escolar?

D2- Não. Não havia infelizmente. Até hoje há uma certa resistência. Os pais não... Hoje em dia é obrigatório. De vez em quando aparecia um pai para reclamar que o aluno tinha tirado nota muito baixa, que a professora não gostava dele (risos). Que a professora de matemática não gostava, acontecia de vez em quando um movimento pra tirar o professor. A gente tinha que contemporizar, acalmar pais e alunos.

PESQUISADORA - Quais os tipos de registros realizados como documentação escolar?

D2- Documento do aluno, do professor?

PESQUISADORA - Da escola, do professor, do aluno.

D2- Do professor, quem tinha um curso superior ele era o diploma do curso superior, sabiam

que ele era dentista e estava registrado no Conselho Regional de Medicina, sabia que na realidade era formado. E as professoras eu não me lembro, provavelmente as professoras apresentavam o currículo delas.

PESQUISADORA - Mas tinha diário de classe e atas?

D2– Isso tinha. Esses livros se perderam todos. Professora Célia pode ter algum.

PESQUISADORA - Alguém me falou que houve um incêndio e que se perdeu muitos documentos.

D2- Pode ser. Mas eu não me lembro desse incêndio aí no Salomé, será que não foi um incêndio casual ou não me lembro.

PESQUISADORA - Não existe registro desse incêndio e nem da data dele.

D2- É.

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha na época que trabalhou nesta escola?

D2- Ele era o seguinte. Não havia essa avaliação. O que se sabia era o seguinte: que o Ginásio em tal lugar era mais difícil que outro Ginásio. Da primeira turma do nosso CNEG aqui de Guia Lopes, 6 fizeram faculdade. Você vê, depois foram para Campo Grande. Foram os irmãos Peixoto, Maria de Lourdes Iorkovsk, que é médica em Campo Grande e outros que formaram como professores. Havia uma, na época, uma maneira obter, mas aí começaram a exigir o registro de professor. Começaram a exigir o registro de professor. Médicos que iam lecionar ciências ou uma língua, agora você tinha que obter um registro. O registro era conseguido mediante um concurso, uma avaliação em Campo Grande, Corumbá, para uma banca de professores.

PESQUISADORA - O Sr. lembra que ano começou isso?

D2- Não me lembro. Isso já em 62 começou que se chamava. Tinha uma sigla. O professor prestava esse concurso e obtia. Quem estava interessado em lecionar. Havia posteriormente, uma preparação para eles em campo Grande. Então muitos professores obtiveram registro. Ah... chamava CADES. Lembra do CADES? C-A-D-E-S, você sabe o que significa isso? Procure saber o que significava. CADES ou CADIS... isso porque não havia faculdade de filosofia no país. Não havia formação de professores como existe hoje.

PESQUISADORA - Não havia faculdade de filosofia?

D2- Não havia.

PESQUISADORA - O Sr. falou que não existia uma participação efetiva da comunidade.

D2– Não, não havia.

PESQUISADORA - Pode se afirmar que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna? Em qual sentido?

D2– Foi. Nós esperávamos muito mais. Nós esperávamos que com a criação desse Ginásio que depois se transformou, viriam muitos fazendeiros e pessoal da área rural morar e que se mudariam para Guia Lopes para colocarem seus filhos no colégio, mas não aconteceu muito isso. Não sei se porque logo depois criou em Jardim também e aí já dividiu a. preferiram Jardim que sempre foi uma cidade melhor que a nossa, devido o apoio que tinham da CER-3. Lá tinha muito apoio. Mesmo assim o Ginásio foi muito importante porque os menos favorecidos que não podiam sair da cidade para continuarem seus estudos começaram a estudar alguma coisa por aqui. Às vezes terminavam o Ginásio e não podiam ir para fora para estudar. Foi importante na época. Quem quis aproveitar, aproveitou. Muitos não quiseram, como lhe contei, foram estudar depois, bem mais tarde casadas, com filhos, sacrificando família.

PESQUISADORA - Quais os momentos mais importantes da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha enquanto trabalhou lá?

D2– Importante foi quando nós passamos, nos reunimos para estadualizar a escola. Eu era a favorável à estadualização. Uma escola estadual tinha mais status também. A CNEG não foi

bem compreendida no Brasil, foi combatida. Acho que naquela época já existiam grupos interessados em escolas particulares pagas, ou a CNEG não foi bem compreendida, não foi devidamente valorizada. Quando o governador Pedro Pedrossian propôs a estadualizar a escola foi um movimento importante, porque dentro da escola havia resistência. Havia um grupo que não queria para não perder o controle, provavelmente. Foi um movimento no qual a sociedade não participou. A sociedade aceitou, leu no jornal que havia sido estadualizado.

PESQUISADORA - A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna? Por quê?

D2 - Era a única referência.

PESQUISADORA - E na região, ela tinha essa referência?

D2 - Na região aconteceu o seguinte. Ela ficou isolada porque Jardim logo já teve também. A referência que ela poderia ter, dividiu com Jardim.

PESQUISADORA - Isso também devido o apoio da CER3?

D2 - É a maior parte dos alunos pertenciam a Jardim.

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a Escola de antigamente e de hoje?

D2 - Não sei como está hoje, não posso opinar. Mas deve ter evoluído, deve ter melhorado.

PESQUISADORA - A última questão do questionário e depois eu tenho algumas questões que foram surgindo: O Sr. tem algum comentário, críticas ou sugestões a acrescentar?

D2 - Eu acho que a sociedade hoje está vivendo uma época de grandes transformações e isso repercute na escola. No meu tempo de “educador” os pais valorizavam mais o professor e se houvesse uma questão entre o aluno e o professor eles procuravam estar sempre do lado do professor, eles eram aliados. Acho que a família ajudava mais. Agora eles eram gente incultas, analfabetos, eles podiam pouco. Hoje infelizmente as famílias são todas alfabetizadas, toda família tem vários doutores ou um doutor na família e parece-me que a família deixou a educação e a criação dos filhos por conta da escola. Essa é a impressão que tenho. Uma impressão minha. Então, o aluno é mal educado em casa o pai passa a mão, a mãe passa a mão na cabeça e a professora é quem tem que corrigir. Parece-me que está assim. Não sei se estou certo. Porque tem aluno batendo em professora, no nosso tempo a gente respeitava, eu respeitava na minha época o professor. Quando o professor me respeitava também.

PESQUISADORA - Sr. D2 durante essa pesquisa que estou fazendo essas entrevistas e também em alguns documentos existe o registro da Escola Visconde de Taunay. O Sr. lembra dela?

D2 - Visconde de Taunay. Será que não era a minha Rural Mista, não?

PESQUISADORA - Então, acho que sim..

D2 - Provavelmente a minha Rural Mista. É que a gente só falava Rural Mista.

PESQUISADORA - Ela teria tido início em 1938.

D2 - É por aí, em 1938. Eu fui aluno dela já em 1940.

PESQUISADORA - Existem algumas pessoas que dizem que a Escola Salomé de Melo Rocha é a Escola Visconde de Taunay.

D2 - É. Seria a continuidade dela.

PESQUISADORA - Porque existiu a Escola Visconde de Taunay onde a sede era no Salão Paroquial hoje.

D2 - É exato!

PESQUISADORA - E existia a escola Presbiteriana ...

D2 - Ao lado do templo Presbiteriano.

PESQUISADORA - Isso. Ao lado do templo e os relatos que tenho ouvido de algumas pessoas é que quando surgiu o Ginásio em 1960 esse Ginásio que algumas pessoas chamaram de Guia Lopes ele foi encampado pelo estado. Como o Sr. falou e houve a junção dessas escolas com o Ginásio até mesmo para encorpar essa escola.

D2– Provavelmente, né? Com muita probabilidade.

PESQUISADORA - Então ela não é a escola, mas a continuidade...

D2– Exato. O Visconde de Taunay. Como se fosse uma herança

PESQUISADORA - O Ginásio Guia Lopes herdou esses alunos?

D2– Exato e outra coisa, posteriormente prestaram essa homenagem à Dona Salomé. Houve mesmo o encampamento. Como aqui tudo era Visconde de Taunay, todo mundo fala “Taunai” infelizmente. Mas o que que vamos fazer, né?

PESQUISADORA - - O Sr. me ajudou muito. O Sr. tem nenhuma foto dessa época, de vocês professores ou da escola?

D2– Pode ter havido, mas eu pessoalmente não tenho nenhuma.

PESQUISADORA - Nenhum documento ou registro do senhor?

D2– Não tenho nem comprovação que fui nomeado. Devia ter na ata, nas atas. A Professora Célia, que era nossa secretária, pode ter a ata da fundação do Ginásio que ocorreu no prédio da prefeitura velha, numa noite.

PESQUISADORA - Será que na prefeitura a gente encontra?

D2– Acho que não. A prefeitura mudou. A professora Célia talvez tenha. Tem uma professora aqui também. Foi professora formadora, foi diretora aqui do Colégio. Esposa do Ito Bertola.

PESQUISADORA - Oraci Bertola?

D2– Oraci. Ela foi diretora já nos tempos de Salomé. Foi a primeira professora formada em Filosofia, a primeira gabaritada mesmo foi ela.

PESQUISADORA - Então quem era formado em filosofia era...

D2– A Oraci...

PESQUISADORA - E era bem quisto.

D2– O pessoal não sabia muito. Se eu lhe dizer que Mato Grosso não tinha nenhuma faculdade, nem de Direito que até no Boqueirão pode reivindicar uma escola de Direito.

PESQUISADORA - Eu tenho que fazer uma entrevista com mais uma ex diretora. Eu conversei com a diretora Marli.

D2– Ahn... mas ela é bem moderna. Bem moderna.

PESQUISADORA - É Mais moderna. O Sr. Sabe onde encontro a ex diretora Oraci?

D2– A Oraci... ela mora... você sabe essa menina que cuida da biblioteca aí na pracinha? Ela é sobrinha da Oraci. Ela chama Maria José, bibliotecária. Ela é parente da Maria José. A Oraci é irmã do Dr. Loester, lá de Campo Grande, ginecologista. Foi também aluno da primeira turma aqui, formado, Dr. Loester Oliveira. É irmão da Oraci, viu?

PESQUISADORA - Porque tenho que fazer entrevista com 3 ex-alunos, então estou procurando mesmo esses ex alunos.

D2– O Dr. Loester clinica em Campo Grande. Tem outra médica, Maria de Lourdes Ziorkovski, de origem polonesa. Ela é psiquiatra. Foi nossa aluna. Mora em Campo Grande. Faleceu a pouco tempo atrás Leonor Barbosa Flores. Essa mulher era lutadora, ela foi diretora. Você sabe que tivemos uma época aqui, que não tínhamos quase documento nenhum. É a tolerância que existe hoje, o afan de todo mundo estudar, mais de quantidade do que de qualidade, então a Leonor correu atrás e papeis para organizar, para regularizar.

PESQUISADORA - O Sr. lembra que época foi isso?

D2– Foi há uns 5 ou 6 anos atrás. É só saber quando a Leonor foi diretora. Ela correu atrás, ela foi buscar papel do tempo do CNEG. Infelizmente ela morreu. Ela foi lutadora.

PESQUISADORA - E ela tem filhos?

D2– Tem. Um dos filhos dela é o professor lá no Girassol, Profº James Flores. Não sei se ele vai ter muita matéria, filho dela, ele é escritor. Ele tem uns livros publicados. Profº James ele mora na vila Brasil- Jardim. Foi aluno, filho da diretora. Já não dei aula pra ele. Em 64, depois eu voltei dar aula, voltei. Esfriou o movimento, o furor revolucionário.

PESQUISADORA - Aí o Sr. voltou a lecionar aqui no Salomé?

D2- Não, voltei em Jardim. Fundaram um curso de contabilidade lá e eu fui professor de História Econômica lá.

PESQUISADORA - O Sr. falou também da prof^a Mirta. Onde será que eu a encontro?

D2- Prof^a Gregória Mirta. Ela está atualmente no nordeste. Ela foi passar 2 meses lá, correndo do frio daqui.

PESQUISADORA - Será que ela volta? O Sr tem o telefone dela?

D2- Daqui dois meses ela está voltando. Eu vou arrumar o número pra você. Ela foi aluna também... Ela está em João Pessoa.

PESQUISADORA - Como é o nome dela?

D2- Gregória Mirta Belmonte. Tenho dois telefones dela. Ela foi aluna aqui na primeira turma, aí terminou o ginásio em Jardim depois fez o Normal e depois fez faculdade. Aí já tinha as faculdades. Hoje ela é professora aposentada. Ela era professora aqui e no Educandário e posteriormente ela foi para João Pessoa. Lá ela prestou concurso e foi professora em João Pessoa. Ela conta uma história engraçada que ela leu em um jornal que uma escola estava precisando de professora. Aí ela foi, só que errou de escola, Chegou lá se apresentou e disse que tinha lido no jornal, com o jornal debaixo do braço e a pessoa ficou meio... Não era a escola que tinha colocado o anúncio, mas mandaram ela dar uma aula. Escolheram uma classe e mandaram ela dar aula. Deu uma aula de uns 15 minutos, interromperam e contrataram ela. Interessante, não é? Ela fez Direito, morou muito tempo lá. Ela voltou e casou em segunda núpcias com o Deamir. Mas o Deamir faleceu e ela ficou viúva.

PESQUISADORA - Eu gostaria de saber sobre a Clotilde. Ela ainda é viva?

D2- Ela faleceu há pouco tempo. Era uma mulher extraordinária. Faleceu em Campo Grande.

PESQUISADORA - Dessa época, da comunidade, que tivesse alguma relação com a escola, ou conheça a escola. Que viveu nessa época. O Sr. saberia me informar alguém? Entre 1960 e 1966?

D2- São esses aí que lhe disse... Dr. Loercio, Maria de Lourdes Ziorkovski, Gregória Mirta. Você quer outra folha? Conhece o Rodrigo, não conhece? (Se referindo a seu filho vereador).

PESQUISADORA - Eu conheço de falar.

D2- Por nada. Infelizmente a gente, passa o tempo e vai perdendo ... já não me lembro o nome desse professor que veio de Bonito que foi um professor que foi muito importante. Me lembro até quando ele morreu. Ele deve ter morrido de um AVC e eu era menino. Fui ao velório. Ele era um entusiasta. Talvez se não tivesse morrido teria feito muito, teria participado dessa história. Teria sido outro Salomé, viu?

PESQUISADORA - O Sr. Acha que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha hoje ainda é uma referência para a cidade?

D2- O colégio está até em decadência. Falta alunos, vê se pode? Fecharam o curso noturno por falta de alunos. Então continua o desinteresse. Hoje o colégio que está super procurado é o Alziro. Tem uma pletera de alunos lá, e isso aqui.... Eu acho que infelizmente... A não ser esse carinho que as pessoas tem por ele. É o apego afetivo. Precisava ver uns anos atrás como esse centro de guia Lopes era povoado de estudante, fervilhava. Parecia um bando de andorinhas. Era bonito! Hoje guia Lopes a noite anda apagada. Parece uma cidade fantasma. No momento, até a parte comercial daqui evoluiu hoje na Macias Barbosa. É. Tal coisa. Os centros são decadentes. Você pega o centro de Campo Grande, você pega a 14 de Julho que era o (áudio incompreensível) da moçada da época, na minha época. Era o ponto onde íamos namorar, conversar com os amigos. Hoje você vai lá tem maconheiro, piriguete. Na rua Direita, em São Paulo. No meu tempo era a Rua Direita, rua Ipiranga, Barão de Itapetininga. Ali era meu "point" por lá. Hoje em dia a gente corre de lá. Não é fenômeno nosso, não. Os

centros estão em decadência. O centro do Rio, com o Teatro Municipal. A Cinelândia ali... Drogas e outra coisa, até o cinema entrou em decadência, não tem mais porque ser Cinelândia. Rio Branco, Rua do Ouvidor, o Catete, os bailes. A própria orla está tão perigosa. Arrastão nos túneis. Em Copacabana que era um lugar fino, que não tinha assalto. Pena que no interior não haja incentivo econômico pra mocidade ficar. Ela tem que migrar.

PESQUISADORA - Antigamente ela iam e voltavam.

D2– Esse foi o meu caso!

PESQUISADORA - - Hoje em dia eles vão e dificilmente voltam. Ou voltam já com uma idade avançada.

D2– Hoje grande parte dos nossos estudantes gabaritados vão para os Estados Unidos e Europa. É a fuga de cérebros. Tem um provérbio Grego, Se quiser anotar “To megalos psaros troita to mecro – O peixe grande come o peixe pequeno”

PESQUISADORA - É Grego?

D2– Grego. Eu passei uma temporada na Grécia e aprendi um pouquinho de Grego.

PESQUISADORA - Que delícia, heim! Olha, quantos saberes. Eu tenho chegado à conclusão que a nossa geração e principalmente essa que está vindo agora perdem muito em não ouvir, em não ouvir os mais velhos, os mais experientes.

D2- Existe um provérbio Árabe que diz “Se você não tem um velho, arrume um velhinho”.

PESQUISADORA - porque vocês são saberes vivos ...

D2- Mas hoje a informatização leva vocês ao mesmo conhecimento. Mas fica muito individualizado. As gerações estão perdendo a habilidade de conversar e dialogar e isso não é bom. Eu vejo na mesa, cada jovem com um celular na mão. Além do mais eles estão bastardizando a língua com “vc – você”.

PESQUISADORA - Muito obrigada!

D2– Tchau. Sabe de uma coisa? Todos os grandes nomes na história tem muito de mitologia e a Salomé já está formando a mitologia dela, a lenda dela (áudio incompreensível).

ANEXO 6- Entrevista 3: D3

Segmento	Ex-diretores
Codiname utilizado	D3
Idade	69 anos
Data da entrevista	31 de maio de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o nome da senhora e a data de nascimento? D3 - Meu nome é D3, nasci no dia 27 de janeiro de 1950.</p> <p>PESQUISADORA - Em que data a senhora se formou, qual curso e instituição? D3 - Me formei no tempo que ainda não era universidade era FUCMAT e ali eu fiz. Eu comecei o curso de letras, mais não gostei vi que era muito nova e fiz o curso de geografia e formei em geografia. Depois eu fiz pedagogia e fiz pós-graduação, mais minha pós-graduação foi lá em Fátima do Sul.</p> <p>PESQUISADORA - Em que trabalhou na escola Salomé de Melo Rocha? D3 - Professora por muito tempo de primeira à quarta série por que nunca quis lecionar por que era contratada por nível escolar. Tinha o curso universitário mas no caso eu tinha não era obrigada a lecionar para o ginásio. Eu sempre gostei de primeira à quarta série.</p> <p>PESQUISADORA - E a senhora também foi diretora? D3 - Fui vice diretora e depois fui diretora.</p> <p>PESQUISADORA - A senhora lembra que ano começou lecionar e depois que ano a senhora se tornou diretora? D3 - Lembro, eu comecei lecionar, eu era casada em 1974 e vim para cá em 1975 mais eu já lecionava no Joaquim Murinho de Campo Grande. Foi a primeira escola que dei aula, eu fiz concurso do Estado ainda era em Cuiabá em 1971, aí passei. Comecei a trabalhar no Joaquim Murinho em Campo Grande, fiquei no Joaquim Murinho até 1974 ai em 1975 vim para cá e comecei dar aula aqui.</p> <p>PESQUISADORA - A Senhora foi concursada também? Foi concursada em 1971? D3 - Isso.</p> <p>PESQUISADORA - Nessa época que a senhora foi diretora, como era organizada a escolha da direção da escola na instituição? D3 - Era eleição, participavam da eleição os alunos.</p> <p>PESQUISADORA - E quem votava? D3 - Então, os alunos, os funcionários. Eu não lembro se os pais de alunos também votavam, mas acho que sim.</p> <p>PESQUISADORA - Nessa época qual era o nome da escola? D3 - Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Salomé de Melo Rocha</p> <p>PESQUISADORA - E a escola era subordinada a alguma regional? D3 - A regional era em Jardim, inclusive Jardim tinha os agentes de educação e tudo que tinha que conversar era em Jardim.</p> <p>PESQUISADORA - Quem era a Secretária de Educação? D3 - Era a Eliane Peixoto Cafuri na época, agora não sei. Mas parece que tem apenas do município não sei se é junto com o Estado.</p> <p>PESQUISADORA - Quantos alunos a escola atendia? D3 - Na época que fui diretora... Não me lembro bem.</p> <p>PESQUISADORA - Qual a faixa etária dos alunos que era atendidos? D3 - Tinha primeira e quarta série, quinta e oitava série era de manhã, devia ter umas oito</p>	

salas mais ou menos, a noite era sexta a oitava série e o magistério.

PESQUISADORA - E foi na época da senhora que foi instituído o magistério ou ele já existia?

D3 - Já existia e parece que agora não tem mais né.

PESQUISADORA - Qual é nível social das famílias que estudavam na escola?

D3 - Tinha as pessoas que ganhavam um salário e meio, por que ainda era misturado as classes, por que não tinha escola particular ainda.

PESQUISADORA - Então tinha todas as classes sociais, geralmente onde a elite de Guia Lopes estudava?

D3 - Na época, tinha uns que estudavam fora, na escola Geração em Jardim que era escola particular, uma escola boa que ainda tem.

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina escolar?

D3 - Os alunos tinham uma tolerância de até 10 a 15 minutos.

PESQUISADORA - A entrada era sete horas?

D3 - Isso, sete horas. Tinha o porteiro, ele controlava. Tinha a aula, tinha o intervalo e a saída se não me engano era onze e meia e a tarde era a mesma coisa, entrava uma hora tinha a mesma tolerância de atraso, tinha o recreio que era três horas e eles saíam 17 horas e a noite o mesma rotina só a mudança de horário, os alunos da noite que as vezes queriam fugir para ir na lanchonete que era ali perto, elas conseguiam fugir, passavam pelo guarda e não voltavam, ficavam lá na lanchonete ai o guarda me avisava e eu ia lá. Quando eu chegava lá elas me viam e ficavam assustadas. Eu falava “Mas gente por que vocês não voltavam, vocês tem que estudar. Olha o exemplo que vocês estão dando, vocês vão ser professoras”. Aí elas voltavam correndo e falavam uma para a outra “não vamos fazer mais isso, coitadinha da D3 ela é tão boa pra gente e a gente fica fazendo isso com ela, fazendo ela vir aqui”.

PESQUISADORA - Era utilizados livros didáticos? Como eram esses livros?

D3 - Era o Estado que mandava.

PESQUISADORA - E como era a escolha dos livros?

D3 - Olha sinceramente eu não sei, mas os livros eram bons. Tinha que conservar por que no outro ano passavam de um para o outro.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas? Era pedido aos professores?

D3 - Tinha. Tinha o livro de chamadas que faziam e ali mesmo registravam as matérias que davam, as faltas e as presenças.

PESQUISADORA - Além do diário de classe eles tinham algum semanário, um caderno ou alguma coisa assim?

D3 - O magistério tinha, por que tinha que fazer o relatório, tinha que fazer o plano de aula.

PESQUISADORA - E os planejamentos como eram realizados?

D3 - Tinha os coordenadores.

PESQUISADORA - E eles eram anuais, bimestrais.

D3 - Bimestrais.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de reunião pedagógica? Como elas eram organizadas?

D3 - Tinha e quando tinha reunião pedagógica era lá na agência, não na escola.

PESQUISADORA - E na agência chamava todos os professores?

D3 - É ai depois as vezes era ali na escola mesmo. Mais não tinha muito não, por que quando tinha vinham gente de fora de Campo Grande.

PESQUISADORA - Fora essas reuniões pedagógica havia algum outro tipo de reunião que vocês se reuniam pra conversar sobre a escola ou sobre os alunos?

D3 - Não.

PESQUISADORA - Existia professor convocado nessa época?

D3 - Existia muitos.

PESQUISADORA - E tinha diferença salarial entre o professor convocado e o concursado?

D3 - Tinha, por que o concursado tinha tempo de serviço, não era muita mais tinha.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de plano de cargo e carreiras para os profissionais da educação?

D3 - Eu lembro que tinha reunião nessa época em Campo Grande para falar sobre isso, mais não lembro se tinha não.

PESQUISADORA - Havia Conselho Escolar na sua gestão?

D3 - Não.

PESQUISADORA - Esse conselho escolar era formada por pais, professores quem formava esse conselho?

D3 - Tinha pessoas da APM (Associação de Pais e Mestres), tinha uns pais e professores.

PESQUISADORA - E eram feitos registros durante as reuniões referente aos segmentos da escola? Faziam atas.

D3 - Sim.

PESQUISADORA - Será que elas existem ainda?

D3 - Sim, eram feitas.

PESQUISADORA - Havia participação da comunidade ou representação da mesma no conselho escolar? Os pais participavam de alguma forma?

D3 - A noite, as vezes, quando a gente fazia reunião os pais vinham as vezes participar, para falar como estava os alunos.

PESQUISADORA - Tipo um conselho de classe a senhora diz?

D3 - Não, era uma reunião de pais mesmo. Na reunião eles aproveitavam e conversavam sobre os filhos, os professores.

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade da época?

D3 - Foi importante a nível de ensino mesmo, que era uma escola muito boa, os professores todos capacitados e os pais gostavam e procuravam, quando tinha festas para angariar fundos assim todos participavam, por que naquela época não vinha dinheiro, agora vem.

PESQUISADORA - E como era feita a organização dessas festas e essa arrecadação de dinheiro?

D3 - Era mais assim, época de festa junina e também alguma data importante. As vezes fazíamos rifas de algo.

PESQUISADORA - Além dessas festas, dessas rifas havia algum tipo de contribuição específica de algum membro da escola ou isso não acontecia?

D3 - Não, isso não acontecia.

PESQUISADORA - Quais os tipos de registro usados como documentação escolar? Quais era os registros da época?

D3 - Era mesmo o boletim, o livro de chamada e as atas.

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha na época que a senhora foi diretora?

D3 - Era muito bom.

PESQUISADORA - E como era a participação da comunidade junto a escola?

D3 - Participavam mais só no começo, depois a gente chamavam e já não iam mais.

PESQUISADORA - Pode se afirmar que a escola foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna? Em que sentido?

DONA MARLI - Foi. Foi importante porque um município sem uma escola boa sem a participação da comunidade não tem condições e a Escola Salomé era e é até hoje uma escola muito bem vista, umas das maiores que aqui tem. Sempre foi a preferida da comunidade.

PESQUISADORA - E por que a senhora acha que tem essa preferência?

D3 - Eu acho que porque foi uma das primeiras escolas desde o tempo da Dona Laurinda

que foi em 1970 ou 1971 e também por que era no centro.

PESQUISADORA - Para senhora quais os momentos mais importantes da Escola Salomé de Melo Rocha enquanto nela trabalhou?

D3 - Era importante a reunião com os pais, a reunião com os professores também por que havia muito entrosamento para saber como é que estava o ensino como estavam os alunos.

PESQUISADORA - Podemos dizer que a Escola Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna? Por qual motivo?

D3 - Sim podemos. Por que era uma das primeiras escolas, uma escola muito conceituada, tinha bons professores.

PESQUISADORA - E qual a opinião da senhora com relação à escola Salomé de Melo Rocha antigamente e hoje?

D3 - Antigamente era bem melhor porque existia mais participação dos Pais, os alunos eram menos rebeldes, eles respeitavam mais os professores eles tinham aquela ideia que os professores eram importantes para eles, e hoje parece que acabou, depois que inventaram esse negócio de Estatuto da Criança mudou muito, eu tenho pena dos Professores porque tá difícil de dar aula, eu não vou à escola, não estou sabendo. Mas nós notamos, nós vemos e não existe mais aquele respeito e aquele carinho, eu fico até emocionada com o que os alunos tinham com os professores. Por exemplo eu fui professora por vocação, eu sou apaixonada pelos meus alunos até hoje da sala de aula na escola em geral, porque eles respeitavam muito a gente, a gente também respeitava e você tinha carinho por eles porque sei lá a gente não pode também regradar os alunos professores e funcionários eles estão fazendo na hora, no dia.

Tem que ver o que ele já fizeram de bom e se tiver alguma coisa errada acontecendo alguma coisa então, conversando tudo se ajusta. Mas mudou muito mesmo, os professores reclamam

PESQUISADORA - A senhora tem alguma comentário crítica ou quer relatar algum momento, fazer alguma sugestão, acrescentar algum comentário?

D3 - Por enquanto não. Só se eu lembrar de alguma coisa, vou procurar saber o número de alunos que você pediu, ver se eu tenho algum registro de alguma coisa

PESQUISADORA - Alguma foto se a senhora tiver seria importante também.

D3 - Agora que você falou em foto da primeira à quarta série nós fazemos muitas, fazia os aniversários dos alunos lá na escola na sala de aula. Hoje em dia não tem mais isso.

PESQUISADORA - A senhora lembra alguma coisa referente a essa mudança da Escola Visconde de Taunay para Salomé de Melo Rocha?

D3 - Olha não é que eu lembro, eu nunca estudei nunca fiquei aqui em Guia Lopes, eu fui para Aquidauana com sete anos no lugar das Freiras e depois que acabou o Colégio das Freiras nós fomos para o internato São José também. Depois fui para Lins fiquei seis anos em Lins, vinha mais na época das férias e às vezes a gente ia para fazenda...

PESQUISADORA - A família da senhora é daqui?

D3 - É daqui! E por isso eu não lembro mas eu sei que funcionava era uma escola grande e amarela, as escolas antigas eram todas amarelas.

PESQUISADORA - Agradeço a entrevista. Se a senhora lembrar de alguma coisa ou algum acontecimento ou encontrar alguma foto.

D3 - Por enquanto eu não respondi muito porque já tem 30 anos. Hoje em dia a cabeça já está meio esquecida.

PESQUISADORA - É que algumas memórias vem na nossa mente e não damos a devida importância, mas são essas memórias que vão ajudar a construir essa história.

D3 - Se eu lembrar de algo vou te chamar.

ANEXO 7- Entrevista 4: A1

Segmento	Ex - alunos
Codiname utilizado	A1
Idade	50 anos
Data da entrevista	17 de junho de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome completo e a sua data de nascimento? A1 – Meu nome é A1. Nascida em 17 de Março de 1968.</p> <p>PESQUISADORA - A Escola Visconde Taunay é a Escola Salomé de Melo Rocha? A1 - Creio que sim, mas mudou o nome por conta da professora Salomé, quem vai te falar isso é a professora Zilda porque ela pegou esta época, acho que ela chegou a morar com a professora Salomé, mas aí entra minha mãe que estudou na Escola Visconde Taunay.</p> <p>PESQUISADORA - Então é bem interessante A1 - Aí depois em seguida ela foi morar na escola.</p> <p>PESQUISADORA - E ela foi morar na escola por qual razão? A1 - Por que meu pai foi chamado para trabalhar na escola, naquela época era nomeação, e ele foi nomeado a trabalhar de guarda na escola.</p> <p>PESQUISADORA - Você lembra qual foi a data? A1 - Em 1977. Então fomos morar lá em 77, ele assumiu e lá ele ficou até, eu estava com 15 anos quando saímos de lá, ele pediu as contas quando eu estava com 15 anos.</p> <p>PESQUISADORA - Aqui estou fazendo um levantamento também sobre se a escola formou ou não a elite da sociedade Lagunense, então nós perguntamos a questão da classe social e não é para entrar na sua vida particular, é questão só da pesquisa. Então se você tivesse que classificar a sua classe social qual seria? A1 - Olha, a C.</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano você estudou na escola, você comentou que mudou para lá mas ainda não estudava lá né? Você era menor do que a idade para começar? A1 - Não eu comecei com 7 anos, comecei no Pedro Pereira estudei alguns meses no Pedro Pereira e já fomos chamados para morar no Salomé e aí comecei a estudar lá desde 77.</p> <p>PESQUISADORA - Na primeira série ainda? A1 - Primeira série estudei lá até os 17 anos, depois eu fui para Jardim porque já não tinha mais aqui, então fui para a jardim com 17 anos. Eu fui estudar contabilidade</p> <p>PESQUISADORA - Não tinha este ensino técnico aqui? A1 - Não, não tinha o técnico aqui, era só o comum né...</p> <p>PESQUISADORA - O colegial comum? A1 - Tinha o ensino médio mas não era o profissionalizante, e eu queria o profissionalizante porque eu trabalhava no escritório.</p> <p>PESQUISADORA - Na época que você estudou quais os níveis de ensino que a escola oferecia? A1 - Na época a maioria já tinha Magistério, já estava fazendo faculdade tanto é que eles faziam em Marília em São Paulo e os professores em Aquidauana.</p> <p>PESQUISADORA - E para comunidade qual era os níveis de ensino oferecido? Primário, ginásio, colegial? A1 - Era oferecido do 1º ano ao ensino médio.</p> <p>PESQUISADORA - Estou no período diurno durante o dia ou tinha a noite também? A1 - O fluxo maior na época era a noite, as aulas eram até 21 horas porque a luz vinha de Jardim e aí eram até 21 horas que tinha aula. Depois tinha o motor da escola que daí meu pai</p>	

ela ligava o motor e nós ficávamos até 23h.

PESQUISADORA - Quando era até às 21 horas começava às 19 horas?

A1 - Sim porque o pessoal trabalhava né.

PESQUISADORA - Qual a faixa etária desses alunos? Adolescentes, adultos?

A1 - Naquela época não tinha esse negócio de não poder trabalhar, então a maioria dos alunos estudavam a noite. Aqueles que eram de chácara vinham durante o dia, quem já tinha saído do ginásio que era até o oitavo ano já ia para noite. Eu com 16 anos eu já fui para o ensino que hoje é o ensino médio, depois eu fui para o curso técnico, fiz o primeiro ano no Salomé e depois para o curso técnico porque não tinha no Salomé. Depois que veio o Magistério.

PESQUISADORA - Você lembra o ano que começou o Magistério?

A1 - Eu não lembro porque quando eu voltei de Cuiabá no final de 1988 eu voltei de Cuiabá e já tinha o Magistério, aí eu fiz o segundo ano depois eu voltei a estudar em Jardim porque eu trabalhava lá então era mais fácil eu ficar por lá durante o dia e a noite e voltava para dormir.

PESQUISADORA - Então no magistério você ainda foi aluna do Salomé?

A1 - Sim, ainda fui aluna do Salomé. Nós temos várias professoras nossa aqui do município de Guia Lopes da laguna que formaram no magistério daqui.

PESQUISADORA - Na época que você estudou lá, qual era o nome da escola?

A1 - Já era Escola Salomé de Melo Rocha

PESQUISADORA - Havia alguma relação com a Escola Visconde de Taunay?

A1 - Não mais.

PESQUISADORA - Mas antes havia?

A1 - Eu creio que sim porque quando eu entrei lá fiquei sabendo bem depois porque minha mãe contava, então por isso eu sabia que eles tinham essa escola.

PESQUISADORA - Você lembra o nome da diretora?

A1 - A primeira diretora era Dona Laurinda.

PESQUISADORA - Em que ano?

A1 - Em 1974 foi a dona Laurinda, mas em seguida já entrou a Dona Leonor que era a patroa do meu pai, depois foi a Dona Neudes e depois veio um monte...

PESQUISADORA - Você lembra do nome de algum professor da época? Quem foram seus professores?

A1 - Professora Eva que foi minha professora e foi a primeira vereadora mulher. Ela foi a nossa primeira vereadora mulher. A segunda professora foi Diva Rocha, logo em seguida tive uma outra professora que ficou no lugar dela, mas eu não lembro o nome. Depois no terceiro ano tive a professora Zilda Meirelles que foi a top da minha vida.

PESQUISADORA - Influenciou você?

A1 - Ela me ensinou tudo que eu gosto de fazer e incentivou porque nesta época eles ensinavam muitas coisas, enquanto os meninos jogavam bola porque naquela época era um campo enorme, nós ficávamos fazendo crochê.

PESQUISADORA - Como era esta organização da escola na questão da aula. O que vocês tinham como aula? O que vocês tinham como recreação? Era dado este nome recreação ou era dado algum outro nome que você lembre?

A1 - Era muita coisa e muito tempo atrás, eu acredito que já era educação física, mas neste momento não era educação física era recreação. Essas professoras tinham o sonho já de formar cidadãos, pessoas que aprendessem as coisas. A professora Jurandir Barros fazia este projeto naquela época, não falava em Projeto, mas já faziam esses projetos e elas colocavam sempre alguém para substituir e fazer alguma coisa, bordado da vovozinha, correntinha. Nós aprendemos tudo lá e essas aulas eram só no sábado, era o momento de recreação que era obrigada a ter porque a carga horária das crianças era maior. No quarto ano eu já não tinha

mais aula aos sábados.

PESQUISADORA - Até o terceiro ano você tinha aula nos sábados?

A1 - Até o terceiro ano tinha aula nos sábados e eu lembro que novembro eu já ia de férias para fazenda e só voltava em março. Começava as aulas em março então eram três meses assim maravilhosos que você não precisava lembrar de escola, hoje não né! Hoje é terrível, é muito desgastante o aprendizado menos, então eu lembro assim que nós tínhamos português, matemática, ciências, história, geografia, só que aquela época história e geografia não era este nome que falava é estudos sociais, então entrava estudos sociais que era as três matérias e eu me lembro muito claramente que a professora Eva Mugart, eram quatro professoras que eu tive no primário, elas nunca deram aula com cartilhas elas sempre davam aula com flanelógrafo, flanelógrafo era duas tampas que ela colocava, e ela colocava a flanela porque naquela época não tinha coisas fáceis de trabalhar e elas colocavam as duas madeiras com aquele negócio de porta que eu não me lembro agora e elas ensinavam a gente ler com aquilo mostrando as figuras elas recortavam as figuras e aí elas deviam pegar alguma coisa atrás que colavam aquela flanela, e aí ela colocava as sílabas todinha, eu nunca esqueci que ela ensinou a gente a contar com as maçãs, com a figura de uma maçã, a gente desenhava e a gente contava, a gente prendeu a subtrair, adição, subtração e depois no terceiro ano a gente aprendeu a tabuada desta forma, então eu tenho pavor da cartilha do ba, be, bi, bo, bu, Tenho pavor e eu não aprendi graças a Deus meu filho nenhuma prenderam com a cartilha então eu não me lembro de cartilha do ba, be, bi, bo, bu, eu não tenho nenhuma lembrança disso eu já lembro de textos, tanto é que eu tenho um texto que a professora Eva trabalhou com a gente que foi o sorvete de manga.

PESQUISADORA - E você tem algum caderno desta época?

A1 - Eu tenho um livro que eu trabalho com ele no terceiro ano, mas está lá na escola, é ler e aprender parece o nome

PESQUISADORA - Mas é daquela época?

A1 - É daquela época!

PESQUISADORA - Você não pode me emprestar só para eu registrar?

A1 - Então até agora (EM COMPREENSÃO). Assim a gente teve que jogar fora muito, porque como passou muito tempo aquilo foi ficando muito gasto então não tem também como ficar guardando, mais... e a gente não tirava foto né mas a mente da gente fica gravado coisas maravilhosas e eu lembro assim das salas lotadas, eram muito lotadas. Era uns 40 a 45 alunos que lá no Salomé a sala e sempre foram grandes e o recreio que eu lembro que era maravilhoso que a gente terminava o recreio correndo para poder jogar queimada, nós tínhamos esse jogos de queimada, jogar peteca, cair no poço, a brincadeira da boneca mole. Esta é cai no poço que mentira meu bem, aí você cai de costas e ficava várias pessoas e aí dizia, este não, este não, este não... aí quando terminar me falava este sim o que você quer um beijo abraço ou um peito de mão, aí você ficava tentando saber se era um menino de preferência que fosse um menino porque brincar vamos todos juntos, e aí a pessoa falava a um aperto de mão, e era um menino a gente ficava tudo triste né, Então essa é uma das brincadeiras que eu lembro e a queimada que era minha preferida. O que eu lembro... matemática, eu amava estudar talvez pelos professores que incentivavam que eram pessoas que amavam, essas professoras que eu tive elas eram muito dedicadas, muito mesmo, faziam aulas diferenciadas. E uma das coisas que a professora Eva ensinou a gente era a cantar, ela cantava muito e a gente aprendeu muito com ela, ela cantava do teu nome né e tudo então eu via assim, quando eu conheci o construtivismo na escola né, que eu ainda alcancei, eu percebi que ela já eram construtivistas. Elas eram inovadoras para a época. Eu não cheguei a pegar nenhuma professora da palmatória porque não existia mais, a gente não teve, e eu percebo que elas eram professoras que tinha domínio porque fala assim que hoje que os alunos são piores, não, nós tínhamos alunos terríveis também, e nós tínhamos alunos que

subiam na cadeira, sentavam no fundo e quando a professora chamava ele para ler no quadro porque liamos muito no quadro e fazia ditado na lousa, então eles iam subindo na cadeira e por cima da gente que era aquelas cadeiras...

PESQUISADORA - Você lembra disso quando era aluna também?

A1 - Não, isto é quando eu era aluna, no primeiro ano. Então assim, tinha esses alunos, até um dia eu comentei que um deles mês passado era vereador. Então hoje eu dou muito valor para as crianças que a gente encontra por ai bagunceira que depois a gente percebe que elas são naquele momento, mais depois elas vão crescer e vão se tornar cidadãs né! Depende de quem está por trás dela...

PESQUISADORA - Quem que é esse ex aluno que foi vereador?

A1 - Era o Marlon, Roni, tudo eram terríveis. Então assim, eles subiam, davam trabalho no corredor, e como a cidade é uma cidade pequena e as famílias eram Barbosa, Maidana, Correa, todas essas famílias....

PESQUISADORA - Vargas...

A1 - Os Vargas já na época que eu estudei já não tinha tantos estudando, já tinham crescido, e os que estavam já se formando já tinham ido embora né então assim eles é uma família grande mas já tinham crescido não tinha mais nenhum deles depois lá no ginásio teve uma vagas que foi minha colega, ela fazia o nono e eu fazia o sétimo mas não tinha tantos Vargas

PESQUISADORA - E essas famílias mais tradicionais da época elas estudavam no Salomé?

A1 - De Elite, o Salomé, talvez por ser o centro da cidade era o acesso e aí tinha o Pedro Pereira

PESQUISADORA - Que era municipal?

A1 - Sim, que era municipal, e assim tinha bastante alunos também na época quando eu vim para cidade, que eu lembro eram as duas escolas e tinha o Alziro também quando eu vim, mas o Alziro era uma escola pouco lembrada, e o Salomé talvez por que naquela época tinha tudo em Guia Lopes, o banco era lá as pessoas moravam no centro, não tinha essas Vilas que tem hoje então era centralizada, e as chácaras, o Pedro Pereira era pessoas que moravam na chácara que era para aquele lado da peixaria e não tinha casas, eram chácaras. Minha família mesmo tem Chácara até hoje que agora já é cidade né, já tiveram que levando mais para frente, mas para trás, mas não tinha essas casas que tem hoje então era mais o centro mesmo

PESQUISADORA - Qual a idade média das crianças da sua turma, que nem primeiro ano era de 7 a 8 anos ou tinha nível com relação à idade?

A1 - Minha turma que eu lembro eram de 7 a 8 anos, era essa base. Tanto é que hoje quando nos encontramos que a maioria a gente se encontra estamos essa base 49 a 50 anos então na nossa sala não tinha

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da época que você estudou no Salomé?

A1 - Era o melhor Salomé era a escola os professores eram os professores

PESQUISADORA - Era uma referência?

A1 - era uma referência!

PESQUISADORA - e como eram realizadas as avaliações dos alunos?

A1 - Era prova escrita, não era de marcar x, era escrita mesmo e tinha prova desde o primeiro ano, eram prova escrita e cobrava se a caligrafia então aprendíamos caligrafia, o caderno de matemática ele era quadriculado, hoje a gente não vê mais, então você aprende a unidade dezena, centena desde o primeiro ano já no final do primeiro ano você já aprendia e era naquele caderninho então você não poderia errar porque era número embaixo de número, unidade embaixo de unidade, dezena embaixo de dezena, e até a dezena temos que saber

PESQUISADORA - então esses conteúdos durante as aulas com as professoras que você teve até o quarto ano, não eram tradicionais arrisca ali com cartilha e tudo mais?

A1 - Não. É que o livro na época eram completo eles viam sequenciados com os conteúdos que elas tinham que dar, então todos tinham que comprar o livro, que na época o governo não

dava livros você que tinha que comprar os seus livros, então a gente tinha que ter o livro, era trabalhado o livro e tinha espaço para escrever no livro e muita leitura, eu lembro que a gente tinha que fazer todos os dias a leitura do livro, era leitura silenciosa, leitura coletiva e depois era cada aluno lia um trecho e a única coisa que você não podia era se desviar, porque senão você não saía no recreio. Então tipo assim, a Ana Aparecida estava lendo e se eu distraísse do que ela estava lendo e a professora falasse agora é você Ana Regina e eu não sabia onde ela estava, não prestasse atenção eu ficava sem recreio, então era o jeito que ela fazia para ninguém se desviar porque todos queriam sair no recreio, então uma coisa que eu lembro era muita leitura

PESQUISADORA - Era bastante rígido também?

A1 - Era bem rígidos é o que eu falei era professores que davam conta eles eram professores, não digo autoritários mas eles tinham domínio grande nisso tudo

PESQUISADORA - Como a escola organizava o espaço físico? Como eram as salas? Como era essa questão do recebimento das crianças e merendas. Como se organizava a escola, o que você lembra?

A1 - Ela não mudou o modelo dela, só algumas coisas mas no decorrer ela continuou tal como era, então tinha a entrada que você tinha que chegar com a caderneta que era o meu pai que ficava no portão, e tinha uma caixa que ficava no portão que recolhia, cada um tinha uma caixa e aí recolhia todos os boletins, as cadernetas, todas as cadernetas tinham que estar naquelas caixinhas. E aí eles recolhiam e levavam para secretaria e lá colocavam a presença do aluno, por isso ninguém podia sair antes e se sair depois era seríssimo, e aí já entrávamos para dentro e fazia fila, cantava o hino, fazíamos teatro, fazíamos muito coral, teatro das histórias literárias e infantis....

PESQUISADORA - Tudo isso em horário de aula?

A1 - Em horário de aula, tipo assim no horário do recreio, datas comemorativas, a gente comemorava muito porque lá tinha um auditório, mas a gente não utilizava o auditório para fazer esse tipo de coisa a gente ficava lá na fila e aí as salas iam apresentando, então era muito interessante...

PESQUISADORA - Tinha dias específicos ou era aleatório?

A1 - Era aleatório porque, por exemplo, se um dia importante caísse numa segunda feira era segunda feira as apresentações

PESQUISADORA - Então era sempre referente a uma data de comemoração?

A1 - Sim, era referente a uma data de comemoração. Então tinha essas datas comemorativas e o hino que a gente cantava. Então as músicas dos Índios alguma das manhãs a gente cantava, ensaiava fazemos os ensaios das músicas tudo lá, as professoras ensaiavam tudo no auditório no horário das aulas delas, naquela época não tinha esse monte de professora que tem hoje era a educação física e só depois que veio mais, Artes a própria professora que dava, educação artística. Nós entrávamos na sala e depois a gente vinha pegar merenda em fila um por um, depois de uma época eles levavam na sala a merenda eles sempre estavam tentando ver o melhor para fazer porque na hora do recreio era muito aluno e não dava tempo de merendar no recreio. Lembro que na minha época a merenda já era gostosa e lembro que era mingau de aveia, tinha leite com morango, tinha macarrão com carne, era bem gostosa era muito boa comida, Dona Jovita que fazia essa comida enquanto eu estava lá ela que fazia depois que eu sair ela aposentou e entrou outras pessoas. O recreio como tinha muito espaço a gente não ficava dentro, nós saíamos naquela época não tinha essa cobrança da gente entrar suado, não me lembro de ninguém ficar sem sair no recreio porque estava suado, então não tinha essas cobranças nós podíamos brincar e correr mas não brigar, sempre tinha algumas brigas outras pessoas se machucando. Teve uma vez que um menino correu e ele trombou no pilar do Salomé e a cabeça dele ficou enorme, foi muito sério o caso dele mas ele era terrível, hoje ele é policial aposentado, mais uma vez se comprova que uma vez a criança sendo

terrível na escola....

PESQUISADORA - Você têm o nome dele?

A1 - É o Marinho, PM da Polícia Militar aposentado. Então assim é só lembranças boas. Eu lembro que eu não tive tempo de brincar enquanto criança eu comecei a trabalhar muito cedo, mas na escola eu me realizava nos espaços da escola que tinha muito, eu participava de todos os tipos de trabalho e o recreio que era um dos melhores que a gente brincava realmente e brincadeiras infantis que era brincar de roda, depois que fomos crescendo eu lembro que a gente brincava de Terezinha de Jesus, Ciranda e Cirandinha, que fruta você é, e depois brincávamos quem tem mais força... Bolita, na verdade não se falava bolita era os coquinhos né, brincadeira dos coquinhos, que você joga para cima passa esses dias estava brincando até. (risos)

PESQUISADORA - As 5 Marias?

A1 - É, isto as 5 Marias, mas eram com coquitos, aqueles coquinhos que seca na fazenda e trazíamos para a escola, que eu me lembro que era daqui, depois eu fui para outros lugares e eu vi que era chamado Cinco Marias, mas aqui era coquito.

PESQUISADORA - Como eram as atividades na sala de aula? Cada um tinha o seu caderno? Como que era organizado isto pela professora?

A1 - Olha nesse ponto a gente era muito cobrado, cada um tinha que ter o seu caderno, a sua borracha, o seu lápis, e os pais que compravam. O governo na época não dava absolutamente nada, então você tinha que ter as suas coisas e não podia ter orelha no caderno, claro que sempre tinha aqueles alunos que não adiantava falar que estavam sempre com as mãos sujas, mas aí tinha as punições, não sai no recreio, não vai fazer isso, não vai fazer aquilo, não vai apresentar, tinham sempre as punições, mas não adiantavam fazer as punições ele sempre tinha um caderno desorganizado e o conteúdo sempre foi trabalhado com livros pelo menos enquanto eu me lembro delas nosso faziam nos muito no terceiro ano em diante nós começamos a fazer pesquisas, nós tínhamos uma biblioteca no centro da cidade que era linda, e naquela biblioteca tinha tudo que você precisava.

PESQUISADORA - Naquele mesmo lugar?

A1 - Sim, ali na praça central, só que ela era muito linda aquilo para gente era muito máximo

PESQUISADORA - Vocês iam em horário de aula ou fora do horário de aula?

A1 - Fora do horário de aula nós íamos fazer, a pesquisa os pais que tinham que comprar tudo e nós fazíamos, lembro que o professor exigia que tinha que ser com letra maiúscula e bem feita tinha que ser bem escrito aí ela explicar vá como tinha que fazer e recorte fazíamos muito e recorte de revista tinha muita revista e recortar vamos muita para estar fazendo...

PESQUISADORA - isso nos seus anos iniciais ou já no ginásio?

A1 - Até o quarto ano isso, do primeiro ao quarto, ginásio foi bem diferente e aí no ginásio eu já nem lembro tanta coisa, mas o primário para mim foi a base de tudo na minha vida. Então fazíamos pesquisa, eu tinha muitas amigas que gostavam também de estudar então eu sempre fiquei com essas amigas, nós tínhamos meninas que por ter uma classe social um pouco melhor não se misturava com as meninas com classe de baixa renda

PESQUISADORA - Nesta época você era de uma família considerada de baixa renda?

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | Classe E (renda familiar até R\$1254,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe D (renda familiar de R\$ 1255,00 até R\$ 2004,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe C (renda familiar de R\$ 2005,00 até R\$ 8640,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe B (renda familiar de R\$ 8641,00 até R\$ 11261,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe A (renda familiar acima de R\$ 11262,00) |

A1 - Se comparado aos valores dessa tabela, sim, eu era de baixa renda. O meu pai era o

guarda da escola, só nada mais que um guarda da escola, mas eu sempre me sobressai. Teve até um episódio de uma menina que assim, eu era amiga das outras meninas porque ela era filha de professores, então eu era amiga dela, manga do cartório o meu pai era muito amigo de Senhor então eu era amiga dessas meninas fora da escola

PESQUISADORA - De melhor renda?

A1 – Isso. Então eu era amiga delas, frequentava a casa dela depois do final da tarde, e era assim cada uma levava um lanche só que naquela época não tinha esses Lanches chique então era laranja outra levava cana uma levava bolo frito ou ovo cozido Era essas coisas que eram lanche e minha mãe fazia pastel para vender na escola então eu tinha mais era o mais gostoso eu ia para o meio delas e um belo dia eu cheguei no recreio e fui ficar perto delas quando eu cheguei ela disse assim para mim, eu era do segundo e elas do terceiro, eu cheguei e Elas disseram assim olha que Ana Regina de hoje em diante você não vai mais poder fazer parte da nosso grupo, e eu falei por que será, e ela disse porque você não tem nada nem televisão você tem na sua casa, e eu não me importei disse que tudo bem e não fazia falta, mas eu fiquei brava não fiquei triste, fiquei brava, e as outras meninas eu continuei depois, ia brincar na casa delas sem problemas, aí passou um tempo a minha mãe tinha uma mesa grande e ela colocava na porta para poder vender o pastel, nós morávamos dentro da escola e tinha duas peças era cozinha na frente e o quarto atrás e ela fazia o pastel na hora do recreio e puxava a mesa para poder colocar os pastéis para os alunos comprarem, e tava chovendo muito e essa menina chegou com a mochila dela e colocou a mochila dela em cima da mesa da minha mãe e eu fiquei muito brava, quando eu olhei que eu vi a mochila lá eu joguei a mochila dela no chão e disse, " já que você não quer a minha amizade a mesa da minha mãe não vai servir para guardar o seu material, pois vai ficar na chuva", hoje eu olho e vejo porque eu fiz isso, mas foi o único jeito que eu achei de me vingar dela, mas foi interessante porque depois no passar desses anos a mãe dela era uma costureira famosa uma pessoa da igreja na época ela já era muito importante e eu falei um dia eu vou ser melhor que essa gurria, mas a gente se tornou tão amiga, depois de muitos anos a gente começou ir nos bailes e aí quando chegava época de bailes quem dança melhor tinha mais amizade e como eu gostava de dançar acabei ficando amiga dos amigos dela, Então estávamos todo mundo junto, frequentava os baile junto com ela, os irmãos dela toda vida foram meus amigos, são até hoje. E foi uma história muito assim ne, mas nunca deixei ninguém pisar em mim, meu pai era o porteiro sim mas a escola precisava de porteiro porque senão as pessoas fugiram, então meu pai não é menos que ninguém e aí eu fui levando, eram essas admissões que tinham na época, mas logo em seguida já foram acabando, as pessoas ricas foram embora não ficavam porque não tinha de estudo aqui então só ficavam os que não tinham condições de pagar estudo, e que era a maioria, e foi acabando essa tal de sociedade

PESQUISADORA - Você fala que não tinha escolas. Em que sentido?

A1 - Digo em faculdades né tipo assim tinha que ir para fora para estudar então era difícil tanto que eu fui fazer faculdade depois de casada porque meu pai não tinha condições de me mandar para fazer faculdade na época

PESQUISADORA - Os materiais didáticos você já relatou que livros que eram comprados, mas e quem não pudesse comprar como era feito?

A1 - Então a gente não lembra disso, eu vejo assim que naquela época as pessoas trabalhavam em benefício da família porque não tinha e não podia não podia ficar sem material porque a gente era muito pobre mesmo e meu pai nunca deixou a gente ficar sem uniforme, sem sapato saia, meia branca e a camisa então era obrigado você não podia entrar na escola sem uniforme e se você não trouxer seu material você ficava se recreia. Então os pais eram obrigado a dar um jeito. eu não lembro que na sala onde eu estudei não tinha quem fica sem os materiais

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade diante a escola?

A1 - Olha assim, encontro com reuniões de pais eu não me lembro, mais eu lembro muito das festas juninas Que eram assim uma festa onde a comunidade participava. Eu lembro que vinha pessoas de fazenda, que meu tios todos morava na fazenda e quando chegava a época da festa junina eles iam para a cidade para ir à festa, então eles participavam muito. Então tinha sanfona... era um evento da sociedade tirando a festa de São José era Festa do Salomé, e era a festa.

PESQUISADORA - A comunidade contribuía financeiramente como a Escola Salomé de Melo Rocha, ou de que forma isso acontecia?

A1 - Eu não lembro deste de detalhe ou não tenho lembrança disso. A única coisa que eu lembro é que meu pai, quando a gente mudou para lá, ele fazia a horta. Então ele fazia aquelas hortas coisa mais linda, e aí eles colocavam aqueles legumes e aquelas folhas na sopa mas lembrar neste sentido de ajuda financeira eu não lembro, Por que não era tão aberto para nós sabermos tudo.

PESQUISADORA - Seu pai era o porteiro, o guarda da escola e sua mãe ela tinha alguma função na escola?

A1 - Ela vendia pastel, ela trabalhou depois um ano, ela passou no concurso e trabalhou um ano na escola mas ela saiu meu pai não deixou. Ela trabalhou na limpeza, ela limpava a escola mas ela trabalhou só por um ano e aí ela largou e não trabalhou, mais vendia pastel e fazia crochê, fazia muito lenço era moda usar lenço então a renda dela era até melhor do que trabalhar lá na escola

PESQUISADORA - Pode-se afirmar que a Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna, em qual sentido?

A1 - Com certeza. Como ela foi uma escola centralizada a maioria das pessoas que se formaram realmente passaram pela Escola Salomé por exemplo os nossos médicos os professores da minha época a maioria se formaram a tirando aqueles que mudaram depois voltar mas a maioria da minha época que eu me lembro, da mesma idade que eu a maioria se formou no Salomé. Porque não era todo mundo que podia ir para Jardim fazer um curso técnico então eles faziam o que tinha na cidade e aí já ia fazer vestibular

PESQUISADORA - Não só mulheres, homens também?

A1 - Homens também bastante, apesar de que a maioria dos homens eles acabaram indo trabalhar em fazenda ou se casaram cedo, há um mês atrás eu fui em uma festa da retirada e encontrei os meninos lá que hoje são donos de terra e eram como eu, na época os pais trabalhavam de empreitada nas fazendas aí eu cheguei lá né nesse aniversário da amiga do meu filho, e o pai dela era irmão dos meninos que estudavam comigo e eles lembraram de mim, quando eu cheguei lá eles lembraram que era o João, aí ele perguntou se eu lembrava dele aí eu perguntei se eu morava para lá e ele falou "é hoje eu tenho uma terra aqui, crio o gado e tal..", então assim a maioria dos homens foram para esta parte

PESQUISADORA - então assim, para questão do desenvolvimento da cidade mesmo aqueles que não ficaram no centro e não puderam estudar eles conseguiram ainda se desenvolver enquanto recurso, cidadãos por conta do estudo que teve e tudo mais?

A1 - É assim: da minha turma saíram do caminho que eu me lembre foi só um que no terceiro ano eu percebi que ele não queria muita coisa, aí ele parou de estudar, era o Lulu que chamavam ele, aí ele virou uma pessoa que saía sempre, matou uma pessoa e ficou preso e aí ele morreu, então da nossa turma que eu me lembre esse foi o mais triste o resto não, teve outro que é o Paulo, era juiz e ele morreu enfarto faz uns três anos e ele era assim um aluno terrível a mãe dele foi casada com meu avô que a dona Celita e ele era muito terrível depois ele se formou terminou aqui foi para fora fez direito estudou e passou para Juiz então assim foi uma pessoa de bem mesmo eu acredito que isso foi devido à escola toda essa preocupação como aluno e a exigência de um ano tem que querer

PESQUISADORA - E a Escola Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes

da Laguna e porquê?

A1 - Era uma referência como eu morava dentro da escola eu não tinha acesso a outras escolas a não ser quando tinha os jogos quando tinham jogos do todo ano e aquela briga de torcida então tirando isso...

PESQUISADORA - Isso já acontecia na década de 70?

A1 - Já, tinha eu jogava handebol, eu jogava queimada, uma vez participei de salto a extensão, eu participava eu era atleta, mas já tinha sim desde o primeiro ano já tinha, tanto as festas juninas como jogos, era a interclasse de hoje mas tinha sim, e aí que a gente vê as outras escolas, mas tirando isso eu não tinha naquela época era muita rivalidade né de escola então a gente não se misturava

PESQUISADORA - Essa rivalidade na escola, como era classificar essas escolas?

A1 - Salomé era Elite e as outras escolas era os escolhidos digamos você até os próprios professores eram vistos de outros olhos as professoras que eram do Salomé eram as professoras e as professoras que estavam na escola Alziro era outra professora nem tinham quase nomes Coitada a gente não lembro dos nomes delas então assim essas professoras que ficavam no seu nome é porque eram as melhores só ficavam as melhores

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a escola hoje, Escola Salomé de Melo Rocha?

A1 - Hoje ela está novamente conseguindo voltar a ser a escola Salomé de antes hoje nesta Nova Direção e tal porque houve um tempo que não se tinha nem alunos então assim a escola que ficou a escola padrão para nós era o Alziro Lopes

PESQUISADORA - Em qual período que você acredita que teve essa decadência?

A1 - Deixa eu lembrar, meu filho está com 25 e ele estudou no Salomé lá um ano... eu não lembro o ano que foi, ele estava no sexto ano, ele devia estar com 11 anos, então é 2004 até quando a Telma entrou.

PESQUISADORA - Foi até em 2009 se não me engano, então você acredita que quando a Telma entrou começou uma nova fase?

A1 - Sim uma nova fase. Quando eu sai de lá, tinha sim bastante aluno, mas depois ele começou a acabar porque aí como Professor Bernardino entrou para fazer uma nova história no escola Alziro Lopes, uma história de resgate que fez, onde começou a ter teatros, onde começou os alunos a ganhar do Salomé, as professoras que estavam no Salomé começaram a trabalhar na coordenação no Alziro, então já começou acabar aquelas coisas: “Ah eu sou do Salomé, do Alziro”. E aí começaram a completar carga horária no Alziro

PESQUISADORA - Começou a haver uma mescla?

A1 - Começou haver uma mescla e como os alunos começaram a ganhar e a mudar as atitudes, não que as crianças deixaram de estudar assim, e o Salomé que deveria ser o centro e já nessa época começou as Vilas, a ter em casa onde antes não existia. Então o povo começou a morar mais para lá, a migrar para os bairros. Aquela turma do Salomé a maioria foi embora ou foi morrendo aquele povo tradicional e os filhos foram embora. A maioria dos filhos de donos de fazenda então começaram a ir para Jardim nas escolas mais particulares. Até houve aqui também uma época de Escola Particular, a Escola Palácio da Cultura onde a maioria estudava lá.

PESQUISADORA - Essa primeira vez que eu ouço falar dessa Escola Palácio da Cultura, em que ano foi essa escola você lembra?

A1 - Meu filho estudou lá até o quinto ano, ano 2000, porque aí eu comecei a fazer magistério nesta época e quando eu comecei a trabalhar.

PESQUISADORA - Onde ficava essa escola?

A1 - Ficava na Presbiteriana, depois ela mudou para casa da dona Cleusa porque aí é filha dela virou dona da escola só que aí como abriu essa escola ainda existia muita gente rica na cidade, gente de bens né. E aí as pessoas de bens foram embora começar a faculdade e como lá tinha cursinho, e eu fiz lá...

PESQUISADORA - Então era uma concorrente da Salomé?

A1 - Exato começou a ter a concorrência lá só que nessa época o Salomé já estava ficando, porque nesta época Professor Bernardino também já estava trabalhando no Alziro, foi quando ele estava trabalhando na Alziro e era secretário lá nessa escola.

PESQUISADORA - Isso nos anos 2000 mais ou menos?

A1 - É.

PESQUISADORA - Quem era diretora dessa escola?

A1 - Professora Isaír, Isaír Romero. Hoje ela mora em Campo Grande.

PESQUISADORA - Interessante não sabia da existência desta escola.

A1 - Então, por exemplo, filhos do doutor Daniel, dos Vargas eles fizeram aí, eles se formaram nessa escola, aí que eles foram embora, filho do doutor Daniel hoje já é veterinário e a menina não sei no que ela formou, mas também estudou lá.

PESQUISADORA - Você tem algum comentário, reclamação, crítica que você queira acrescentar nessa época do Salomé o quando você viveu ali?

A1 - Olha crítica não. Eu vejo que cada época é uma época então assim graças a Deus eu vivi bem. Essa época, não tenho nada tirando desta menina que hoje ela é minha colega, ela é irmã do Nelson Corrales, a Rita Marlene, então assim com tudo isso eu descobri que ninguém é mais que ninguém. Hoje você pode estar no topo, amanhã você não está mais ou você tá lá em baixo e amanhã você pode ser alguém na vida. Então foi um aprendizado que o meu avô sempre falava não deixe ninguém te humilhar não deixa nada impedir que você cresça como ser humano, que não é o dinheiro não é status que faz de você uma pessoa melhor então eu cresci com isso né, eu vivi muito bem no salão naquela escola eu trabalhei pouco tempo lá.

PESQUISADORA - Você também foi professora lá na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha?

A1 - Sim, eu fui professora lá eu substituía Artes, como era artesanal desde pequena eu sempre trabalhei de artes então eu substituiria professora de artes.

PESQUISADORA - Qual o seu nível de formação?

A1 - Hoje eu tenho pós-graduação. Primeiro eu fiz contabilidade. Mas aí quando eu fui fazer o curso de cabeleireiro em Cuiabá eu cheguei lá e precisava de Magistério para trabalhar em uma escola e eu não tinha, então eu fiquei muito sentida de ter feito outro curso mas eu acabei trabalhando em um escritório de administração num condomínio durante todo o tempo que eu fiquei estudando curso de cabeleireira eu fiquei nesse escritório e eu trabalhava lá e pensando em ser professora porque aí ele descobriu que realmente o que eu queria era ser professora, não que eu não gostasse do que eu fazia, mas eu queria ir aí quando eu terminei o curso de cabeleireira eu vim embora e foi trabalhar em uma loja em Jardim porque não tinha dinheiro para honrar o meu salão trabalhei em torno de 2 meses e comecei fazer magistério em jardim, na verdade eu comecei aqui mas como eu trabalhava em Jardim eu fui para a Jardim porque o acesso era melhor, já trabalhei mais um tempo e aí me convidaram para tomar conta de um salão e aí eu comecei a trabalhar em salão depois de um ano eu montei um salão na minha casa. Aí eu fiz Magistério, comecei a dar aula substituir quando eu terminei. Hoje o Professor Bernardino me convidou para estar trabalhando com ele porque ele gostou do meu trabalho e isso no Alziro, aí a professora Zilda era coordenadora e eu fui convidado a trabalhar eu não podia trabalhar mas no estado porque eu não tinha faculdade na época. Tinha outras professores que já tinham faculdade então elas entraram com recurso e eu tive que parar de dar aula, aí como o pessoal do Salomé me conhecia bastante eles me colocaram na APAE e eu trabalhei 12 anos na APAE, quando eu fiz 42 anos teve um cursinho nessa escola do pai que já tava acabando na época e tinha no Ciro também o cursinho e aí eu fiz o cursinho no sábado lá e fazia o cursinho no Alziro aí eu passei no meu primeiro vestibular que era distância aí aos 43. Eu terminei a faculdade.

PESQUISADORA - Você fez onde a faculdade?

A1 - Eu fiz em Jardim no Bardal e eu fiz lá a minha faculdade que era distância era UNITINS. Fiz normal superior, não fiz pedagogia. Me arrependi muito depois, porque era só mais um ano, mas eu optei por fazer a pós em artes, que era metodologia de ensino aí eu fiz Artes porque eu dava aula de arte aí nunca mais te vi concurso e eu fiquei 12 anos na APAE com 42 anos eu terminei a faculdade e a pós junto e fiquei grávida depois de 18 anos tive meu segundo filho, então assim agora eu 50 teve concurso e eu fiz o concurso passei graças a Deus, e essa é a minha história, fico triste quando eu vejo cidades sendo desvalorizada por nós mesmos, tipo assim eu não gosto que fala mal da cidade. Não gosto que fala mal da Escola Salomé Escola, Alziro, Escola Basílio, não gosto. Porque isso me deixa muito triste pois quem faz a história de um lugar é o próprio cidadão, então se eu vou falar mal da minha cidade com que eu posso contribuir ao invés de ficar falando assim. Como não gosto que fala de aluno, não gosto porque eu tenho experiência de que criança terríveis um dia vão ser até melhores que nós porque eles são muito inteligente, criança terrível, criança que não senta, não faz e não quer fazer as coisas ela é muito inteligente então eu que me deixa triste e é uma crítica que eu gostaria, e se eu tivesse condições de poder fazer uma palestra e trazer pessoas lá de fora para mostrar para o cidadão lagunense que a cidade dele é a melhor cidade do mundo, que tudo tem aqui nós temos fartura e temos tudo que não é asfalto que não é isso que dá aquilo que vai ser melhor então é isso que eu tenho para falar.

PESQUISADORA - Muito obrigado pela entrevista, opiniões e detalhes que podem contribuir.

A1 – Sabe, minha avó é lúcida que você precisa de ver, esses dias eu fui gravar a História dela. Tem uma entrevista do meu avó que eu vou disponibilizar pra você que conta um pouco da história da cidade e fala da escola.

PESQUISADORA - Muito obrigada, foi uma manhã riquíssima e eu aprendi muito.

ANEXO 8- Entrevista 5: A2

Segmento	Ex- alunos
Codiname utilizado	A2
Idade	63 anos
Data da entrevista	24 de maio de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome? Qual a data de nascimento? A2 - Meu nome é A2, eu nasci em 04 de agosto de 1955.</p> <p>PESQUISADORA - Em que data se formou? Qual Curso? Instituição? A2 - Me formei em 2005. Em Geografia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.</p> <p>PESQUISADORA - Em que trabalhou na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha? A2 - Eu comecei a trabalhar em 1980. Se bem que eu comecei em 1979, era só substituto. Formal mesmo era 1980.</p> <p>PESQUISADORA - Até qual ano trabalhou nesta escola? Era concursada? Você ainda trabalha nesta escola? A2 - No Salomé trabalhei até 1988. Eu era convocado e fiquei até 88. Depois eu fiz concurso e fiquei até 1997, pedi o PDV e saí fora. Fiquei um tempo fora e voltei novamente. Fiz o concurso outra vez e voltei. Quando voltei, fui para o Alziro Lopes, mas dei aula em Jardim, dei aula na Escola Pinto Pereira. Em 1988 fui dar aula lá. Dei aula no Juvêncio. Nossa, dei aula em todas as escolas! Até em Nioaque já dei aula.</p> <p>PESQUISADORA - Qual turma(s) você lecionou? A2 - Noturno. Algumas vezes eu dei aula noturno. Porque eu tenho no município também. Em 1988 fiz o concurso e passei no município e fiquei.</p> <p>PESQUISADORA - Como era o nome da escola na época? A2 - Escola Salomé de Melo Rocha mesmo. O Salomé é a antiga Visconde de Taunay que era aqui na esquina, aí mudou pra lá e mudou de nome.</p> <p>PESQUISADORA - Ela é uma continuação da Escola Visconde de Taunay? A2 - É.</p> <p>PESQUISADORA - Quem era a diretora da escola? A2 - Quando eu entrei era a professora Neudes Barbosa Bertola. Depois a Edi Barbosa Vargas. Depois teve mais outra, a Oraci de Oliveira Bertola. Tem muito Bertola aqui em Guia Lopes. Teve outra Marli pereira de Mesquita e depois Leonor Barbosa Flores, a Dona Leonor, a última com quem eu trabalhei ali. As primeiras diretoras forma nomeadas pelo governo. Então essas foram nomeadas pelo governo. Não era por eleição como é hoje, eram nomeadas. Aquela época ser diretor de escola tinham um status, era bem diferente que hoje. Então era bem mais difícil trabalhar em escola, porque era assim, pra você trabalhar na escola você tinha que ter alguma ligação com a diretora ou alguém da política. Eu entrei contra tudo e contra todos. Na realidade professora, eu falo que eu não sou professor, eu estou professor, porque não fiz magistério, não fiz. Eu entrei para substituir e não saí mais.</p> <p>PESQUISADORA - Quantos alunos atendiam? A2 - Não dá pra lembrar. Mas tinha muito mais alunos no Salomé porque tinha os três turnos, manhã, tarde e noite. Eu não recordo os números, mas eram muitos alunos. Era mais que hoje. Era a escola que tinha maior número de alunos, maior número de funcionários. Ela era uma escola polo aqui na região e na cidade. Era por série, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série, uns 200 alunos. Naquela época eram uns 50 alunos na sala. Naquela época a criançada queria estudar mesmo.</p> <p>PESQUISADORA - Quais alunos eram atendidos no período noturno? A2 - Era o ginásio, que era por série.</p>	

PESQUISADORA - O Sr. trabalhou lá na época que teve o magistério?

A2 - - Não.

PESQUISADORA - Quais as idades dos alunos atendidos?

A2 - Como se fosse hoje, normal. Noturno era de 5ª série, alunos com 11, 12 anos. Porque nessa época o aluno podia estudar no noturno, não tinha problema. Tinha alguns alunos com idade mais avançadas, mas eram poucos. Não era essa EJA que é hoje.

PESQUISADORA - Quais os níveis de ensino que ofertava?

A2 - Era o ginásio. Mais o ginásio. Lá no início era diferente. Era assim, tinha a 5ª série, 6ª série, 7ª série e 8ª série. Depois tinha a 1ª série ginásial que hoje seria o Ensino Médio.

PESQUISADORA - Qual o nível social das famílias dos alunos atendidos?

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | Classe E (renda familiar até R\$1254,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe D (renda familiar de R\$ 1255,00 até R\$ 2004,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe C (renda familiar de R\$ 2005,00 até R\$ 8640,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe B (renda familiar de R\$ 8641,00 até R\$ 11261,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe A (renda familiar acima de R\$ 11262,00) |

Fonte: <http://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>

A2 - C. Porque aqui em Guia Lopes era assim, é uma cidade que tinha muitos fazendeiros. A maior parte de trabalhadores de frigorífico, mas era o grupo de fazendeiros que moravam aqui no centro. E lógico que os filhos deles quase não estudavam aqui, iam estudar fora.

PESQUISADORA - Então, a escola não atendia os filhos dos fazendeiros?

A2 - Atendia, até o ensino fundamental atendia, mas depois eles iam fazer o ensino médio fora e ficava os pobres mesmo.

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina escolar?

A2 - O mesmo sistema de hoje, mas não tinha o 6º tempo. O noturno que era diferente porque era 40 minutos, mas tinha até o 5º tempo. Hoje é 50 minutos.

PESQUISADORA - Eram utilizados livros didáticos? Como eram os livros didáticos?

A2 - Sim. Mas era diferente. Tinha um conteúdo que você tinha que cumprir. Teve uma época que dei aula de matemática e eu não conseguia desenvolver porque eu não conseguia deixar ninguém com dúvida e não cumpria o conteúdo. Aí tive que voltar pra minha área. Era mais rígido quanto ao cumprimento do conteúdo. O professor era mais livre, não tinha essa carga de burocracia que hoje tem em cima do professor. O professor era mais livre, só tinha diário de classe e ali o professor controlava tudo. Fazia seu planejamento. Parecido com os dias de hoje só que tudo escrito, mas não tinha essa burocracia. Hoje eu vejo que eles se preocupam mais com burocracia do que com o aluno.

PESQUISADORA - Esses livros didáticos, como era adquiridos?

A2 - - No início eram comprados, os alunos compravam nas livrarias. Quem podia comprar, comprava. Quem não podia, usava junto com quem tinha. Mas depois o governo começou a mandar livros. Isso a partir da década de 80, 82.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas?

A2 - Fazia no diário de classe. Não tinha semanário, só o diário de classe. Ali tinha a relação dos conteúdos. Você dava a aula do dia e marcava o que você deu. No final, a supervisora olhava para ver se estava de acordo com o que você deu. Era bem rígido. As vezes pegavam caderno de alunos para comparar os seus registros com o que você deu. Pra ver se estava certo.

PESQUISADORA - Então naquela época não tinha coordenadora?

A2 - Tinha, mas na realidade a função era outra. Chamava-se supervisora, que ia supervisionar. Hoje ela coordena. Hoje acontece com muitas ainda em guia Lopes, que

querem essa função de supervisora pra supervisionar o professor. O coordenador vai coordenar o trabalho, auxiliar o professor, se está com dificuldade ajudar, se achar algo interessante levar para o professor, pra ajudar o professor. Mas ao contrário, naquela época eles policiavam o professor. Bem rígido!

PESQUISADORA - Como eram as avaliações dos alunos?

A2 - Prova escrita e teste. Por mês você dava um teste. Todo mês teste e depois você dava prova bimestral. Aí somava e dividia. Hoje você avalia o aluno como um todo. Naquele tempo não, avaliava o que o aluno fazia na sala. Teste. Não era processual como é hoje.

PESQUISADORA - Havia outro tipo de avaliação durante o ano?

A2 - Tinha. Os professores davam muitos trabalhos, por exemplo, trabalhos em grupos, na semana do folclore eles faziam um trabalho e recebiam nota. É quase como hoje.

PESQUISADORA - Como eram realizados os planejamentos de aula?

A2 - Os planejamentos de aula eram feitos escrito. Geralmente os professores se organizavam em grupo e faziam o planejamento e aquele você tinha que dar aquilo que você colocou no planejamento. Não tinha como hoje, os conteúdos que já vem estabelecido. A gente que fazia de acordo com o livro didático, aquelas coisas. Era feito em grupos, anual.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de acompanhamento dos planejamentos realizados?

A2 - Sim. Geralmente a supervisora que depois passou a ser coordenadora. Os professores mais experientes sempre colaboravam conosco também. Foi dessa forma. As coordenadoras, as supervisoras olhavam. Elas conferiam seu diário e o seu caderno e o dos alunos pra ver o que você realmente tinha dado.

PESQUISADORA - E se não tivesse dado exatamente o que estava no planejamento. O que acontecia?

A2 - Era observação e chamavam pra conversar. Mas os professores já faziam certinho para não ter problemas.

PESQUISADORA - Havia reunião pedagógica? Como eram organizadas?

A2 - Havia sim muitas reuniões pedagógicas. Naquele tempo vinham o pessoal da Secretaria de Educação, da Agência de Educação. Aliás era delegacia e a nossa delegacia era de Bela Vista. Vinha e quando vinha o delegado a gente ficava tudo apavorado porque eles pegavam tudo. Era difícil aquela época! Para você permanecer na escola naquela época ...geralmente aqui em Guia Lopes quem dava aula nas escolas era o pessoal do Banco do Brasil, eles não tinham formação para dar aula, não. Então quando vinha alguém de fora ele era mais valorizado do que nós que éramos daqui da cidade. Eu entrei na escola contra tudo e contra todos. Eu costumo falar que quando Deus abre uma porta, é porque era para eu trabalhar na escola. Eu passei coisa aqui que dá para eu escrever um livro. Eu passei por tantas dificuldades nessa escola. Me expulsaram daqui para Nioaque, de Nioaque me expulsaram para Jardim. Eu era contratado e nunca ninguém conseguia me mandar embora. Já pensou? Era Deus mesmo.

PESQUISADORA - Qual o salário inicial do professor concursado?

A2 - Eu não me lembro exatamente. Eu também trabalhei um período na secretaria da escola, não fiquei somente como professor e aí eu parti para professor em 88. Eu comecei como professor depois passei para a secretaria e depois, justamente numa época que o professor ganhava bem, lá em 2004 ou 2005 o professor ganhava mais que o funcionário do Banco do Brasil, mas depois...era sonho das pessoas serem professor, porque ganhava bem mesmo! Mas depois acabou isso, foi decaindo, decaindo. Teve muitas lutas. Aqui quando fundaram o SINTEL, foi até a professora Leonor Barbosa Flores, que foi a primeira presidente do SINTEL na época do governador Pedrossian. Ele mandava a polícia bater em nós lá em Campo Grande. Era terrível! Hoje estamos colhendo os frutos dessas lutas. Greve você levava borrachada, tá louco! Mas eu não lembro o salário. Não me recordo.

PESQUISADORA - Existia professor convocado?

A2 - Existia, era uma prática. Mas eles chamavam de contratado e não convocado.

PESQUISADORA - O volume de contratados era igual ao de hoje ou tinha menos. Porque hoje na Escola Salomé de Melo Rocha nós temos muito poucos professores efetivos. A grande maioria é convocada.

A2 - Era a mesma coisa porque na realidade, parece-me que o primeiro concurso foi feito em 1988. Os efetivos eram aquele pessoal que trabalhava no Mato Grosso e quando dividiu os estados se tornaram efetivos. Os funcionários da escola, da secretaria, os professores. Depois o primeiro concurso foi em 1988, se não me engano.

PESQUISADORA - Então os professores da escola que não era efetivos...

A2 - Sim, os professores e funcionário que não eram efetivos e sim contratados, quando dividiu o estado eles se tornaram efetivos. Quem era contratado se tornou efetivo mesmo sem concurso. Todos eles passaram a ser efetivos.

PESQUISADORA - Antes disso eles eram vinculados à Cuiabá?

A2 - Isso, a Cuiabá. Dividiu e se tornaram todos efetivos porque o governo efetivou todos eles. Depois tinha uma lei 661, depois 274 que regiam a contratação.

PESQUISADORA - Havia diferença salarial entre os mesmos?

A2 - Existia. Não recorro a proporção, mas existia diferença tanto dos professores como funcionários.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de plano de cargos e carreiras para os profissionais da educação concursados?

A2 - No começo não, mas em 1982 já fizeram. Não me recorro muito bem. Foi implantado a democracia nas escolas a partir de 1982 e também começaram os movimentos sindicais e os professores com muita luta e sacrifício, os professores do estado começaram a se organizar e aí fomos conquistando. A partir de 1980 foi aí que os professores foram conseguindo alguma coisa com relação ao plano de cargos e carreiras. Mas com muita luta!

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade da época?

A2 - A escola era como se fosse hoje. Mas era muito importante porque naquela época os pais se interessavam mais em pôr os alunos na escola. Quem estudava era... a gente tinha uma carteirinha e aquela carteirinha valia, era um documento do aluno e valia. Era muito importante. Era a caderneta escolar, com a foto do aluno, nome dos pais e tudo. Era um documento e o aluno era respeitado por causa daquilo.

PESQUISADORA - Na região, qual a importância da Escola Salomé de Melo Rocha?

A2 - Era um polo. Praticamente todos de Guia Lopes, que são filhos daqui todos esse pessoal passaram por aqui. Pelo menos no ensino fundamental, que naquela época não era ensino fundamental era série... primeiro grau, segundo grau. Todos passaram por aqui. Se a Sra. for ver o histórico desses médicos que hoje vive aqui e são daqui eles passaram pela escola Salomé

PESQUISADORA - Esses alunos que passaram pela escola no primário, até o ginásio, já que o Sr. falou que no colegial eles já procuravam, pelo menos os filhos dos fazendeiros, outros lugares.

A2 - Isso. Eles iam pra Campo Grande. Os fazendeiros tinham condições de mandar os filhos pra Campo Grande ou São Paulo, Lins em São Paulo. Muitos são formados em Lins em São Paulo.

PESQUISADORA - E eles retornavam?

A2 - Retornavam. Só que enquanto os pobres terminavam o ginásio e paravam porque era pago, era Federal, até a Federal era paga. Eu paguei.

PESQUISADORA - O Sr. diz o Ensino Superior?

A2 - É. Superior. Pobre não podia sair daqui. Terminava o ginásio e ficava aí mesmo.

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha na época que trabalhou nesta escola?

A2 - Era muito bom! Bom... ótimo!

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade junto à escola?

A2 - Os pais participavam muito porque naquela época era assim, existia mais o temor dos filhos para com os pais. Os pais mandavam pra escola. Tinha os alunos rebeldes, mas as vezes até na nossa frente eles surravam os filhos. Então, existia o medo. Tinha mais respeito pela diretora que era mais autoritária. Enfim, não tinha esse movimento de aluno andando e correndo no corredor. Até a gente como professor mesmo. Mas também a gente era vigiado. Eu lembro um época que dava aula no Juvêncio falando sobre o socialismo, explicando o que era o socialismo e a coordenadora viu e ouviu, me chamaram e disseram que eu não podia falar aquilo. Nós estávamos na época da ditadura. Fui chamado a atenção. Outra coisa engraçada que aconteceu comigo aqui no Salomé é que eu estava mostrando para os alunos o mapa e pendurei de cabeça pra baixo pra mostrar para os alunos que o mundo não tem lado, que a Terra era redonda. A coordenadora viu, me chamaram na secretaria para eu falar se tinha bebido alguma coisa. Era assim, professor era vigiado 24hs.

PESQUISADORA - Aproveitando um pouco a fala do Sr, houve resquícios da ditadura aqui em Guia Lopes da Laguna?

A2 - Houve. Tínhamos ditadura. Tinha que ter cuidado com o que se falava. Ainda mais os professores que eram vistos como rebeldes ou algo assim. Então éramos muito vigiados. Houve sim professora.

PESQUISADORA - Existia algum movimento de festas, de colaboração que a comunidade se organizava para ajudar a escola?

A2 - Tinha sim, fazíamos as festas juninas. Ali no ginásio de esportes fazíamos as barraquinhas da escola e a comunidade ajudava. Ajudavam muito a escola.

PESQUISADORA - Financeiramente também?

A2 - Sim, inclusive financeiramente. Nós tínhamos as APMs (Associação de Pais e Mestres) que era geralmente eles colocavam um fazendeiro ou uma fazendeira e eles ajudavam muito. Inclusive na época que eu trabalhava em 81 e 82 que eu trabalhava na secretaria, teve uma presidente da APM que cortinou toda a escola. Colocou cortinas, gastavam na escola. A comunidade ajudava muito.

PESQUISADORA - Pode-se afirmar que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna? Em qual sentido?

A2 - Sim. Praticamente em todos os sentidos porque a Escola Salomé, pra começar ela era aqui no salão paroquial onde era a Visconde de Taunay. E tinha outra escola que era a escola presbiteriana. Eram duas escolas, bem ali onde é a igreja tinha uma escola. Quando os alunos não estudavam aqui, estudavam lá. E a Dona Salomé de Melo Rocha ela conseguiu o terreno para construir a escola.

PESQUISADORA - Ela foi professora na Escola Salomé de Melo Rocha?

A2 - Não, ela não chegou a ser professora. Ela foi uma pessoa que lutou para conseguir a escola. Ela ganhou o terreno. Quem doou foi o finado Zé Turco que doou para a escola. Ela construiu mas não conseguiu terminar e ficou nessa altura (indicou a altura da janela) muitos anos, só o muro, sem acabar. Quando entrou o governador Pedro Pedrossian ele terminou a escola e deram o nome dela de homenagem à escola. Por isso que acabou o Visconde de Taunay e criou a Salomé de Melo Rocha e a documentação daqui passou tudo para lá.

PESQUISADORA - E o Sr esteve nessa transposição entre as escolas?

A2 - Tive. Quando era aqui eu era estudante. Estudava. Comecei estudando aqui e depois fomos para lá.

PESQUISADORA - O Sr. tem o histórico ou em algum documento o nome Visconde de Taunay?

A2 - Devo ter professora. Eu devo ter. Aquele tempo você tinha prêmio, sabe. Eu sempre tirava em primeiro lugar. Era uma época muito boa, onde realmente o aluno aprendia. Os

professores te obrigavam e você queria receber prêmio, então estudava mesmo. Tenho provas que eu fazia. Vou dar uma olhada, eu tenho a caderneta escola.

PESQUISADORA - Com relação ao desenvolvimento da cidade, o Sr. acho que a escola foi fundamental? Enquanto estrutura da cidade.

A2 - Foi, ela colaborou muito. Não foi só a escola, mas a escola a partir da escola foram desenvolvendo outros setores da cidade, por exemplo, o que também ajudou a desenvolver muito foi o Banco do Brasil quando veio para cá. O Banco do Brasil era polo na região. Não tinha em Jardim. Durante muitos anos o Banco do Brasil foi pólo aqui, de toda a região de Bonito, Jardim e até bela Vista. Assim como a escola Salomé de Melo Rocha era uma escola importante demais para a região, colaborou muito. É uma escola bem tradicional, sempre a Escola Salomé lutou pela preservação, sempre foi rígida. A Escola Salomé de Melo Rocha é uma ótima escola, de referência. Toda vida ela foi referência. E até hoje a gente tem a Escola Salomé como referência. Inclusive meu filho estuda lá, porque eu estudei, meus outros filhos estudaram. Eu tenho um filho arquiteto designer de interiores, e estudaram no Salomé. É referência. Não sei como é o ensino hoje, mas continua referência. É uma escola muito importante para a nossa cidade.

PESQUISADORA - Quais os momentos mais importantes da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha enquanto trabalhou lá?

A2 - Quando eu trabalhei, que foi mais importante... Importante assim... porque aqui em Guia Lopes a política foi muito intensa. Nós tínhamos aqui na cidade de 1979 até 1985 os coronéis. Sabe como são esses coronéis...por exemplo nós tínhamos aqui um Sr. chamado Pedro José Rufino (áudio sem compreensão) Figueiró. Ele era um coronel. Tínhamos o Sr. Ovídeo de Paula que era outro coronel. Nós tivemos o Sr. Deamir Barbosa Vargas, ele era outro coronel. Esses coronéis eles detinham, eles que colocavam as diretoras nas escolas. Essa época foi muito intensa. Em 1982 houve um confronto muito grande no estado, o PDS com o PMDB. Quando o PMDB ganhou com o Wilson Barbosa Martins houve a caça às bruxas. Quem era do PDS eles mandavam embora. Por isso que fui expulso para Nioaque, porque eles achavam que eu era do PDS e me mandaram para Nioaque porque não conseguiram me mandar embora. E eu era contratado. Foi porque Deus quis. De Nioaque me expulsaram de novo porque descobriram que eu era do PDS de lá. Era assim, bem intenso a a participação no Salomé. Houve um movimento muito intenso na cidade. Pessoas sendo mandados embora, os alunos acostumados com os professores, enfim, essa época.

PESQUISADORA - A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna? Por quê?

A2 - Sim, porque era uma escola tradicional. Na realidade era a única escola que tinha. Tinha o Alziro Lopes, mas era só de 1º grau e não era essa escola que é hoje. Então todos os alunos queriam estudar no Salomé.

PESQUISADORA - O Sr. acha que esse movimento de todos quererem estudar no Salomé foi até que data ou ainda é ativa?

A2 - Professora, nós estamos em 2018. Vamos falar que foi até 2000, 2000 e pouco. Depois o Alziro Lopes começou a ter ascensão. De 2005 pra cá que o Alziro Lopes se tornou o que é hoje. Mas antes era tudo Salomé, uma referência era o Salomé. Havia uma rixa entre os alunos e continua. A gente vê isso com a questão dos jogos estudantis. O Salomé sempre ganhava, era o Salomé primeiro em tudo. Começou a perder para o Alziro Lopes agora pouco, mas antes era o Salomé. Havia muita rixa entre as escolas, os alunos e até entre os professores também. Guia Lopes já foi muito “engraçada” com essas divergências políticas que influenciavam até nas escolas.

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a Escola de antigamente e de hoje?

A2 - O que eu falo é o seguinte. Nós trabalhamos com lei 4044 até em 1982 depois veio a lei 7044... não me recordo o número, mas que transformou a escola. Quando entrou em 1982 a

democracia na escola começou a desandar a educação. Eu vejo, que mesmo assim, era bem melhor em termos, é claro que a educação era ouro e que os pais tinham maior domínio. Naquela época tinha família. Hoje não existe mais família. Ontem por exemplo eu estava comentando lá na escola que sinceramente eu não vejo uma luz no final do túnel na educação porque nós não temos um Plano Educacional, não temos um Sistema Educacional. O que nós temos é projetos e os projetos acabam. Antes tínhamos um sistema educacional que funcionava, na época o aluno aprendia porque o professor ensinava e o aluno queria aprender porque tinha mais disciplina na escola. A coisa começou a desandar mesmo foi a partir de 1990 e hoje infelizmente a gente não vê um futuro. A Educação como está hoje, se transformou para melhor ou para pior? Eu falo que foi para pior! Não que eu sou saudosista, mas eu acho que a gente tem que acompanhar a evolução dos tempos, mas a educação de hoje... Porque o que ocorre professora, a primeira coisa é a família professora. Naquela época tinha família e hoje não tem mais. As famílias se desestruturaram. Se a Sra. pegar e olhar, fazer uma estatística, a Sra. vai ver quantas estatísticas quantas famílias desestruturadas que atingem os filhos, a primeira coisa é a família. Sem a família não tem a escola, não tem disciplina, não tem aprendizado. Para mim, no meu modo de pensar e de ver, naquela época até hoje, o ensino foi regredindo. Nós estamos indo na contramão e não vejo um futuro! Apesar de a gente ver a Sra. e outros professores se esforçando, mas é como escrever na água, porque o sistema não te ajuda. Você entra com aquela vontade, mas o sistema não te ajuda! Porque hoje o governo quer número, ele quer estatística. Ele não quer o aluno aprenda, ele quer que o aluno passe. Essa é forma que eu vejo a educação. Outra coisa não tem um sistema educacional. Outra coisa, por exemplo, a Sra. tem a sua bagagem, está se preparando, porque não a Sra. ser uma Secretária de educação, mas eles colocam professores de gabinete, gente que nunca passou por uma sala de aula. Aqui nós tínhamos muito as salas multiseriadas, então aquela professora dava aula para várias séries ao mesmo tempo. Essa era uma professora. Pensa, aqui em guia Lopes já tivemos doze escolas fechadas. A Sra. já pensou? E vão fechar mais. O Salomé já não tem mais o noturno, então... E agora a EJA com esse projeto que o governo está fazendo a ENCEJA, os alunos estão passando tudo e estão apurando pra acabar, porque na verdade estão pagando professores e eles não querem gastar com professor. Eu mesmo, quando tomei posse foi no noturno e o ano passado e o ano passado eu não poderia dar aula a noite porque eu sou concursado e o projeto é só para os professores contratados. Mas quando a gente tem um jeitinho, como o povo brasileiro tem, um jeitinho brasileiro... eu consegui com a Prof^a Kênia lá de Jardim e a diretora da escola eu consegui. Mas mesmo assim o ano passado tive que dar aula a tarde, agora quando foi esse ano, eu não queria entrar com mandato de segurança porque eu não gosto. Mas esse ano eu consegui só a noite. Mas de modo geral a educação não melhorou, só piorou. Não teve avanço, foi um retrocesso. Essa é minha visão. A Sra. é muito jovem, mas eu quando comecei de 79 para cá, eu vejo que a cada ano que passa as coisas vão se regredindo e qual a causa disso? É a família. A criança que não tem família estruturada, como ela vai estudar e aprender?

PESQUISADORA - Nós entraríamos na nossa última questão que seria se o Sr. tem algum comentário, críticas ou sugestões a acrescentar. Mas junto com isso gostaria de acrescentar algumas questões. Dizem que houve um incêndio no Salomé. O Sr. lembro de algo sobre isso?

A2 - Incêndio... não professora. Que eu me recordo não houve incêndio não. O nós fizemos no Salomé, de 1980 a 1985, veio uma ordem de serviço. Eu trabalhei de professor de 1979 a 1980, aí eu passei para a secretaria da escola. E era uma ordem de serviço. A escola não era autorizada e reconhecida e para isso nós tivemos que fazer uma ordem de serviço, arrumar pasta por pasta, documento por documento, desde 1938, 1939, 1940, 1949, 1950... aí nós fizemos toda essa ordem de serviço e em 1985 nós terminamos.

PESQUISADORA - Desde 1939?

A2 - É. Desde que começou da escolinha, quando era a São José, aqui, aí depois virou Visconde de Taunay. Aqueles documentos que nós achávamos tínhamos que trocar documento por documento.

PESQUISADORA - E eu acho esses documentos ainda hoje?

A2 - A Sra. acha porque a ordem foi feita. Eu não sei com essas mudanças o que aconteceu na escola. Mas a Sra. acha porque nós fizemos esse trabalho professora. Pra poder reconhecer a escola, por que ela não era reconhecida e nem autorizada. Construíram a escola não... aí o governo fez essa ordem de serviço. Mas não teve incêndio não. Nós trabalhamos todos esses anos, mas não teve incêndio não professora. Não. Muitos documentos foram perdidos, porque antes se estudava o 1º, 2º, 3º e 4º ano e depois você fazia o exame de admissão, que era um vestibular. Esse exame de admissão você fazia para ir para o ginásio. Aí você começava o 1º, 2º 3º e 4º ano ginásial. Então esse documento, nós passamos todos a limpo. Eu cheguei a fazer exame de admissão para eu poder entrar no ginásio. Eu tenho alunos que já estão aposentados e eu continuo na ativa. Mas eu gosto né? eu vivo tranquilo, me perguntaram se eu tive problemas com alunos... pelo contrário eu nunca tive. Continuo na ativa maravilhosamente bem! Eu me dou bem com meus alunos, nunca tive problemas. Tive problemas de ser expulso por causa da política, mas com alunos e com nada. Hoje eles são meus parceiros. Eu sou capaz de me adaptar a eles, é diferente. Esses dias, o ano passado, a professora tomou o celular das meninas. É uma professora bem jovem. Ela me disse que tinha tomado o celular das meninas, eu disse que achava besteira porque vai entregar para o diretor, ele vai chamar as meninas, dar uma dura nelas, mas não vai chamar nem os pais e vai devolver e as meninas vão sair rindo e você vai perder a autoridade. Não faça isso, aproveita e usa a internet pra passar atividade pra pesquisar na internet. Tem aluno que está com fone de ouvido e não tem o que fazer. Passa atividade para pesquisar na internet. Professora é difícil! No ensino fundamental e médio é uma indisciplina terrível. É uma luta do professor. Tem professor que não consegue dar aula. Enfim é um caos. Eu vejo duas coisas ruins: Se ficar o bicho e se correr o bicho come! Quando o diretor era nomeado pelo governo havia abuso de autoridade, então ele colocava o professor e o funcionário que ele queria, porque ele era nomeado, era o cara! Quando começou a ter eleição para diretor ele não se indispor com os alunos porque ele quer se reeleger e começa a passar a mão na cabeça deles e o professor fica no meio e paga o pato. Tem alguns diretores sabem o sacrifício do professor, mas quando um professor eleito é do administrativo, é uma pena! Já aconteceu muito disso aqui em Guia Lopes. Já penamos muito! Aqui tem cada história que a senhora não imagina.

PESQUISADORA - Mas eu gostaria de conhecer essas histórias!

A2 - Tem histórias de pessoas e desses coronéis aqui! Eles que arrumavam empregos. Então pra você conseguir emprego você tinha que recorrer a eles. E geralmente o primeiro salário era eles que recebiam, ficava para eles. Tem um caso aqui, não sei se a senhora conhece, acho que não vai conhecer. A professora Zilda Meireles, o irmão dela Bernardino Meireles. O Bernardino não é professor, ele é administrativo. O Bernardino e o irmão Abrão que trabalha lá na SINFAE em Campo Grande é presidente do SINFAR, e a professora Zilda. Aqui em Guia Lopes esse Figueiró arrumou emprego para eles pra eles seguirem na coletoria. Naquele tempo não era banco era coletoria, que hoje que hoje é Secretaria de Fazenda, coletoria. Eles trabalharam 6 meses sem receber e quando eles iam receber, esse senhor foi lá e recebeu o salário deles. Quando eles foram reclamar ele falou que tinha colocado eles lá e que a partir daquele momento eles começariam a receber. Já pensou isso! Era assim aqui.

PESQUISADORA - O senhor trabalhou na secretaria da escola ajudando na reconstrução dos documentos.

A2 - Sim. Quando terminamos a ordem de serviço eu era o secretário.

PESQUISADORA - O senhor Abrão também foi secretário?

A2 - Sim. Foi assim. Quando eu entrei no estado ele era o secretário. Até devo a ele muito porque sempre foi meu parceiro e ele era o secretário. Quando eu entrei era a Dona Neudes e a Dona Edi, ele era o secretário. Quando entrou a Dona Oraci tiraram ele do cargo, que na época era um cargo importante e colocaram a Neide Penha que hoje está em Maracajú. Ela foi colocada como secretária e nessa época fui expulso para Jardim. Você conheceu a finada professora Ernestina? Era uma pessoa maravilhosa, ela foi diretora, professora do Salomé. Eu fui pra Jardim e por movimentos políticos derrubaram o pai da professora Oraci que era o Sr. Ovídio de Oliveira, derrubaram ele de chefe do diretório e entrou outro e esse me trouxe de volta em 1982 e 1983. Então entrei como secretário e saí em 1985 quando fui dar aula como professor convocado até o concurso em 1988.

PESQUISADORA - O Sr. tem algum comentário, críticas ou sugestões a acrescentar.

A2 - Infelizmente como professor e cidadão eu não vejo uma melhora. O governo gasta muito em educação, mas gasta-se mal. Eles jogam tudo pra cima do professor, mas o professor está sobrecarregado. É tanta coisa em cima do professor e dos alunos nada. Eles não chamam os pais para participar. O ano passado um aluno tirou nota baixa comigo, média 6 tirou 5. A coordenadora me chamou e perguntou o que eu ia fazer para recuperar aquele aluno e me chamava sempre. Eu dizia o que ia fazer sempre, mas em nenhum momento chamou o aluno ou a mãe e o pai do aluno, para conversar com os pais. E o aluno só piorando. Quando foi no 2º bimestre eu já dei um 8. Ela veio ironizar e me disse, você conseguiu recuperar o aluno. Eu falei pra ela que consegui mas que o aluno piorou, mas o que o governo quer é estatística. A própria escola quer estatística para mostrar que estão bem. Não deve ser por aí. Os professores estão encurralados. Eu estou saindo, mas está encurralado. Não tem mais o que fazer, é tanta burocracia para cima do professor, tanta papelada que você tem que preencher que a parte didática fica. O aluno fica solto. Essa é uma crítica que eu faço a esses projetos educacionais que temos no sistema. Quem faz isso são os secretários de gabinete. O ano passado veio um Sr. pelo estado em Jardim. Ele veio para falar sobre Projetos de Pesquisa. Aí eu falo... pesquisar onde? Lá no Alziro Lopes é uma escola com mil alunos. Sabe quantos computadores funcionam? Oito. E assim mesmo a internet fica rodando. Como em 50 minutos? Como vai pesquisar? Eles gastam mal, quanto pagaram por esse curso. Hoje cada aluno quer ter o seu computador na sala para o tanto que gasta.

PESQUISADORA - Existiu a Escola Visconde Taunay?

A2 - Existiu.

PESQUISADORA - Existiu o Ginásio Guia Lopes.

A2 - Sim o Ginásio Guia Lopes.

PESQUISADORA - Eles eram instituições diferentes?

A2 - Não, não era. Quando existia o Visconde de Taunay não existia o Salomé. O Visconde de Taunay tornou-se o Salomé.

PESQUISADORA - E o Ginásio Guia Lopes.

A2 - Era o mesmo Salomé.

PESQUISADORA - Então era a Escola Visconde Taunay que se transformou no Ginásio Guia Lopes e depois Salomé? Só mudou o nome?

A2 - Só mudou o nome, mas continuou a mesma coisa. Era a mesma escola o Visconde, o Ginásio Guia Lopes e depois o Salomé de Melo Rocha.

PESQUISADORA - E ela foi a primeira escola em Guia Lopes da Laguna?

A2 - Foi a primeira escola.

PESQUISADORA - O senhor falou de uma outra escola. A Escola São José.

A2 - Sim. Na fundação de Guia Lopes aqui na igreja e onde construíram a escola, era a Escola São José. Mas quando construíram colocaram o nome Visconde de Taunay. E essa Visconde de Taunay hoje é o Salomé.

PESQUISADORA - Será que eu consigo algum documento dessas escolas?

A2 - Eu não sei mais. Talvez com o professor Dalmolin. Ele pode ter essa história. Mas o Salomé tem os arquivos, livros de atas muito antigos. Pode procurar os livros atas. É importante a Sra. achar um funcionário bem dispostos para te ceder esses livros. Tem livro de ata da fundação da escola, da transição, tem livro de atas de tudo que a gente fazia, porque era tudo escrito. Tem muitas atas históricas, livros antigos. A senhora acha lá na escola, eu fui secretário da escola e sei que existem esses livros. A transição do visconde para o Salomé. Na prefeitura temos livros históricos da cidade. Coisas da cidade não da escola. Temos a ata da Fundação da cidade. Aqui era distrito de Nioaque. O pessoal fala que a cidade de Guia Lopes é uma cidade histórica, mas não é! O nome é histórico, mas a cidade em si não é. A emancipação política das cidade de Jardim e Guia Lopes da Laguna é no meso Diário Oficial, na mesma folha. Se tornaram município no mesmo Diário Oficial. Ela foi fundada assim: Em 1938 quando foi construída essa BR que ia de Aquidauana a Bela Vista. Eles vieram com o exército que na época chamavam Sapadores. Eles vieram fazendo a estrada e acamparam aqui em Guia Lopes da Laguna. A senhora não chegou a conhecer, mas a gente tinha um corte ali em cima, eu tenho fotos e posso conseguir essas fotos na prefeitura. Era um corte e eles fizeram um carrinho de mão para os soldados até construir a ponte. Como tinha acampamentos dos soldados, o pessoal de Nioaque vinha aqui vender as coisas porque eram muitos soldados. Saíam casamentos, fazendeiros que tinham na região, padres vinham rezas missa uma vez por me. Eles faziam aquelas festas. Assim surgiu Guia Lopes. E para ganhar um pouquinho mais, como do rio Miranda para lá era zona de fronteira eles mudaram o acampamento para lá para continuar a estrada e aí começou Jardim. Quando eles foram embora ficou Guia Lopes como um pólo e Jardim também era bem pequeno, então o comércio era aqui. Naquela época eu era criança e as pessoas vinham comprar aqui, tinha loja de panos, loja grande! Mas a CRE-3, Companhia de Estradas de Rodagem nº 3 ficou lá em Jardim e foi mudando um pouco. Foi chegando gente de fora porque o exército traz gente de fora. Jardim melhorou mais, cresceu mais, porque não tinha famílias como aqui. É claro que lá tem as famílias tradicionais como os Monteiro, os Grubert, mas não é como aqui em Guia Lopes onde havia muitas brigas entre as famílias do Barbosas, Pereiras... Eles brigavam mesmo. E se havia um projeto bom para Guia Lopes eles não deixavam vir porque ia ascender à outra família. Tinha muita briga política o que atrapalhou Guia Lopes. Até hoje continua isso, se analisar, até hoje temos essas brigas políticas aqui em Guia Lopes. Por isso ela não se desenvolve. Atrapalhou muito que Jardim se desenvolveu, Bonito desenvolveu até Nioaque desenvolveu e Guia Lopes ficou na sombra de Jardim. Tudo o que estava precisando eles depois iam comprar em Jardim e assim ficou. Por exemplo: quando chegou aqui em Guia Lopes o Reverendo Moon com planos excelentes para essa região, juntou tanta gente contra para acabar. Então Guia Lopes é uma cidade terrível, não é uma cidade do povo. Antes o que importava era a família. Como que uma criança vai ter um bom comportamento na escola, amizades, sem ter família, sem ter uma mãe, sem ter um pai? O pai na cachaça ou na droga. Enfim, eu fico com dó dessas crianças. A nossa educação o professor faz o que pode, mas também é mal formado. Professor da minha época e o de hoje há muita diferença na formação. Infelizmente é a realidade. Faz tantos cursos, mas cursos supérfluos, que não traz nada. Quando começou a EJA em 2001, eu acho, no governo do Zeca. Começou um curso na EJA em Ponta Porã, a fala deles lá era que os alunos que não estudaram na época certa, jovens, adultos e crianças esses não vão pra parte nenhuma mesmo". Eu vejo o contrário, tem que ter pensamento positivo. Nós nascemos, somos pessoas, somos energia e podemos transformá-la em positiva ou negativa. Então se você fala que não consegue aprender matemática, você não vai aprender matemática. Tem gente que diz que não sabe nem porque nasceu, negativas, então nunca serão vencedores na vida. Nós temos que pensar grande, eu posso, eu quero, eu consigo! Até doença, o melhor remédio que temos é o cérebro.

O remédio é ser feliz. A gente nasceu pra ser feliz! Até com os meus alunos eu sou assim e por causa deles é que não aposentei. Eu fui ficando, mas eu quero me aposentar. Eu participei de todas as etapas, da ditadura, das mudanças, em 82 no governo do Wilson Martins teve a Democracia nas escolas. Foi aí que acabou com a educação. Eu achei que ia melhorar, mas não. Antes a gente tinha um sistema educacional e hoje a gente só tem projetos. Até hoje é só projetos. A lei 5692/71 ela veio que foi copiada dos EUA e foi aplicada no Rio Grande do Sul e não deu certo e passaram para nós. Isso porque os americanos tem outra cultura que não é a nossa. Isso foi acabando com a nossa educação e que acabou. Não por falta de investimento, porque o governo gasta com educação, mas gasta-se mal. Não consulta as bases, as cidades por cidades, até chegar em um consenso lá em cima. E o ministro, o secretário tem que ser da Educação e não de gabinete. Aí vai mudar, quando deixar de ser de cima pra baixo. Eu vejo que os professores se esforçam, uma para manter o emprego porque a concorrência é grande e outra porque se esforça mesmo, temos ótimos professores. Eu tenho um professor que é meu amigo, que é excelente professor. Ele dá aula de geografia como eu, ele prepara a aula dele, com slides e tudo mais, mas os alunos não estão na realidade dele. Eu já fui um bom professor, mas hoje eu não sou mais, porque o sistema me fez isso. O sistema nos obriga a isso. Você não pode nem reprovar o aluno, onde já se viu isso? A prova não vale mais nada. E a prova vai acabar professora, não vai ter mais prova. Eu leciono geografia então eu gosto de fazer diferente com meus alunos. Vou trabalhar clima, nuvens, levo meus alunos para fora, mostro converso com eles, enfim. Uma vez a coordenadora uma vez no conselho disse que eu não precisava falar porque só dava dez para os alunos. Eu expliquei que eles tiram nota comigo. Vai chegar uma hora que não vai mais ter provas. Hoje em dia virou números. Eu vou ver os documentos que eu consigo pra Senhora. A gente tinha a Festa do Arroz, todo ano, era uma exposição de máquinas. Era muito movimentada a cidade. Outro dado importante é que no CENSO de 91 nós éramos quase 18 mil habitantes, hoje somos 9 mil. Nós somos a única cidade do estado que não trouxe mais habitantes, ela não trouxe ela expulsou. Tivemos vários bancos, tivemos a caixa econômica, o Baco Itaú, mas acabou, foram tudo embora. Hoje temos vários comércios fechados, até farmácia fechada. Então, não entendo! Aqui em Guia Lopes não tem empregos, quem não é funcionário do frigorífico, do município ou do estado não tem emprego. Tem uns empreguinhos, mas é pouco. Outra coisa, sai muita gente daqui para estudar e não volta mais.

PESQUISADORA - Mas antes voltava?

A2 - Antes voltava, mas agora não volta mais. Voltar pra fazer o que aqui? Os políticos não vêm isso, não tem comunidade produtiva. Nós temos frigoríficos aqui. Eles exportam mais de 3 mil couros por mês ou mais, caminhões de couro. Podíamos montar aqui uma empresa para beneficiar o couro, um cortume pra ser a cidade do couro, mas não pode devido a bacia do Paraguai. Então nem frigorífico não pode mais montar aqui. Esse está porque já tem mais de 50 anos na cidade. Mas poderia ser feito outras coisas. Quando eu fui diretor da escola Agrícola fiz um projeto “Fruticultores da Bacia do Pantanal”, tínhamos uma associação com mais de 50 pessoas. Fiz um projeto com a CICA que ela ia comprar polpa de frutas nossa. Na escola íamos fazer isso, eles iam até fornecer semente. Mas saí de lá e acabou o projeto. Tem outras coisas. O que dá melhor aqui. Aqui tem manga e caju, porque não fazer a Festa da Manga. Pena que a gente não tem nenhum buraco pra mostrar (rsrsrs). Podia ser uma cidade hoteleira. Mas não investem! Mas é uma cidade muito boa de se viver pra criar os filhos da gente. Meus filhos foram criados aqui. Eu sou Jardinese, me criei em Jardim mas minha vida foi aqui em Guia Lopes.

PESQUISADORA - Muito obrigada professor A2 por sua entrevista. Muito obrigada!

(A2 pediu para parar a gravação para contar um fato envolvendo política e documentos históricos publicados por autor conhecido, mas que não tinha a propriedade das informações)

ANEXO 9- Entrevista 6: A3

Segmento	Ex- alunos
Codiname utilizado	A3
Idade	66 anos
Data da entrevista	30 de maio de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome? Qual a data de nascimento? A3 - Meu nome é A3 e nasci no dia 06/07/1952.</p> <p>PESQUISADORA - Em que data se formou? Qual Curso? Instituição? A3 - Me formei em 1976 em letras na Universidade Federal de Aquidauana. A gente ia. Chegava no final de semana porque era muito carente a região de professores na área com faculdade. Então toda a região aqui, Porto Murtinho, Bela Vista, Jardim, Guia Lopes e Nioaque. A gente ia para Aquidauana e ficava lá. A gente ia na 5ª feira e ficava 6ª feira, sábado também tinha aula, sábado manhã, a tarde e a noite. E vínhamos no domingo de manhã, todo mundo.</p> <p>PESQUISADORA - Em que trabalhou na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha? A3 - Então, na Escola Salomé de Melo Rocha eu fui professora. Naquele tempo a gente tempo a gente falava Ensino fundamental, da 3ª série. Professora, mas atuei mais na área do Ensino Médio, no segundo grau, que era, em língua portuguesa e literatura, que eu dava, que eu trabalhava.</p> <p>PESQUISADORA - Até qual ano trabalhou nesta escola? Era concursada? Você ainda trabalha nesta escola? A3 - Não era concursada. Eu trabalhava como convocada. E foi assim até uma graça de Deus porque eu gostava muito de fazer algumas críticas em relação às coisas que estavam erradas, né? era jovem, bem bocuda mesmo e eu falava algumas coisas assim, que eu dava aula na rede municipal, e eu falava algumas coisas que eu via que estava errada na zona rural, que a gente nunca tinha reunião com diretor, não tinha reunião com o setor pedagógico.</p> <p>PESQUISADORA - Isso no município? A3 - Isso, do município. Ai eu dava aula na zona rural, lá na colônia Santo Antonio. E aí, algumas vezes a Kombi deixava a gente e tínhamos que vir a pé e era bem difícil, bem complicado. Eu não gostava também porque todos os avisos vinham pregados na Kombi. Era pra fazer isso, pra fazer aquilo, no diário tinha que constar dia tal, dia tal, todas as informações, era um jornal na Kombi para os professores. E eu sempre falava, não concordava com aquilo, que alguém marcasse reunião com a gente, que a gente pudesse discutir como estavam nossas crianças lá da zona rural, quais eram as nossas dificuldades. E eu começava a falar muito e as pessoas que estavam na Kombi, algumas levavam distorcido para a Secretária de Educação. Eles tentaram uns quatro mandatos me mandar embora, sabe? Quando foi no meio de maio eles conseguiram. Foi uma história de morte sucessiva de alguns prefeitos que tivemos, depois morreu o vice, assumiu o presidente da câmara. Então naquele período conseguiram me mandar embora.</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano foi isso, a Sra lembra? A3 - Eu não lembro exatamente.</p> <p>PESQUISADORA - Foi na década de 70 ou 80? A3 - Foi na década de 80 eu acho. Eu teria que ver essas datas certinho pra poder falar sabe. Aí eu sei que nesse período eu ganhei as contas. Sim eu ganhei as contas da prefeitura e</p>	

fiquei desempregada, com a faculdade com tudo pra continuar e era muito rígida a política aqui. Aí, uma diretora da Escola Salomé de Melo Rocha que era a Dona Neudes Barbosa Bertola, ela me chamou por ocasião de que uma professora tinha ficado grávida e ela sentiu muito enjoo, muitos problemas e não quis mais dar aula e era no ensino médio, na 7ª e 8ª série. Ela chamou pra eu ir dar aula. Isso em maio. Eu fui pra dar aula e fiquei. Ela gostou. Eu peguei letras e era uma coisa que eu gostava mesmo e tava fazendo faculdade. Dominei bastante, tive bastante domínio e ela gostou. Então eu continuei e fiquei como professora. Depois passou um mês e pouco e vagou outra sala que era mais 22 horas. E essa outra sala que vagou era do ensino supletivo. Foi uma outra professora que engravidou e não quis mais ficar. Ficou muito enjoada, com muito enjoo e ela saiu também. Essa diretora me chamou e perguntou pra mim “Você que assumir essa outra cadeira? Em turnos diferentes?” Eu disse “Assumo”. Então fiquei com 44 horas no Estado. Isso foi de maio e junho. Quando foi em julho, parece-me, eu tenho o diário oficial tudo certinho, mas não lembro a data, houve a divisão do Estado, que nós pertencíamos a Mato Grosso. Nós éramos professores do Mato Grosso e houve a divisão do Estado e o governo não efetivou através de concurso. Ele efetivou quem estava em sala de aula. Aí ele efetivou a gente, foi onde fiquei efetiva com 40 horas no Estado. Eu não fiz concurso.

PESQUISADORA - A Sra falou que tem esse diário oficial dessa efetivação. Depois poderia me emprestar? Porque estou procurando este tipo de documentação.

A3 - Tenho. Eu tenho da divisão do Estado, tudo certinho. Eu vejo certinho pra você e aí eu te empresto.

PESQUISADORA - Como era o nome da escola na época? Já era Escola Estadual Salomé de Melo Rocha?

A3 - Era Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, parece-me que era isso. Porque muda muito.

PESQUISADORA - Quantos alunos atendiam?

A3 - Nossa eram muitos porque essa escola atendia toda a região. Eu não sei te falar efetivamente quantos alunos a escola tinha, mas eram salas lotadas e era a escola mais procurada, era ela! As salas não tinham vaga para quem procurasse. Era Salomé, só. Era uma das únicas escolas mais procuradas na região.

PESQUISADORA - Quais as idades dos alunos atendidos?

A3 - Atendia desde a pré-escola. Tinha as criancinhas da pré-escola, que eu não lembro também a época. Teria que ver a lei, qual era a idade dessas crianças. Ela atendia desde a pré-escola até o ensino médio. Ela tinha mais de um curso, ela tinha o magistério naquela época, um outro curso que parece-me que era secretariado e, tinha mais um outro, tinha uns três cursos. Contabilidade. Tinha três cursos naquele tempo que era segundo grau.

PESQUISADORA - Qual o nível social das famílias dos alunos atendidos?

A3 - A Escola Salomé na realidade atendia todos os estudantes lagunenses. Ela atendia todos, independente. Tinha mais, muito mais da categoria de uma posição social melhor, porque era uma escola do centro, mais localizada e tinha todo o pessoal que estudava lá, com exceção dos que iam pra fora. Mas o que ficavam era sempre a Escola Salomé. Atendia a periferia também, porque era ela mesmo que atendia todo mundo. O maior fluxo de alunos era no Salomé.

PESQUISADORA - A questão por exemplo dos alunos. Eles iam para fora. Mas a base, mesmo a elite era...

A3 - Era no Salomé. Era no Salomé.

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina escolar?

A3 - Eu lembro que era uma organização bem rígida naquela época. A gente ficava em fila, a diretora fazia algumas orientações, a gente cantava o Hino Nacional, a gente fazia oração do Pai Nosso, depois eles saíam em fila pra voltar pra sala. Os inspetores ficavam junto,

cuidando, ajudando para as crianças voltarem para sala. O momento que tocava o sino, os professores já estavam todos a postos porque na época da Dona Neudes ela era bastante exigente. Ela não queria que o professor ficasse enrolando na sala do professor. Tocava o sino o professor já tinha que estar lá na porta com seu material. Saía um e o outro já entrava, pra não virar aquela bagunça. Era muito aluno, tudo. E era assim, bem organizado. Tinha o momento da merenda também, que naquele tempo já fornecia merenda escolar. E era uma escola assim que, além da organização ali dentro, era uma escola que a gente tinha muitas atividades culturais. A gente fazia muito teatro, dança. Eu me lembro que eu mesma fiz do grupo Menudo. Nos desfiles, foi até com a Raquel, Raquelzinha Vargas, a gente fez o ... como era o nome daquela escola infantil...esqueci agora o nome, mas a gente fez um teatro a rigor mesmo, com todos os trajes. A gente fazia muito teatro, danças. A gente tinha grupos que a gente organizava, o grupo gaúcho que dançava. Era muito bonito! As meninas com trajes mesmo. A gente pegava geralmente alguém que era do Rio Grande do Sul para ensinar algumas danças. Tinha o grupo paraguaio. Enfim, a gente tinha muitos grupos lá dentro nessa parte cultural. Era bem movimentada a escola no aspecto cultural. Era uma escola bem dinâmica que deixou muita saudade. Os desfiles que a gente fazia, virava a noite fazendo. Teve um desfile que a gente fez... eu não sei se alguém de Guia Lopes teria. Eu infelizmente não guardei nenhuma, mas tem gente que tem. Uma que pode ter é a Balduína e tem outras que podem ter essas fotos, como a Dona Célia. Tem mais gente que deve ter essas fotos. De repente o Nelson Corrales que sempre estava resgatando muitas fotos aqui do Município, pode ser que tenha alguma. A gente fez um desfile onde a gente não deixou aparecer o carro. A gente fez uma baiana. Cada professor ficou responsável por um carro. Então, por exemplo, o meu era a baiana. Eu trabalhei com o professor Rui que era do Banco do Brasil, a gente trabalhou onde era ali a Curicaca e hoje é o restaurante. Ali tinha um salão grandão de colocar tratores, e a gente trabalhou lá dentro com esse carro. Pegamos um jipe e fizemos interinho ele que era a saia da baiana, que era a menina da Balduína que foi. A gente fez inteirinho a saia da baiana com crepom branco. Nós trabalhamos a noite toda pra fazer isso. Colocamos um banquinho, ela sentava e da cintura pra cima ela estava ornada de baiana, com adereços na cabeça, bem arrumadinha. Na hora do desfile era uma baiana atravessando a avenida. Eu lembro que foi a Dona Célia que fez uma oca também em um jipe. O oca andava também, e assim foi feito. Naquele desfile não aparecia carros, aparecia a ideia que estávamos levando na avenida. Foi o desfile mais bonito que teve. Não lembro.

PESQUISADORA - A Sra. lembra o ano que começou a trabalhar e qual parou de trabalhar na Escola Salomé?

A3 - Eu comecei na Escola Salomé foi em 1976 e o término foi... eu fiquei dez anos em Campo grande, acho que foi em 2008. Eu tenho o Diário Oficial certinho e passo pra você. Eu não guardo data.

PESQUISADORA - Eram utilizados livros didáticos? Como eram os livros didáticos?

A3 - Eram utilizados livros didáticos sim. Esses livros didáticos eles vinham da Secretaria de Educação pra gente e antes vinha um mostruário, um exemplar de vários livros, vamos dizer assim, vários livros de língua portuguesa, vários livros de matemática. A gente se reunia, os professores de português todos em uma sala, os professores de matemática em outra sala e assim sucessivamente. A gente analisava os livros e via quais eram os livros que tinham mais criatividade, mais desenvolvimento nas atividades para as crianças, para os alunos. Os que eram os melhores livros, os mais selecionados, porque naquele tempo tinham os 5 estrelas, 4 estrela, 3 estrelas. Tinha tudo isso. E a gente escolhia os melhores e a gente adotava. Os livros vinham pra gente e para os alunos, pra nós professores.

PESQUISADORA - Como eram as avaliações dos alunos?

A3 - Era muito rígidas. Eu principalmente as minhas avaliações eram bem pesadas. Hoje eu reconheço. Eu exigia bastante. Eu tinha um professor na faculdade, que era o Profº

Valdomiro de língua portuguesa. Ele fazia a gente, não era decorar, mas era conhecer a gramática do início ao fim. Você tinha que conhecer. Você tinha prova oral e prova escrita. Ele fazia você fazer prova oral individual, você só e ele. Você tinha que responder as perguntas que ele fazia ali de dentro, tanto da parte gramatical enfim, você tinha que saber tudo. Eu tinha outra professora também, que era de literatura, que era a professora Albana, que também exigia. Era uma curso muito, muito puxado mesmo essa Letras.

PESQUISADORA - E de certa forma a senhora trazia esse modelo de avaliação para a escola?

A3 - E do jeito que eles cobravam de mim lá, eu cobrava dos meus alunos aqui também. Não deixava colar, de fazer as provas com bastante rigidez, muita responsabilidade. Hoje eu vejo que fui rígida até demais. Mas eu acredito que aqueles que realmente se interessaram, buscaram não tiveram dificuldades ao longo da vida.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas?

A3 - Fazíamos. Tudo, tudo era registrado. Tinha o plano de aula, tinha que apresentar o plano de aula. E naquele tempo não tinha esse negócio de um copiar o plano de aula do outro. A gente elaborava o plano de aula mesmo! Conforme a realidade da turma. Por exemplo, eu podia dar aula para três 5^{as} séries, 5^aA, 5^a B e 5^a C, cada uma era uma realidade, então pra cada uma eu tinha um plano de aula. Tinha que ser assim! Tinha o Diário de Classe que você tinha que registrar tudo e tinha mais umas folhas avulsas lá, que naquele tempo tinha que ter e que naquele tempo você tinha que saber preencher, sabe?

PESQUISADORA - Referente aos alunos ou às aulas?

A3 - Aos alunos, às aulas, como estavam sendo, como eram feitas as avaliações, como isso estava mudando no comportamento dos alunos.

PESQUISADORA - Como eram realizados os planejamentos de aula?

A3 - Esses planejamentos era semanais porque eram pra gente trabalhar durante a semana. Você fazia seu plano semanal e daí... além do semanal você tinha um plano anual do que você tinha que seguir, os conteúdos que você tinha, porque vinha, tinha uma lista dos conteúdos e você tinha que obedecer aqueles lá, sabe? Tinha a orientação.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de acompanhamento dos planejamentos realizados?

A3 - Havia. Tinha a Coordenadora Pedagógica que fazia questão de ver e olhar. Tinha também a diretora que também olhava. A diretora adjunta sabe. Elas acompanhavam tudo, viam tudo certinho. Davam visto. Tinham vistos nos nossos cadernos. Datado e tudo mais.

PESQUISADORA - Havia reunião pedagógica? Como eram organizadas?

A3 - Haviam. A gente reunia, a gente discutia. Por exemplo: os alunos que estavam com deficiência, todos eram listados pelos professores. Então eu tinha os alunos A, B e C que não estavam conseguindo. Nessas reuniões a gente com os outros das outras disciplinas e a gente discutia como estava com os diferentes professores os alunos, como era o desenvolvimento dele, se achava que estava desenvolvendo, se estava assimilando, se tinha dificuldades com os demais professores e se conversava muito ou era desleixado nas atividades dele. A gente discutia aluno por aluno. Aconteciam nos finais dos bimestres.

PESQUISADORA - Fora essa de final de bimestre, havia alguma outra reunião de formação, por exemplo?

A3 - Havia. Havia muitas. A secretaria fazia muitos cursos, essa sala mesmo de supletivo que eu peguei, a Secretaria dava muita orientação. Tinha que ir lá fazer os cursos, as vezes era regional e tinha que participar. Era bem legal!

PESQUISADORA - Qual o salário inicial do professor concursado? Havia diferença entre os professores concursados e os que não eram? A Sra falou que, com a separação dos estados os professores foram lotados...

A3 - Efetivados.

PESQUISADORA - Efetivados sem o concurso. Mas havia diferença entre o salário do

professor concursado e o convocado?

A3 - Também não lembro.

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade da época?

A3 - Nossa, a Escola Salomé era a única diversão no aspecto cultural que a cidade de Guia Lopes da Laguna tinha. Os pais vinham para o Ginásio de Esporte, eles faziam muitas apresentações. Era a escola que movia Guia Lopes, era a Escola Salomé com seus eventos e as atividades. A gente fazia muito, muitas atividades mesmo! Isso que eu tinha te falado. Então a escola era muito entrosada em ajudar a comunidade. Não tinha nada para os alunos fazerem então geralmente eles iam pra lá, apresentar, fazer as apresentações, muitos jogos, tinha bastante jogos também. Tinha também a Noite dos Talentos, fui eu quem fiz a Noite dos talentos. Foi muito bonita porque tiveram várias apresentações culturais e todas eram premiadas, essas crianças. Decoramos o ginásio de esportes porque tinham umas que iam desfilar e tinha o júri. Muito organizadinho.

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha na época que trabalhou nesta escola?

A3 - Era ótimo! A Escola Salomé tinha essa classificação, de ótimo! Só que na época eles faziam umas coisas assim meio... como vou te falar... meio estranho. Isso porque tinha a 5ª série A, 5ª série B, 5ª série C e geralmente eles colocavam na 5ª série A todos os alunos que se destacavam, os melhores mesmo. A 5ª série B já era um pouco menos e seu planejamento já tinha que ser um pouco mais flexível, porque eram crianças um pouco mais lentas. Eles tinham esse tipo de coisa. Não sei se era certo ou não, mas faziam.

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade junto à escola?

A3 - Era intensa. Os pais iam, participavam, procuravam participar, saber dos filhos, se integrar na comunidade. Naquele tempo a gente fazia muitas essas festas, fazíamos barraquinhas para angariar fundos e fazer as coisas na escola porque era muito pouca verba que vinha. Então os pais davam, davam vaca pra fazer a festa junina. Davam, faziam doações. Eram bem integrada mesmo a comunidade na escola, a sociedade na comunidade escolar.

PESQUISADORA - Nesse aspecto, a questão de formar os filhos dos fazendeiros, teve alguma contribuição por parte deles à escola?

A3 - Sempre eles ajudavam. Doavam vacas pra gente fazer as... A Balduína mesmo, sempre. Sr. Beil sempre doavam pra gente fazer. Sr. Deamir nos projetos que a gente fazia. Lembro que a gente fazia projetos sobre o rio. Lembro que naquela a gente já fazia projetos sobre o rio Santo Antonio e a dificuldade que tinha. A gente já tinha esse pensamento no futuro. Sr Deamir era um dos que ajudavam, doava camisetas para os projetos, ajudava entendeu? Sempre que chegava nele, ele estava disposto. Ele, Sr. Beil, Dona Balduína e os outros pais que tinham aluno lá na escola sempre estavam prontos a ajudar.

PESQUISADORA - Pode-se afirmar que a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna? Em qual sentido?

A3 - Sim, com certeza. Eu vejo assim, que muito filhos da dali hoje são os professores da nossa cidade, hoje alguns são médicos. Que a gente tem muito orgulho deles. Por exemplo o Juliano da Sônia mesmo, foi aluno nosso. Hoje ele é médico, uma pessoa que está na profissão. E assim foram vários outros. Quantos professores que hoje dão sua contribuição e que vieram da Escola Salomé de Melo Rocha, sabe? E médicos, enfim. E alguns deram contribuições até maiores que pra Guia Lopes, mas para o estado mesmo, como é o caso do Marcelo Loureiro. Marcelo Loureiro foi nosso aluninho ali. Ele não gostava de estudar, ele era meio devagar no estudo, mas a questão dele era a viola mesmo. Entendeu? Ele tinha esse lado. A contribuição foi muito grande. Além de Guia Lopes, dos filhos de Guia Lopes assumirem alguns comandos hoje e com bastante capacidade porque a gente vê assim os professores e tudo, sabe?

PESQUISADORA - Quais os momentos mais importantes da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha enquanto trabalhou lá?

A3 - Eu acho que quando a gente fazia esses eventos mesmo, que levava toda a comunidade. Esses desfiles que a gente fazia do arromba mesmo, você entendeu? Então a gente fazia pra gente conseguir mexer mesmo na sociedade, com a comunidade, tipos desafio, de incentivo para que a juventude crescesse e evitasse o caminho das drogas. Era um trabalho que a gente fez muito para ajudar os jovens a não entrarem para esse lado. Era o motivo que a gente fazia na escola aquela época, de vez de deixar eles ficarem ociosos, a gente investia bastante no esporte, na cultura no lazer, nas viagens. Eles faziam viagens também, fora, excursões. Sabe, tinha muito isso!

PESQUISADORA - Essas viagens e excursões eram financiadas pela própria escola, a comunidade colaborava ou os próprios alunos?

A3 - Era os alunos, a comunidade. Geralmente a gente fazia. Nunca teve dinheiro para esses fins e nem para roupas e trajes, confecção por exemplo do Menudo, tinham as baterias e as coisas deles. A gente fazia isso. A comunidade ajudava, os pais ajudavam, a gente fazia algumas promoções pra poder conseguir.

PESQUISADORA - A Escola Estadual Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna? Por quê?

A3 - Era porque os pais queriam que os filhos estudassem lá. Eles já tinham isso na hora que ia fazer a matrícula dos filhos a preferência era lá porque tinham em mente essa rigidez do ensino, a qualidade do ensino, que era uma qualidade melhor e o investimento cultural que a escola tinha também era melhor, esportiva. Então ela era uma referência sim.

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a Escola de antigamente e de hoje?

A3 - Eu acho que devido as circunstâncias do mundo hoje é um pouco diferente. As crianças hoje já vem da família um pouco esquecidas pelos pais, talvez por causa da evolução do tempo, da velocidade com que as coisas acontecem. Então hoje, a própria família, ao longo da caminhada foi perdendo um pouco o seu poder de família, sua estrutura de família. E isso repercute dentro da escola. A escola de ontem era a escola que os pais dominavam mais os filhos, que mandavam pra escola, que você podia fazer uma reunião de pais e mestre e poder falar pra eles “Seu filho precisa melhorar aqui e ali” e o pai e a mãe tinham o poder de atender você e fazer aquela criança suprir aquela dificuldade. Hoje eu acho um pouco diferente porque devido as circunstâncias as crianças ficaram muito soltas e dentro da sala de aula eles já não atingem mais aqueles objetivos que antes a gente tinha. Eu acho que nesse aspecto, hoje, a escola perdeu um pouco aquela qualidade e capacidade que tinha de antigamente.

PESQUISADORA - A Sra. Acredita que hoje a Escola Salomé de Melo Rocha ainda é uma referência?

A3 - Já houve momentos de os pais optarem por outras escolas, de mudar. E uma coisa que talvez deixa a Escola Salomé de Melo Rocha ser uma referência hoje, é pela centralidade dela. Lá embaixo a gente já percebia desde quando eu dava aula, a gente percebeu ao longo do tempo que fomos perdendo os alunos de 1ª série e de educação infantil por causa que a população lagunense está mais localizada aqui para cima. Então os pais, devido a distância e circunstâncias eles estão optando por outras escolas como o Basílio Barbosa, o Alziro Lopes, que hoje são escolas que tem muito mais alunos que a Escola Salomé. Então, a escola foi perdendo isso devido a centralidade. Lá no centro a gente quase não tem mais crianças. As crianças estão quase todas pra cá, nos bairros. Elas não descem lá. Se a Escola Basílio Barbosa me oferece o ensino infantil os pais colocam ali. Hoje com essa creche que tem aí, hoje é tudo diferente, então os pais optam por essas escolas que também são escolas de qualidade, escolas boas hoje.

PESQUISADORA - Você tem algum comentário, críticas ou sugestões a acrescentar?

A3 - Eu trabalhei na Escola Alziro, na Escola Salomé. Eu cheguei a ser diretora adjunta em um período da Escola Alziro Lopes em um período também lá para trás, era uma escola que a gente fazia tudo para ela crescer e ser uma escola melhor, mas devido, naquela época à sua localização (que era aqui em cima), era uma escola muito alvejada, não tinha muro, não tinha nada. Era muito alvejada por vandalismo e desrespeito. Hoje a qualidade dela é muito boa, é outra. As coisas mudaram. Eu já dei aula na Escola Agrícola, que me convidaram, mas o meu coração é Salomé.

PESQUISADORA - Se a Sra encontrar algum documento, como o diário oficial e puder me emprestar para xerocopiar, eu agradeço. Ou se lembrar de algo por favor, me avise.

A3 - Eu guardava tudo, as poesias dos meus alunos, tinha umas quatro pastas preta com os meus planejamentos, mas esses dias eu coloquei tudo no lixo. Eu até pensei “Vou dar essa pasta para alguma escola que eles podem utilizar”, mas eu pensei que hoje as coisas mudaram tanto, a internet está tão evoluída que eu acho que eles não vão precisar e coloquei no lixo. Deu uns quatro sacos de lixo!

PESQUISADORA - Será que não sobrou nenhum?

A3 - Eu vou dar uma olhada, mas eu carregava. Eu mudei pra Campo Grande, fiquei dez anos em Campo Grande e minhas pastas, minhas coisas, as poesias dos meus alunos. O dia que o Airton Senna morreu a gente fez um Airton Senna enorme na fachada da Escola e tinha uns alunos que pintavam, todos que pintavam fizeram. A gente colocou uma mensagem linda pra ele. Quando o Maradona ganhou na seleção, que ganhou do Brasil, a gente fez uma homenagem bem bonita para o Maradona. Fizemos poesia, eu fazia muitas poesias. Eu tinha algumas poesias guardadas dos meus alunos, inclusive eu tinha uma poesia da Escola Salomé. Inclusive se eu achar essa poesia da Escola Salomé eu vou arrumar pra você. Era uma poesia bem antiga que falava das qualidades da escola, era muito bom! Eu vou dar uma mexida e vou ver o que eu acho pra você.

PESQUISADORA - Eu agradeço muito a entrevista que a Sra me concedeu. Esses resgates históricos acrescentam muito e está enriquecendo a pesquisa.

A3 - E aí você pode ver as fotos e você talvez possa fazer uma campanha na internet pedindo se alguém tem fotos ou documentos dessa época para te emprestar, para você fazer uma cópia. Porque tem muita gente que tem, eu não vou falar quem tem, mas, a Dona Célia pode ter, a Balduína da Raquel ela tem, das coisas que a Raquel fazia desse teatro, que a Raquel fez da “Alice no país das Maravilhas”. Foi muito bonito! Da Raquel Vargas. Esse da Alice no país das Maravilhas foi fantástico, os trajes, a gente procurava fazer iguais os trajes, para poder ficar bem igual. Os alunos naquela época tinham muito... a gente motivava bastante eles e eles se organizavam sozinhos. Eles chegavam e diziam o que estavam pensando em fazer. Eu deixava minha coordenadora, que era Conceição, eu deixava minhas coordenadoras bem loucas dentro da escola, porque eu fazia tudo, me enchia com tudo, era teatro, dança, vivia fazendo isso com eles. Então eles ficavam motivados e corriam atrás. Época muito boa.

PESQUISADORA - Eu quero agradecer mais uma vez!

A3 - É um prazer. Eu vou ver o que eu posso recolher das minhas coisas para te fornecer. É um prazer! A Escola Salomé de Melo Rocha teve uns nomes que você vai achar melhor na escola, as designações que ela foi tendo ao longo do tempo.

PESQUISADORA - Quando a Sra estudou ela já era Salomé de Melo Rocha, onde ela é hoje?

A3 - Ela não era lá. Era aqui no salão paroquial da igreja católica, no salão do lado eram salas de aula. Tinha os banheiros, tudo. E a gente estudava ali. Nesse tempo a gente era aluno, depois a Dona Salomé começou essa escola e deixou ela quase no término. O governo veio e fez uma proposta pra ela, negociou, encampou a escola, terminou e colocou o nome de Escola Salomé de Melo Rocha, porque era ela que estava fazendo essa escola. Aí a Escola

Visconde de Taunay foi só a escola do início.

PESQUISADORA - Então a Escola Salomé de Melo Rocha é a Escola Visconde de Taunay?

A3 - É. Foi encampada.

PESQUISADORA - E a Sra. estava falando dos banheiros. Como era essa Escola Salomé de Melo Rocha?

A3 - Que era Visconde de Taunay?

PESQUISADORA - Isso. Que era a Visconde de Taunay.

A3 - Eram banheiros tipo privadas, não era esse banheiro com vasos e tudo. Era um banheirinho para as meninas e um para os meninos, mas era de madeira e tinha o buraco que era privadinha que a gente usava. Tinha as salas de aula, que tinha os professores, tinha o recreio. Era tudo ali. Era o espaço que tinha. Aquele quadro que tem ali da igreja servia para a escola funcionar. Tinha outra escola também que era a Manoel de Melo, que era na Igreja Presbiteriana. Essa escola era da Dona Salomé. Que era ela que organizava essa escola. Essa Manoel de Melo era a escola que a Dona Salomé estava fazendo para ela colocar lá no Salomé de Melo Rocha. Depois, pois tudo pra lá, foi todo mundo pra lá. A Visconde de Taunay e a Manoel de Melo (que era o nome do pai dela), mas essas informações bem certinha é a Dona Célia que te dá. Essas informações se você conversar um pouquinho com a dona Célia, porque ela era minha professora, então ela lembra com maior clareza da Manoel de Melo e da Visconde de Taunay. Eu era criança nessa época!

PESQUISADORA - A Sra. não tem foto de quando era aluna?

A3 - Eu tenho. Eu tenho com algumas turmas do Salomé. Eu vou ver o que eu ainda tenho de fotos e te forneço. Eu lembro dessa transição porque eu era criança, era aluna. Só lembro que tinha essas duas escolas e que depois, lembro da Salomé em construção até na altura das janelas que já estavam prontas, quando a Dona Salomé estava fazendo com o dinheiro da comunidade e dela. Era ela que fazia toda a escola e depois que o governo veio, viu o tamanho e a dimensão da escola, a necessidade. Aí resolveu encampar. Não tenho certeza, mas foi o Pedrossian que fez isso.

ANEXO 10- Entrevista 7: C1

Segmento	Comunidade
Codiname utilizado	C1
Idade	69 anos
Data da entrevista	02 de julho de 2018

PESQUISADORA - Qual o nome da senhora completo e qual a data de nascimento?

C1 – Meu nome é C1, 03/2/1950.

PESQUISADORA – Se a senhora fosse classificar a sua classe social, qual dessas seria?

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | Classe E (renda familiar até R\$1254,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe D (renda familiar de R\$ 1255,00 até R\$ 2004,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe C (renda familiar de R\$ 2005,00 até R\$ 8640,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe B (renda familiar de R\$ 8641,00 até R\$ 11261,00) |
| <input type="checkbox"/> | Classe A (renda familiar acima de R\$ 11262,00) |

C1 - E difícil!!! Não acha que é difícil a gente...

PESQUISADORA - É para nos ajudar a mapear a comunidade e entender se a escola atendeu a elite da sociedade, se ele atendeu classe média, as pessoas que ele teve relação né, com essa escola como elas estão hoje.

C1 - Hoje eu não sei de nada delas, nem um da minha família estuda mais lá, quando tem alguém da família a gente sabe, então eu não sei.

PESQUISADORA - A senhora estudou até que série?

C1 - Eu estudei o ensino médio. Mas terminei o técnico no Alziro Lopes, já era adulta já tinha quarenta anos.

PESQUISADORA - Então você estudou até o ensino médio e terminou na Escola Alziro Lopes. A senhora começou a estudar em qual instituição?

C1 - Eu estudava quando era criança, eu estudava na Escola Visconde de Taunay.

PESQUISADORA - A Sra. estudou na Escola Visconde de Taunay? E em que local ficava essa escola?

C1 - Ficava ali no salão paroquial da igreja católica.

PESQUISADORA - E essa foi a primeira escola?

C1 - Não sei, mas quando eu me dei por gente já tinha essa escola, já tinha o Alziro Lopes, mais não sei qual fundou primeiro. O Salomé foi depois que acabou o Visconde Taunay aí começou o Salomé. Aí os alunos foram todos pra lá e fechou Visconde de Taunay.

PESQUISADORA - Então a Escola Salomé de Melo Rocha não era a Visconde de Taunay?

C1 - Eu creio que não, por que trocou de nome.

PESQUISADORA - Mas todos os alunos da Visconde de Taunay foram pra lá? Como se fosse uma sequência, uma herança?

C1 - Foram, fechou e abriu lá e eles foram para lá. Isso foi em 1968 que abriu o Salomé, que começou a funcionar.

PESQUISADORA - E até então, até 1960 tinha Visconde de Taunay?

C1 - Isso, Visconde de Taunay.

PESQUISADORA - E a senhora lembra qual era os professores?

C1 - Da minha época... Eu lembro que a diretora era a Dona Laurinda. A minha professora

eu lembro mais ou menos, tinha uma que chamava Nezinha, e ela e viva e mora em Jardim. Nairsa era o nome dela mais a gente chamava de Nezinha. E tem o seu Augusto também que é vivo e que mora aqui. Eu não sei se na época era municipal ou estadual a Visconde de Taunay. Eu não sei, mais eu creio que era estadual.

PESQUISADORA – O que a Sra. lembra que época estudou na Escola Visconde de Taunay?

C1 - Foi de 1959 a 1963. Eu já fui grande já para a escola (risos).

PESQUISADORA - Certo, então a senhora conheceu a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha ainda quando tinha Visconde de Thomé?

C1 - Eu não sei quando construiu o Salomé.

PESQUISADORA - A senhora lembra alguma coisa sobre essa transição da Escola Visconde de Taunay para a Escola Salomé?

C1 - Eu não lembro não, por que na época eu já era casada e morava em fazenda. Eu não lembro muito. Eu só lembro que foi em 1968 por que foi quando a minha filha nasceu e eu tinha meus irmãos caçulas que estavam estudando e eles falaram “hoje a gente vai mudar de escola, a Salomé de Melo Rocha”, e foram para a escola nova. Ai depois em 1976 eu fui morar lá. Mas eu não estudei lá, só morei lá quatro anos.

PESQUISADORA - Qual era a sua função na Escola Salomé de Melo Rocha?

C1 - Eu só morava lá por que meu marido era porteiro então tinha que um casal morar lá por que era tudo aberto, não tinha nada. Aí a gente morava dentro da escola.

PESQUISADORA - E como foi morar dentro de uma escola? A senhora não era funcionaria, a Sra era mulher do caseiro, mas a senhora assumia alguma função?

C1 - Então no começo eu vendia lanche para as crianças, depois me contrataram para trabalhar eu trabalhei um ano e eu saí. Eu mudei por que já estava ficando pequena a casa eu tinha duas meninas e eu me mudei e ele ficou, ai já muraram tudo e já quase a noite não precisava muito ficar lá, pois já tinha os muros e era mais seguro.

PESQUISADORA - Nessa época que a senhora morou lá foi de 1976 a 1980?

C1 - É.

PESQUISADORA - Quais eram, os níveis de ensino que a escola oferecia para a comunidade?

C1 - Ai! Eu não lembro. Tinha o ginásio, o pré. É, já tinha a noite.

PESQUISADORA - Já tinha o pré a senhora falou?

C1 - Até minha filha quando chegou lá tinha 5 anos e não podia fazer o pré ainda, tinha que esperar os 6 anos. E ela fazia 6 anos em julho, aí não dava mais tempo.

PESQUISADORA - Naquela época era muito rigoroso?

C1 - Era.

PESQUISADORA - A senhora conheceu alguém que foi professor, diretor da escola já que morou ali dentro. Existe algum ex diretor dessa época que a senhora morou lá que ainda é vivo?

C1 - Diretor eu acho que não. Da época que eu estudei na Visconde de Taunay? Não. Que era a Dona Laurinda e faz pouco tempo que ela faleceu lá em Campo Grande.

PESQUISADORA - Como era considerado ensino na escola estadual Salomé de Melo Rocha?

C1 - Olha não sei dizer direito, mas ela era uma escola muito boa, tinha muita aparência na época.

PESQUISADORA - Como assim muita aparência?

C1 - Assim, os professores eram muito exigentes, o ensino muito bom. Das minhas filhas, uma estudou lá e elas aprenderam, por que tinha que estudar e estudar!

PESQUISADORA - Os alunos que eles atendiam, eram de que nível social? Classe alta, classe baixa, classe média?

C1 - Era tudo misturado, por que naquela época lá no centro tinha criança. Então já era cheio e do Alziro Lopes já era mais pra cá. Essas vilas aqui (se referindo as vilas periféricas de Guia Lopes), era pequena a cidade. Não existia essa vila aqui (Vila Coahb) e nem essa escola (Escola Basílio Barbosa). Eram só essas duas escolas, as crianças daqui ficavam no Alziro e as crianças do centro ficavam no Salomé.

PESQUISADORA - E onde tinha mais alunos?

C1 - Eu creio que era no Salomé.

PESQUISADORA - Por ser um centro, local onde havia mais comércios, bancos... as crianças das famílias mais abastadas da cidade estudavam lá no Salomé ou no Alziro?

C1 - Um pouco era lá, outro pouco era aqui. Tinha muita criança daqui de cima que descia lá para estudar.

PESQUISADORA - Por que?

C1 - Não sei. Eu aqui do Alziro não conhecia nada. Depois quando eu estudei, aí eu conheci um pouco.

PESQUISADORA - E que ano a Sra. estudou no Alziro?

C1 - Em 1990.

PESQUISADORA - Como a Escola Salomé de Melo Rocha era vista pela comunidade? O que as pessoas falavam dessa escola?

C1 - Você sabe por ser antigamente, hoje já não tem mais essa questão de sociedade. Ela era vista como a melhor escola. Eles tinham rixa entre as duas escolas.

PESQUISADORA - Porque lá era considerada uma escola da Sociedade?

C1 - Da sociedade.

PESQUISADORA - E aqui no Alziro, não?

C1 - Aqui era do bairro, da vila.

PESQUISADORA - A comunidade contribuía para a escola? Se ajudavam de alguma forma, como eles participavam?

C1 - Assim, ajudava nos dia das mães, fazia uma festinha para as mães. Quando a gente chegou lá, as crianças tomavam água direto da torneira e a diretora era nova, recém tinha entrado então ela queria mudar para as crianças não beberem mais água da torneira. Então ela pediu que a comunidade doasse filtros de água, e a comunidade ajudou. Filtro de barro. Todas as salas tinham uma.

PESQUISADORA - E quem fazia essas doações? Todas ajudavam ou era as famílias que tinham mais posses?

C1 - Quem mais ajudou foi as famílias que tinham mais posse. Eu lembro até hoje a Floriza, não sei se você ficou sabendo da Floriza. Velhinha que ela tá. Ela doou. Eu lembro que ela chegou e entregou pra mim. Ela não tem filhos, nunca casou, mas era rica, muito rica. Então ela doava.

PESQUISADORA - Quem era a diretora a senhora lembra?

C1 - Era a dona Neusa Barbosa.

PESQUISADORA - Pode se afirmar que a Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento da cidade?

C1 - Olha não sei te responder essa questão.

PESQUISADORA - Hoje em dia a senhora sabe a importância dessa escola para a sociedade?

C1 - Atualmente eu não sei nem como está o ensino, nem sei quem são os professores, quem rege o ensino da escola.

PESQUISADORA - Entendo, a senhora perdeu um pouco a relação com a escola.

C1 - Sim por que o tempo passa vai trocando de diretor, os professores vão se aposentando, vão chegando outros aí eu nem sei quem são os professores hoje, só sei quem é a diretora só.

PESQUISADORA - Mais a escola na época era uma referência em Guia Lopes da Laguna

na época? Era uma boa referência?

C1 - Sim, era uma boa referência.

PESQUISADORA - A senhora lembra como a escola era em relação ao prédio, em relação a organização das crianças, a rotina da escola quando a senhora trabalhou lá?

C1 - Olha, na época ainda podia exigir da escola, né? Hoje já não pode mais. O ensino era muito bom, a estrutura em si era boa tinha assim a aula técnica de plantio com horta, aula de ensinar a fazer doce, bolo.

PESQUISADORA - Ensinava para todos? Ou só para as meninas?

C1 - Ensinava para todos. Essa era a parte de culinária. As crianças tinham a obrigação naquela época, principalmente com a horta, de chegar e cuidar da horta, regar com o regador etc. Eles que cuidavam.

PESQUISADORA - Era o professor mesmo que fazia com eles essa manutenção ou vinha alguém de fora?

C1 - Não, não, eram os próprios professores. Até tinha a professora Teodócia, mais ela já faleceu.

PESQUISADORA - Eu me lembro. Eu tive a honra de conhecê-la. A senhora tem alguma crítica, alguma história ou comentário para contar dessa época que a senhora viveu dentro da escola?

C1 - É conheci, eu aprendi muita coisa por que toda vida morei na chácara do meu pai, eu era muito nova, só quando eu vim com as crianças para pôr na escola que eu vim para cá. E aí a diretora era conhecida nossa e tinha saído o guarda que morava lá e chamou a gente para ir morar com ela. Foi bom aprendi muita coisa, conheci muitas pessoas, fiz muita amizade. Eu achava que elas eram muito boas. Ela se dava com minhas filhas, tinha toda intimidade. Elas iam na secretaria quando não sabiam a tarefa, elas conversavam com o secretário lá e ele ajudava.

PESQUISADORA - A senhora lembra quem era o secretário?

C1 - Era o Abrão. Tinha minha comadre que agora mora em Campo Grande, tinha a Nezinha, a professora Messias. A irmã da professora Nairza era professora leiga aí ela ficou na secretaria, a professora Messias.

PESQUISADORA - A senhora tem alguma foto dessa época que a senhora morou lá?

C1 - Olha da escola eu não tenho. Naquela época era só preto e branco ou foto de binóculos. As professoras devem ter. Eu sei que elas faziam a Festa Junina. Até por que a escola era pequena só tinha cinco salas, depois fizeram mais duas. Tinha o auditório também.

PESQUISADORA - Para que era usado esse auditório?

C1 - De primeiro era para fazer teatro essas coisas, aí depois virou sala de aula. Porque foi ficando mais alunos e virou sala. Ficou para o EJA, os adultos que usavam o auditório.

PESQUISADORA - Bacana, isso ninguém tinha me falado ainda. A EJA tinha aula no auditório? Que ano mais ou menos isso?

C1 - Foi entre 1978 e 1979. A Zilda que dava aula lá no auditório. Recém ela estava começando a dar aula lá.

PESQUISADORA - Quando era a Visconde de Taunay como era a organização dos alunos na escola?

C1 - Era rígido heim! A gente tinha que ir de uniforme impecável!

PESQUISADORA - E como era o uniforme da escola?

C1 - A blusa era branca, e uma saia frisada azul e a gravata. Só que na época era mais pobrerio, mais pessoas de baixa renda, hoje em dia já está diferente. Antigamente iam descalço. Aqueles que podiam iam de uniforma, aqueles que não tinham uniforme, eles iam com a roupa que tinham e descalço.

PESQUISADORA - Já na época do Salomé de Melo Rocha não era assim?

C1 - Na época que eu morei lá não. Aí já ia de uniforme quem queria, quem não queria não

ia. Então não exigia mais o uniforme a não ser no desfile. Eu lembro que uma vez eu fui na escola, fiquei estudando lá. Aí um dia a diretora me chamou e perguntou meu nome, minha idade, quando eu nasci, mas eu disse que não sabia. Eu mesma não era matriculada, pensa! Fiquei mais de um mês estudando sem matrícula. Perguntava para a professora por que não me chamavam na chamada. Só depois que conversei com a diretora ela pediu meu registro e só depois que eu fui ser matriculada e que ela me colocou na chamada.

PESQUISADORA - Isso acontecia muito?

C1 - Não sei... mas comigo aconteceu!

PESQUISADORA - Então a senhora ficou mais de mês sem estar na lista de chamada.

C1 - Sim fiquei, e a professora nem percebeu.

PESQUISADORA - Tinha muitas crianças em sala?

C1 - Sim tinha bastante, era bem cheio.

PESQUISADORA - E os livros como eram, tinham livros ou não?

C1 - Não tinha livros, era cartilha. Mas seguiam certinho. Era A-E-I-O-U. Daí vinha o AS-ES-IS-OS-US. E aprendia ou aprendiam mesmo. E os meninos, tinham decorar aqueles pontos enormes.

PESQUISADORA - Como era organizada a escola no espaço físico? Eram quantas salas, como elas eram?

C1 - Eram bem bonitas, as paredes boas, de material, o banheiro era privada. A merenda era leite, as cozinheiras cortavam lenha no machado para fazer o fogo para esquentar o leite para bebermos.

PESQUISADORA - E como era feita a avaliação dos alunos?

C1 - Era de comportamento e a nota das provas. E reprovava mesmo, se não alcançou a média não passava mesmo, e naquela época não tinha recuperação, se conseguiu bem se não conseguiu ficava mesmo.

PESQUISADORA - E os professores não faziam nem um processo para recuperar?

C1 - Não, era apenas a prova. Você fez a prova deu certo, passou, não deu certo ficou! Era mais difícil, a gente tinha que estudar mesmo, não podia brincar, não podia conversar. Era a época do tal “amarrava o cachorro com linguíça” as carteiras eram de 4 lugares, não tinham nem como colar do outro, nem tinha como conversar.

PESQUISADORA - Eram aquelas carteiras conjuntas?

C1 - Era. Tipo esse meu banco de madeira. Cabia quatro crianças. E só escrevia e eu nunca coleí. Tinha aluno que tentava copiar, mas nunca conseguiam.

PESQUISADORA - A professora era muito rígida?

C1 - Sim, não podia nem olhar para trás, não podia emprestar lápis. Era muito rígido ou aprendia ou desistia. Hoje tá tudo muito fácil, tem trabalho, recuperação só não estuda quem não quer.

PESQUISADORA - Tinha tarefas diferentes ou era só a cartilha?

C1 - Era só a cartilha mesmo. E no sábado a gente ia pra fazer desenho. No sábado. Aí veio pra sexta-feira, mas aí acabou. A gente estudava o 1º ano A, depois o B, depois o C. Aí que ia pro 2º, 3º e 4º.

PESQUISADORA - Tinha três primeiros anos? Mas com turmas diferentes?

C1 - Não. Eu fiz o 1º ano A, passava para o 1º ano B. Depois eu fui para o 1º ano C. Do 1º ano C ia para o 2º ano. Por isso que antigamente, no meu pensar” que antigamente o professor da 3ª série já podia até ser professor. Essa Messias mesmo, era professora. Porque aprendia rápido. O primeiro ano era alfabetização mesmo, não era pra ficar desenhando não. Quando ia para o segundo já sabia, era tipo doutorado, já!

PESQUISADORA - Além da sala de aula diferenciadas além da sala de aula?

C1 - Não, era apenas a sala de aula mesmo.

PESQUISADORA - Qual era os momentos mais legais da escola quando a senhora estudou

na escola?

C1 - Olha não tinha assim momentos legais, apenas o desfile, mais a gente só saia para treinar pro desfile, a gente treinava no pátio, era aberto e fechado de arame farpado. Fora isso as únicas comemorações era o dia da árvore, dia das mães. Dia das mães a gente cantava pras mães, treinava e cantava para as mães. Dia da árvore a gente entregava mudinha, falava poesia. Essas eram as únicas atividades diferentes que a gente tinha.

PESQUISADORA - E os conteúdos da sala de aula, como as professoras explicavam os conteúdos?

C1 - Era tudo no quadro, elas iam escrevendo e explicando.

PESQUISADORA - Elas usavam algum material diferente ou era só na lousa mesmo?

C1 - Só na lousa mesmo. Aí depois vinha o ditado que valia nota.

PESQUISADORA - Bom, eu agradeço foi um prazer ouvir as lembranças da senhora. Muito obrigada!

ANEXO 11 - Entrevista 8: C2

Segmento	Comunidade
Codiname utilizado	C2
Idade	89 anos
Data da entrevista	22 de agosto de 2018
<p>PESQUISADORA - Bom dia Sr. C2. Vamos fazer uma entrevista e suas contribuições serão muito importantes.</p> <p>C2 - Eu fui criado no sertão da Bahia sem pai e sem mãe. Mãe eu não conheci, pai vim conhecer aqui no Mato Grosso com 28 anos e a Maria tinha 7. No entanto aqui não tem mágoa de ninguém. Eu viva a vida que só tenho a agradecer e reclamar nada. Eu tenho com 90, tenho filhos, netos, dói aqui, dói ali, tenho filhos, netos, mas não abuso de nada e de ninguém não.</p> <p>PESQUISADORA - Qual o nome do senhor completo e qual a data de nascimento?</p> <p>C2 - C2. Minha data de nascimento de baiano. Eu sou do dia 12 de julho de 1929, mas o meu documento é do dia 15 de maio de 1929. Fiz 89 em maio, mas vontade de viver eu to com 30.</p> <p>PESQUISADORA – Como o Sr. virou Juiz de Pais?</p> <p>C2 - Eu fui nomeado.</p> <p>PESQUISADORA – E o que fazia um Juiz de Pais?</p> <p>C2 - Eu celebrava casamento e aconselhava intriga de vizinho. Só que quando eu celebrava um casamento eu avisava que ali era o juiz porque eu não podia rir. Mas tinha uns casos que dava vontade. Na época me nomearam, e depois quiseram me tirar pra colocar o Xibiu, dono de uma churrascaria ali em baixo e eu descobri. Eu passei um telegrama pra Cuiabá, pedindo a minha renúncia. Chegou Sebastião Nunes da Cunha que era Deputado e pediu para reconsiderar o telegrama e ficar como Juiz de Pais. Foi a minha sorte, que me limpei do Geraldo. Porque naquela época só quem escapou do Geraldo foi a família Barbosa. A família Pereira, o Antonio Pereira vendeu as fazendas Madeira, Volta Grande e Rio feio e 500 vacas com cria pra salvar do Geraldo.</p> <p>PESQUISADORA – E quem era esse Geraldo?</p> <p>C2 - Era o dono do Frigorífico. Fui Juiz de Pais 40 anos e me aposentei por idade. Me aposentei pelo comércio também.</p> <p>PESQUISADORA - Qual a formação do Sr.?</p> <p>C2 - É primário mesmo. Eu me reprovei na 1ª série do Ginásio. Eu cheguei aqui em Guia Lopes em 46 e fui pra Campo grande para estudar.</p> <p>PESQUISADORA - Então o Sr. veio para cá em 1946?</p> <p>C2 - É, 1946. Viajamos 25 léguas a pé donde nós morava na Lapa do Bom Jesus pra pegar o vapor. O que estou te contando não é piada não. E naquela época tinha uma versão que dizia o seguinte “O caminho de Mato Grosso não sei como não afunda de tanto passar baiano com malote na cacunda”. Mas já tinha uns parentes que já moravam aqui e cheguei aqui e fui para Campo Grande pra aprender a assinar meu nome com 17 anos de idade no Osvaldo Cruz em Campo Grande que meu primo morava lá. Em 1949 eu me reprovei na 1ª série do Ginásio e vim para passar férias aqui pra voltar pra fazer 2ª época da 1ª série do Ginásio que o dono do Colégio era o Luiz Alexandre Oliveira e queria que eu estudasse. E naquela época esse olho era 16 graus e o outro era 12. Usava um óculos que falavam que era fundo de garrafa. Aí vim em Guia Lopes, ali na esquina tinha um bar do Pequeno e a Sra. do Pequeno saiu com uma moça pra eu dançar uma peça. Naquela época todo mundo dançava por causa da igreja</p>	

Batista e quem disse que eu voltei pra fazer 2ª época. Essa moça era filha de fazendeiro, do Pinto Pereira irmão do finado Ranulfo. E a turma falava o que era essa moça com esse rapaz e não tinha nada vezes nada. Um dia o irmão dela falou pra mim arranjar um jeito de fazer terno que iriam fazer o casamento. Você calcula a situação. Eu fiz um terno e casei e vivemos 52 anos e só arrumei amigos aqui. Fui Juiz de Pais durante 40 anos em Guia Lopes, de 1967 a 2006. Ficou velho já viu, tem que fazer pé de meia enquanto é novo. Entrou governo, saiu governo e ninguém mexeu comigo. Só fiz amigos. Vivo aqui e onde chego é uma atração porque pra mim o respeito é tudo. Eu escutei que o melhor medicamento pra humanidade é rir. Por isso to sorrindo a braçadas (risos). Alguém me perguntou qual o segredo de viver assim sorrindo e eu disse que é aceitar a vida como ela é. Essa casa vivia cheia de gente, hoje só vive eu, vou reclamar? Não. Só agradecer. Eu vivo aqui tranquilo.

PESQUISADORA - Como estamos trabalhando com pesquisa foi estabelecido algumas perguntas que deverão ser respondidas. Qual a sua classe social?

C2 - Eu só tenho a aposentadoria e aluguel do escritório ali. Mas passa de R\$ 2.000,00.

PESQUISADORA - Em que ano o Sr. conheceu a Escola Salomé de Melo Rocha?

C2 - O ano que cheguei aqui. Conheci em 1946. Eu vim conhecer a escola quando eu já estava estabelecido aqui nos anos 50.

PESQUISADORA - Nessa época ela já chamava Escola Estadual Salomé de Melo Rocha ou tinha outro nome?

C2 - Já era Salomé de Melo Rocha. Eu não me lembro se tinha outro nome.

PESQUISADORA - O Sr. Lembra os níveis de ensino oferecido pela escola nesta época?

C2 - Eu não lembro não.

PESQUISADORA - o Sr. teve alguma ligação com essa escola? Alguém que estudou lá? Visitou alguma vez?

C2 - Sempre estava junto. Tinha jogo de futebol. A minha filha estudou lá.

PESQUISADORA - O Sr. conheceu algum diretor ou professor da escola na época?

C2 - Sempre conheci, mas não lembro dos contatos. O Reinaldo me explicou como eu ia viver as coisas. Nos anos de 1970 eu tive 17 dias e 17 noites no hospital com meningite e foi tanto remédio que fiquei com uma falha na cabeça. Só que eu esqueço as coisas.

PESQUISADORA - Como a escola era vista pela comunidade?

C2 - Boa, muito boa.

PESQUISADORA - Qual a classe social dos alunos atendidos pela escola?

C2 - Toda a comunidade.

PESQUISADORA - Como o Sr. acha que a Escola Salomé de Melo Rocha contribuiu para a formação da cidade?

C2 - Ela contribuiu no que foi possível, no que estava no alcance dela.

PESQUISADORA - O Sr. acha que ela foi importante para Guia Lopes da Laguna? Por que?

C2 - Eu acho porque educação é tudo. O aprendizado é tudo.

PESQUISADORA - A Escola Salomé de Melo Rocha foi uma referência na cidade?

C2 - Acredito que sim porque é fundamental o ensinamento e na época era exigido esse ensinamento.

PESQUISADORA - O Sr. conheceu a Escola quando ela era Escola Visconde de Taunay?

C2 - Não lembro.

PESQUISADORA - O Sr. conheceu a Sra. Salomé de Melo Rocha?

C2 - Demais. Ela era esposa do Lino Rocha. O Lino Rocha era da maçonaria. Ela era considerada como cunhada. Uma pessoa importante. Ela trabalhou com relação com as escolas. Mas não posso te falar nada.

PESQUISADORA - O Sr. sabe muito sobre a cidade e a formação dela. Gostaria que o Sr. me falasse do crescimento de Guia Lopes da Laguna.

C2 - O que aconteceu é que Guia Lopes no princípio tinha vencido a concorrência com Jardim pelo Banco do Brasil e DETRAN e foram construído primeiro aqui. Acontece que os prefeitos de Guia Lopes na época, os que não foram presos foram para Bolívia. Infelizmente! O Banco do Brasil foi construído ali na esqueci e o correio. Laucídio Grubert construiu o prédio para receber o banco. Qual o fazendeiro que faz isso hoje? Olha como Guia Lopes está hoje. O Prefeito danou tudo. Guia Lopes começou a decair quando Deamir perdeu a eleição para o Caetano. Não lembro o ano. Primeiro foi nomeado Basílio Barbosa foi nomeado. O “Toia” que ganhou a primeira eleição, Ovídeo Francisco Bertola. É uma brincadeira mas primeiro candidatou o Ovideio, o Rosario, o Cabrália que era o padeiro e o Amélio Barbosa. Então na campanha política. Diziam o seguinte: O Ovideio tinha posto de gasolina, o Rosário açougue, o Cabrália padaria e o Barbosa não tinha nada. A turma dizia o seguinte: “O Ovídeo dava a gasolina, o Rosário o pão. O Cabral dava o pucheiro e o Barbosa a mão. Oh parente!” (risos).

PESQUISADORA - A família Barbosa é grande aqui.

C2 - (Risos) Naquela época, na primeira eleição foram eleitos 5 vereadores e eu fiquei de suplente do Arruda, pai do Reinaldo. Tentaram colocar

PESQUISADORA –

C2 - Naquela época, a primeira eleição foram eleitos 5 vereadores e eu fiquei de suplente do Arruda, pai do Reinaldo. Quiserem por o Severino Felix da Silva de secretário da Câmara. O Arruda falou pra não por que não era pra por que ele ia assumir sem onerar a prefeitura. Ele assumiu e eu assumi como vereador. Eu fui o 2º presidente da Câmara de Guia Lopes da Laguna, pra nunca mais. Eu quero sossego.

PESQUISADORA - Em que ano isso aconteceu?

C2 - 1958.

PESQUISADORA - Quais escolas já existiam?

C2 - Tinha o Salomé, o Alziro Lopes. Não te falo com certeza, mas já tinha.

PESQUISADORA - A Sra. Salomé tinha uma escola nessa época?

C2 - Tinha ali, a Escola Salomé. Na eleição passada me falaram pra candidatar, mas eu não quis. Que pela minha popularidade eu entrava, mas eu não quis. Mas eu não quero saber. Quero dormir sossegado.

PESQUISADORA - Quando o senhor mudou aqui em Guia Lopes tinha a CER-3? Qual a influência para a cidade de Guia Lopes da Laguna?

C2 - Diz a história que era aqui em Guia Lopes, mas eles mudaram porque aqui alagava.

PESQUISADORA - Tinham muitas festas na Escola Salomé de Melo rocha?

C2 - Tinha sim. Mas antigamente Guia Lopes e Jardim era muito intrigado. Não se misturavam. As famílias das duas cidades não se misturavam. Hoje está um pouquinho melhor.

PESQUISADORA - Qual a sua opinião sobre a Escola Estadual Salomé de Melo rocha hoje em dia?

C2 - Eu não sei te falar. Estou um pouco fora, estou um pouco separado das coisas. Mas sempre tem um nome, é um nome atrativo mesmo. Uma referência.

PESQUISADORA - O senhor acha que hoje, mesmo tendo outras escolas, ela continua sendo uma referência?

C2 - Sim, continua.

PESQUISADORA - Tem algum comentário, crítica ou sugestão que o Sr. queira fazer?

C2 - Não tenho não.

ANEXO 12- Entrevista 9: C3

Segmento	Comunidade
Codiname utilizado	C3
Idade	66 anos
Data da entrevista	28 de junho 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o seu nome completo e data de nascimento? C3 – Meu nome é C3. Nasci em 08/05/1952</p> <p>PESQUISADORA - A senhora quando eu cheguei começou a me contar que vocês recebiam instruções por memorando. Todos os meses cumpriam as exigências passo a passo aqui em Guia Lopes? C3 - É, esse memorando tinha uma exigência e um prazo, sempre era determinado o tempo. Isso é o que eu sinto muita falta na educação ou seja de ter que ser cumprido e nesse prazo já ter resultado, é isso não tem. Tem a lei. A lei discute muito e as vezes o direito não observa isso e não cumpre também. As vezes o diretor tenta cumprir e ele vai ver já extrapolou o tempo. Lá em Mato Grosso não tinha isso. Havia a Alda Figueiró que era a secretaria de educação do estado de Mato Grosso e também tinha vínculo com Guia Lopes. Nós tínhamos congresso duas vezes ao ano janeiro e julho, era para todos: professores, diretores, secretários. Todos deviam estar lá e nós recebíamos as instruções cada um na sua função. Era algo muito sério. Você vindo do congresso você tinha a tarefa de fazer cumprir e relatar para o estado o procedimento que você estava tomando.</p> <p>PESQUISADORA - E esses relatos eles era passados por meio de cartas? C3 - Por cartas, no caso ofício, eles mandavam o memorando e nos também e essa era a nossa comunicação há mais sincera possível era uma fidelidade e isso era muito bonito, ai a região toda nos trabalhávamos assim, fazíamos visita e a Neudes era diretora e ela fazia cumprir muito bem ela tinha no caso essa seriedade embora eu sinta assim que essa fidelidade que você observou que existiu na escola é porque ela tinha um temperamento muito harmonioso assim com professor , como a comunidade era algo bom, era gostoso a gente chegar na escola Salomé de Melo Rocha, a gente era bem recebido era aquele clima gostoso. Ele cumpria.</p> <p>PESQUISADORA - A senhora foi supervisora do ensino? C3 - Fui, lá tinha departamento financeiro, tinha departamento pedagógico, tinha da parte de patrimônio ou seja tinha três departamentos. A agência não tinha muita gente, mais as pessoas era selecionadas muito bem. E a função era a mais sagrada que tinha para que a pessoa cumprisse o seu dever, era bonito, era tão gostoso. Aliás eu trago isso para minha vida de hoje. Eu relato isso para os professores e eu também tenho algumas coisas ainda que eu herdei de Mato Grosso. Me atualizo, mas o que dá resultado a gente persevera. Embora o Colégio Dom Bosco tenha sua filosofia, a gente agrupa algumas coisas, por exemplo: Passo a passo. Isso é uma coisa que aprendi, fazer uma exigência passo a passo. Eu tenho como princípio assim. Desde o princípio da vida a gente começa com alimentação. A gente se nutre com feijão e arroz. A gente morre comendo arroz e feijão. Porque é saudável para vida. Eu considero isso como o feijão e arroz do nosso trabalho (mostrou uma folha referente a organização do planejamento). Eu apresento para os professores novatos. Para ele se conduzir porque vejo hoje as faculdades. Elas trabalham a graduação e não a formação. A Pedagogia do trabalho fica a desejar. Como trabalhar para estabelecer o conteúdo... encontramos muitos professores com essa dificuldade. A didática e metodologia está muito fraco na profissão do professor. Você precisa “cuidar e educar” segundo a lei da educação. E</p>	

o professor não sabe fazer isso. Ele entra em sala achando que vai tratar um assunto sem antes acolher seu aluno, sem antes ter um olhar, sem ter um sentimento vinculando-o com a outra pessoa. Criança é assim. Primeiro você cria uma empatia com a criança, no máximo uns 10 minutos, depois a criança acolhe tudo que é proposto. Mato Grosso, na época da divisão do estado, a gente trouxe muito forte isso. O Amarin que era governador na época e também tinha essa visão e acolheu essa linha que o MT tinha, mas Mato Grosso tinha, mas depois não conseguiu implementar essa proposta. Mas depois veio o Wilson Barbosa Martins que foi um governador que trabalhou muito com a gente. Tínhamos estudo de reflexão 1 vez por semana sobre filosofia e sociologia, todos os diretores na agência de ensino e depois saímos para fazer esse trabalho de reflexão nos municípios que atendíamos (Guia Lopes, Jardim, Nioaque, Bela Vista, Porto Murtinho).

PESQUISADORA - Vocês levavam esses estudos de estudo de reflexão para as escolas?

C3 - Levávamos sim. E ninguém era dispensado. Fazíamos grupos diferentes. Estudos com os diretores, secretários, serviços diversos, professores. Isso criava uma harmonia e uma relação entre nós elevando o nível de ensino. Isso é algo que se perdeu. Eu quero reverenciar a Escola Salomé de Melo Rocha porque na região ela foi muito expressiva na região e até os dias de hoje, no sentido de contribuir com a comunidade.

PESQUISADORA - Nessa época que a senhora era supervisora de ensino, a Escola Salomé de Melo Rocha ela atendia que tipo de classe social?

C3 - Olha, ela atendia a comunidade de Guia Lopes toda, independente e sem distinção. Era a escola referencial e eu não via se tinha alguma coisa de classificatória.

PESQUISADORA - Havia diferenciação?

C3 - Não, não.

PESQUISADORA - Ela era uma referência na região?

C3 - Ela era a escola da cidade né e então atendia a comunidade geral. Depois que surgiu o Alziro Lopes. E como a escola da cidade, ela atendia toda a comunidade.

PESQUISADORA - A senhora lembra quais os níveis de ensino que ela atendia?

C3 - Ela já atendia do ensino fundamental e o médio. Escola normal.

PESQUISADORA - Logo que a senhora começou o atendimento no Salomé ela já o curso normal?

C3 - Já. Tinha contabilidade e o Magistério.

PESQUISADORA - A senhora lembra o nome da escola na época, já era escola Salomé de Melo Rocha?

C3 - Sim já era. Nessa época já era e se ela teve algum outro nome foi nos anos 70 acredito eu.

PESQUISADORA - Então quando a senhora atendia lá toda essa época foi a diretora Neudes?

C3 - Isso.

PESQUISADORA - E nessa época como era considerado o ensino na escola?

C3 - Era considerada um ensino de qualidade, tinha bons profissionais. Nessa época já tinha Banco do Brasil e tinha muitas pessoas que trabalhavam no Banco e davam aula ali. Naquele tempo podia mas eram os contratados. Tinha o professor que vieram de Mato Grosso e os contratados que eram engenheiros, os que trabalhavam no banco e essas pessoas contribuíram muito com a Escola Salomé em Guia Lopes. Eles elevavam muito o nível da escola.

PESQUISADORA - Como a escola era vista pela comunidade?

C3 - Era uma referência.

PESQUISADORA - Qual era a participação da comunidade na escola Salomé de Melo Rocha? Era uma participação ativa? Tinha algum meio de doação?

C3 - Naquela época existia o Caixa escolar e todo mundo pagava essa taxa. Ela era mensal.

Tinha o boletim, todos pagavam e a escola sobrevivia com esse dinheiro. Não vinha verba e a escola utilizava esse dinheiro para a merenda escolar e tudo que fosse necessário. Era um bom valor e com isso pode se dizer que a comunidade era solícita à escola e reconhecia o valor da escola.

PESQUISADORA - Pode-se afirmar que a Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento da cidade?

C3 - Sem dúvida. Por isso que ela existe até hoje.

PESQUISADORA - Qual a sua opinião sobre a Escola Salomé de Melo Rocha de quando a senhora era supervisora e hoje em dia?

C3 - Não sei direito. Não sei, devido a nova estrutura da educação pública eu não posso dar minha opinião porque não conheço o trabalho atual deles. Todas as escolas fazem propostas pedagógicas. O que vejo é que muitas vezes ela não é implementada como deve. Deve-se ter muito conhecimento sobre a Educação para que essa proposta não se torne uma proposta pedagógica de gaveta. Eu sempre falo para os professores assim: Se a Bíblia é nossa base cristã, o Regimento escolar deve ser nossa base educacional. Você precisa saber o que diz para tomar as atitudes. E muitos professores não conhecem. Não sabem o que pode e o que não pode. O que cabe a mim e o que cabe ao aluno. O que cabe ao professor e aos pais. O professor deve saber seu papel e sua função. Eu não posso permitir que um pai venha aqui e queira dominar o professor. Ele sabe o conteúdo mas não sabe a política educacional. O professor que não conhece ele cede aos pais e alunos porque não conhece a política educacional. Isso o professor tem que saber e conhecer. Não dá para saber tudo, então eu faço um resumo para os professores. O aluno se guia muito pelo professor. É necessário que o professor tenha o passo-a-passo. Se o professor não entender e não fizer isso ele está fadado.

PESQUISADORA - Onde posso encontrar os memorandos que a Sra. relatou?

C3 - Quando Bela Vista fechou a agência, cada escola recebeu os documentos que eram seus por direito. Depois que fechou a agência, fui convocada a ser diretora de escola em Bela Vista.

PESQUISADORA - Quero agradecer pela entrevista de hoje.

C3 - Quero dizer que é muito importante a identidade da gente. Fico triste com as professoras porque elas não prezam o título de professora. Na escola eu sou Professora Floriana, na sociedade eu sou Sra. Floriana e em casa eu sou Floriana. Não pode misturar e perde a identidade. A professora fala pode me chamar de você e quando o aluno faz algo a professora não tem o respeito do aluno. As pessoas fazem comentário sobre os professores porque ele não dá o respeito. Não deve atender pais em mercado ou outros lugares. Deve dizer aos pais o procurarem em horário de serviço na escola. Eu quem agradeço e quando quiser vir tomar um cafezinho comigo venha.

ANEXO 13- Entrevista 10: P1

Segmento	Ex- Professores
Codiname utilizado	P1
Idade	78 anos
Data da entrevista	26 de maio de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o nome da senhora completo? Qual a data de nascimento da senhora?</p> <p>P1 - Meu nome é P1. Nasci 04 de agosto de 1940.</p> <p>PESQUISADORA - Em que data a senhora se formou?</p> <p>P1 - Olha me formei em Ponta Porã, no Colégio Auxiliadora, faz muito tempo, eu tinha 22 anos, ai eu comecei a dar aula lá em um Colégio Municipal que eu trabalhei.</p> <p>PESQUISADORA - Lá em Ponta Porã? A Sra. fez o Normal? A senhora foi normalista? Em que ano a senhora trabalhou na Escola Salomé?</p> <p>P1 - Eu era normalista. No Salomé eu entrei e me aposentei com 25 anos de serviço no Salomé. Isto porque já tinha meu tempo de Ponta Porã. Vim transferida de lá para cá. Trabalhei uns 3 anos lá depois vim para o Salomé, a partir de então não sai mais de lá, me aposentei no Salomé. As pessoas vem me perguntar, ‘‘Mas, e o Salomé?’’, e eu falo ‘‘Ah, o nosso Salomé não é mais como era antigamente!’’</p> <p>PESQUISADORA - A senhora era concursada?</p> <p>P1 - Não</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano a Senhora mudou-se para Guia Lopes da Laguna, a senhora foi professora na Escola Salomé de Melo Rocha?</p> <p>P1 - Primeiro de tudo, eu entrei como inspetora, cuidava de alunos, ajudava no Diário Oficial. Depois que faltaram alguns professores e eu dei aula, eu e a Diva Rocha, na mesma sala. No início mesmo do Salomé eu não morava aqui, mas quando eu comecei a trabalhar aqui ainda não era Salomé de Melo Rocha, era Visconde de Taunay.</p> <p>PESQUISADORA - A senhora lembra o ano em que foi?</p> <p>P1 - Eu não lembro, eu tinha tudo no papel no ano que foi tudo sabe, mas eu perdi. Não sei se a Leonor passou para o Izaque ou ficou quando ela morreu, eles puseram fora. Um dia ela falou pra gente escrever alguma coisa pra nós pôr no Museu, porque disseram que iam fazer um museu. Porque era época de umas barraquinhas, que eu ajudava ela. Aí nós fomos em uma fazenda, lá perto de Bela Vista plantar mandioca. Aí ela teve essa ideia, aí eu fui na casa dela e ela anotou quando começou, porque toda vida ela morou aqui, quando começou a Visconde de Taunay, tudo. Quem inaugurou, tudo ela tinha anotadinho no papel. Eu não sei que fim levou este papel, eu tinha uma cópia do papel e eu revirei meu guarda-roupa. Com a reforma da minha casa. O Roni meu filho, jogou tanta coisa fora que não era para jogar no tempo da reforma, de certo ele jogou tudo junto. Mas depois de Visconde de Taunay que ela passou à Salomé de Melo Rocha. Mas era uma época boa, era um colégio que foi muito bom, os alunos eram muito obedientes, que hoje em dia não são, né? Mas antigamente eram, professores bons, diretores bons, Dona Laurinda, comecei com ela muito boa. Ela era muito boa. Eu comecei com a Dona Laurinda.</p> <p>PESQUISADORA - A senhora sabe se ela ainda é viva?</p> <p>P1 - Não, ela morreu ano passado. Depois da dona Laurinda, a diretora foi a Neudes Barbosa Bertola, depois foi Oraci Bertola, Oraci deve saber muita coisa do Salomé, você conhece ela?</p> <p>PESQUISADORA - Não, não conheço.</p>	

P1 - Ela mora lá em uma chácara, esposa do Eitor Bertola. Mas ela também foi uma ótima diretora, ai foi a Edi. Foram poucas diretoras, mas todas que passaram por lá foram muito boas. Hoje é a Telma que dizem que é muito boa também. Mas se eu me lembro bem, no início do Salomé, o Augusto foi diretor também, ele mora lá em Jardim com a filha dele, ela dá aula no Girassol. Augusto Ferraz. Ele foi diretor lá durante um tempo. Porque a direção era assim, entrava um de repente por questão política saía entrava outro, mas Dona Laurinda foi a que ficou até aposentar e ela era uma diretora boa. Todos respeitavam ela, os alunos, todos.

PESQUISADORA - A senhora lembra em quais turma a senhora lecionou?

P1 - Na minha época era assim, tinham muitos professores e como eu precisava trabalhar, a Dona Laurinda me ofereceu um cargo de inspetora e como eu precisava tive que aceitar, ai eu trabalhei mais ou menos uns oito anos de inspetora ali. Tinha muitos professores que estavam mudando pra cá, que eram professores e eram concursados. Aí depois disso fui dar aula em uma classe, de uma sobrinha da Dona Salomé, que dava aula na mesma classe, eu e a Diva. Ai eu sai de lá e fui trabalhar na secretaria do Colégio. Eu trabalhava lá, tinha o secretário. Eu ajudava o secretário, fazia os livros de ponto, tudo. Foi nesse meio tempo que me aposentei. Pra não perder o emprego, pegava o que vinha né?

PESQUISADORA - Que ano a senhora se aposentou?

P1 - Então eu não lembro exatamente, estava tudo anotado, até procurei os papeis mais não encontrei. Eu tinha este papel, com a data de quando entrei e quando me aposentei. Procurei ontem a noite mais a gente fica meio ‘desbaratinado’, tem horas que a gente não lembra de nova. Antigamente a gente recebia pelas autorias, não é como hoje que vem no seu nome pelo banco, as vezes ficava todo mundo em um apuro. Era ali que fazia o pagamento dos professores, de tudo. Tinha uma mulher que trabalhava, era ela que fazia os pagamentos. O dinheiro vinha direto pra ela e ela distribuía os cheques pra gente. Não é como hoje que vem direto no seu nome no banco. Não, antigamente você recebia pelas autorias. A Dilma que trabalhava ali. Se eu visse ela chegando de longe sabia que ia ter pagamento. Ali na prefeitura velha, só que a porta era para o lado de lá. Quando eu cheguei aqui já era... essa mulher morreu na semana retrasada. Ela fazia o pagamento mas tinha um Senhor chamado Félix, mas não lembro do quê, que ele que fazia os pagamentos de todos os funcionários do estado.

PESQUISADORA - A senhora trabalhou na Escola quando ainda era Visconde de Taunay?

P1 - Visconde de Taunay era aqui na igreja, onde é o salão hoje da igreja. A igreja era por ali e o salão todo era Visconde de Taunay. Era grande, tinha uma, duas, três... tinha três classes; três matutino, três vespertino e três noturno. Depois passou para o Salomé, no prédio novo, que era o Salomé. Continuou sendo a mesma diretora, os mesmos funcionários, mesmos professores, mesmos alunos. Não teve modificação nenhuma. Só não continuou quem quis ir para outro lugar. E lá que começou a trocar as diretoras era Laurinda depois foi a Edi Vargas também diretora lá, a Oraci Bertola, a Neudes Bertola, todas foram diretoras lá. Depois voltou a ser a dona Laurinda novamente, porque nesse meio ela tinha tirado licença por conta de problemas de saúde, ai ela quis se aposentar, se aposentou e foi embora para Campo Grande e morreu ano passado.

PESQUISADORA - E quantos alunos atendiam na escola?

P1 - A escola atendia muitos alunos, na matutino havia de ser no início uns 200 alunos.

PESQUISADORA – “Aqui” que a senhora fala na Visconde de Taunay?

P1 - É! Ai passou para Salomé e foi a mesma coisa, porque naquela época para os alunos irem para o Alziro Lopes era difícil, porque tinha que atravessar via e era sujo, as ruas tinham muito mato. Tinha mães que não podiam levar e ficavam com medo de deixar ir só as crianças e deixava no Salomé mesmo, ai matutino e vespertino era quase isso. Mais noturno era mais porque tinha o primeiro grau, segundo grau, tinha secretariado. Ao todo, tudo tudo,

devia ter uns 800 alunos. Salome toda vida conservou com 800 a 1000 alunos. Hoje em dia não sei, mais deve ser mais ou menos isso porque o pessoal gosta muito do Salomé! Muito bom!

PESQUISADORA - Qual a faixa etária dos alunos naquela época?

P1 - Olha as idades variava muito, tinham alunos de 6 anos, alunos de 7,8,9 anos, porque naquela época eram juntos, hoje em dia não, tem salas separadas, tinha o pré, hoje em dia não tem pré, quem tem 7 anos já vai para o primeiro ano direto, antigamente não. Tinha muito aluno. Toda vida foi de muito alunos o Salomé.

PESQUISADORA - Quais os níveis de ensino que ofertava, durante o dia era ofertado educação infantil, ginásio, primário...

P1 - Durante o dia era até o quarto ano, durante a noite tinha o ginásio, tinha segundo grau e tinha uma classe de técnico, de contabilidade, mas acabou tudo, nem sei porque, mais acabou e ficou somente a turma do primeiro ano vespertino, de segundo ano em diante vespertino e de manhã só as crianças pequenas, noturno era segundo grau e o técnico. Teve uns dois anos só de magistério.

PESQUISADORA - Teve poucas turmas? E esse de secretariado e contabilidade durou bastante tempo então?

P1 - Durou pouco tempo, um ano ou dois, tinham uns meninos que faziam mas eles foram abandonando e ai foram para Jardim.

PESQUISADORA - Qual era o nível social das famílias dos alunos?

P1 - Tinha filhos de fazendeiros, tudo estudava ali. Muitos hoje que estão formados, até médicos formados hoje foram alunos do Salomé, alguns que até já morreram, como o Dr. Alfredo, a filha do Milton Pereira que se chamava Raquel estudou no Salomé a vida toda, tinha níveis altos e baixos. Sempre teve mais baixos, a pobreria era muita.

PESQUISADORA - Mas a elite de Guia Lopes estudava no Salomé?

P1 - Estudavam no Salomé, depois que terminavam o segundo grau iam para Jardim fazer Normal ou contabilidade, tinha também os pontos de estrada também em Jardim, aí eles prestavam vestibular e iam embora daqui.

PESQUISADORA - E como era organizada a rotina da escola, em relação a horários, aula, merenda e recreio?

P1 - Horário certinho, datas certas, tinha recreio e merenda. Tudo em horário certo e tinha tudo no horário certo. Não ficava nada pra depois, tudo tinha seu horário certinho.

PESQUISADORA - E as aulas, era um professoras para todas as matérias?

P1 - Cada matéria tinha seu professor, matemática tinha o seu professor, português também, história, quem dava aula de história dava de geografia também, as vezes tinham um professor para duas matérias, mais geralmente todos tinham sua matéria.

PESQUISADORA - Como que eram utilizados os livros didáticos e como eram os livros?

P1 - No início tinha que comprar, mais depois com as trocas de governo, eles começaram a mandar os livros.

PESQUISADORA - E onde compravam os livros?

P1 - Comprava aqui mesmo na livraria, o marido da Dona Celia tinha uma livraria ali ao lado do correio, e ele que vendia os livros.

PESQUISADORA - Vocês faziam registros das aulas?

P1 - Fazíamos sim, todas as aulas dadas eram registradas. A Dona Laurinda costumava todos os fins de semanas revistar todos os diários para ver se as aulas estavam mesmo registradas.

PESQUISADORA - Então era registrado no diário de classe?

P1 - Sim, no diário de classe.

PESQUISADORA - E o professor tinha mais algum registro, cadernos...

P1 - Tinha vários cadernos de aulas, planos de aula. Tinha que ter o plano de aula porque

dona Laurinda passava visto em todos os planos de aula, tinha que ter.

PESQUISADORA - E era feito anual ou por bimestre?

P1 - Semanal, toda semana. Ai que passou né, mais antigamente era semanal. Tinha uma senhora, não sei se ela era coordenadora geral de Mato Grosso do Sul, o nome dela era Enil, ela era de Bela Vista e nossa região pegava ela, não era bem coordenadora, era uma espécie de supervisora. Ela era dura, vinha todo mês, revistava, parava com a Dona Laurinda. Ela revistava todos os livros dos professores para ver se estava em dia, para ver se estava bem feito, faltando alguma coisa. Todos os planos de aula tudo. Quando ela ia vir ela já avisava a dona Laurinda, e ela registrava tudo, não deixava um, foi muito bem organizado. Hoje em dia não sei como é.

PESQUISADORA - E as avaliações dos alunos, como eram?

P1 - Muitas vezes os professores mesmos davam as notas, se a nota era boa ou não, os alunos eram mais educados também.

PESQUISADORA - Mais eram provas?

P1 - Provas. Sim, todo bimestre, os professores corrigiam e davam nota. Os pais que vinham pegar, não entregavam para os alunos não, os pais pegavam as notas do filho e ali pegando as notas os professores já conversava com os pais se tinha alguma reclamação ou algo a dizer, tinha um dia certo que eles se reuniam lá no auditório, o pessoal do Salomé, mais os pais iam pegar as provas, notas, boletim e se tinha alguma reclamação já era dito também.

PESQUISADORA - Como uma reunião de pais?

P1 - Sim.

PESQUISADORA - Então como eram os planejamentos de aula, eram feitos semanalmente e eram revistados?

P1 - Sim, era passado o visto, a Dona Laurinda olhava tudo, tim tim por tim tim. Dona Laurinda Caxias, não deixava passar nada. Mas era um ótima diretora!

PESQUISADORA - Tinham reuniões pedagógicas?

P1 - Sim, havia.

PESQUISADORA - Como elas eram, o que era trabalhado nessas reuniões?

P1 - Nossas reuniões pedagogias, como eu era da secretaria eu não frequentava, mais tinha uma vez ou duas por mês tinha reunião as reuniões pedagógicas, Dona Laurinda fazia. Só quando ela estava meio doente, ruim ela não comparecia, mas em todas as reuniões ela estava, e se ela não gostava ela (áudio sem compreensão).

PESQUISADORA - A senhora foi concursada?

P1 - Não, nunca fui concursada. Quem me colocou no colégio foi o sobrinho da Dona Laurinda, não sei hoje ele morreu ou é vivo, um deputado com nome de Figueiró, e ele que arrumou para mim.

PESQUISADORA - E existia professor convocado naquela época?

P1 - Existia.

PESQUISADORA - E era o mesmo nível de salário, ou tinha diferença?

P1 - Não, era o mesmo porque era o mesmo estudo. Era o mesmo.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de plano e cargos de carreiras para os profissionais da educação?

P1 - Havia, quem quisesse fazer curso iam em Bela Vista ou Aquidauana.

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade da época?

P1 - Tinha uma importância muito boa. Toda vida dona Laurinda foi excelente diretora, toda via fazia as festinhas. Hoje em dia que não tem, mas ela organizava as festas, tudo direitinho.

PESQUISADORA - Como eram essas festas, para que serviam?

P1 - Elas arrecadavam dinheiro, hoje o governo manda mais antigamente não tinha condições, faltava caderno para os alunos, lápis, borracha, livro, tinha alunos que não podia dar uma lição, tinha que pedir livro emprestado um do outro. Então fazia uma arrecadação e

comprava para os alunos que não tinha caderno e livros, ela comprava e entregava em um pacote para os alunos que não tinham.

PESQUISADORA - Então a escola foi importante para a comunidade?

P1 - Foi importante.

PESQUISADORA - Em que sentido a senhora acha que contribuía com a cidade?

P1 - Com tudo, na época foi importante porque ela sondava muito os alunos, não deixava eles fumarem, porque hoje em dia estão fumando. Naquela época ela não deixava, ela entrava e conversava com os alunos porque lá não podia ser porque era ruim para eles e para a comunidade, era um mau exemplo para cidade.

PESQUISADORA - E como era considerado o ensino na época, bom, péssimo, regular, ótimo...

P1 - Era ótimo, os alunos aprendiam tanto. Tinha aluno que saía daqui no segundo grau e ia por ai e saía tudo ganhando na frente, a maioria desses meninos que são formados por ai tudo foram todos alunos do Salomé, fizeram o segundo grau ai que foram para fora, para fazer um vestibular e todos passaram, acho que nunca ficou um aluno que não conseguiu passar, todos passaram, ela tinha um orgulho do colégio dela porque os alunos respeitavam. Tinha aluno já moço! Uma vez tinha um aluno já moço estava fumando lá em frente ao colégio e ele deu uma olhada e falava “ Lá vem a dona Laurinda” e ele jogava e pisava para não deixar sinal do cigarro, e ela não era uma diretora carrasca, acho que era o meio de lutar pelos alunos e eles respeitavam muito

PESQUISADORA - E como era a participação da comunidade junto à escola?

P1 - Era boa, hoje em dia acho que nem vão participar muito, mais era bom, participavam, se ia fazer uma festinha para arrecadar um uniforme, livro ou um caderno para o aluno, toda comunidade ajudava, montavam barraquinha, faziam ajudavam, trabalhavam, vendiam, compravam e levava para lá, hoje em dia não tem mais, acabou.

PESQUISADORA - Pode se afirmar que a escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento da cidade de Guia Lopes da Laguna? Em qual sentido?

P1 - Em tudo, era só falar em qual lugar você estuda, Salomé em todo lugar em que você ia Salomé era bem respeitado, nos estudos e tudo.

PESQUISADORA - Para a senhora que trabalhou lá mais de vinte anos, quais foram os momentos mais importante da escola?

P1 - Acho que em tudo, gostava muito na fiscalização da Enir. Para mim era muito importante porque ela vinha, vistava. A dona Laurinda como diretora também, os professores também, no momento muita coisa eu já nem sei mais.

PESQUISADORA - Então a gente pode dizer que a escola Salomé de Melo Rocha era uma referência em Guia Lopes da Laguna?

P1 - Era uma referência sim.

PESQUISADORA - E porque a senhora acha que ela era vista como uma referência?

P1 - Falo que era porque tudo que fazia o Salomé estava sempre envolvido, sempre ficava em primeiro lugar. Se precisava de uniforme para os alunos eles estavam atrás, professores, diretor iam atrás, procurava, sempre que precisava de livros eles procuravam, se precisava de carteira, giz, quadro eles iam atrás, apesar de que hoje nem tanto porque o governo cede muito! Antigamente o governo ajudava mais.

PESQUISADORA - E qual sua opinião sobre a escola de antigamente e a de hoje?

P1 - A de hoje eu quase nem vou lá não convivo, mais vejo falar, tem pessoas que sempre lembra bem o Salomé, dizem que é muito boa, que a diretora do Salomé é excelente. Vejo sempre muita gente comentar, eu conheço ela mais não participo de nada porque em seguida que minha mãe veio para cá agora faz uns 12 anos a gente não pode nem sair para participar de nada porque ela é doente, tem que cuidar dela, mas vejo falar que o Salomé é muito bom ainda. Esses dias mesmo não sei quem estava comentando comigo que o Salomé é bom, a

diretora. Conheço a diretora mais quase nem converso com ela porque eu não saio e então não vejo ela.

PESQUISADORA - A senhora tem algum comentário, critica, quer acrescentar algo que não perguntamos?

P1 - Não, não tem nada não.

PESQUISADORA - A senhora não tem nem um documento, fotos daquela época?

P1 - Pois é eu tinha, quando começaram a construção do Salomé, eu tinha foto da construção, dos pedreiros, mais eu não sei, esses dias eu perguntei para o Roni “Cadê aquela caixa das fotografias antigas, e ele disse que não sabia, disse que eu tinha jogado fora para fazer limpeza e a maioria eu tinha jogado fora”, não achei nada.

PESQUISADORA - Que pena, se a senhora encontrar a senhora poderia deixar eu ver, porque é tão difícil encontrar as imagens, as vezes algum documento, algum caderno de professor ou algum relatório, as vezes a gente acaba guardando e se a senhora encontrar algo e puder me ceder eu xeroco e devolvo.

P1 - Vou procurar ainda isso, fiquei brava que eu dei para o Roni, acho que ele jogou tudo minhas coisas fora, estava em uma caixa, eu não acho nem a caixa mais, que ele se juntou com uns pedreiros eu sai e eles foram fazer faxina na casa, foi tanta coisa fora.

PESQUISADORA - Sra. A1 eu agradeço muito a entrevista, vou deixar meu telefone com a senhora, se a senhora lembrar de algo ou quiser falar algo eu agradecerei muito, porque eu acho muito importante essa troca, quanta coisa tem a história e se perde no tempo.

P1 - Você vai escrever um livro?

PESQUISADORA - Então, meu primeiro objetivo é a escrita da dissertação. Muito obrigada!

ANEXO 14- Entrevista 11: P2

Segmento	Ex- Professores
Codiname utilizado	P2
Idade	82 anos
Data da entrevista	26 de maio de 2018
<p>PESQUISADORA - D. P2, este é o Termo de consentimento livre e esclarecido, que fala o nome da minha pesquisa, que vou gravar o áudio e essa cópia do TCLE ficará com a senhora. Este é meu telefone e vou pedir que a senhora preencha por favor pois é uma exigência. Depois sua assinatura dizendo que a senhora aceita participar da pesquisa</p> <p>P2 - Depois eu vou ler com calma!</p> <p>PESQUISADORA - Se precisar é só falar que venho até a senhora para explicar tudo. Serão algumas perguntas. Se a senhora quiser falar alguma coisa para acrescentar, tudo bem, porque o importante são as lembranças e vivências que a senhora possui, as vivências que a Sra. teve. A senhora foi professora ou diretora?</p> <p>P2 - Professora. Eu fui professora. Naquela época não tinha pré escolar, já começava com alfabetização, fui alfabetizadora muitos anos depois dei aula na 7ª e 8ª série. Não tenho exato o tempo que fiquei como alfabetizadora, depois eu comecei a dar a aula de 5ª a 8ª.</p> <p>PESQUISADORA - Qual o seu nome completo e sua data de nascimento?</p> <p>P2 - P2, 29/01/37.</p> <p>PESQUISADORA - Em que data a senhora se formou?</p> <p>P2 - Não tenho exato quando eu me formei, mas foi mais ou menos em 1984 porque eu estudei. Quando eu comecei trabalhar aqui na nossa região a maioria dos professores eram leigos e eu fiz todinho o meu curso trabalhando. Fiz o Magistério, mas não chamava magistério, chamava Normal, Escola normal e depois o governo ... A maioria dos professores não tinha curso superior. No governo de Pedro Pedrossian, mandou a extensão, naquela época não era Universidade Federal, era Estadual. Veio de Campo Grande uma extensão do curso, depois em Jardim, para habilitar os professores que já estavam trabalhando, então fiz o curso de Estudos Sociais. Mas eram vários cursos, de Ciências Sociais, Geografia, História. Vou contar, mas algumas pessoas não vão entender. Naquela época tinha a Formação Licenciatura Curta e Plena. Essa extensão veio pra Jardim para a habilitar os professores e era a licenciatura curta. Estou falando para você conhecer minha formação. Daí eu fiz a licenciatura Curta. A gente estudava nas férias. Naquela época as férias era dezembro, janeiro, fevereiro. De março em diante que começava as aulas. A gente estudava e quando era de outro município recebia uma bolsa para poder se transportar, se alimentar. Por isso tive essa oportunidade boa para me habilitar no curso superior. Fiz Estudos Sociais, na nossa região naquela época habilitava para lecionar História, Geografia, Educação Moral, OSPB, uma variedade. O professor era polivalente e eu era uma dessas polivalentes. Daí nós recebemos o diploma dessa licenciatura curta. Já melhorou tanto o nosso conhecimento e eu desde criança amei estudar. Pra mim aquilo era uma verdadeira beleza, sonho. Eu tive essa oportunidade, sempre tive uma pessoa pra me ajudar, os filhos eram tudo pequeno ainda, todos. Não eram tão criança, mas ainda tinha. Como ia deixar a casa. A gente ficava o dia todo e a noite pra poder receber o mínimo de conhecimento para poder exercer melhor a profissão. Ai surgiu uma outra oportunidade. Em Aquidauana tinha a faculdade, Universidade Estadual, ainda não era Universidade Federal, era Estadual, depois que ela passou, não lembro a datas. Eu optei fazer Geografia, de final de semana, sexta à noite e sábado fazia a faculdade. Ai fiz um ano e meio e tive que parar devido a canseira,</p>	

pois trabalhava a semana inteira e de sexta a tarde ia pra lá, estudava sexta à noite, sábado o dia todo estudávamos lá e domingo nós voltávamos. Eu não aguentava mais. Naquela época o Brasil oferecia, hoje também oferece mais de uma forma diferente, oferecia esses cursos, as faculdades no Estado de São Paulo, curso à distância. E nós íamos fazer o curso a distância de mês em mês a gente ia lá para fazer provas e receber orientações. E assim na Faculdades Integradas Rui Barbosa em Adamantina terminei meu curso de Geografia. E outros professores terminaram em outros municípios do estado de São Paulo, como Maria Odila em Ciência. Mas ela foi em outro município do Estado de São Paulo.

PESQUISADORA - Em que ano a senhora trabalhou na Escola Salomé?

P2 - Eu trabalhei desde... a data certa não me lembro muito bem, mas vamos por ... porque eu comecei a trabalhar como professora em 1959 só que não era o Salomé. Era outra escola... parecia escola rural. Trabalhei pouco tempo lá. Em 1963 comecei no Salomé e me aposentei em 1994 que me aposentei. Mas eu não trabalhei só no Salomé porque em 1990 existia a Agência Regional de Ensino. Alguns professores das escolas eram requisitados para trabalhar na Agência, na formação da gente. Eu trabalhei nesse setor de Estudos Sociais e atendia as escolas da região. Eu era auxiliar, não era das primeiras, mas eu me lembro que era auxiliar e a gente visitava Bela Vista, Porto Murinho e Bonito através desta agência onde prestava este serviço e dava esta assistência. Parece que agora tem um órgão parecido aí em Jardim.

PESQUISADORA - Qual era a função de vocês nesta agência?

P2 - Era atender os professores, orientar, ver o trabalho dos professores, cada um na sua habilitação, como História, Geografia, Estudos Sociais juntos e outros em Ciências.

PESQUISADORA - A senhora foi concursada?

P2 - Fiz um concurso, fui aprovada em Geografia, mas esse concurso pra mim eu fiz mas a maioria dos professores não fizeram porque veio uma lei. Como disse para você, existia uma lei, quando o estado dividiu aqueles professores que já estavam estabilizados por tempo de serviço e não tinha mais problemas. Vieram pessoas para que nós assinássemos os papéis e ficasse documentado e segura no Estado. Eu prestei um dos primeiros concursos em Geografia, não me lembro o ano, nesta região e fui aprovada mas não precisou eu mexer com papéis. Eu fiz por opção mas não precisava.

PESQUISADORA - Quais turmas a senhora lecionou?

P2 - Eu dei aula do nível de 1 a 4. Naquele tempo era assim falava ginásio que abrangia de 5ª a 8ª. Dei aula de 5ª a 8ª. Depois foi criado o Magistério aqui. Dei aula no Magistério.

PESQUISADORA - Qual era o nome da escola nesta época?

P2 - Na época que eu lecionei no Salomé?

PESQUISADORA - Sim.

P2 - Quando iniciei dar aula parece que era Visconde de Taunay no salão paroquial. Procura conhecer. Como são as coisas! Eu podia ter um registro de toda essa minha história, mas nunca pensei. Eu era para ter todos os registros, mas não guardei e alguns eu esqueci. Eu nunca pensei em registrar. Nem minha filha registra. Uma hora vou pedir para ela, pode um dia precisar.

PESQUISADORA - Quando a senhora começou ainda aqui era Visconde de Taunay no salão paroquial?

P2 - E depois dali eu dei aula aqui nesse Visconde de Taunay.

PESQUISADORA - A Sra. deu aula no Visconde de Taunay?

P2 - Dei.

CLÁUDIA - Então, quando a Sra. começou, no Salomé era ainda Visconde de Taunay?

P2 - Essa Visconde de Taunay que depois virou, ficou só Salomé. Ela só transferiu de lugar. Foi isso mesmo. Assim que eu sei. Porque às vezes a gente é professora e não procura saber direito a história da escola da gente.

PESQUISADORA - Quem era diretora na época?

P2 - Na época, que eu tenho lembrança. Da Visconde de Taunay eu não tenho lembrança. A diretora quando eu comecei, dei aula primeiro aqui e depois pra lá. Era Laurinda Capistrano Figueiró.

PESQUISADORA - Quantos alunos atendiam quando a senhora trabalhou no Salomé?

P2 - Tenho lembrança quando comecei no Salomé, a gente tinha Sala numerosa até 30 alunos, 25 até 30 alunos. Como eu era alfabetizadora, não tinha classe tão numerosa. Mas no Alziro devido a região e naquele tempo Guia Lopes era bem pouca população, era bem poucos alunos, quando muito uns 18, uns 15 alunos, não era sala numerosa.

PESQUISADORA - No Salomé eram mais numerosas as salas do que no Alziro?

P2 - Sim, sempre foi. Não, sempre não. Agora ele corre um carreira...rsrsrs. Depois que construíram a Escola Alziro Lopes e tudo foi desenvolvendo, teve muita procura. Primeiro a procura maior era no Salomé e o Salomé teve um ano que ficou com bem poucos alunos.

PESQUISADORA - Quais as idades dos alunos no Salomé?

P2 - No Alziro eram mais mocinhos, de 13 a 14 anos. No Salomé era de uma faixa etária mais normal. Eram mais crianças. Eu alfabetizava as crianças de 7 anos. No Salomé que eu tenho lembrança.

PESQUISADORA - Que se iniciava?

P2 - É, que iniciava.

PESQUISADORA - Mas atendia outras faixas etárias também?

P2 - Outras séries? Atendia, tinha segunda, terceira série. Atendia até 14 e 15 anos, mais ou menos.

PESQUISADORA - E atendia a noite também?

P2 - No início quando comecei a dar aula não tinha a noite. Depois tinha aula direto no Salomé, mas eu não sei as datas. Mas tinha aula a noite. Por exemplo da 5ª a 8ª série era de dia e depois passou a ter a noite. Devido a faixa etária também.

PESQUISADORA - Então de 5ª a 8ª série no início era de dia?

P2 - Era. Depois tinha aula a noite também. Só as datas que eu não sei, não gravei, não me preocupei.

PESQUISADORA - Quais os níveis de ensino que ofertava?

P2 - Na escola Salomé quando eu trabalhei lá era nível fundamental, ensino médio que naquela época a gente falava 2º Grau e teve de secretariado e o magistério.

PESQUISADORA - Teve contabilidade?

P2 - Não vou falar porque não tenho certeza.

PESQUISADORA - Qual o nível social das famílias? Qual a renda aquela época?

P2 - Então, os alunos que eu atendia da 1ª série era de classe social melhor, mas no Salomé todo, tinham várias e atendia até as classes sociais mais pobres. Podemos falar que tinha de classe mais pobre. Difícil pensar assim. Porque na época muitos era fazendeiros. Os filhos dos fazendeiros faziam a alfabetização e alguns saiam para fora para estudar. Não era maioria mas saíam. Essa parte é difícil pra gente lembrar e falar. Mas a gente sabia que existiam crianças bem pobres também que estudavam no Salomé.

PESQUISADORA - Nessa época a elite de Guia Lopes da Laguna estudava no Salomé ou no Alziro?

P2 - No Salomé, toda vida. E foi muitos anos assim.

PESQUISADORA - Até que ano essa elite foi formada assim?

P2 - Até quase os anos 90.

PESQUISADORA - Como era a rotina escolar? Quando, a criança chegava na escola o que acontecia?

P2 - A rotina da escola era a criança chegava na escola, era recebida pelo inspetor de alunos, que sempre estava ali para receber. Antes da entrada na sala formava a fila, cantava o hino nacional, e depois ia para a sala. Tinha a rotina era como continua até agora, tinha a merenda

escolar.

PESQUISADORA - Eram usados os livros didáticos?

P2 - Eram.

PESQUISADORA - Como eram esses livros?

P2 - Então, eu me lembro como em alfabetização, a gente escolhia também, vinham os professores procurar e escolher. Ai me lembro quando eu lecionei no Alziro Lopes, como que foi, os professores se reuniam e recebiam informações. Também quando eu era alfabetizadora, o Estado oferecia alguns cursos. Eu mesmo, quando era alfabetizadora, fiquei um mês, só que vinha aqui, não fiquei direto lá. Eu e mais uma professora ficamos recebendo informações para alfabetização.

PESQUISADORA - Em que ano foi isso, mais ou menos?

P2 - A minha filha tinha 3 anos, ela nasceu em 61, era mais ou menos 64. Mas, olha que curso bom! A didática era assim pra gente trabalhar com a criança, desenvolver o nível da criança e fazer com que a criança gostasse e também aprendesse a gostar do ambiente e do professor. Recebemos muitas orientações com musiquinhas. E os professores aqui não gostavam, não achavam muito certo isso. E a Diretora D. Laurinda confiava muito em mim e comecei a adotar na minha sala, porque eu amei estes recursos. Ai foi no ouvido dela que eu estava cantando muito com as crianças em sala de aula e ela disse: “Deixa a P2, que a Professora P2 é uma boa professora.” Ela me defendeu!

PESQUISADORA - Isso é muito importante.

P2 - E a primeira coisa que você tem que fazer no início é conquistar os alunos. No primeiro dia a criança vem lá da casa da mãe, num lugar estranho e é aquela choradeira. Olha, tem o Roni ali, contador foi meu aluno, perto do banco. Tenho muitos alunos, pode ser que alguns até falem mal, porque o professor não é perfeito. E eu vi a diferença nestes ano, quando ia chegando certo em 85 pra lá, e eu já trabalhava de 5ª a 8ª série, com alunos adolescentes, a questão de falta de educação. A gente sabe que adolescente é difícil mesmo, é uma época que eles ficam diferentes. Por isso mesmo que o Professor tem que estudar bastante psicologia. Na escola normal a gente tinha somente uma noção. Em pedagogia tem bastante.

PESQUISADORA - Todas as licenciaturas tem um período de Psicologia, mas as vezes não é suficiente.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum registro de aulas? Como era?

P2 - Fazia. Não me lembro a época que nos iniciamos, tínhamos que apresentar algo para o Diretor. Não me lembro a época que começou, mas registrava no próprio livro de chamada. Não me lembro desde o começo como era mas nós tínhamos que prestar contas do que nós estávamos fazendo. A gente era orientado a fazer o plano de aula.

PESQUISADORA - E onde vocês faziam esse plano?

P2 - Era no caderno, nosso caderno. Dia a dia. Não tinha coordenador. Não sei se tinha algum professor que não fazia, mas tinha que ter. Tinha que saber o que ia fazer. Não tinha direto orientação; não tinha coordenador. Porque coordenador já exige, olha o caderno, já chama, conversa, reúne os professores, não tinha direto isso. Mas se eu fosse guardar todos os cursos que fiz, eu era muito solicitada para fazer cursos porque eu estava sempre pronta, eu gostava de estudar. Em Campo Grande eu fui muitas vezes. Então tudo isso a gente recebi muita orientação em cg. E os prof. Do Salomé era bem orientados. Então era solicitada para fazer esses cursos e eu orientava os professores.

PESQUISADORA - Como era feito o acompanhamento desse planejamento?

P2 - Isso ai é que não me lembro se era o Diretor, porque bem no final quando estava dando aula já tinha coordenador, Prof. Orina, aquela professora que era uma coordenadora que nós já trabalhamos muito, Oraci Bertola, mas com ela trabalhei pouco na agência em Jardim. Tem outra, a irmã adotiva dela, que foi criada com os pais dela. Ela chama Oraci Ferreira, também boa para fazer pesquisa.

PESQUISADORA - Como eram as avaliações dos alunos?

P2 - As avaliações eram escritas, como perguntas e respostas tinham vários tipos, o marque, complete, tudo isso eu me lembro. Era assim mesmo.

PESQUISADORA - As avaliações eram mensais ou bimestral? Como eram?

P2 - Eram mensais mas fazíamos os registros das avaliações semestralmente.

PESQUISADORA - Havia reuniões Pedagógicas como elas eram organizadas?

P2 - No início eu não me lembro dessas organizações pedagógicas, mas depois a gente sempre se reunia e tinha alguém para conversar e orientar, mas não era igual com a coordenadora. Não tinha a coordenadora pedagógica, mas tinha sempre alguém para orientar. Mas não me lembro bem, mas sempre nos reuníamos. Mesmo quando não tinha coordenadora, a diretora reunia os professores. Não era tão frequente.

PESQUISADORA - Naquela época existia professor convocado e concursado?

P2 - Sim tinha. Logo que comecei não tinha professor concursado, demorou muito para ter concurso. Eu esqueci o termo que usou para definir os professores que ficaram estáveis pelo tempo de serviço, pela lei no MT. Você sabia que nesta época o Mato Grosso era um só? E depois foi dividido. Depois Mato Grosso do Sul.

PESQUISADORA - Mas havia diferença de salário?

P2 - Não sei te explicar, mas acho que havia, sempre tinha alguém com mais estudos, porque eu mesmo quando comecei não tinha nem o magistério completo, que era o Normal. Tinha diferença porque já tinham.

PESQUISADORA - Existia um sistema como plano cargos e carreiras?

P2 - Existia.

PESQUISADORA - Qual a importância da escola para a comunidade naquela época?

P2 - Acho que era muito importante, os professores principalmente eram muito respeitados pelos pais e pelos alunos. Professor era uma figura muito importante na minha época. Isso não tem que reclamar. Os alunos estavam ficando difícil, talvez até por conta da maneira da gente trabalhar, porque se a gente souber conquistar o aluno... mas tem que achar um meio.

PESQUISADORA - Como era considerado o ensino da Escola Salomé na época que a senhora trabalhou lá?

P2 - Era considerado ótimo.

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade na escola?

P2 - Quando eles eram solicitados sempre atendiam. A participação era boa. Eu lembro nas festas juninas era muito bom!

PESQUISADORA - Então não era só para comunicar notas tinha outros momentos?

P2 - Sim, tinha outros momentos e tinha participação. Eu mesmo tenho uma foto lá na casa com meu genro onde tem todos os professores estão com vestidos típicos. Vou pedir para ele emprestar a foto. Mas não aparece a escola, eram os professores na ocasião de uma festa junina.

PESQUISADORA - Pode afirmar que a escola Salomé foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna?

P2 - Sim pode afirmar, foi muito importante.

PESQUISADORA - Porque foi importante e em qual sentido?

P2 - Porque foi uma das primeiras na região e de Jardim. O Ginásio, que a gente falava que hoje é Ensino Fundamental iniciou em Guia Lopes. Isso eu posso afirmar e não tinha em Jardim, isso posso afirmar! A pessoa que se destacou em Guia Lopes e tinha essa visão de melhoria para o município tem o nome que dá o nome pra escola a Dona Salomé de Melo Rocha. Eu acho que a Escola Salomé foi fundamental para o desenvolvimento do município. O Alziro veio depois, custou um pouco para do seu desenvolvimento.

PESQUISADORA - Quais os momentos da Escola Salomé de Melo Rocha enquanto a senhora trabalhou lá que a senhora considerou mais importante? Quais são essas lembranças,

esse momentos chave.

P2 - Eu penso desde o início ginásio foi um momento chave porque todos tinham vontade de ver desenvolver, com muito sacrifício! Por isso falo que foi muito importante. Olha, não tinha professor! Eles procuravam na comunidade os que eram formados, formações que não eram pedagogia, não eram habilitação para educação. Tinham médico, dentistas que se prontificaram a dar aulas até que começou a crescer. O Dr. Reinaldo foi professor naquela época, no início do ginásio. Depois disso a escola foi só crescendo. Mais tarde foi criado o Magistério, criado a escola de ensino médio. Agora já não existe mais aquele magistério que existia antigamente, de 3 anos. Que era a nível de segundo grau.

PESQUISADORA - Eu fiz o magistério. Era muito bom.

P2 - Eu fiz o Normal, que é o mesmo, só trocou de nome. Foi onde eu aprendi mesmo as coisas. Mas eu fui alfabetizada, muito bem alfabetizada, que eu não tive tanta dificuldade, minha maior dificuldade era matemática por isso não guardo muito números.

PESQUISADORA - A Escola Salomé era uma referência em Guia Lopes da Laguna?

P2 - Era uma escola de referência, agora eu não posso falar porque eu não estava lá dentro, mas a gente escutava os boatos que teve uma grande década uns anos.

PESQUISADORA - A partir de que data a senhora acha que foi isso?

P2 - Não posso falar, a partir de que data também não sei.

PESQUISADORA - A partir de que década?

P2 - Uma década para cá teve uma decadência, quem sabe agora melhore.

PESQUISADORA - Qual a sua opinião da escola de antigamente e de hoje?

P2 - Acho que a escola não evoluiu no sentido de conquistar os alunos para ter aquela vontade, aquela sede de estudar. Não sei o que é que faltou! Eu não posso falar que a de antigamente era melhor, Então alguns sentidos era, na parte da educação dos alunos, pois vejo falar que agora está muito difícil. Quanto ao desenvolvimento ela tem acompanhado esse século e tem que acompanhar o desenvolvimento e tecnologia.

PESQUISADORA - A senhora quer fazer alguma observação ou crítica ou sugestão da Escola Salomé de Melo Rocha?

P2 - Eu não quero fazer nenhuma crítica, só falar da minha vivência, no meu tempo foi muito boa e eu amei ser professora e se eu nascesse de novo eu seria de novo professora. O mais importante para o professor é amar a profissão, você esquece que tem problemas, dificuldade financeira, que você está recebendo pouco, se você tem problema em casa deixa ele. E Amar a profissão e fazer bem feito. Só isso que eu tenho comigo. Pois amei esta profissão e amei estudar. Se falasse o que fazer melhor para o aluno eu estava pronta. Tem uma coordenadora que chama Eneida pode falar.

PESQUISADORA - Professora muito obrigada pela sua entrevista, neste papel tem o meu telefone e se senhora achar algum registro, caderno ou documento da época que senhora foi professora ou foto e puder me emprestar eu xeroco, tiro cópia.

P2 - O que eu vou garantir é que vou olhar e procurar, pois tenho bastante foto mas era mais recente, na época eu era muito desligada, podia ter um álbum só para guardar as coisas da escola.

PESQUISADORA - Tem pessoa que guarda planejamento.

P2 - Como a gente se envolve com o desfile. Tem uma pessoa que é muito boa para você conversar e tem conhecimento Prof^a Zilda Meireles. Ela é ótima pra fazer entrevista. A irmã do prof^o. Bernardino.

PESQUISADORA - Muito obrigada. São as memórias que vão enriquecer o trabalho.

ANEXO 15- Entrevista 12: P3

Segmento	Ex- Professores
Codiname utilizado	P3
Idade	73 anos
Data da entrevista	01 de junho de 2018
<p>PESQUISADORA - Qual o nome da senhora completo e a data de nascimento? P3 – Meu nome é P3, data de nascimento 10 de junho de 1945.</p> <p>PESQUISADORA - A senhora se formou em qual curso? Em qual Instituição? P3 - Universidade Federal de Campos faziam cursos de férias e ele veio e fez aqui em Jardim na década de 70. Depois eu fiz a plena, que naquela época tinha a licenciatura curta e aí era plena e a plena nós fizemos em Jales, São Paulo. Eu digo nós, porque estávamos em três, professora Edorildes e Erci, nós temos a plena lá. Fiz o curso de ciências e a plena eu fiz de matemática. E fiz a pós-graduação em Metodologia do Ensino.</p> <p>PESQUISADORA - Em que trabalhou na Escola Salomé de Melo Rocha? P3 - Trabalhei como professora.</p> <p>PESQUISADORA - Quando a senhora começou e até que ano a senhora trabalhou na escola Salomé? P3 - Eu comecei em 1976 e trabalhei até 2005. Eu me aposentei por uma cadeira por tempo de serviço e na outra cadeira me aposentei por idade.</p> <p>PESQUISADORA - Quais turmas a senhora lecionava? P3 - Eu lecionei deis da terceira série até terceiro ano do ensino médio, isso no decorrer deste tempo.</p> <p>PESQUISADORA - Nesses diferentes tempos a escola já era Salomé de Melo Rocha então? P3 - Sim</p> <p>PESQUISADORA - Quem era diretora na época que a senhora entrou? P3 - A época que eu entrei a professora Neudes Barbosa Bertola tinha acabado de assumir a direção que a dona Laurinda tinha saído. Então já era uma professora da época da escola estadual</p> <p>PESQUISADORA - depois da diretora Neudes a senhora lembra? P3 - Depois dela foi a Edí Barbosa, essa pode ter muita informação pra você. Não, ela é daqui, é irmã da Eneida irmã do Dr Valmir</p> <p>PESQUISADORA - Quantos alunos tinham em média as salas quando a Senhora lecionou? P3 - Então eu não me lembro.</p> <p>PESQUISADORA – Qual as idades dos alunos atendidos? P3 - Aí depende.</p> <p>PESQUISADORA - Tinha educação infantil e ensino médio? P3 - Tinha desde a primeira série, não tinha pré naquela época na escola. Depois mais tarde veio na década de 80 acho que já teve o pré.</p> <p>PESQUISADORA - Então até a década de 70 era ofertado quais níveis? P3 - Primeiro Grau</p> <p>PESQUISADORA - Tinha também o segundo grau ou não? P3 - Quando eu comecei a trabalhar não tinha o segundo grau.</p> <p>PESQUISADORA - E ensino técnico? P3 - Também não, isso veio mais tarde... as primeiras turmas que se formaram em técnico foram as que funcionaram aí na escola. A Aiuni e Ilze Bertola foram alunas desse curso técnico, não me lembro onde ela mora mas são das primeiras turmas que teve no técnico.</p>	

Quem também é do curso técnico que direcionado, eu sei que que é irmã da Beti Durval que ela terminou por volta de 80, porque quando eu comecei tenho absoluta certeza que era do primeiro a oitava série.

PESQUISADORA - Quais os níveis sociais destes alunos de acordo com base na tabela da geração Getúlio Vargas?

	Classe E (renda familiar até R\$1254,00)
	Classe D (renda familiar de R\$ 1255,00 até R\$ 2004,00)
	Classe C (renda familiar de R\$ 2005,00 até R\$ 8640,00)
	Classe B (renda familiar de R\$ 8641,00 até R\$ 11261,00)
	Classe A (renda familiar acima de R\$ 11262,00)

P3 - Acho que desce aqui (D) para menos. Eu nunca me preocupei em saber qual era a renda social dos meus alunos. Naquela época a gente dava aula porque a gente amava e por que a gente era apaixonado por isso então você ia lá e você se dedicava simplesmente isso e os alunos eram maravilhosos por que eles te obedeciam e não tinha isso que a gente vê hoje

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina da escola, a entrada dentro da sala de aula?

P3 - Isso era uma coisa muito bem organizada, a gente até cantava hino nacional na hora da entrada, fazia a fila lá fora, se tinha algum legado a diretora passava, então os alunos já entravam para sala organizados não era aquele Deus nos acuda como a gente vê atualmente, porque isso já demonstram a presença de desorganização, para mim, posso estar enganada mas eu tenho esse modo de ver.

PESQUISADORA - Era usado livros didáticos?

P3 - eram usados sim, o livro que vinha no começo os pais comprava. Depois mais tarde aí começaram a ganhar os livros. Os meus filhos ainda tiveram que comprar o livro, eu sei que a Dona Célia tinha uma livraria e ela encomendava os livros que os professores iriam adotar, mandava vir e a gente comprava, isso mais ou menos os meus filhos terminaram em 1985 a 1986 por aí, então comprava o livro, e era difícil os que não compravam e quem não comprava a gente até dava um jeito

PESQUISADORA - Existiam alunos de classe baixa, mas também existiam alunos que eram filhos de fazendeiro?

P3 - Tinha também.

PESQUISADORA - Vocês faziam algum tipo de registro de aulas?

P3 - Sim era bem organizado o planejamento, registro de aula diariamente, o que você ia dar e o que você deu no diário de classe, a presença dos alunos tudo bem controlado sempre foi bem feito.

PESQUISADORA - Diário de classe ou que você tinha dado agora anterior sempre tinha o caderno de planejamento?

P3 - Sim

PESQUISADORA - Os planejamentos eram bimestrais, anuais, fora o plano de aula diariamente fazia-se também bimestral ou mensal?

P3 - Tinha também, o que aí você fazia um centro de estudo e para determinar do tempo girava em torno daquilo, como por exemplo mês de abril você ia fazer as comemorações de abril e fazer uma programação e um cronograma sobre aquilo

PESQUISADORA - Vocês faziam isso individualmente ou se reunia de alguma forma para fazer esse planejamento?

P3 - No começo de alguma forma era mais individual, e começou a fazer mais com a participação de todos na década de 80.

PESQUISADORA - e com relações as avaliações dos alunos como eram feitas?

P3 - Escritas e individuais. No começo priorizavam as individuais, depois eu fazia em dupla ou em grupo, fazia auto avaliação. Eu tinha isso com os meus alunos, principalmente quando eu comecei lecionar no ensino médio, porque eles têm a cabeça melhor e entende melhor. Então eu fazia as minhas avaliações, que para eu introduzir isto tive que trabalhar muito com os pais também. Eu dividia as notas na sala em oito pontos para os conhecimentos gerais, os conhecimentos de onde vêm as provas, trabalho em grupo. E dois pontos eu fazia eles fazer uma auto - avaliação deles, cada um fazer a sua auto avaliação dentro da sala de aula ao vivo. Pode falar com os meus alunos para ver se eles não te contam (risos). Eu dividia o que eles iam se auto -avaliar, mas hoje eu não lembro mais o que era, a qualidade, a disciplina, a participação, se fazia as atividades se era sido as aulas Então tudo isso era uma auto avaliação que para mim era dois pontos então eles faziam auto avaliação deles de zero a dez, eu transformava isso nos meus dois pontos pela regra de três, e eles se avaliavam muito bem. Eles sabiam o que estavam fazendo e tanto é que eu preparei o terreno com eles e disse vocês precisam aprender a se avaliar, porque não adianta a gente querer corrigir os que estão aí fora se nós não somos honestos conosco. Então eu fiz isso com eles, no tempo do ensino médio eu fazia esta auto avaliação e isso foi uma coisa muito boa para eles, e eu senti muito que outros professores aderiram esta ideia.

PESQUISADORA - Vou dizer que esta ideia é bem atual!

P3 - Então conversa com a professora Eneida que ela era diretora, ela deve lembrar desta Auto avaliação que eu fazia com os alunos daquela época, meus alunos no ensino médio eles lembram bem disso.

PESQUISADORA - Para época deveria ser bem inovador.

P3 - Os pais no começo não gostaram muito disso, mas aí a gente mostra que isso é uma coisa que é para o crescimento deles, não adianta você só saber e saber, se você não tem a sua base, a educação e aquele contexto geral.

PESQUISADORA - Com relação aos planejamentos como eles eram acompanhados?

P3 - Era um acompanhados pelos coordenadores.

PESQUISADORA - Na década de 70 já haviam coordenadores?

P3 - Na década de 70....

PESQUISADORA - na década de 80 é mais comum ouvir falar...

P3 - Mas na década de 70 eu não tenho lembrança. Foi a época da dona Nilce, ela já é falecida, mas parece que não tinha. Eu não lembro.

PESQUISADORA - Eram feitas as reuniões pedagógicas e como eram organizadas as reuniões pedagógicas?

P3 - Que tipo de reunião pedagógica você se refere, só da escola?

PESQUISADORA - Não, todas possíveis, tem dentro da escola e as que eram propostas fora da escola também.

P3 - Depois que veio o novo governo, que se estabeleceu em Jardim que foi em oitenta e alguma coisa, 85, eu sei que ela tinha a Caçula bem pequena e a de 83 daí tinha uma programação que eles faziam reunião as escolas do núcleo para fazer esses estudo pedagógico.

PESQUISADORA - E na escola haviam reuniões?

P3 - Na escola também haviam reuniões com os pais e alunos.

PESQUISADORA - Tipo no final do bimestre?

P3 - Uhum.

PESQUISADORA - Nesta época já existiam os professores convocados e contratados?

P3 - Tinha os professores que não eram contratados e convocados que dizia, aulas excedentes, que era a professora que precisava, mas tinha as aulas excedentes e as que não eram concursadas, deviam ser contratadas.

PESQUISADORA - Mas existiam muitas na época?

P3 - Tinha também mas não era maioria delas, a maioria era a efetiva como vocês falam.

PESQUISADORA - E tinha a diferença salarial entre efetivos e esses outros professores?

P3 - Que eu saiba não.

PESQUISADORA - Nessa época já existiu algum tipo de planos e cargos de carreira na educação?

P3 - Este plano de cargos e carreira foi quando nasceu, a divisão do Estado foi em 78 eu acho, entre 78 ou 79 é alguma coisa assim. Tinha a federação dos Professores, que foi que começou a batalhar sobre esse plano de cargos e os planos de carreiras, estatuto do magistério aqui do Mato Grosso do Sul que daí a gente se tornou independente, ganhou as credenciais o Mato Grosso né

PESQUISADORA - A senhora era concursada?

P3 - Desse primeiro cargo eu não fui concursada porque eu comecei a trabalhar e participava ainda do Estado de Mato Grosso, e quando houve a divisão do Estado então os funcionários que estavam lá dentro eles se tornaram efetivos com a divisão do Estado. Já foi uma herança que estado novo ganhou... os funcionários.

PESQUISADORA - Então não houve um primeiro concurso para a efetivação desses professores que já estavam na ativa?

P3 - É, isto foi em 78, à divisão do Estado ganhou esses professores e demais funcionários do Estado, todos se tornaram efetivos. E aí houve concurso em 83 ou 84 por aí, que aí eu fiz e me efetivei na outra cadeira.

PESQUISADORA - Qual a importância da Escola Salomé de Melo Rocha para comunidade da época que a senhora trabalhou?

P3 - Ah ela era referência. Os alunos do Salomé todo mundo queria estudar no Salomé e o Alziro não funcionava ainda com toda essa capacidade que tem hoje. Então não tinha disputa nenhuma ou era aqui ou era em Jardim. Mas a Escola Salomé era referência para todo mundo do Estado.

PESQUISADORA - A senhora acredita que isto aconteceu por quê? Porque eles gostavam? Era por conta dos professores, organização, qual o motivo?

P3 - Era um conjunto eu acho. Na Escola Salomé a comunidade sempre esteve muito envolvida com ela. Tanto é que quando se perdeu aquele aquela parte que tem o ginásio, que era parte do terreno da escola, pertencia à Escola Salomé. E aí quando perdeu aquilo lá que resolveram construir aquele ginásio tiraram o espaço físico dos alunos, aquilo foi uma coisa muito ruim para escola porque aí os alunos ficaram confinados e quando a gurizada fica confinada é muito ruim para tudo. Então eles tinham espaço muito bom para trabalhar, os pais gostavam da escola todo mundo sempre colaborou

PESQUISADORA - O ensino na época era considerado como, péssimo, regular, bom, ótimo...?

P3 - Eu acho que era bom e acontece que o ensino foi piorando porque foram baixando a média, antes menos de 7 entrava para recuperação.

PESQUISADORA - Era muito rígido em questão de notas e aprovação e reprovação?

P3 - Não. Mas não existia essa forma de facilitar esse empurrãozinho como hoje existe, faz mais um trabalhinho, a mais isso... o aluno reprova se pede para reprovar hoje em dia era um ensino assim bem... E os alunos saíram com ... que não fazia o feio no início e o que foi atrapalhando a vida das escolas foi a falta da Educação Moral e Cívica, foi um tremendo erro que o governo fez. O que era onde eles iam buscar isso e não tem nenhum professor responsável para ensinar isso na vida do cidadão. Em casa os pais não se preocupam com isso, então esta parte da Cidadania ficou falho. Isso na década de 80 que caiu fora e hoje a gente sofre as consequências com o isso. Você vai ver o Brasil inteiro aconteceu isso.

PESQUISADORA - Como era a participação da comunidade junto à Escola Salomé de

Melo Rocha?

P3 - Eu acho que era muito boa, chamava e eles iam.

PESQUISADORA - Eles participavam de alguma outra forma dos planos das reuniões?

P3 - Não, não tinha participação como por exemplo “Amigo da Escola” ou essas coisas que eu vou falar, mas existia inclusive para juntar com a Educação Moral e Cívica, existia também a horta na escola, tinha uma matéria que ia para este lado onde as crianças aprendiam e era uma forma de jogar para fora aquela adrenalina toda, que criança precisa se movimentar. Então, este foi o outro pecado que fizeram foi em encolhendo o tempo do aluno de ficar na escola, para fazer economia porque precisava para outras coisas o dinheiro.

PESQUISADORA - Qual era o período que eles ficavam na escola?

P3 - Você sabe que quando eu comecei a lecionar e até por volta de 82 ou 83, que meus filhos estudaram ali, tinha 6 horas de aulas por dia, não era cinco, nem quatro. Por isso que se podia ter essas matérias todas. Mas acharam que era demais né, eu pelo menos sempre fui batalhadora para que conseguissem o período integral para os alunos. Não para ficar as 8 horas dentro da sala de aula escrevendo, mas para fazer outras coisas como aprender música, dança, trabalhos manuais, uma mini oficina para preparar para um ofício. Eu sempre fui batalhadora neste sentido e a Eneida deve lembrar também disto aí que foi uma coisa que a gente queria muito.

PESQUISADORA - Os pais participavam da hora da horta, ou era feita por algum professor?

P3 - Era feito pelos professores, mas os pais participavam trazendo adubo.

PESQUISADORA - Algumas pessoas têm relatado em questão das festas festas temáticas, que os pais de alguma forma contribuíram isto acontecia?

P3 - de que festas temáticas você se refere?

PESQUISADORA - Festa juninas.

P3 - Sim, tinha essas festas sim.

PESQUISADORA - Pode-se afirmar que a Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento da cidade, em que sentido. A senhora acha que a Escola Salomé de Melo Rocha contribuiu no desenvolvimento da cidade?

P3 - Mas com certeza né, por causa das crianças buscando um saber e com isso os pais ficam envolvidos. Tendo a escola agrega mais as pessoas do que esparrama, que se não tivesse escola e eu procurar outros locais para poder chegar.

PESQUISADORA - Para a senhora qual foram os momentos mais importantes da Escola Salomé de Melo Rocha? Pode ser os positivos ou negativos.

P3 - Um ponto que eu considere negativo que eu considero ainda hoje, foi o momento em que construíram os ginásio de esporte naquela parte que fazia parte do pátio da escola, pois era o campo de futebol das crianças e onde eles brincavam, e aí ficou aquela coisa espremida da Escola Salomé, aquilo sempre considere negativo.

PESQUISADORA - A senhora deu aula na época que tinha magistério na escola?

P3 - Dei aula 1 ano.

PESQUISADORA - A senhora acha que a questão do magistério agregou alguma coisa para a escola ou para as comunidades da época?

P3 - Eu acho que sim porque tem professores daquela época que se formaram, e eram excelentes professores que ficaram aqui na cidade e aí conseguiram disseminar aquilo que eles colheram. Hoje ele já estão aposentados a maioria deles.

PESQUISADORA - Então pode-se afirmar que Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Guia Lopes?

P3 - Com certeza.

PESQUISADORA - Quais os momentos mais importantes? A senhora falou uma negativa sobre o ginásio, tem algo mais que a senhora lembra?

P3 - Positivo eu vejo que todos os diretores procuraram o crescimento, todos eles foram pessoas extremamente dedicadas ao trabalho, então eu vejo isso como um ponto positivo para a escola e sempre diretores dedicados.

PESQUISADORA - A Escola Salomé era uma referência em Guia Lopes da Laguna e na região?

P3 - Eu acho que sim.

PESQUISADORA - O que a senhora acredita que fazia dela uma referência?

P3 - Acho que a direção, corpo de professores, dedicação e exigência. Tudo isso eu acho que fazia com que ela se tornasse uma escola que todos quissem estar nela.

PESQUISADORA - Qual a opinião da senhora sobre a Escola Salomé de antigamente e a de hoje?

P3 - Escola Salomé de hoje... depois que eu me aposentei em 2005 eu não tive mais contato com a escola infelizmente. Inclusive a diretora que não sei se é a mesma de 2005, acho que não é a mesma de 2005, era a Eneida.

PESQUISADORA - A diretora hoje é Telma

P3 - Então com a Eneida que eu tive, eu convivi com ela no tempo de diretora, mas de atualmente eu não posso te falar nada.

PESQUISADORA - E as escolas em geral, antigamente e hoje, qual sua opinião sobre isso. É muita diferença, melhor ou pior?

P3 - Completamente diferente, os alunos respeitavam o professor, o professor não precisava ser um ditador, que hoje em dia se não respeita é um ditador. Os alunos trazem o interesse deles de casa né, trazem o que tem do berço. A escola pouca coisa vai poder fazer, por que o aluno passa com eles com os professores na escola em cerca de 4 horas por dia, o resto é na rua ou em casa. Onde ele vai trazer a maior influência, que não é da escola porque a família está deteriorada infelizmente nós temos que... Então se não faz uma reestruturação, um trabalho de fôlego dentro das escola, desde dentro da escola do primeiro dia e junto com ele, pai e a mãe a gente não vai conseguir melhorar as gerações, porque são poucas as famílias que ensinam em casa os valores e o pouco que escola ensinava tiraram. O professor de português na hora do seu tempo da aula de português, e na hora de fazer matemática tinha que fazer matemática, então eles não estão se preocupando com os valores porque vai dar aula de inglês também a mesma coisa, então as matérias que você poderia acolher alguma coisa você não tem mais, e vai ser muito difícil resgatar tudo. Eu falo para minhas filhas e o meu filho para orientar bem os filhos, porque ali fora só desaprende, infelizmente estamos nesse impasse.

PESQUISADORA - A senhora tem alguma crítica ou alguma sugestão ou acrescentar alguma memória o quê senhora lembra, algum incidente. Eu gostaria de fazer uma pergunta que não está no roteiro, me relataram que houve um incêndio e que por isso perderam parte dos documentos da secretaria, a senhora lembra de algum incêndio no decorrer do tempo?

P3 - Olha se ouviu esse incêndio foi antes da minha vinda para cá.

PESQUISADORA - Antes em 1976?

P3 - Em 75 eu já morava aqui e não houve incêndio se houve foi antes mas nunca ouvi falar.

PESQUISADORA - A gente procura alguns documentos e às vezes...

P3 - É tem esses também que somem, não só em outros lugares, nas escolas também.

PESQUISADORA - É uma pena porque agora temos que construir uma história e muitas vezes fica...

P3 - Mas o Dr. Reinaldo vai lembrar de muita coisa de como era, como foi a transição porque ele foi um dos baluartes. Aí era eu, o Dr Deamir, Dr Beyr irmãos e tios da Edi. Hoje os dois são mortos. Ela e o Ruiz, também são falecidos, o Osvaldo Grubert também é falecido. Para começar eles deram aula de graça e a Dona Salomé fazendo pastel e coisas assim vendendo que comprou terreno da escola. Isto a Dona Célia te falou?

PESQUISADORA - Ela não falou sobre a venda dos pastéis. Ela falou que ganhou uma parte e ela também conseguiu ajudar a outra parte.

P3 - Então por isso que nós lamentamos por terem retirado, por que era da escola aquela parte que hoje é ginásio. Mais o governador Pedro Pedrossian, o objetivo dele era deixar em cada cidade o ginásio de esportes.

PESQUISADORA - Em que época que encampou ou foi depois o ginásio?

P3 - Eu não lembro direito.

PESQUISADORA - O ginásio foi na década de 70?

P3 - O ginásio foi, eu acho que foi na década de 70. Não ele era governador do Mato Grosso do Sul então foi na década de 80 quando aconteceu isso.

PESQUISADORA - A senhora não tem nenhum caderno de planejamento da senhora daquela época ou foto, alguma coisa assim?

P3 - foto eu lembro que eu tenho umas duas ou três, tenho que procurar.

PESQUISADORA - Se senhora encontrar e puder me emprestar para eu escanear porque a gente busca essas imagens até para caracterizar um pouco a época

P3 - Se eu procurar eu encontro porque eu sei que eu tenho guardado, mas agora... Eu te mando no whats pode ser?

PESQUISADORA - vou tentar encontrá-la. Muito obrigada pela entrevista.

P3 - É isso aí é uma coisa muito interessante e depois você pode fazer um livro para as pessoas terem conhecimento da história.

ANEXO 16- Entrevista 13: P4

Segmento	Ex- Professores
Codiname utilizado	P4
Idade	89 anos
Data da entrevista	09 de junho de 2018
<p>PESQUISADORA – Boa tarde. Comecei a fazer uma pesquisa sobre a Constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e conversando com vários professores, eles falaram para mim "você precisa entrevistar o P4 porque ele conhece bastante da história da Escola Salomé de Melo Rocha porque ele participou" e eu vim conhecer o Senhor.</p> <p>P4 - É verdade eu trabalhei na Escola Salomé, primeiramente entramos em um Grupo Escolar que me parece que era Fernando Correia da Costa, não me lembro. Comecei a trabalhar neste grupo e aí depois que aprontaram o prédio desmontaram a escola onde era o salão paroquial de Guia Lopes e a diretora me convidou para continuar trabalhando.</p> <p>PESQUISADORA - Qual o nome do senhor?</p> <p>P4 - P4.</p> <p>PESQUISADORA - O que o senhor fazia na escola?</p> <p>P4 - Eu entrei como professor, lecionando. Mas ver o princípio governo do Arruda, veio deputados e aí nós conversamos eles disseram " Sr. P4 o que o senhor prefere?". Eu disse eu prefiro serviços diversos não prefiro lecionar mais porque eu tô precisando de um trabalho mais folgado porque eu queria construir a minha casa e trabalhava durante o dia e vir na escola era 5 horas da tarde e 7 horas eram duas horas só de trabalho à noite então eu passei quando começou as aulas tudo na Escola Salomé e eu entrei e comecei na diretoria.</p> <p>PESQUISADORA - Em que ano foi isso o senhor lembra?</p> <p>P4 - Mais ou menos a princípio do governo, mais ou menos do governo de Fernando Correia da Costa, eu entrei eu perdi ... depois que eu aposentei eu perdi minha patroa e fiquei só, e essa doença dos olhos me tirou tudo, a solidão e essa doença preocupou faz 22 anos sem nenhum resultado positivo. Então eu fui ficando um pouco esquecido e já não conversei mais quase com ninguém, nunca mais tocamos nesse assunto da escola, a dona Laurinda assumiu a diretoria das aulas.</p> <p>PESQUISADORA - Então a dona Laurinda foi a diretora na época que o senhor entrou na Escola Salomé de Melo Rocha, que era grupo escolar que o senhor falou?</p> <p>P4 - E não era no prédio do Salomé, era ali perto da igreja no salão que tem ali, era umas salas de aula.</p> <p>PESQUISADORA - Foi antes de 1960 ou foi depois?</p> <p>P4 - Foi depois, 62... primeiramente fomos fazer um concurso em Aquidauana das escolas em Geral do Estado, em 62 parece. Conseguimos o resultado positivo. Foi eu e uma professora de Nioaque que a Dona Laurinda queria segurar ela em Guia Lopes para lecionar e foi ali que passamos no concurso.</p> <p>PESQUISADORA - Era para professor de que área?</p> <p>P4 - Em geral que podia fazer, mas era mais ou menos uma quinta série bem puxada</p> <p>PESQUISADORA - Era o antigo primário, o senhor foi professor do primário?</p> <p>P4 - Fui professor do primário, eu entrei por ele, depois eu trabalhei, trabalhei e foi passando do ginásio. Aí veio a dona Salomé ela era professora e dava aula para escolinha pequena aqui e ela sempre trabalhando, primeiro tinha ali americana que tinha.</p> <p>PESQUISADORA – Companhia Nacional de Educandários Gratuitos? Americanos que o senhor fala era o Board?</p>	

P4 - Era o Guilherme, o que tinha (áudio sem compreensão)

PESQUISADORA - O senhor lembra o nome de alguém? O sobrenome desse Sr. Guilherme?

P4 - Não, não me lembro não.

PESQUISADORA - Qual foi a influência deles?

P4 - Eu comecei meu trabalho nessas condições. Combinamos tudo para pedir a nomeação de professor, diretores e o deputado ainda perguntou eu falei “olha é o seguinte eu fiz inscrição para professor e professor concursado. Apesar que disse que esse concurso não tem valor mas foi feito e então veja o que você pode fazer, eu faço serviços diversos. Então fico à disposição da escola, atendo o aluno, atendo a secretaria, se for necessário um substituto, atender as classes qualquer coisa”. Continue trabalhando um bom tempo assim, trabalhei 33 anos dentro desse pedaço de chão ali, sempre em Guia Lopes. Em 92 eu aposentei, comecei a trabalhar ali em 59.

PESQUISADORA - Então trabalhou na escola que era ali na paróquia no salão?

P4 - Olha eu não me lembro bem como era o nome do diretor do primário, não sei se era o Bernardo Correia da Costa ou Fernando Corrêa da Costa. Acho que não, porque ele era governador mas para mim era um deputado, alguma coisa com o nome o nome da rua também, não lembro.

PESQUISADORA - E quem era os outros professores? O senhor falou que tinha cinco (5) salas lá nessa escola, do grupo escolar.

P4 - tinha a dona (áudio sem compreensão) era casada com... eu me perco demais...

PESQUISADORA - Não, tudo bem... Qual a data de nascimento do Senhor?

P4 - 13 de agosto de 1919, já vou para 90 anos.

PESQUISADORA - Então, o senhor está bem forte para 90 anos. Muito bem, parabéns! Tem uma saúde forte aí...

P4 - Obrigado é verdade. Digo é verdade, mesmo se não fosse, o pior de tudo é a falta de visão tira vontade às vezes tira até o prazer de viver.

PESQUISADORA - O senhor não enxerga quase nada, já afetou bastante? Não tem cirurgia?

P4 - Primeiramente quando apareceu os primeiros sintomas nos olhos eu fui para Campo Grande e peguei o pior médico e disse que era uma catarata e me deu um colírio e era para usar dois meses se não melhorar se era para fazer uma raspagem, aí já tinha sido tratado eu já tinha problema e limpou ficou boa então a gente já tinha na mente é da parte do estado e facilitava um pouco a gente.

PESQUISADORA - Que curso Senhor se formou para ser professor?

P4 - Eu estudei não foi próprio para ser professor. Eu fui criado em fazenda, sabe? Eu e minhas irmãs, irmã mais velha que casou morava em Aquidauana casou com menino de lá, e era mãe do Oswaldo e do Aníba que veio para cá, Oswaldo Aranha de Vogado e foi assassinado em Campo Grande. O Aníba veio falecer aqui em Jardim, o Oswaldo tinha comprado aquelas casa Serafim (áudio sem compreensão) filho no Rio de Janeiro foi e voltou para lá depois que mataram pai dele, então ele vendeu. Serafim era dono dali, veio falecer, um antigo ele tocava lanchonete antigamente era Posto Caçula hoje em dia eu nem sei o nome do posto ali.

PESQUISADORA - Então o senhor fez o primário...

P4 - Eu fiz o primário aí eu entrei na escola tinha um professor francês sabe que veio de Cuiabá. Ele foi pra França, para Espanha e de lá veio para Congregação para catequização dos Índios. Então ele comprou uma chácara em Cuiabá e depois andou brigando com Presidente aí ele foi trabalhar em fazenda e lecionava.

PESQUISADORA - E ele foi o seu professor?

P4 - Ele foi meu professor, professor Estevão Gamdom.

PESQUISADORA - Então ele foi professor do Senhor depois do primário?

P4 - Não no início eu tinha uns oito anos eu estudei com ele um pouco, aprendi matemática, um pouco de cada coisa, aí fui para Aquidauana com 10 anos, logo no início da Segunda Guerra, fui estudar na escola Nossa Senhora Perpétuo Socorro em Aquidauana. Estudei 5 anos desde o primário a quinta série, dava até a quinta série lá, eu lembro porque era umas quatro ou cinco que fazia quinta série. Aí para vir para fazenda e voltar então abriu uma escola particular na cidade de Aquidauana, e eu frequentei três anos, fiz o segundo grau, aí voltei para fazenda.

PESQUISADORA - Para aquela época era bastante coisa.

P4 - Era bastante coisa mas eu voltei para fazer uma coisa e outra.

PESQUISADORA - Com quantos anos você voltou para fazenda o senhor lembra?

P4 - Lembro.... eu tinha 17 anos.

PESQUISADORA - Quando o senhor voltou para fazenda chamaram o senhor para dar aula em Guia Lopes?

P4 - Não depois de muito tempo, passou muito tempo eu casei, minha mãe era viva depois minha mãe veio a falecer. Isto foi em 57 que minha mãe faleceu, em junho de 57 ela faleceu em Guia Lopes na casa do meu cunhado, e em 58 me casei e tinha umas terras nossas em Nioaque. Vendemos e decidimos ficar em Guia Lopes, e comecei a trabalhar, aí veio época de eleição, veio o governo do Arruda. Aí comecei em 62, foi que eu fiz o concurso não é uma coisa bastante esclarecida é uma coisa que ainda tenho lembrança. Mesmo como esquecimento e as coisas perdidas da vida, depois que passei a trabalhar veio essa doença em noventa e oito apareceu a doença dos olhos umas coisas na frente da vista, e já não enxergava tão bem, e fui fazer os tratamentos e dentro desses dois meses meus olhos eram ruim, tive até um derrame nas vistas aí que eu fui no médico em Guia Lopes. Ele disse que eu estava com problema nas vistas e que era glaucoma.

PESQUISADORA - Senhor Augusto o senhor trabalhou até 92, fez o concurso em 62 para professor. O senhor lembra quais as turmas que o senhor deu aula, se foi primeira, segunda ou terceira série?

P4 - Terceira série.

PESQUISADORA - A Escola Salomé de Melo Rocha é a continuação do grupo ou ela encerrou essa escola e começou outra?

P4 - Não, é Escola Salomé de Melo Rocha.

PESQUISADORA - Quando foi o início da Escola Salomé de Melo Rocha, se nasceu em 1960 ou se ela é a continuação de Visconde de Taunay.

P4 - Visconde de Taunay, esse era o grupo escolar.

PESQUISADORA - Visconde de Taunay era lá na paróquia, e ela teve continuidade com a Escola Salomé de Melo Rocha?

P4 - Não, ela morreu ali. Aí foi criada, mudou com a política e faz tempo né, e a Dona Salomé, o esposo dela Lino Rocha, era muito chegado com política Doutor Fernando Corrêa da Costa. Eu creio. Esquecer e deixar de falar o nome da pessoa, deixa de ir e a gente esquece e não vê. Salomé foi criada no prédio pronto e aí foi criado a Escola Salomé de Melo Rocha não tem nenhuma relação com o Grupo Escolar.

PESQUISADORA - Tinha um Ginásio Guia Lopes?

P4 - Tinha dentro do grupo escolar, também funcionava o ginásio.

PESQUISADORA - Nesta época só tinha essa escola?

P4 - Tinha outras escolas mas era escola pequena, tinha escola de crente, a escola Presbiteriana.

PESQUISADORA - Essa escola continuou a existir depois da Escola Salomé de Melo Rocha?

P4 - Foram abandonando, foi saindo as pessoas ou mudaram de lugar. Mas em princípio

tinha sim, o cuidador deve ser geralmente as pessoas chegadas da religião e os pais exigiam que estudassem naquela escola.

PESQUISADORA - O senhor falou dos Americanos, os americanos influenciaram na criação da Escola Salomé de Melo Rocha ou no Grupo Escolar?

P4 - Não nenhum dos dois. Eles cuidaram de um orfanato ali em Guia Lopes. Depois que acabou que acabou o orfanato então eles deixaram o orfanato. O Sr. Guilherme...

PESQUISADORA - Este seu Guilherme ainda é vivo ou não?

P4 - Não eu acho que não já muitos anos já, tem essa menina que casou com meu sobrinho que ela moro em Ponta Porã hoje em dia foi criado, não era Americana, mas viveu um tempo com eles lá. Ela vivia um pouco nos Estados Unidos com ele lá na Congregação e tem dois filhos em Jardim. Ele faleceu não mora mais aqui, mas ele já tinha separado. Nice o nome dela, dona Nice.

PESQUISADORA - Quando o senhor foi do Grupo Escolar para a outra escola ela já chamava Salomé de Melo Rocha ou tinha outro nome?

P4 - Não, foi criado o nome dela depois da inauguração. Mas, já foi inaugurada com o nome Estadual Salomé de Melo Rocha.

PESQUISADORA - Quantos alunos o senhor acha que atendia a Escola Salomé de Melo Rocha?

P4 - No início devia ter os 80 alunos.

PESQUISADORA - E o grupo escolar tinha menos alunos?

P4 - Tinha menos. Mais ou menos uns 40 à 50 alunos.

PESQUISADORA - Qual era a idade desses alunos? Eles começavam com que idade o atendimento na Escola Salomé de Melo Rocha?

P4 - Quase todos tinha uma base de 15 anos.

PESQUISADORA - Quais os horários que atendiam amanhã, à tarde, noite?

P4 - Nós começamos trabalhar no Salomé as 5 horas da tarde iniciava e 7 horas terminaram. Alguns professores eram funcionários do Banco do Brasil lecionavam outros eram de Jardim, foi trocando de diretor, Eva Meireles, e foi trocando e trocando.

PESQUISADORA - Ela foi diretora também?

P4 - Não, marido dela trabalhou também não sei se era juiz era do banco, aí aposentou do banco, então trabalhou no Salomé. Depois da escola estar mais estabelecida, durante o dia não havia aula, era só os maiores a noite.

PESQUISADORA - E os menores estudavam onde?

P4 - Depois o Grupo Escolar voltou a funcionar, do 1 ao 5 ano e funcionava durante o dia no Salomé com os alunos do Grupo Escolar. Continuava funcionando mas já não era mais o Grupo Escolar Visconde de Taunay, ela desapareceu.

PESQUISADORA - Escola Salomé de Melo Rocha o senhor disse que atendia das 5 horas às 7 horas da noite, atendiam os alunos maiores então, que já fazia o ginásio?

P4 - Sim era os alunos maiores. Que já faziam o ginásio.

PESQUISADORA - Esses alunos eram de que classe social?

P4 - Não, classe alta não. Socialmente dizendo eles eram, não eram assim de uma classe social, não tinha distinção entre os alunos por classe social.

PESQUISADORA - Então atende os alunos de todas as classes sociais?

P4 - Sim de todas as classes.

PESQUISADORA - Dentro da escola não tinha essa distinção entre rico e pobre, todos eles estavam ali?

P4 - Sim.

PESQUISADORA - Como era organizada a rotina escolar?

P4 - Era comum. As aulas começavam 7 horas da manhã e ia até 11 horas, horário de Grupo mesmo. Continuavam dentro do prédio da Salomé. Hoje estão remodelando escola e

funciona o ginásio, funciona primário creio que funciona. Automaticamente parece que foi nas eleições que eu entrei e veio bastante dentro da cabeça. Vamos dizer assim porque a gente sem sentido, sem visão, foi perdendo foi deixando a solidão e a solidão também maltrata muito a pessoa. A gente foi ficando, ficando, a vista foi aumentando, aumentando apesar do tratamento continuo, tratando mas sempre segurando um momentinho que tem hora que a gente vê uma coisa mas tem horas que não vê nada, não posso andar só e vamos ver. Passei a vir almoçar aqui em Jardim, já não mexia mais com comida, não comprava, sair é muito pouco. Só ia mesmo só pegar circular, esperava ela sair da Escola Girassol, terminava 11:30 ela me pegava no ponto circular, ela morava no centro perto do Mercado Toniolli, chega um ponto que não aguenta mais, não tem mais jeito, ficar só é difícil.

PESQUISADORA - Naquela época que começou a Escola Salomé de Melo Rocha tinha livros didáticos, eles eram doados, comprados, como funcionava?

P4 - Os livros didáticos eram comprados parece, não tem uma certeza. Tinha a livraria ali, tinha na escola mesmo. Era prometido para os alunos e eles procuravam na secretaria da escola.

PESQUISADORA - E vocês professores faziam algum registro dessas aulas e como era este registro?

P4 - Olha era feito na secretaria, a secretária da escola fazia esse trabalho.

PESQUISADORA - Mas como os professores organizavam as aulas eles faziam algum planejamento?

P4 - Não eles faziam uma continuação do trabalho deles, da escola, dos alunos, aproveitavam, não era feito um planejamento. Não era quando eu tava lá, depois mudou o nome de lá para cá. Certamente que mudou muito mudou para melhor, modernizou muito, dando uma aparência mais simpática né

PESQUISADORA - Essas aulas que vocês davam tinha acompanhamento de alguém que ajudava a planejar essas aulas e esse planejamento?

P4 - Não, eu não lembro não, geralmente eram só os professores.

PESQUISADORA - Qual o papel da diretora?

P4 - desenvolver os trabalhos, o andamento da escola e atendendo os pedidos dos professores se precisava de algo e procurava organizar tudo direitinho

PESQUISADORA - O salário do professor, você disse que teve concurso mas também tinha os professores que eram contratados porque que não tinha feito, era o mesmo tipo de salário ou tinha diferença?

P4 - Não, não tinha diferença era tudo a mesma coisa.

PESQUISADORA - Quem pagava era o estado do Mato Grosso?

P4 - Sim era o estado, na Coletoria.

PESQUISADORA - Que é onde fica aquela base que seria um museu?

P4 - Sim.

PESQUISADORA - Havia algum tipo de plano de cargo de carreira na época ou não?

P4 - Não, não havia

PESQUISADORA - E a Escola Salomé de Melo Rocha, como ela era considerada?

P4 - Ela é boa, não tem do que reclamar, os funcionários eram capacitados, trabalhavam, os professores...

PESQUISADORA - O senhor lembra quantas horas de aula funcionava um período, de manhã, de tarde ou a noite?

P4 - Eram sete salas. De manhã não sei, mas no ginásio eram sete salas de aula no período noturno.

PESQUISADORA - A comunidade ela participava no conjunto da escola? Como era essa participação?

P4 - A participação da comunidade geralmente mais a pedido da diretoria, na época tocava

muito de diretor, aí veio o clube, o diretor, a exigência...

PESQUISADORA - Eles pediram o quê?

P4 - Melhorias para escola, sempre achava um item que precisa e geralmente os pais interessavam e ajudavam.

PESQUISADORA - No caso eles pediam para as famílias que tinham maior níveis de posse, que era bastante geralmente a elite da cidade estudava ali?

P4 - sim, estudava ali.

PESQUISADORA - Podemos afirmar que a Escola Salomé de Melo Rocha foi importante para o desenvolvimento de Lopes da Laguna?

P4 - Olha tive sim, a escola ajudou bastante.

PESQUISADORA - Em que sentido o senhor acredita?

P4 - Olha na parte Educativa foi criado o ensino bastante com muita amizade, uma convivência mais decente. A princípio muitos meninos que trabalham passou pela escola e hoje em dia você encontra pessoas e eles falam "foi meu professor". Nem sei quem que é mais. Então moraliza muito em certo ponto a sociedade em si.

PESQUISADORA - O senhor lembra de algum aluno do Senhor?

P4 - Olha, já não é fácil a gente ver. É muito tempo, alguns aí da cidade, ainda vive alguns, outros falecidos. Então a gente vai esquecendo muito, eu sinto que eu esqueci dos dias. Eu perdi a visão e a gente perde o entusiasmo das coisas, um pouco a gente conversa mas a solidão maltrata muito, a falta de um pai de uma mãe, e agora você diz a gente perde completamente entusiasmo... a gente vai esquecendo coisas, é triste.

PESQUISADORA - Para o senhor qual foram os momentos mais importantes da Escola Salomé de Melo Rocha? Enquanto o senhor trabalhou lá os momentos mais importantes que o senhor lembra que as pessoas gostavam da escola?

P4 - Eu não lembro, a diretora... Ela teve momentos, mudavam de professor, mudou muito, vinha outros professores, vinham aqueles que já era formados, aí tinham os Garcetes. Então a gente via com os olhos, mas passava, a gente fazia a obrigação, conversava, ia na secretaria, você ficava na sala de aula, quando o professor pedia. Pra ficar um pouco pra ele. Era pouco tempo. No começo eram só 2 horas aula. Os alunos se comportavam bem, eles estavam em condicionamento mesmo se não tinha professor na sala de aula eles conversavam mas sempre tinha os maus elementos, esses não faltam né, às vezes tomavam uma antes de virem para escola.

PESQUISADORA - Esses eram os alunos grandes do Ginásio? Eles trabalhavam durante o dia?

P4 - Olha, diz eles que trabalhavam, um serviço algo de casa mas eles vinham à noite assistir a aula. E outro que já estudasse no grupo escolar... eu cuidei. Agora me lembrei no tempo do grupo eu dei conta do Bairro que funcionava a escola, até hoje funciona a escola trabalhei um tempão dando conta dos alunos Rebeldes. Na escola Alziro Lopes, eu não lecionava lá mas eu cuidava eles, eram uma turma muito rebelde.

PESQUISADORA - A Escola Salomé de Melo Rocha era uma escola referência?

P4 - Não deixava de não ser. Sempre tinha presença significativa para todos, sempre foi algo a mais e sempre teve e não deixa de ter.

PESQUISADORA - Qual sua opinião sobre a escola de antigamente e a escola de hoje?

P4 - Um pouco de antigamente é que as crianças tinham mais humildade, tinham mais respeito, eles gostavam dos Professores. Acho que antigamente as crianças eram mais... hoje em dia não, hoje elas são mais autoritárias e antigamente eu mais respeito, falavam mais sobre escola, se tivesse uma queixa também já tomávamos providências, O que é isso, porque acontece, o que está acontecendo...

PESQUISADORA - Senhor P4, o senhor tem algo acrescentar, algo que o senhor lembrou que queira contar alguma crítica, alguma sugestão ou algum comentário sobre a Escola

Salomé ou sobre a entrevista, sobre toda história que o senhor participou. O senhor é uma pessoa importante para a escola, foi um dos primeiros professores e ainda está vivo com muita saúde.

P4 - É verdade mesmo com tudo a doença ainda tenho saúde mas estou na idade que estou bem cansado mas sempre tenho aquela firmeza, não tem queixa, (áudio sem compreensão). Eu me dava bem lá, tinha bastante amizade.

PESQUISADORA - O senhor morou em Guia Lopes Então por muito tempo?

P4 - Por muito tempo, então a gente saía para ir na pracinha da igreja, no mercado, na lotérica, já depois a vista foi perdendo e já estava... fui ficando mais acovardado para as coisas, já passei (áudio sem compreensão).

PESQUISADORA - O senhor tem algum documento daquela época, ou de quando o senhor tomou posse, ou de quando o senhor trabalhava ou alguma foto, algo assim?

P4 - Da escola eu tinha bastante, mas levaram.

PESQUISADORA - Será que não tem nenhuma sobrando ainda, guardada?

P4 - Não tenho, a gente deixava as coisas muito à vontade na casa e não sei se elevaram, hoje em dia vai aparecendo.

PESQUISADORA - Tem algum caderno desta época, ou alguma coisa, algum registro...

P4 - Não, não tenho nada de livros, com o tempo...

PESQUISADORA - Quem determinava esses diretores, vinham no Diário Oficial? Porque hoje em dia quando muda ou algum professor assume, isso é tudo feito via Diário Oficial. Naquela época como era feito, era determinado pelo político ou de boca a boca?

P4 - Não. Pediam. Os professores geralmente pediam à diretoria, pediam, como se diz aquela pessoa do grupo da escola, e diretor também entrava ali se pedia, era mais comum substituir. Como padre citado, também lecionou e foi diretor. O finado Beyr Vargas também foi diretor ainda como Grupo Escolar. A Linda como professora no Grupo Escolar. Então foi trocando e trocando de diretores e já quando mudou para Salomé, eu acho que não teve relação, mas os alunos que tinham no Grupo Escolar passaram e continuaram estudando no Salomé e os professores também. Eu acho que não teve relação, mas todos os alunos do Grupo Escolar passaram a estudar no Salomé e os professores tb.

PESQUISADORA - Sr. P4 muito obrigada pela entrevista. Espero que o Sr. fique bem e caso encontre ou lembre de algo podemos conversar novamente.

ANEXO 17- Entrevista com Bião Neto “Vida e Morte de Bião, historiador anônimo”



Vida e morte de Bião, historiador anônimo

So/20/91
Luís
Neto
So/20/91
 José Bião-Neto, 72 anos, casou aos 65 anos, desquitou-se depois de 6 meses. Professor. Um cidadão comum aos olhos dos sul-mato-grossenses.

So/20/91
 Pobre, morando numa casinha de madeira cercada de flores bem cuidadas, na cidade de Guia Lopes da Laguna, onde fez toda a sua história e escreveu uma das partes mais importantes da história do Brasil, ocorrida no então Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.



Revista Executivo Fiscal Ltda.

Um dos compromissos da Revista Executivo tem sido com a história. Além da prestimosa colaboração dos historiadores da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, buscamos em cada recanto deste Estado, figuras importantes e anônimas de ilibada reputação que guardam na sua memória fatos importantes que se passaram em épocas remotas, pessoas que são ou que fizeram parte da história.

No final de setembro de 1985, encontramos em Guia Lopes, o Sr. Bião, que nos fez um belíssimo depoimento. Infelizmente soubemos que ao meio dia do domingo de 10 de novembro, o Sr. Bião foi acometido de um mal súbito e não pode ver a narrativa que fez para a Revista Executivo. Pela sua maneira simples e cativante, deixou-nos uma saudade imensa, ele não pode ver publicada a sua narrativa, que ficará imorredoura.

Como militar, chegou em Aquidauana, para servir no IV Batalhão de Sapadores (para quem ainda não sabe, sapadores era uma unidade militar encarregada de tudo aquilo relacionado com movimento de terra, por exemplo, trincheiras, poços de água, pontes etc.) Isso foi em 1935, mais dois anos depois Bião Neto foi transferido para a 1.ª Companhia do Batalhão de Sapadores, sediada no então chamado Acampamento do Rio Miranda, hoje, a progressiva Guia Lopes da Laguna, o cenário perfeito para Bião fazer a história, uma história contada num diário que cuidou como algo mais valioso de toda sua vida.

O começo de tudo

Um ano depois de sua chegada no Acampamento do Rio Miranda, começa o seu diário, e aqui nesta entrevista exclusiva à Revista “Executivo Plus”,

HISTÓRIA/ENTREVISTA



Churrasco em comemoração a fundação da cidade de Guia Lopes da Laguna.

ele começa a contar o surgimento de sua cidade, cidade adotada por ele como sua terra natal, pois Bião nasceu em Guaranhuns, Pernambuco:

— Eu servia ao Exército, nessa companhia, quando nasceu uma criança no acampamento. Foi a primeira, um motivo muito especial, portanto. O bebê era filho de José Antonio Bulhões e Sebastiana Farias Bulhões. Ele era sargento da 1.ª Companhia de Batalhão de Sapadores, e morava aqui no Acampamento do Rio Miranda. Então surgiu a dificuldade para batizar essa criança, porque não tínhamos igreja, padre; apenas três ranchos de taquara batida, cobertos com folhas de bacuri, uma palmeira nativa da região.

— O padre — continuou Bião — só vinha até o povoado de Nioaque, dis-



Poço da casa de Bião.

06

tante 54 quilômetros daqui, de 30 em 30 dias, e isso quando não chovia. A criança trouxe ao mundo o nome de Newton Bulhões, e logo o pai do garoto, quer dizer, o sargento José Antônio, conseguiu um padrinho, um outro sargento muito seu amigo, o Peri José da Silva. Mas faltava ainda uma igreja, uma escola para crianças, enfim, a criação de um povoado. Entrou na história toda, o comandante da companhia, o capitão Teodorico de Farias que deu todo apoio para a criação do povoado, inclusive arranjando um topógrafo, o Jacó, conhecido como "Nego Jacó".

— Com topógrafo, o capitão foi fazendo contatos; juntou os fazendeiros da região. Entre eles estava, na época, o único filho vivo do histórico Guia Lopes da Laguna, que aliás tinha o mesmo nome do pai, quer dizer, José Francisco Lopes. Aliás, devo esclarecer que já li em algumas publicações o nome José Francisco Lopes Filho, isso não é verdade, o nome do fundador de Guia Lopes, não tinha no nome o Filho, era unicamente como o nome do pai dele, isto é, José Francisco Lopes.

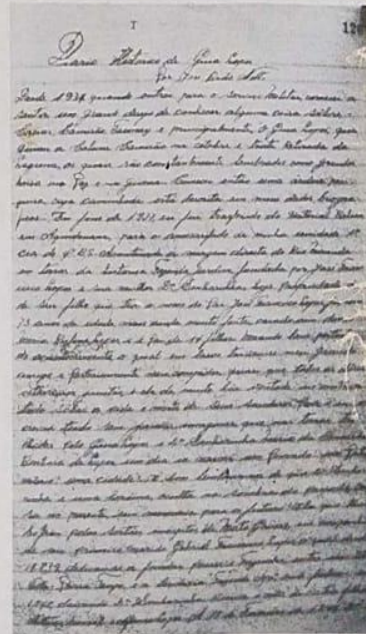
Nascimento da cidade

— José Francisco Lopes, então, doou as terras, uns 30 hectares. Outros fazendeiros deram vacas, ajudaram a arrecadar dinheiro para fazer a igreja, e assim por diante. No dia 12 de fevereiro de 1938 foi fundado o Patrimônio de Guia Lopes da Laguna. No dia 19 de março deste mesmo ano, foi aprovada pelos fundadores, pelo capitão Teodorico de Farias, e todos os moradores locais e da redondeza, a ata de

fundação de Guia Lopes da Laguna. Nesse dia, Newton foi batizado e tivemos uma grande festa.

— Escolhemos, também, o padroeiro da cidade, que é São José, em homenagem aos nomes dos três fundadores, e a um herói que também chamava-se José, quer dizer, José Francisco Lopes (o herói da Retirada da Laguna, o Guia Lopes); José Francisco Lopes, filho do Guia Lopes e doador das terras e José Antonio de Bulhões. Tem mais fundadores, é claro, mas os legítimos mesmo, são José Antônio Bulhões, Peri José da Silva e José Francisco Lopes.

— Colocamos o nome da escola como "Visconde de Taunay", o primeiro tenente, correspondente oficial de guerra que escreveu o livro A Retirada de Laguna. Juntando escola e igreja, formamos assim a maior atração para o povoamento de Guia Lopes. Quem queria casar vinha para cá, e da mesma forma os fazendeiros interessados em dar instrução para seus filhos. Assim foi juntando gente, surgiu a primeira loja, a segunda, e hoje está esta cidade maravilhosa que é Guia Lopes da Laguna, que eu vi nascer.



Primeira página do Diário de Bião.



Forno usado nas cidades do interior.



A casa do historiador.

UM AMIGO IRMÃO

A amizade de irmão, com o filho de Guia Lopes. Aqui começa um outro capítulo da história feita por José Bião Neto. Ele e José Francisco Lopes (o filho do herói) se conheceram ainda no então Acampamento do Rio Miranda, em 1937. A amizade nasceu de uma forma comum, ou seja, José Francisco tinha uma fazendinha na vizinhança, onde todos procuravam buscar ali, laranja, limão e outros produtos, e um dia Bião conheceu o seu maior amigo, conforme afirmou: "Fomos compadres duas vezes. Meu amigo íntimo, muito querendo mesmo".

Através da amizade, Bião sempre esteve presente, com sua história, nos momentos mais difíceis da vida do filho do herói, nascido na Fazenda Apa, cabeceira do rio Apa, no dia 12 de dezembro de 1864. Foi naquela fazenda, onde tudo começou a piorar para José Francisco quando em 1864 a Fazenda foi invadida por forças do ditador paraguaio, Francisco Solano Lopes. Com menos de um ano de idade, sua mãe, Senhorinha Maria Conceição Barbosa de Lopes, seu pai, José Parvulo Francisco Lopes e mais seis irmãos, tiveram que fugir.

No mesmo ano, em meio a um laranjal nativo, fundaram a nova posse, às margens do rio Miranda, criando ali, a histórica Fazenda Jardim. Ali, a paz durou muito pouco, porque em janeiro de 1865 a Fazenda Jardim foi invadida por forças paraguaias. Dona Senhorinha e seus filhos foram presos, levados para o campo de concentração de Vila Horqueta, na República do Paraguai, onde foi escravizada por cinco anos. No dia 1.º de março de 1870, ela foi liberada juntamente com os filhos, mas já não voltou para a Fazenda Jardim, terminando de criar os filhos na Fazenda Itá, também às margens do Miranda.

Senhorinha ficou pobre com os filhos e, numa tentativa desesperada, tentou reaver a posse da Fazenda Apa em abril de 1879, dirigindo extensa petição aos políticos da época, porém, até a sua morte nada recebeu, perdendo-se os documentos originais da propriedade, que desapareceram do domicílio da família de Guia Lopes. O amigo Bião, também ficou pobre, inclusive não aceitaram que fossem aceitos como doação, os 30 hectares doados por ele para a fundação da cidade de Guia Lopes da Laguna. Como uma ação entre amigos, todos que participaram da criação da cidade resolveram dividir em lotes a doação, e entregá-los a José Francisco para que com isso ele pudesse sobreviver.



Primeira missa da cidade de Guia Lopes.

 DIARIO OFICIAL ESTADO DE MATO GROSSO		
ANO XLIX	CUIABA' - 6a. feira, 17 de Março de 1939	NUMERO 7.991
GOVERNO DO ESTADO EXPEDIENTE DO INTERVENTOR DECRETOS DECRETO-LEI N.º 254, DE 15 DE MARÇO DE 1939 <i>Dispensa das taxas de matrícula e frequência, os filhos de operários pobres, nos estabelecimentos de ensino secundário fundamental e complementar, mantidos pelo Estado, e dá outras providências.</i> O Bacharel Julio Strübing Müller, Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, usando da faculdade que lhe confere o art. 181, da Constituição da República, e no intuito de favorecer as classes operárias na educação e instrução de seus filhos, DECRETA: Art. 1.º — Ficam dispensados das taxas de matrícula e frequência, os filhos de operários pobres, nos estabelecimentos de ensino secundário fundamental e complementar, mantidos pelo Estado. Art. 2.º — A isenção de que trata o artigo anterior, será feita por despacho do Secretário Geral do Estado, que expedirá as necessárias instruções para a boa execução deste decreto. Art. 3.º — Todas as isenções já concedidas em face da lei anterior, ficam sujeitas á revisão, devendo os interessados solicitá-las na forma deste decreto. Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 15 de Março de 1939, 118.º da Independência e 51.º da República. <i>Julio Strübing Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i>	ATOS N.º 1.518 Exonera, a pedido, o Chefe de Secção da Secretaria Geral do Estado, cidadão Hamilton de Faria Rocha, do cargo de Diretor, em comissão, da Repartição de Estatística e Publicidade do Estado. O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve exonerar, a pedido, o Chefe de Secção da Secretaria Geral do Estado, cidadão Hamilton de Faria Rocha, do cargo de Diretor, em comissão, da Repartição de Estatística e Publicidade. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.519 Dispensa, a pedido, o cidadão Hamilton de Faria Rocha, de Membro da Comissão de Revisão Territorial do Estado. O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve dispensar, a pedido, o cidadão Hamilton de Faria Rocha, de Membro da Comissão de Revisão Territorial do Estado. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.520 Localiza no lugar denominado "Guia Lopes", uma das escolas rurais mixtas criadas pelo Decreto n.º 231, de 27 de Dezembro de 1938. O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve localizar no lugar denominado "Guia Lopes", município de Nioaque, uma das escolas rurais mixtas criadas pelo Decreto n.º 231, de 27 de Dezembro de 1938. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.521 Nomeia o cidadão Salomé Zeferino de Paula Filho, professor da escola regimental da Força Pública do Estado. O Interventor Federal no Estado	de Mato Grosso, resolve nomear o cidadão Salomé Zeferino de Paula Filho, para exercer o cargo de professor da escola regimental da Força Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.522 Nomeia D. Dirce Bacchi, professora, interina, da cadeira de Física do Ginásio "Maria Leite". O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve nomear D. Dirce Bacchi, para reger, interinamente, a cadeira de Física do Ginásio "Maria Leite", da cidade de Corumbá. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.523 Nomeia a normalista Angela Grezzi, professora do Grupo Escolar "Presidente Marques". O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve nomear a normalista Angela Grezzi, para exercer o cargo de professora do "ques", da cidade de Rosario Oeste, Grupo Escolar "Presidente Mar- durante o impedimento da profes- sora Otacilia Saliés. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 16 de Março de 1939. <i>J. Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i> N.º 1.524 Nomeia a normalista Rita Conceição Alves Ribeiro, professora, interina, das Escolas Reunidas "Generoso Ponce". O Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, resolve nomear a normalista Rita Conceição Alves Ribeiro, para exercer, interinamente, o cargo de professora das Escolas Reunidas "Generoso Ponce", da cidade de Bela Vista.
DECRETO-LEI N.º 255, DE 15 DE MARÇO DE 1939 <i>Transfere para o lugar denominado "Praia Rica", município da Capital, a escola rural mixta da "Manga", no mesmo município.</i> O Bacharel Julio Strübing Müller, Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, Considerando que a frequência média de alunos, verificada na escola rural mixta da povoação da "Manga", município da Capital, no ano letivo próximo passado, foi inferior a exigida pelo art. 8.º letra b) do Regulamento da Instrução Pública Primária, devido a proximidade daquela escola com as reunidas "Pedro Gardés", e atendendo á necessidade de ser localizada, no lugar denominado "Praia Rica", também situado no município desta Capital, uma escola rural mixta de instrução primária. DECRETA: Art. Único — Fica transferida para o lugar denominado "Praia Rica", município da Capital, a escola rural mixta da "Manga", no mesmo município; revogadas as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado, em Cuiabá, 15 de Março de 1939, 118.º da Independência e 51.º da República. <i>Julio Strübing Müller</i> <i>J. Ponce de Arruda</i>	de Mato Grosso, resolve nomear o cidadão Salomé Zeferino de Paula Filho, professor da escola regimental da Força Pública do Estado. O Interventor Federal no Estado	

ANEXO 19- Livro de Registros dos Professores da Escola Rural Mista do Povoado de Guia Lopes – 1939

243

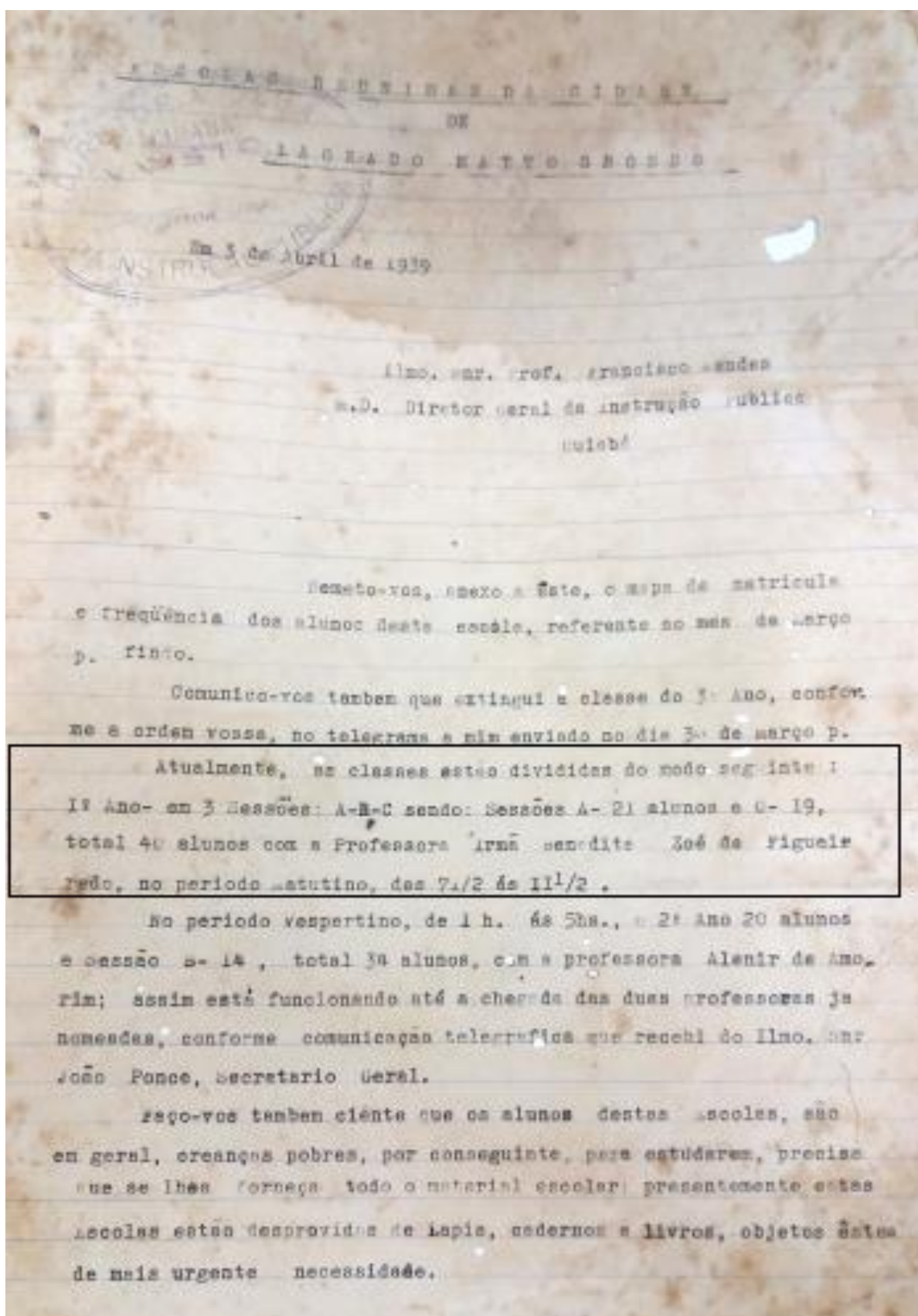
Revisada

Município de Nioaque *Escola rural mista da peçcaia de*
Guia Lopes *de 16 de Março de 1939*
 Criada por Decreto n.º 231, de 27 de Dezembro de 1938 e localizada nesta povoação por ato n.º 1520, de 16 de Março de 1939.

Nome dos professores	Especie das nomeações	DATAS			OBSERVAÇÕES
		da nomeação	do compromisso	da posse	
Martin H. da Silveira	Interina	5-4-1939	8-4-1939	8-4-1939	O cidadão Martin Honisimo da Silveira, foi nomeado por ato n.º 1646, de 5 de Abril de 1939. Incompleto nomeado por decreto n.º 307, de 23 de Agosto de 1940.
Joaquim Ribeiro da Silva	"	13-4-1940	2-5-1940	2-5-1940	A nomeada Joaquina Ribeiro da Silva, foi nomeada por decreto n.º 1654, de 13 de Abril de 1940. e 1654-2, Joaquina Ribeiro da Silva, foi nomeada para o C. P. de 1.º B. P. em Bela Vista, por decreto n.º 307, de 23 de Agosto de 1940.
Francisca Leite da Oliveira	"	1-3-1941		8-3-1941	Francisca Leite da Oliveira, foi nomeada por decreto n.º 3437, de 1.º de Março de 1941. Encarregada em virtude do ato n.º 3031, de 17 de Julho de 1940.
Maria da Soledade Santos	"	1.º 7. 1941		14. 7. 1941	A nomeada Maria da Soledade Santos, foi nomeada por decreto n.º 3551, de 1.º de Julho de 1941. Encarregada.
Joaquim Vicente da Costa	"	14. 7. 1947			O cidadão Joaquim Vicente da Costa, foi nomeado professor C. D. por decreto n.º 16 de Julho de 1947. Exerceu o D. P. de 1.º B. P. de 1.º de Agosto de 1947.
Dezete Brunhilde Costa	Prof. Cl. F.	18. 12. 1947			A professora Dezete Brunhilde Costa, foi nomeada por decreto de 11 de Agosto de 1947. Postura n.º 91 de 29-3-1950, obteve 90 dias de licença para tratamento de saúde. Retornou após licença, a 1.º de Agosto de 1950, e a 1.º de Agosto de 1950, foi nomeada professora de 1.º B. P. de 1.º de Agosto de 1950.

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

ANEXO 20- Correspondência enviada ao Diretor Geral da Instrução Pública em 3 de abril de 1939 descrevendo a organização das turmas nas Escolas Reunidas da cidade de Lageado



Fonte: Arquivo Público do Estado do Mato Grosso

ANEXO 21- Termo de Posse dos Professores Maria Antonia Correa Martins e Bernardina Silva Barbosa

12

Estado de Mato Grosso.
 Escolas Reunidas "Visconde de Ruyana".
 Aos quinze dias do mês de Maio do ano mil novecentos e
 Cincoenta e seis às seis horas da manhã, na sala principal das
 Escolas Reunidas "Visconde de Ruyana" de Guirapés da Laguna,
 Estado de Mato Grosso, honje se achavam presentes as Professoras
 em Exercício Dona. Maria Francisca Aguas Lescano, comigo.
 M.ª Francisca Pereira, Professor. Respondendo pela Diretoria das refe-
 ridas Escolas, ali compareceram as senhoras: Dona. Maria Antô-
 nia Correia Martins e Dona Bernardina Silva Barbosa, que aquan-
 dem suas nomeações de Professoras, mas por conveniência do
 Estado, pelo numero acrescido de alunas e alunas, foram ar refe-
 ridas Senhoras, empossadas no cargo de Professoras nas ditas Es-
 colas Reunidas "Visconde de Ruyana", e depois de prestar em os
 compromissos para desempenho das funções foram por mim
 e em nome de Sua Excel.^a Sr. Secretário de Educação e Cultura
 empossadas nos cargos e na mesma data inspiraram seu exer-
 cicio. Nada mais havendo aqui por em correção esta sessão,
 ficando aqui registrado e por todos assinado.

Prof. Antonio Pinto Louisa
 Respondendo pela Diretoria.

Maria Francisca Liqueiro de Lescano
 Bernardina e Maria Barbosa
 Maria Antonia Correa Martins

Prof. Bernardina Silva Barbosa
 reafirmação processo com
 testemunhas p.ª sua concepção finalista.

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

ANEXO 22- Registro de posse em 01/06/1956 dos professores Armindo Coimbra de Moraes e Eunice Ferreira

Estado de Mato Grosso.
Cidade de Cuiabá.
Escolas Reunidas do Visconde de Taunay.
Ata de Posse, Professor e Professora.
Nos dias, um do mês de Junho do ano, um mil novecentos e cinquenta e seis, em a Sala principal das Escolas Reunidas de "Visconde de Taunay" onde se achava reunidos o Senhor Professor, Antonio Pinto Pereira, Diretor Interino das Referidas Escolas, com as Senhoras e Senhoritas Professoras do mesmo Estabelecimento, em presença dos Senhores: Vitor Francisco Bertola - Prefeito Municipal, Dorvalino Martins Jacorta, Vice-Prefeito - Vício Paulo de Oliveira - Coletor das Rendas Estadual, e mais pessoas, ali compareceu, o Senhor Armindo Coimbra de Moraes e Senhorita Eunice Ferreira. Depois de prestarem o compromisso de bem e fielmente desempenharem sua função de educador e educadora, o Senhor Prefeito Municipal com a palavra declarou estar empossados no cargo, a partir desta data, o Senhor Armindo Coimbra de Moraes para exercer sua função de Professor, lotado na Escola Isolada de o lugar denominado Santa Fé, neste Município e Senhorita Eunice Ferreira para exercer sua função de professora, lotada na Escola Isolada "Luzir-Lopez", nesta Cidade, ambos aguardando a publicação do ato governamental.
Esta posse foi dada a fim contribuir para o combate ao analfabetismo, e considerando o elevado numero de alunos e alunas, existem:

tes para as duas Escolas e ainda ao ape-
lo da população.

Em seguida fui por aquela Autarquia Muni-
cipal considerada em cerrada esta reunião, que
eu Professorara, nas funções de escritã adhoc la-
vrei e extrai a copia dactilografada desta lista
de nome, que depois de lida e achada conforme
vai assinada por todos os presentes e por
mim escritã adhoc que assino.

P. M. do Victor Francisco Bertola

Prof. P. Martins
Diretor. Agostinho Pereira

Coletor. Cícilio Paulo de Oliveira

Prof. Maria Francisca Aguiar Rescano

Floriza Barbosa Vargas

Sp. Sp. Geracy da Cruz Barbosa

D. Bernardina Espina Barbosa

Dir. Maria Inês Salcão

Professora escritã adhoc.

M. F. Ferraz

A. G. J. = Secretaria. E. G. J.
Informação sua sobre. Prof. Eunice Em. 28/XII/56.

Prof. Eunice Em. 28/XII/56.
D. J. Oliveira

Comissão não Encontrao.

ANEXO 23- Ata de Resultados finais de 1959 do 3º Ano Misto

Escolas Reunidas "Visconde de Taunay"
 Juia Lopes da Laguna, 3 de Dezembro de 1959
 Profe. Antunes Moreira Santana

3º Ano Misto

Nº	Nome	Exame Especial				Exame Geral				Média	Lugar
		Português	Antigo	Matemática	Geografia	Português	Antigo	Matemática	Geografia		
1	Alfonse Cândido	5	4	6	7	5	5	5	5	5,3	6
2	Everaldina Alcântara	7,5	4,5	9,5	7	6	7	5	6	7,3	9,5
3	Maria Luiza Figueiredo	7,5	4,5	5,5	9	6	7	5	6	6,3	8
4	Maria F. Verginia	8,5	3	9	8,5	7	5	6	6	8,3	6
5	Assumpção Maidana	6	3,5	3,5	6,5	7	9	6	5	5,8	5
6	Flamantina de Souza	7,5	3,5	7,5	6,5	5	5	8	8	6,5	6,5
7	Rosalina Baum	4	3,5	7	7,5	5	4	6	6	5,6	7
8	Valdir P. dos Santos	6,5	4,5	7	7	4	4	5	5	5,9	4
9	Dejanna Rica	7,5	7	6	7,9	7	5	6	6	6,4	6
10	Palmeira P. Vargas	8,5	5	7,5	6,3	6	4	5	5	6,3	5
11	Antônio A. da Silva	3,5	5	6	4,6	7	9	6	6	5	15º Lugar
12	Antônio A. da Silva	9,5	9,5	10	9,8	6	4	5	5	9,6	3º Lugar
13	Isaac Pinha Barbosa	9	8,5	9	8,8	10	9	8,6	8	9,4	6
14	Wagner Baum	5,5	5,5	5,5	6	7	9	6	7	6	5
15	Rui Vieira dos Santos	4,5	3	4	5,3	4	5	6	6	5	4
16	Luís Carlos Vally de Barros	9	8,5	10	9,3	5	5	6	5	9,3	2º Lugar
Reprovados											
1	Marlene Santana	4	3	3,5	5	5	5	5	5	3,9	
2	Stevania Molaco	4,5	3	1,5	4	2,00	2,5	2,00	2,00	2,5	
3	Wagner P. dos Santos	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	
4	Alfeu Torres	3	1,5	0,5	0,5	5	2,1				


Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

ANEXO 24- Ata de Resultados Finais das Escolas Reunidas Visconde de Taunay – 1959

Escolas Reunidas Visconde de Taunay Quil. Papas da Fazenda, 30 de Novembro Resultado dos Exames Finais de 1959	
1º Ano A	42 41 17 41%
Alunos matriculados	
Alunos presentes	
Alunos aprovados	
Porcentagem de promoção	
4º Ano	21 20 15 45%
Alunos matriculados	
Alunos presentes	
Alunos aprovados	
Porcentagem de promoção	
5º Ano	19 19 13 68%
Alunos matriculados	
Alunos presentes	
Alunos aprovados	
Porcentagem de promoção	
1º Ano C	27 23 13 56%
Alunos matriculados	
Alunos presentes	
Alunos aprovados	
Porcentagem de promoção	
1º Ano B	34 33 14 51%
Alunos matriculados	
Alunos presentes	
Alunos aprovados	
Porcentagem de promoção	

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.

ANEXO 25- Diário Oficial de Mato Grosso do Decreto nº 992 de 24 de setembro de 1960



DIÁRIO OFICIAL

Do Estado de Mato Grosso

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ANO LXV -- Cuiabá, TERÇA FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1960 N. 13.847

ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNADOR J. PONCE DE ARRUDA

Atos do Poder Executivo

DECRETO N.º 992, DE 24 DE SETEMBRO DE 1960
Eleva à categoria de Grupo Escolar as Escolas Reunidas "Visconde de Taunay", da cidade de Guia Lopes de Laguna

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, usando da atribuição que lhe confere o artigo 33 item I, da Constituição do Estado e tendo em vista o artigo 7.º, da Lei n.º 866, de 22 de outubro de 1956, decreta:

Artigo 1.º — É elevado à categoria de Grupo Escolar as Escolas Reunidas "Visconde de Taunay", da cidade de Guia Lopes de Laguna.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

Palácio Alencastro, em Cuiabá, 24 de setembro de 1960, 139.º da Independência e 72.º da República.

aa) J. PONCE DE ARRUDA
M. B. NUNES DA CUNHA

981-60, da Diretoria do Expediente do Governo:

1.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Maria Cosme da Silva
Eunice Ferreira Soares
Norli da Conceição Monteiro da Silva
Hermínia Correa de Jesus

6.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Orninda Nascimento Poligal

8.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Terezinha Baruki

9.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Maria Alzira Fernandes Monteiro

10.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Adir Monteiro Velasques
Wimma Barbosa
Eletiva Vasconcelos dos Santos
Bartira Joalina de Abreu (Irmã)

13.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Vera Maria Carvalho
Palácio Alencastro, em Cuiabá, 19 de setembro de 1960.
aa) J. PONCE DE ARRUDA

Amelia Rodrigues da Costa
Erbi Milhomen Figueiredo

6.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Dorvalina Jesus Lopes

8.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Lucila Campos Cabral

9.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Circe Machado Ferreira

Romilda Silveira de Matos
Tieko Izumi
Maria Cleide Macelaro Leite

10.ª INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO PRIMARIO
Iracema Custodio Santana
Naife Miguel Dias
Griza Maria Garcia
Wanda Kraviec
Zarile Marinho Nader
Altina Maria Alves Seracegna
Deusdedith Correa Chaves
Helena Viana
Zulma Terezinha Borba
Darcy Ferreira Alves
Maria Inacia Ferreira
Lourdes Amancio da Silva
Miriam Vieira de Melo

Fonte: Arquivo Público do Estado do Mato Grosso

ANEXO 26- Mapa de Exame Final do 4º ano do Ensino Primário de 1971 do Grupo Escolar Visconde de Taunay

Grupo Escolar Visconde de Taunay
 Quad. Sobres da Argum. e de dezembro de 1971
 Proj.: Clair Jorges do Nascimento - 4º Ano
 Mapa de Exame Final


nomes	idade	Português	Matemática	História	Geografia	Ciências	Ed. Moral	Média	Classificação
David de Barros	13	8	10	10	9,0	10	10	9,5	1º lugar
José Reis de Oliveira	14	8	9	10	9,0	10	10	9,3	2º lugar
Lytilde de Almeida	12	8	9	9	9,5	10	10	9,2	3º lugar
Lucas Pereira de Moraes	15	8	8	9	9,5	10	10	9,0	4º lugar
Marcela Aparecida Gonçalves	16	8	8	9	10	10	10	9,0	5º lugar
Clair Oristimunda	16	9	9	6	8,0	10	10	8,5	6º lugar
Henir M. Duarte	12	7	6	8	10	9,0	10	8,4	7º lugar
Oliver Martins Duarte	15	6	7	8	10	9,0	10	8,1	8º lugar
Victor Luis M. Comales	11	6	7	8	9,0	9,0	10	8,1	9º lugar
Rosalvia Aparecida Arce	16	6	6	9	8,0	9,0	10	8,1	10º lugar
João Pedro de Almeida	10	6	7	7	8,0	7,5	10	7,7	11º lugar
Maria Madalena Barbosa	13	7	7	7	6,0	9,0	10	7,6	12º lugar
Edi Flor da Costa	12	5	8	7	9,0	7,0	10	7,6	13º lugar
Mario Jorgel M. Alves	12	7	6	7	7,0	8,0	10	7,5	14º lugar
Maria Ivanir Soares	17	5	8	8	6,0	7,0	10	7,5	15º lugar
Isabel Jacete	13	5	8	8	7,0	7,0	10	7,3	16º lugar
Maria Elvira Franço	13	8	7	7	5,5	5,0	10	7,2	17º lugar
Celmar Cunha Silva	12	5	6	7	6,0	7,0	10	7,2	18º lugar
Marilene Murguê Alves	10	5	4	7	6,0	7,0	10	7,1	19º lugar
Antônio Barilma Guburth	15	5	5	7	5,0	7,0	9,0	7,1	20º lugar
Homilda Mendes Alves	13	5	6	8	6,5	8,0	9,0	7,0	21º lugar
Engelina Ferreira	12	5	6	7	6,0	8,0	10	6,8	22º lugar
Ferpétua Cristaldo Barbosa	12	5	5	7	8,0	7,5	10	6,8	23º lugar
Mariluce Alves	13	5	5	7	5,5	7,0	10	6,5	24º lugar
Wilma Neto Cunha	14	5	5	7	5,0	6,5	10	6,5	25º lugar
Mariluce N. Gonçalves	14	5	5	7	6,5	6,0	9	6,4	26º lugar

Fonte: Acervo Escola Estadual Salomé de Melo Rocha.


ANEXO 27- Certidão de compra e venda de imóvel

FOLHAS _____

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
 COMARCA DE J A R D I M
 MUNICÍPIO DE GUIA LOPES DA LAGUNA
 DISTRITO DE GUIA LOPES DA LAGUNA


 DEPARTAMENTO DE REGISTRO DE IMÓVEIS
 CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS
 DO MUNICÍPIO DE
 JARDIM FEITO
 GUIA L. DA LAGUNA

IVAN FERNANDES PIRES
 TABELIAO substº.-

= C E R T I D Ã O =

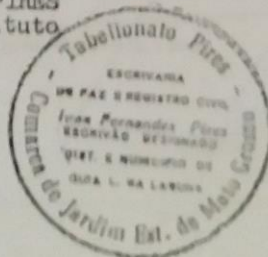
CERTIFICO, atendendo solicitação verbal de pessoa interessada que, revendo neste Cartório, os livros de notas a meu cargo, tôles (livros), no de número 06 (seis), às fls. 134, verifiquei a existência da escritura cujo inteiro teor é o seguinte: - * * * * * ESCRITURA pública de compra e venda que faz o Sr. " JOSÉ SCAFF BARBOSA " ao " SETOR MUNICIPAL DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS ", desta cidade, como abaixo se contém e declara: - * * * * *
 * * * * * SAIBAM quantos êste instrumento de escritura pública de venda e compra virem que, aos vinte e três (23) dias do mês de Junho de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade de Guia Lopes da Laguna, Comarca de Bela Vista, Estado de Mato Grosso, República dos Estados Unidos do Brasil, em meu Cartório, perante mim Tabelaio compareceram partes entre si, justas, havidas e contratadas, a saber: - de um lado, como outorgante vendedor, o sr. " JOSÉ SCAFF BARBOSA ", brasileiro, viuvo, criador, aqui residente, e, de outro lado, como outorgado comprador, o " SETOR MUNICIPAL DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS ", pessoa jurídica, devidamente representada neste ato por sua Diretora e representante legal nesta cidade, da " SALOMÉ DE MELO ROCHA ", brasileira, casada, de lides domésticas, aqui residente; todos os mencionados capazes e meus conhecidos, dou fé. Pelo outorgante vendedor em presença das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, me foi dito que é senhor e legítimo possuidor de hum (1) hectare de terras pastais e lavradas da Fazenda " Jardim " sita na zona urbana desta cidade, limitando-se: - Ao NORTE COM TERRAS DO SR. LINO ALVES DA ROCHA; AO SUL COM TERRAS DE AURINO BARBOSA; AO LESTE COM A RUA FLORIANO PEIXOTO E AO OESTE COM TERRAS DA " ESCRITURA JOSÉ SCAFF BARBOSA ", sem avaliação prévia; terras essas que o outorgante vendedor possui livre e desembaraçado de quaisquer ônus.

* * * * *
 Ônus judiciais ou extra-judiciais; adquiridas por compra de Fábio
 Martins Barbosa e s/mulher, conforme escritura pública de venda e
 compra que me foi apresentada devidamente transcrita sob nº 9344,
 as fls. 92, do livro nº 3-E, do Registro de Imóveis da Comarca de
 Bela Vista e estando êle outorgante vendedor na livre administra-
 ção de seus bens, resolveu vender pelo preço de custo, as terras-
 acima referidas e descritas, como de fato as vendeu ao "SETOR MU-
 NICIPAL DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS", para --
 construção de seu prédio ginásial, nesta cidade, pelo preço certo
 e ajustado de R\$20.000,00 (vinte mil cruzeiros), que o outorgante-
 vendedor confessa haver recebido do S.M.C.N.E.G.) por intermédio-
 do seu representante da SALOMÉ DE MELO ROCHA, anteriormente a ês-
 te ato, em moeda corrente dêste Paiz, do que por pago e satisfeito
 que se acha- dá ao referido comprador plena, geral e irrevogável
 quitação, para em tempo nenhum lho pedir ou qualquer outro por mo-
 tivo desta venda; obrigando-se por si e seus herdeiros e sucessor-
 es a fazer esta venda sempre boa, firme e valiosa, responder pe-
 la evicção na forma da Lei; pondo o outorgado comprador a salvo -
 de quaisquer dividas futuras e desde já cede e transfere ao SETOR
 MUNICIPAL DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDARIOS GRATUITOS, desta -
 cidade todo o direito, dominio, posse, e, ação que exercia sôbre-
 o imóvel ora vendido, para que dele dito comprador use, gose e d-
 disponha livremente como seu que é e fica sendo, por força desta-
 escritura e da cláusula "constituti", do que de tudo dou fé. Pelo
 outorgado comprador, na palavra de seu representante, da SALOMÉ
 DE MELO ROCHA, em presença das mesmas testemunhas me foi dito que
 aceitava esta escritura em todos os seus expressos têrmos e como-
 nela se contém e declara e me apresentou os documentos seguintes:
 O talão de sisa nº 13866 (de carga) e nº 266 da Repartição. Esta-
 do de Mato Grosso. 1ª Via. Exercício de 1959. As fls. 37v. do liv-
 vro Caixa Geral fica debitado o atual exator pela quantia de - -
 R\$2.062,00 (dois mil e sessenta e dois cruzeiros), recebida de da-
 Salomé de Melo Rocha, pelo imposto de transmissão de propriedade
 Inter-Vivos de 9,6% e taxus acima sôbre R\$20.000,00, valor por quan-
 to compra de José Scaff Barbosa, para o Setor Municipal da Campa-
 nha Nacional de Educandários Gratuitos (S.M.C.N.E.G.) um hectare-
 de terras pastais e lavradias da Fazenda Jardim, zona urbana des-
 ta cidade, sem avaliação prévia. Repartição Arrecadadora em Guia-
 Lopes da Laguna, 16 de Junho de 1959. De acôrdo:- O.P. Oliveira --
 Chefe da Repartição. Ministério da Fazenda. Divisão do Impôsto de
 Renda. Recibo nº .- Izenza de Imposto de lucro imobiliário. Visto
 ser cedido pelo preço de custo. Repartição Arrecadadora em Nioa-
 que, 22 de Junho de 1959. O Exator- Marise. Conhecimento nº 420.-
 A sra. da Salomé de Melo Rocha pagou nesta Tezouraria a importân-
 cia de R\$503,00 (quinhentos e três cruzeiros). proveniente de im-

 posto de laudêmio de 2,5% e taxa de expediente sôbre \$20.000,00,-
 valor por quanto adquiriu do Sr. José Scaff Barbosa, para o Setor
 Municipal da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, um (1) -
 hectare de terras pastais e lavradas da Fazenda Jardim, situada-
 na zona urbana desta cidade, sem avaliação prévia. Guia Lopes da
 Laguna, 16 de Junho de 1959. (as.) Neudes Lourença Barbosa - Pelo
 Tesoureiro. Certidão:- Certifico para os fins do artigo 1.137, do
 código civil brasileiro que revendo os assentamentos desta exato-
 ria, verifiquei não existir até a presente data nenhum débito fig-
 cal apurado contra o Sr. José Scaff Barbosa, a favor da Fazenda -
 Estadual. E, para constar passei a presente certidão de quitação
 Guia Lopes da Laguna, 16 de Junho de 1959. Selada com \$10,40. (a.)
 O.P. Oliveira - Coletor. Certidão:- Certifico para os fins acim-
 requeridos que revendo os assentamentos desta Prefeitura Municipal
 verifiquei não existir nenhum débito fiscal apurado contra o sr.-
 José Scaff Barbosa, a favor da Fazenda Municipal. E, para constar
 passei a presente certidão de quitação. Guia Lopes da Laguna, 16
 de Junho de 1959. Selada com \$5,40 (a.) Neudes Lourença Barbosa.-
 Pelo Tesoureiro. E, por se acharem assim justos, havidos e contig-
 tados, me pediram e eu lhes lavrei esta escritura publica de ven-
 da e compra a qual lhes sendo lida, em presença das mesmas testem-
 unhas acharam- em tudo conforme, aceitaram, outorgaram, assina-
 ram com as testemunhas que são:- os Srs. Hermenegildo Alves Perei-
 ra e Antonio Bião da Silva, brasileiros, casados, lavradores, a-
 qui residentes, meus conhecidos, do que dou fé. Izenta de sêlos -
 de acôrdo com a lei nº 1.747, de 28 de Novembro de 1952. Eu, (as)
 José Bião Netto, Tabelião que escrevi e assino em público e raso:
 Em test² (sinal público) da verdade. (a.a.) JOSÉ BIÃO NETO == JO-
SÉ SCAFF BARBOSA == SALOMÉ DE MELO ROCHA == HERMENEGILDO ALVES PE-
REIRA == ANTONIO BIÃO DA SILVA.- Nada mais. Era o que se continha
 em dita escritura, de cujo original extraí a presente certidão e
 ao qual me reporto e dou fé. EU
 Tabelião Substituto, que a datilografei, a subscriptivo e assino.-

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ
 GUIA LOPES DA LAGUNA (MS), 19 DE OUTUBRO DE 1978

IVAN FERNANDES PIRES
 Tabelião Substituto



Compare com o Original
 Data 24.08.117
 Assinatura: [assinatura]

ANEXO 28 - Termos de autorização de uso de fotografias



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Termo de autorização de uso de fotografias

Eu, ELIANE VARGAS DRACOWSKI,
 CPF nº 421030291-00, Rg nº 967250 MS após
 conhecer e entender os objetivos da pesquisa “**A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a importância socioeducativa para a cidade de Guia Lopes da Laguna- MS**”, estou ciente da necessidade do uso das imagens cedidas por mim referentes ao tema especificado. Assim, **AUTORIZO** a pesquisadora Cláudia de Cillo Mazucato Neri a utilizar as fotos que se façam necessárias para o desenvolvimento da dissertação referenciando-as como Arquivo da Família Vargas, bem como, autorizo o uso das imagens para fins científicos e acadêmicos em favor da pesquisadora.

Tenho ciência que não haverá qualquer tipo de remuneração, sendo que ao término da pesquisa, ela será divulgada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, principalmente, por meio da elaboração de uma dissertação.

Guia Lopes da Laguna, 25 de março 2019.

Eliane Vargas Dracowski
 Assinatura do Participante da Pesquisa

Cláudia de Cillo Mazucato Neri
 Assinatura da Pesquisadora

Nome completo do pesquisador: Cláudia de Cillo Mazucato Neri

Telefone para contato: (67) 99825-3024

E-mail: c.mazaneri@hotmail.com



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL



Termo de autorização de uso de fotografias

Eu, Eva Murgante Alves,
 CPF nº 172 098 971 00, Rg nº 001.905.532 após
 conhecer e entender os objetivos da pesquisa “**A constituição histórica da Escola Estadual Salomé de Melo Rocha e a importância socioeducativa para a cidade de Guia Lopes da Laguna- MS**”, estou ciente da necessidade do uso das imagens cedidas por mim referentes ao tema especificado. Assim, **AUTORIZO** a pesquisadora Cláudia de Cillo Mazucato Neri a utilizar as fotos que se façam necessárias para o desenvolvimento da dissertação referenciando-as como Arquivo da Família Bertola, bem como, autorizo o uso das imagens para fins científicos e acadêmicos em favor da pesquisadora.

Tenho ciência que não haverá qualquer tipo de remuneração, sendo que ao término da pesquisa, ela será divulgada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, principalmente, por meio da elaboração de uma dissertação.

Guia L. Laguna, 25 de março 2019.

Eva Murgante Alves
 Assinatura do Participante da Pesquisa

Cláudia de Cillo Mazucato Neri
 Assinatura da Pesquisadora

Nome completo do pesquisador: Cláudia de Cillo Mazucato Neri
 Telefone para contato: (67) 99825-3024

E-mail: c.mazaneri@hotmail.com